

Paula Cristina da Costa Silva

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NA RODA DE
CAPOEIRA...
ENTRE A TRADIÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO**

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física
Campinas/SP
Outubro/2002**

Paula Cristina da Costa Silva

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NA RODA DE CAPOEIRA...
ENTRE A TRADIÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO.**

Dissertação de mestrado a ser apresentada à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, na área de concentração em Estudos do Lazer, da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, com vistas à obtenção do título de Mestre em Educação Física, sob orientação do Profº Dr. Lino Castellani Filho.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Lino Castellani Filho (orientador)

Profª Drª Eliana Ayoub

Profª Drª Letícia Vidor de Souza Reis

**Campinas/SP
Outubro/2002.**

Paula Cristina da Costa Silva

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NA RODA DE CAPOEIRA...
ENTRE A TRADIÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO.**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Paula Cristina da Costa Silva e aprovada pela Comissão Julgadora em 18 de outubro de 2002.

Prof. Dr. Lino Castellani Filho
Orientador

Campinas, 18 de outubro de 2002.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-UNICAMP

Si38e Silva, Paula Cristina da Costa
A Educação Física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização
/ Paula Cristina da Costa Silva.-- Campinas, SP: [s. n.], 2002.

Orientador: Lino Castellani Filho
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade
Estadual de Campinas.

1. Capoeira. 2. Educação Física. 3. Cultura. I. Castellani Filho, Lino,
1951-. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação
Física. III. Título.

***Este trabalho é para o mestre Tulé,
que me ensinou a Capoeira e tantas
outras coisas boas da vida!***

Axé, companheiro!

AGRADECIMENTOS

Todo capoeirista que se preze sabe que antes de entrar num jogo se deve reverenciar os componentes da charanga¹ e, em especial, aquele que comanda a roda e que empunha um dos berimbaus - que é, geralmente, um mestre ou um capoeirista experiente que tem as habilidades necessárias para comandar a roda de Capoeira.

Pois bem. Neste momento, venho prestar as reverências ao camarada Lino Castellani Filho, meu orientador e amigo, que deu as coordenadas para que esta dissertação chegasse até aqui de uma forma harmoniosa, como um jogo de *Iúna*²... Muito obrigada por me ajudar na realização deste trabalho!



Fig. 1. Este desenho representa o momento do canto da ladainha e saudações para se iniciar a movimentação corporal. CARYBÉ. **As sete portas da Bahia**. São Paulo: Livraria Martins, 1962, p. 95.

Ainda de acordo com os *Fundamentos da Capoeira*³, não posso me esquecer de reverenciar meu mestre. Neste caso, devo saudar de maneira muito afetuosa e também profissional *quem me ensinou a capoeiragem*, pois além de me mostrar o universo da Capoeira, soube me ensinar que somos capazes de realizar muitos de nossos sonhos. *Iê, viva meu mestre!... Iê, que me ensinou!... Iê, a Capoeira!...*

Muito obrigada mestre Tulé, por tudo que vivemos juntos!

Prosseguindo o cerimonial, como nas saudações de uma ladainha, devo agradecer aos estudiosos da Capoeira que deram subsídios a este estudo. Em especial, agradeço a Letícia Vidor de Souza Reis, que me inspirou com sua obra e me indicou trabalhos

¹ Charanga é o nome dado à bateria de instrumentos musicais que compõe a roda de Capoeira.

² A *Iúna* é um estilo de jogo executado somente pelos formados na Capoeira Regional. Nele se expressam a beleza estética dos movimentos e as habilidades dos jogadores que são acompanhados pelo toque de berimbau que tem o mesmo nome do jogo. Este toque lembra o canto do pássaro denominado *Iúna* que deu origem à designação do jogo. Na minha opinião, é um dos mais belos jogos da Capoeira, no qual cada capoeirista deve mostrar à comunidade tudo o que aprendeu no decorrer de sua vida capoeirística.

³ É o conjunto de conhecimentos relativos ao jogo da Capoeira, passados oralmente através dos mestres. Termo também muito utilizado no candomblé para se referir aos conhecimentos relativos a essa religião. É interessante apontar que um capoeirista *autêntico* tem a obrigação de conhecer esses *fundamentos*, caso contrário, ele poderá ser desqualificado perante a comunidade capoeirística.

valerosíssimos que foram incorporados a este texto. Agradeço ao *mestre da História da Capoeira*, Antônio **Liberac** Cardoso S. Pires, por ter me orientado nos *primeiros movimentos* para o estudo desta arte. Agradeço à Heloísa Turini Bruhns pelo incentivo e por partilhar as discussões sobre o assunto e, por fim, encerrando esta parte, muito obrigada a Frederico José de Abreu, que, apesar de não termos tido ainda a oportunidade de nos conhecermos pessoalmente, tenho certeza, através de suas obras, é uma pessoa muito sensível aos temas da Capoeira.

Agora, ainda seguindo os preceitos, *é hora, é hora...* de dizer obrigada à Prof^ª Eliana Ayoub por ter aceitado participar da banca julgadora deste trabalho, aos meus pais Elisa e Izaque, pessoas a quem devo o incentivo para trilhar os caminhos do estudo. Minhas irmãs, Márcia e Raquel, amigas constantes. Minha maravilhosa *sogrinha*, D. Eulâmpia, que compartilhou vários momentos nessa jornada. Às meninas contadoras de histórias do Grupo Manauê: Mariana e Ana Paula, *com elas por perto, as coisas sempre dão certo*. Às amigas Birigui, Ana de Pelé e Andreinha de Floripa. Aos funcionários da Faculdade de Educação Física e, mais especificamente, ao Geraldinho, ao Beeroth, à Dulce e aos colegas do Dept^o de Estudos do Lazer, Carmen e César. Ao mestre Falcão, da Universidade Federal de Santa Catarina, que me incentivou a mostrar ao *mundo capoeirístico* minhas idéias, e aos companheiros da pós-graduação. Ao Prof^o Alexandre Caroli Rocha que revisou o texto.

Agradeço também a CAPES que financiou em parte este trabalho.

A todos, muito obrigada, muito Axé e... *Iê, dá volta ao mundo!* Que a *roda* acaba de começar...

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA RODA DE CAPOEIRA... ENTRE A TRADIÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO

RESUMO

Trata-se de um estudo bibliográfico que - abarcando um período que vai do século XIX até os dias de hoje - procurou investigar as concepções através das quais a Capoeira, entendida como uma manifestação da cultura corporal brasileira, vem sendo concebida pela Educação Física, área acadêmica dentro da qual este trabalho ganhou forma.

Para tanto, realizou-se a análise de obras provenientes dos campos de conhecimento antropológico, histórico e sociológico; do senso comum, presentes no interior do meio capoeirístico e originárias do ecletismo existente dentre os professores de educação física. Esta análise propiciou uma investigação das inter-relações estabelecidas entre a Capoeira e a prática educativa denominada educação física.

Verificou-se a submissão da Capoeira, em determinados momentos históricos, aos sentidos assumidos pela educação física na sua ação educativa, buscando imprimir-lhe características próprias aos métodos utilizados em seu fazer pedagógico. Tal fato pode ser atribuído principalmente ao caráter marginal assumido pela Capoeira, que teve seu berço na escravidão negra no Brasil, e ao desejo das Forças Armadas e de intelectuais ligados à Educação em domesticá-la segundo os padrões societários hegemônicos.

Por outro lado, também foi possível notar que a Capoeira assimilou os discursos e métodos provenientes da prática educativa gerada pela educação física. Isso se refletiu na incorporação, na década de 1930, dos valores inerentes à educação física, detectando nesta ação a possibilidade de seu reconhecimento social e de sua liberalização. No entanto, estes valores, ao serem incorporados pelo meio capoeirístico, foram por ele simultaneamente reconceituados, dando trato ao que se chamou de *a reinvenção da tradição da Capoeira*.

Constatou-se ainda que as inter-relações entre os objetos investigados nem sempre se estabeleceram de forma unânime, tanto nos setores que compunham o universo da educação física, quanto naqueles afetos ao meio capoeirístico.

Mais do que a inexistência de unanimidades, esse estudo, ao apontar as inter-relações entre os objetos em apreço no atual momento histórico, analisa a ausência de elementos consensuais sobre a maneira de conceber a Capoeira no universo das práticas corporais tidas por um segmento dos profissionais de educação física como de sua exclusiva competência, situação essa categoricamente refutada por parte do meio capoeirístico.

É a análise deste debate, encetada por este trabalho, que permite ao final apreender o contexto do cotejo entre os valores tradicionais e os impostos pelo mundo globalizado, hoje presentes na Capoeira sob os olhares atentos da Educação Física, aqui agora ratificada na sua expressão de área acadêmica.

Unitermos: Capoeira; Educação Física; Cultura.

PHYSICAL EDUCATION INSIDE CAPOEIRA... BETWEEN TRADITION AND GLOBALIZATION

ABSTRACT

This is a bibliographic study which embodies works from the beginning of the ninety-century to nowadays. The subject is to investigate the conceptions in which Capoeira – understood as a manifestation of the Brazilian corporal culture – has been conceived by Physical Education – the academic area which this work is inserted in.

To understand these conceptions, we analysed anthropological, sociological and historical studies, that constructed inside of Capoeira environment and also that emanated from the eclecticism among education physical teachers. This analysis gave rise to an investigation of the interrelations between Capoeira and the educative practice entitled physical education.

At some periods, we verify the submission of Capoeira to the pedagogical sense assumed by the physical education, trying to print on it the characteristics of the methods engaged in its pedagogical work. This submission can be attributed to the marginal mark assumed by Capoeira – which had its beginning related to the black slavery in Brazil - and to The Army and Education intellectuals' desire of civilizing Capoeira according to the society parameters.

On the other hand, Capoeira assimilated the methods deriving from the educative practice produced by the physical education. The assimilation of these methods caused the incorporation of the inherent values of the physical education in the decade of 1930. This attitude is seen as a possibility of social recognition and, possibly, its later release. However, these imposed values were reinterpreted, giving rise to a movement called *reinvention of the Capoeira tradition*.

We call attention for the fact that the interrelations between the investigated objects were not unanimous to the sectors composed by the professionals of physical education neither to the sectors involving the Capoeira groups.

More than showing this incongruity while presenting the interrelation between the objects, this study analyses the absence of consensual elements in the manner Capoeira is conceived in the universe of the corporal practices. For the professionals of physical education, Capoeira is within their scope while for Capoeira environment this situation is completely refuted.

The analysis of this debate allows us to apprehend the context of the comparison between the traditional values and that imposed by the globalized world. These values are present in Capoeira under the look of Physical Education, which can be understood here as the expression of the academic area.

Key-words: Capoeira; Physical Education; Culture.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO OU COMEÇANDO O JOGO	01
CAPÍTULO I - AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ NA ROD@ GLOBAL	10
I – Gingando na Rod@ Global	10
II – A mercadorização da Capoeira	13
III – Por uma outra Capoeira	20
Referências bibliográficas.....	23
CAPÍTULO II - AS VOLTAS QUE O MUNDO DEU, CAMARÁ!	26
I – Capoeira veio da África, africano é quem nos trouxe... ..	26
II - <i>Capoeira é ligeira, ela é brasileira(?), ela é de matar ...</i> – as polêmicas teses sobre sua origem	27
III - Da Capoeira escrava à democracia racial na capoeiragem – uma visão sobre o tema a partir de estudos históricos	34
IV - Vivendo no fio da navalha ... Malandros, valentões, arruaceiros, capadócios e heróis - uma parte da memória da capoeiragem	47
V - A Capoeira na Pequena África no Rio de Janeiro – uma história de resistência	54
Referências bibliográficas.....	64
CAPÍTULO III - BOTA MANDINGA NESTA GYMNASTICA NACIONAL! ...	67
I - Pausa para uma ladainha ao pé do berimbau cantando os fatos e revelando os processos... A educação física e a política higienista/eugenista	67
II - De ODC a Annibal Burlamaqui – a tentativa do ajustamento da rebeldia escrava	72
III - A capoeira no ringue em dois “rounds”, ou melhor, em dois momentos desta história... ..	85
a) “ <i>Sim, sinhô, sim, sinhá...</i> ” - Sinhôzinho no Distrito Federal, “O rei da capoeira carioca”	86

b) “ <i>Bimba é bamba!</i> ” – o rei do Stadium Odeon, o primeiro campeão bahiano de capoeiragem.....	90
IV - As repercussões da educação física e do Estado Novo na Capoeira durante a década de 1930 em Salvador/BA	95
V - Mestre Bimba e Mestre Pastinha – e suas “reinvenções” da tradição africana	99
VI - Inezil Penna Marinho – e a proposta “branca e erudita” da educação física para a Capoeira, trocando a “ginga pela peneiração”.....	131
Referências Bibliográficas.....	140
CAPÍTULO IV - DANÇA, CANTO E BERIMBAU	144
I – Voltando ao jogo ... da Capoeira de ringue à Capoeira show.....	144
II - Capoeira sem mestre?	148
III - Educação Física e o Golpe Militar de 1964 – um jogo repleto de golpes traumatizantes na democracia brasileira	155
IV - A Capoeira entra novamente no “jogo esportivo” – entre o soco inglês e a faixa preta	157
V - Capoeira, a verdadeira ginástica brasileira... “A volta de mundo” do Prof. Inezil Penna Marinho.	161
VI – Capoeira e Educação Física – no <i>jogo</i> de interesses pelo mercado consumidor de atividades físicas.....	168
VII - O Mestre de Capoeira face a regulamentação da profissão de Educação Física	172
VIII - Com licença, <i>camarás!</i> O jogo agora é com os Mestres.....	186
IX. - A Capoeira no <i>jogo</i> da Educação Física	200
Referências Bibliográficas.....	223
CAPÍTULO V - CONCLUSÕES OU FECHANDO O JOGO DENTRO DO “FUNDAMENTO”.....	229
Referências Bibliográficas.....	238

APRESENTAÇÃO OU COMEÇANDO O JOGO (com uma queda de rim¹)...



Fig. 2. Queda de rim. CARYBÉ. *As sete portas da Bahia*. São Paulo: Livraria Martins, 1962.

Como em uma roda de Capoeira², antes de começar um jogo se deve obedecer a alguns preceitos rituais. Um deles já foi feito por ocasião dos agradecimentos, o de prestar as reverências àquelas pessoas para as quais se deve respeito e também, de acordo com os costumes, ao responsável pela direção da roda.

Um outro procedimento que se faz importante adotar é o de, nos primeiros movimentos corporais, estudar o parceiro e qual o tipo de jogo que se pode enfrentar, sendo que é neste momento que se começam a expor os pontos vulneráveis e fortes dos jogadores.

Traçando um paralelo deste trabalho com uma roda de Capoeira, começarei este texto de acordo com o início de um jogo, mostrando um pouco do percurso que me trouxe até aqui e as indagações que me instigaram na realização deste estudo.

A escolha deste tema ocorreu por eu ser uma praticante da Capoeira e presenciar dentro dessa realidade determinadas situações que me despertaram curiosidades e dúvidas. Sendo formada na área de Educação Física³ e, mais especificamente, no âmbito dos estudos do lazer, percebi a possibilidade de compreender de forma crítica algumas questões recorrentes na minha vivência de capoeirista⁴.

¹ *Queda de rim* é um movimento corporal utilizado pelos capoeiristas da linha de Angola para anunciar o início do jogo, como também para reverenciar o responsável no comando da roda ou desenvolver jogadas no seu desenrolar.

² Adotarei o termo **Capoeira** com a inicial maiúscula quando me referir à manifestação cultural e **capoeira** com a inicial minúscula quando for tratar de seus praticantes até o período de sua legalização, na década de 1930.

³ Neste estudo utilizarei o termo **Educação Física** com as iniciais maiúsculas para designar a área de conhecimento e **educação física** com as iniciais minúsculas para tratar da disciplina pedagógica responsável pela *pedagogização* dos temas da cultura corporal.

⁴ Utilizarei neste trabalho a denominação de **capoeiristas** para os praticantes de Capoeira após o período de sua descriminalização pelo governo de Vargas (1937), englobando os adeptos desta manifestação cultural até hoje. Já o termo **capoeiras** será empregado para designar aqueles praticantes do período anterior ao qual a Capoeira se enquadrou como uma contravenção, de acordo com Código Penal da República de 1890, e após sua criminalização até sua legalização. É interessante notar que esta classificação se diferencia de outras já enunciadas como a de FALCÃO, J. L. C. Os movimentos de organização dos capoeiras no Brasil. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v.11, nº 14, maio/2000.

Desde quando me iniciei na prática desta manifestação cultural, através do Curso de Capoeira oferecido pela Escola de Extensão da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, promovido pelo Instituto de Artes em 1995 - sendo as aulas ministradas pelo mestre⁵ Tulé -, muitas interrogações surgiram, outras foram amadurecidas e poucas respondidas.

Analisando a imersão vivida no *mundo da Capoeira*⁶, do ponto de vista de uma estudiosa da Educação Física, percebi que o tratamento dado a ela nesta área era insuficiente para abordá-la de uma forma mais ampla, na qual se pudesse abranger seus aspectos de manifestação da cultura popular.

De acordo com uma entrevista realizada com Prof^o Dr. José Júlio Gavião de Almeida, em 21/03/2001⁷, a inclusão da Capoeira no currículo dos graduandos em Educação Física na Faculdade de Educação Física – FEF - da Unicamp ocorreu na primeira metade da década de 90, como um dos conteúdos abordados na disciplina *Artes Marciais*, para o cumprimento do curso dos alunos interessados em se especializar em lutas no programa de bacharelado em treinamento esportivo. No entanto, por ocasião de defesa deste trabalho, a Prof^a Eliana Ayoub esclareceu que no primeiro currículo da FEF/Unicamp, nos anos de 1985-1989, a Capoeira já se fazia presente. O conteúdo desenvolvido na disciplina Capoeira procurava contemplá-la como uma manifestação cultural ampla e a Prof^a Eliana Ayoub teve a oportunidade de freqüentá-la, pois fez parte da primeira turma formada por esta faculdade. Ela disse que o responsável pelas aulas, o Prof^o Adilson do Nascimento, fazia questão de enfatizar o lado lúdico e criativo do jogo da Capoeira, sem negar sua origem escrava e suas possibilidades de recriação.

No entanto, quando comecei a me aproximar dos estudos referentes a esta temática, o discurso relativo à Capoeira como esporte de competição estava muito vivo dentro da FEF/Unicamp e passou a me incomodar à medida que minha vivência se aprofundava neste universo. Isso ocorria porque além de praticar o *esporte* Capoeira com seus movimentos

⁵ Adoto a designação *mestre* para denominar os professores/detentores do conhecimento relativo a Capoeira.

⁶ Entendo por *mundo da Capoeira* ou *mundo capoeirístico* o universo cultural produzido pelos praticantes desta manifestação cultural não vinculados ao meio universitário.

⁷ Um fato importante apontado nesta entrevista foi que a Capoeira ensinada na FEF/Unicamp sempre teve um vínculo muito mais próximo à *filosofia* adotada pelo(a) professor(a) que ministrava as aulas do que a uma política institucional preestabelecida da faculdade. Isso porque a manifestação Capoeira sempre veio de *fora* dos muros universitários para ocupar um espaço na Universidade que ainda não havia sido preenchido por seu quadro de profissionais.

corporais, eu também pude vivenciá-la em outras esferas, tais como na apreensão de suas tradições passadas oralmente através de mestres mais velhos, no aprendizado de seus cânticos tradicionais, no exercício de aprendizagem dos instrumentos musicais que compõem a bateria de sua roda e, de forma decisiva, na busca de conhecimentos históricos ligados a essa manifestação.

Além disso, outro ponto importante para a escolha deste tema foi a constatação de que a *Capoeira da Universidade*, que tive oportunidade de conhecer, se diferenciava em vários aspectos daquelas demais *Capoeiras* oferecidas fora deste âmbito. Neste sentido, percebi que sua prática se dava como uma atividade *física/artística* usufruída nos momentos de lazer da maioria dos participantes do curso. Sem contar que sempre existiu nas aulas uma preocupação constante com a integridade física do aluno, como também um trabalho de prevenção a atitudes de violência durante as atividades e a ênfase à compreensão da Capoeira como uma manifestação da cultura popular brasileira.

Esses aspectos apreendidos no desenrolar do tempo foram relevantes nesta diferenciação. Além disso, outro fator me chamava a atenção: o oferecimento do Curso de Extensão Capoeira pelo Instituto de Artes Corporais da Unicamp, juntamente com a Escola de Extensão desta Universidade.

Admirava-me notar que a FEF/Unicamp não possuía nenhum envolvimento oficial com o Curso de Extensão Capoeira, sendo que esta manifestação cultural possibilitava um potencial riquíssimo de objetos de estudo para a área. O único envolvimento notado era a presença de alguns alunos do curso de Educação Física, que buscavam esta atividade com a finalidade de conhecê-la e praticá-la.

Excluindo a experiência da disciplina Capoeira oferecida como componente da grade curricular da FEF/Unicamp, mencionada pela Prof^a Eliana Ayoub, a qual só tive conhecimento recentemente, a Capoeira na FEF foi oferecida, na época de minha graduação, somente como um conteúdo da disciplina *Artes Marciais*. Posteriormente, de 1997 a 2000, ela passou a ser oferecida pela Coordenação de Desenvolvimento do Esporte Universitário (CODEU), atual Coordenadoria de Desenvolvimento de Eventos e Esportes (CODESP), através dos Projetos de Extensão da FEF. O responsável por este projeto foi o Prof^o Dr. José Júlio Gavião de Almeida, que contava com a Prof^a. Marta Lima Jardim (Martinha) para ministrar as aulas. Em uma entrevista realizada com a Prof^a. Martinha, foi

possível aprofundar um pouco os conhecimentos a respeito desta proposta e traçar a diferenciação entre ela e a desenvolvida no Instituto de Artes Corporais. Essa análise se tornou possível a partir dos dados obtidos e das minhas impressões sobre o tema, já que pude vivenciar indiretamente esta experiência.

A Prof^ª. Martinha tem um vínculo com esta manifestação cultural desde 1980 e começou a dar aulas em 1987; graduou-se bacharel em Treinamento Esportivo em 1994 e, em 1998, formou-se Licenciada em Educação Física pela FEF/Unicamp. Quando iniciou seu trabalho na Universidade, já era uma profissional com diploma superior. Um dado a ser acrescentado sobre a professora é que, de 1988 a 1994, ela teve um envolvimento com o esporte de competição, a modalidade esportiva do karatê, fato que, de alguma forma, pode ter influenciado sua proposta para as aulas de Capoeira no início de sua carreira.

O mestre Tulé, possuía, na época, sua formação no ensino médio (daí sua vinculação à Unicamp via Escola de Extensão/Instituto de Artes Corporais, como professor convidado do Prof^º. Dr. Eusébio Lobo, responsável pela disciplina Danças brasileiras e, naquele período, coordenador de graduação do curso de Dança). No entanto, de acordo com o mestre, foi a *vida* que contribuiu bastante na configuração de seu trabalho, pois sua experiência estava ligada principalmente ao mundo capoeirístico e às vivências que havia tido no meio artístico (ele desenvolveu trabalhos como bailarino, diretor e ator de teatro amador, percussionista, passista de escola de samba, organizador de blocos carnavalescos e fez parte do elenco de espetáculos profissionais de samba na noite campineira). Portanto, percebe-se, a princípio, que as diferenças já se mostram pelo tipo de formação dos profissionais de Capoeira. De acordo com os depoimentos, nota-se que foi a partir das vivências de cada um que se construíram as diferentes propostas para suas aulas.

A Prof^ª. Martinha disse que, no seu primeiro ano de trabalho, o entendimento que possuía da Capoeira era como uma modalidade esportiva, mas que mudou esta opinião no decorrer do tempo e passou a compreendê-la como uma manifestação cultural mais ampla. Já para o mestre Tulé, desde quando comecei a frequentar suas aulas, em 1995, seu entendimento acerca da Capoeira era de uma manifestação cultural que teria sua origem vinculada aos escravos africanos no Brasil. Portanto, esta forma distinta de concepções (Capoeira Esporte x Capoeira manifestação cultural mais ampla/luta, dança, jogo,

brincadeira, etc.) é mais um ponto fundamental para mostrar a diferença entre esses dois trabalhos.

Minha participação efetiva no Curso de Capoeira ocorreu primeiramente como aluna (março a dezembro de 1995) e, posteriormente, como estagiária (março de 1996 a junho de 1997). Quando ingressei como estagiária nas aulas, não havia mais o vínculo com a Escola de Extensão da Unicamp. Porém, os alunos que as freqüentavam eram oriundos principalmente do meio universitário. Durante esse tempo de ativa participação na Capoeira, pude notar que das três turmas (duas de iniciantes e uma de avançados) que existiam no curso, cerca de 90% dos participantes (as classes eram compostas em média por 20 alunos cada) eram do sexo feminino.

Todos esses dados entravam em conflito com a realidade encontrada fora dos muros universitários, onde a presença masculina na Capoeira sempre foi predominante e, geralmente, prevalece a *Capoeira Luta* em detrimento de uma *Capoeira Arte*, inclusive com a incidência de atos de violência nas academias, *batizados*⁸, encontros e rodas de rua.

No decorrer do curso de Capoeira na Universidade, também notei que muitos alunos que o procuravam eram das áreas de Ciências Humanas, sendo que a minoria provinha das Áreas Tecnológicas, Exatas e Biológicas/Biomédicas (com exceção do curso de Educação Física, que na Unicamp é classificado na área de Biomédicas). Vale dizer que os alunos das Ciências Humanas tinham um interesse em buscar subsídios teóricos para o conhecimento da Capoeira, o que não é surpreendente, pois algumas questões relativas a esta manifestação podem servir, e atualmente servem, como base para o desenvolvimento de pesquisas nesta área do conhecimento.

Certa vez, presenciei um episódio em que um aluno de graduação em História levou de presente ao mestre uma ilustração de Rugendas (1979, p. 241), onde havia uma dedicatória afirmando que era o primeiro desenho feito no Brasil sobre a Capoeira. Em uma outra data, por ocasião da roda de Capoeira que ocorria às sextas-feiras no *campus*, lembro-me da presença de um historiador do curso de pós-graduação do Instituto de Filosofia e

⁸ O termo *batizado* possui um significado próprio dentro do universo capoeirístico. É uma data de comemoração definida pelo grupo de Capoeira promotor do evento. Nesta ocasião, realiza-se uma festa de confraternização, onde os capoeiristas participam e jogam entre si. Geralmente, convidam-se outros grupos de Capoeira para visitar a cidade ou o local de treinos do grupo organizador da festa e, no decorrer desta, acontece um cerimonial no qual os capoeiristas são *batizados* (jogam com outro capoeirista ou mestre de Capoeira) para poderem receber uma graduação superior na hierarquia de seu Grupo de Capoeira.

Ciências Humanas, responsável por uma pesquisa sobre o tema, que, após o término da roda, participou de uma longa conversa com alguns alunos sobre seu trabalho.

Foi a partir dessas situações informais, somadas à grande curiosidade, fascínio e envolvimento pessoal com o tema que dei início às minhas incursões no *mundo teórico* da Capoeira, dando assim o primeiro passo para o desenvolvimento deste trabalho.

Após várias leituras, discussões com mestres de Capoeira, pesquisadores deste assunto e pessoas da área de Educação Física e adicionando a isso as reflexões realizadas no desenvolvimento desta pesquisa, foi elaborada a pergunta norteadora deste trabalho:

- Como os estudiosos da área de conhecimento Educação Física vêm se apropriando da prática social Capoeira e dos estudos gerados a partir deste tema?

Deste questionamento central surgiram outros, responsáveis pela estruturação dos debates realizados no interior desta obra:

1. Qual a história da prática social Capoeira?
2. Seu percurso histórico corre paralelamente ao da Educação Física? Eles se inter cruzam em algum lugar? Caso isso ocorra, em que momento?
3. Qual é o entendimento que o segmento vinculado ao espaço de configuração da regulamentação da profissão de Educação Física possui tanto da própria Educação Física quanto da Capoeira para justificar a subordinação da ação profissional no âmbito da Capoeira aos Conselhos Federal e Regionais de Educação Física?

Na busca de respostas a estas indagações, foi realizado um estudo bibliográfico a partir das obras referentes à Capoeira nas áreas de Educação Física, História, Antropologia e Sociologia, e também àquelas pertencentes ao *mundo capoeirístico*. Procurou-se complementar o material analisado com dados de fontes bibliográficas originárias de revistas publicadas nos últimos 20 anos que tratam do tema Capoeira, e com os debates

realizados na internet através das listas de discussões do Centro Esportivo Virtual⁹ e da Roda Virtual¹⁰.

Desta forma, este trabalho se inicia tratando, no primeiro capítulo, das questões relativas à *Capoeira Globalizada*. Os primeiros apontamentos dão o *tom* de como procurei analisar a manifestação cultural Capoeira. Busca-se nesta abordagem apontar as transformações que ela vem sofrendo na atualidade e as pressões exercidas nesta manifestação cultural na intenção de reduzi-la a simples objeto de consumo.

O segundo capítulo foi construído com base nas obras oriundas da História, Antropologia, Sociologia e Educação Física. Nele, procurei apresentar um panorama da Capoeira no século XIX e início do século XX até sua descriminalização e analisar o percurso histórico da Capoeira para compreender como ela se constituiu antes de iniciar suas relações com a educação física, como também para entender sua dinâmica na sociedade. Além disso, levantei a discussão a respeito de sua origem e nacionalidade, temas que ainda geram muitas polêmicas.

No terceiro capítulo, iniciei a abordagem referente à história da Educação Física no Brasil e como essa área se constituiu no decorrer dos tempos. Foi a partir desse ponto que comecei a traçar as possíveis inter-relações entre a educação física e a Capoeira, privilegiando os processos mais relevantes de seus percursos históricos. Esses pontos me serviram de balizas para entender as mudanças ocorridas tanto na sociedade brasileira como nos objetos de investigação.

Dessa forma, dei início a uma abordagem da política higienista/eugenista e os métodos ginásticos europeus, importados para o Brasil, que deram origem à educação física brasileira, no século XIX e início do XX. A partir desse referencial - higienista/eugenista -, busquei demonstrar a disciplinarização da Capoeira através de diferentes propostas, desde a sua implementação como luta de defesa pessoal até um tipo de modalidade esportiva, sendo que estes projetos foram encabeçados pelos intelectuais da Educação, da Educação

⁹ CAPOEIRA Lista de discussão. Lista de discussão do Centro Esportivo Virtual mantida pelo Laboratório de informação e multimídia em Educação Física e Esporte (LIMEFE), na Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <<http://www.cev.org.br/listas/index.html>>

¹⁰ RODA VIRTUAL Lista de discussão. Lista de discussão mantida pelo Sr. Jerônimo Santos da Silva (mestre Jerônimo Capoeira). Disponível em: <<http://www.users.bigpond.com/ss.jeronimo>>

Física e das Forças Armadas. Entretanto, notei, através destes estudos, que, próximo a esse período, surgiu uma outra proposta, consolidada por alguns praticantes, que incorporou a Capoeira às demais lutas de ringue, tanto no Rio de Janeiro como em Salvador, e atraiu um grande número de expectadores em suas exibições.

Em seguida, introduzi a discussão sobre o movimento ligado aos mestres de Capoeira que resgataram nesta manifestação cultural as suas raízes africanas, adaptando-a às mudanças sociais vigentes na década de 30 e transitando no limiar entre o *conformismo e resistência*¹¹ da cultura popular.

Por fim, analisei a obra do Prof^o Inezil Penna Marinho, um renomado estudioso da Educação Física, que procurou implementar um projeto pautado na visão de mundo *branca/ocidental* para esta manifestação cultural.

No quarto capítulo, acompanhei os desdobramentos da implementação da indústria cultural da Capoeira em Salvador, no Rio de Janeiro e, posteriormente, em todo o país, afetando as relações estabelecidas entre seus praticantes e sua forma de representação social e continuei a análise das mudanças efetuadas por ocasião da criação de dois estilos de Capoeira, a Regional e a Angola.

Abordei as propostas que surgiram na década de 60 relacionadas à Capoeira, como a de sua inserção na formação do corpo da Marinha, mediada por um professor de educação física das Forças Armadas, o 1º tenente Lamartine Pereira da Costa. Na análise referente aos anos de 1970, discuti a incorporação da Capoeira como uma modalidade esportiva na Confederação Brasileira de Pugilismo, acarretando uma série de alterações em seu interior. Nesse mesmo momento histórico, observei as mudanças efetuadas na prática pedagógica da educação física devido às alterações no âmbito político-social do Brasil.

Analisei também um novo plano para a Capoeira, vinda da educação física, na década de 1980, o *Projeto: A Ginástica Brasileira*, do Prof^o. Inezil Penna Marinho.

Em seguida, trato das novas configurações adquiridas pela Educação Física nos anos 80 e 90, do século XX, e após demonstrar as mudanças pelas quais passou esta área e o mundo capoeirístico, inicio a discussão sobre a regulamentação da profissão de Educação Física face ao mestre de Capoeira.

¹¹ Reporto-me aos termos *conformismo e resistência* de acordo com os estudos de CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência:** aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Para finalizar este capítulo, analisei as obras do meio capoeirístico e aquelas ligadas à Educação Física, produzidas a partir de 1980.

No último capítulo, é analisado o conteúdo abordado nos anteriores e são sugeridas algumas conclusões preliminares sobre a temática tratada.

Uma vez que já se tem uma idéia do que é este estudo, e seguindo a comparação com a roda de Capoeira, vamos dar a *volta ao mundo, camará*, e iniciar a movimentação, pois o jogo já começou...

CAPÍTULO I

AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ NA ROD@ GLOBAL

*“Antes mundo era pequeno
Porque Terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena parabólicamará
Ê, volta do mundo camará
Ê, mundo dá volta camará...”*

(Gilberto Gil, 1991)

I – Gingando na Rod@ Global

Capoeira Free-Style, Bad Boy – Capoeira Team, Red Nose – Capoeira Team, Workshops de Capoeira, Soul Capoeira Group presents: 2001 Adelaide Capoeira Festival, 1º Capoeira Shopping Day. Estes são alguns dos termos utilizados na Capoeira atual. Por mais surpreendente que pareça são expressões que corriqueiramente podemos ouvir no universo capoeirístico de hoje e que são divulgadas nos meios de comunicação de massa, atingindo os praticantes desta *modalidade*.

Para se ter uma idéia da dimensão da propagação da Capoeira no mundo temos, atualmente, duas listas específicas de discussões, abertas ao público em geral, na rede mundial de computadores, além de algumas dezenas de sites e listas de discussões próprias de grupos de Capoeira. Até o ano passado (2001), tínhamos duas revistas especializadas, sendo uma trimestral - as três primeiras edições chegaram ao número de 100 mil exemplares vendidos, alcançando quase meio milhão de capoeiristas¹ - e a outra com tiragens mensais. Ainda hoje podemos encontrar centenas de lojas que só vendem artigos da modalidade (roupas, sapatos, CDs, instrumentos musicais, entre outros) e milhares de academias espalhadas pelo Brasil inteiro. Já são 132 países² que possuem professores ou

¹ De acordo com CHEDIAK, no editorial “Iê volta do mundo, Camará!” In: **Revista Capoeira**. São Paulo, v. 2, n. 4, 1998. p. 4.

² Segundo dados fornecidos pelo presidente da Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), Sr. Sérgio Luiz de Souza Vieira. Para administrar a modalidade existem hoje, no Brasil, 78 Ligas Regionais e Municipais, 24

mestres ministrando aulas e o número de praticantes, de acordo com Chediak (1998, p. 4), gira em torno de três milhões de pessoas, todas *gingando*³ ao ritmo do berimbau. Como se pode ver, a prática dessa manifestação cultural expandiu-se de forma assustadora nos últimos anos. Em vista do seu passado, que provavelmente remonta ao Brasil-Colônia, e à sua proibição no século XIX, a Capoeira tornou-se uma *febre* da moda entre os jovens que gostam de lutas e artes marciais.

Ainda de acordo com Chediak (1998), podemos dimensionar a vinculação desta prática corporal à sociedade de consumo visto que

[...] os que apostaram no mercado da Capoeira e na qualidade da Revista Capoeira, colheram resultados. Tiveram retorno compensador.

Isto não aconteceu pelo simples fascínio exercido pela Capoeira: aconteceu porque ela oferece um mercado consumidor emergente e promissor. A Capoeira, como esporte/luta da moda, vem incorporando todas as classes sociais. Como consequência natural, continua ganhando mais espaço na mídia, no Brasil e em diversos países, como Espanha e Estados Unidos (CHEDIAK, 1998, p.4).

Os apreciadores da Capoeira que somente a vêem ingenuamente como uma “luta de escravos em ânsia de liberdade”⁴ devem estar arrepiados diante da visão mercadológica dessa arte-luta brasileira.

Ela é mais uma série de atividades denominadas por alguns autores de “atividades de entretenimento”⁵ movimentam uma enorme fatia do mercado consumidor na chamada

Federações Estaduais, uma Confederação Brasileira, uma Associação Brasileira de Árbitros, uma Associação Brasileira de Capoeira Especial e Adaptada. No âmbito internacional, existe a Federação Internacional de Capoeira (FICA), que coordena os trabalhos das Federações Nacionais de Capoeira, existentes no Canadá, Portugal, Argentina, França, além da Confederação Brasileira de Capoeira. A FICA está organizando também Federações Nacionais nos EUA, Espanha, Noruega, Japão, Israel, Colômbia, Inglaterra, Bélgica, Singapura, Estônia, Rússia, Alemanha, Itália e Suíça. VIEIRA, S. L. S. **Publicação eletrônica** (mensagem pessoal). Mensagem recebida por <falcao@ufba.com.br>, em 30 set. 2000. Esses dados foram obtidos em CAPOEIRA Lista de discussão. Lista de discussão do Centro Esportivo Virtual, mantida pelo Laboratório de Informação e Multimídia em Educação Física e Esporte (LIMEFE), na Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <http://www.cev.org.br/listas/index.html> Acessada em 11 mar. 2001.

³ A *ginga* é um dos movimentos corporais característicos dos capoeiras antigos e também dos atuais capoeiristas.

⁴ Frase de mestre Pastinha, muito divulgada no meio capoeirístico.

⁵ De acordo com Marcos Pivetta e Sérgio Túlio Caldas (apud CASTELLANI FILHO, 1996, p. 12) as atividades de entretenimento são aquelas

“[...] que inclui(em) quase tudo aquilo que as pessoas fazem quando não estão trabalhando ou dormindo, englobando desde o turismo até a arte, passando pela culinária, cinema, teatro, danceterias, bares, restaurantes e parques de diversão, além de uma lista enorme de atividades caseiras como ver televisão, jogar videogame, ouvir música, ler ou simplesmente juntar os amigos para o churrasco no domingo”.

“indústria do lazer”, que no país faturou, somente no ano de 1996, cerca de 250 milhões de dólares⁶.

Valendo-nos das reflexões de Castellani Filho (1996, pp. 14 – 15) sobre o lazer e a qualidade de vida no Brasil, encontramos uma série de informações que mostram o crescente aumento de investimentos por parte da iniciativa privada na indústria do entretenimento no país. Ele então questiona qual o tipo de público beneficiado com tais investimentos. Concordamos com o autor quando ele afirma que a “indústria do lazer ou do entretenimento” não é para todos.

Os dados veiculados nos meios de comunicação de massa ilustram a situação sócio-econômica na qual se encontra o país. São “[...] 22 milhões de brasileiros que vivem em condições abaixo do nível de pobreza [...], os 20% da população mais rica detêm uma renda 32,1 vezes maior do que a dos 20% mais pobres, [...] 400 mil crianças morrem de fome anualmente” (CASTELLANI FILHO, 1996, pp. 10 – 13).

No caso da Capoeira, percebemos que alguns segmentos de seu meio se colocam em sintonia com a indústria do entretenimento, pois adotam uma postura ligada à sua “mercadorização” ou “elitização”. Notamos que essa tendência vai justamente no sentido contrário ao da origem escrava da Capoeira e de sua prática, que durante muitos anos, se fez presente somente na camada social de baixo poder aquisitivo.

Coerente com a lógica do mercado, a Capoeira não só se mercadoriza, mas constrói ao seu redor uma série de apelos de consumo que dão margem à comercialização de roupas, sapatilhas para melhorar a performance dos capoeiristas, CDs para se poder cantar como determinado mestre, a sua prática nas academias da moda em detrimento de sua manifestação nas ruas e praças, pacotes turísticos à *Meca* da Capoeira (Salvador/BA), etc. Busca-se convencer o capoeirista que, para se legitimar, ele precisa consumir estes produtos.

Explicita-se dessa forma a hegemonia dos valores próprios à sociedade de consumo abarcando a Capoeira como um produto altamente rentável, facilmente vendido, seja ao público consumidor vinculado ao universo esportivo, seja àquele outro afeito à “vida saudável”, seja ainda aos que nela reconhecem elementos de cultura, mesmo que

⁶ Dados extraídos de CASTELLANI FILHO, Lino. Lazer e qualidade de vida. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer**. Campinas: Autores Associados, 1996, pp. 14 e 15.

folclorizada. Não obstante, não podemos desconsiderar a existência do contra-hegemônico, sobre o qual traçaremos comentários ao longo deste estudo.

Analisando o meio capoeirístico de hoje, podemos percebê-lo em um mundo globalizado⁷, “jogando” com as instâncias de poder que determinam as regras do mercado financeiro e os destinos das políticas sociais.

Toda essa configuração nos leva a constatar que, cada vez mais, os setores conservadores⁸ ligados ao meio capoeirístico buscam, de variadas formas, sua incorporação ao mecanismo de *ocidentalização*⁹ da cultura. Esse processo visa a adaptá-la à dinâmica de mercado, transformando-a em uma mercadoria lucrativa, sendo que o mesmo processo também ocorre em outros âmbitos, como nas artes plásticas, na música e em tantas outras manifestações, transformando todas elas em *mercadorias* a serem negociadas. Podemos comparar, em linhas gerais, esse processo pelo qual passa a Capoeira ao de *mercadorização* do Esporte de Competição, ou *Esporte Espetáculo*, que analisaremos a partir desse momento.

II – A mercadorização da Capoeira

De acordo com os estudos de Ana Márcia de Souza (1991), o “Esporte Espetáculo”, termo por ela empregado para explicitar a transformação do esporte em mercadoria, é o modo pelo qual o capitalismo conseguiu se apropriar do fenômeno esporte e dar-lhe o significado de produto comercializável, mantendo assim o *status quo*.

Vejamos o que ela diz:

O esporte, apesar de sua natureza de valor de cultura, não escapa a essa lógica capitalista. Seu valor cultural é secundarizado, senão desprezado por completo quando assume a forma de mercadoria, enquanto espetáculo. O fundamental para a troca não é o fato dele ser expressão de cultura, mas sim

⁷ Não aprofundaremos nesta abordagem a discussão sobre o conceito de **globalização**. Aconselhamos as seguintes leituras para ampliar a compreensão sobre esse assunto: CASTELLANI FILHO, Lino. Os tempos da globalização In: CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no sistema educacional brasileiro: percurso, paradoxos e perspectivas**, 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999, pp. 26-48.; HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1988 e IANNI, Octavio. **Sociedade Global**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

⁸ Entendemos como setores conservadores do meio capoeirístico aqueles que adotam os pressupostos de manutenção do *status quo*.

⁹ Termo adotado por IANNI, op. cit., p. 69.

portador de valor, que acrescido da mais-valia, é capaz de reproduzir e ampliar o capital investido (SOUZA, 1991, p. 67).

Neste sistema de *mercadorização*, é necessária a adoção de algumas regras que proporcionem a adaptação do *produto ao mercado*. Abordaremos a partir desse momento algumas delas.

A primeira é a necessidade de alienação do produtor para com seu produto, ou seja, que o processo de criação se torne algo estranho para quem o realiza. No caso em questão, trata-se de transformar o atleta em um trabalhador do esporte.

Como a maioria dos trabalhadores, o esportista também se vê levado a vender sua força de trabalho, como única possibilidade de produzir sua subsistência atuando no trabalho que sabe fazer, envolvido com o esporte. Vende para o capitalista sua força de trabalho nessa área, que sob condições especiais, pode apresentar um desempenho necessário para o processo produtivo (SOUZA, 1991, p. 62).

Uma vez profissionalizado, o atleta desempenhará a função que lhe for designada de acordo com suas aptidões. Em muitos casos, como o das modalidades esportivas coletivas, vemos jogadores que só realizam determinada tarefa. Neste processo, o resultado de seu trabalho não será usufruído por ele (produtor), mas sim pelo mercado; e o montante arrecadado em dinheiro, a maior parte/lucro (ou mais-valia¹⁰), ficará nas mãos dos *cartolas*¹¹ do esporte.

No caso da Capoeira, podemos observar que de certa maneira isso já ocorre, mesmo sendo poucos os atletas profissionais no mercado. No entanto, vemos que esse fenômeno é recente.

De acordo com o depoimento de um mestre de Capoeira Angola, *mestre Gato Preto*, este fato ocorre de poucos anos para cá. Por ocasião de uma entrevista, quando indagado se os mestres antigos exerciam uma profissão, ele respondeu:

O capoeira tinha profissão. Jogava a Capoeira por amor e por lazer... Todos eles eram operários, tinham sua profissão. Pastinha era tarefeiro, depois foi tomar conta de jogo (era segurança de um cassino em Salvador); Daniel Noronha trabalhava na estiva; Canjiquinha e Caiçara, na Prefeitura;

¹⁰ Usamos o termo *mais-valia* de acordo com Marx. Para maiores informações consultar BOTTOMORE, Tom. (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 227.

¹¹ Acompanhamos algum tempo atrás, através dos noticiários, a CPI do futebol brasileiro (caso CBF/"Nike") que investigou os escândalos milionários dos dirigentes esportivos (nos desvios de verbas para os "paraísos fiscais") e as informações sobre a seleção brasileira de futebol no caso da final da Copa de 1998. Apuraram-se os fatos sobre o tipo de influência exercida pela multinacional "Nike" na escalação de atletas patrocinados por esta empresa, na final referida, que visaria somente a divulgação de seu nome, em vez da representação legítima de um time de futebol que expressa a identidade nacional de um povo.

Paulo dos Anjos, como motorista; mestre Ferreira e eu armador. Ninguém vivia da Capoeira. Eu vivi nela durante 40 anos sem ganhar um tostão. (Depoimento..., 1998, p. 9.)

Os nomes citados por *mestre Gato Preto* são de mestres da Capoeira Angola de Salvador/BA, que viveram o período da liberação desta prática a partir da década de 30, do século XX. Abordaremos adiante o papel desempenhado por alguns deles na configuração da Capoeira atual.

Nesse processo de *mercadorização* da Capoeira, não basta somente a integração de seus profissionais ao mercado. Há um outro elemento importante nesta dinâmica: a criação de uma rede de consumo que mantenha viva sua indústria cultural.

Neste caso, a Capoeira, como já assinalamos, conta com esse aparato. São lojas de roupas, acessórios para sua prática, instrumentos musicais, alimentos, vitaminas, etc. Além disso, existem revistas especializadas, um meio de comunicação de massa eficiente, que movimentam uma quantia financeira considerável veiculando informações sobre esta modalidade e anunciando produtos para o consumidor. Assim vemos a dinâmica do mercado atuando na comercialização de produtos voltados à Capoeira, já que seu universo está imerso nas relações estabelecidas no sistema social.

Não podemos negar que a ideologia¹² adotada pelo setor capoeirístico, que vê a Capoeira como uma mercadoria, vai ao encontro da *nova ordem mundial* disseminada atualmente, na qual os países que não se sujeitarem às mudanças impostas pelo capitalismo (abertura de mercados, concorrência desenfreada, etc.) não se configuram como locais seguros para o investimento internacional.

Essas características dão uma dimensão da conjuntura neoliberal¹³ implementada na maior parte do mundo. Tal perspectiva reflete a absoluta primazia do mercado e a quase total diminuição da interferência do Estado, em seu papel redistributivo, que vai dar margem ao processo de *globalização*, nesta nova etapa do desenvolvimento da lógica

¹² O termo “ideologia”, neste caso, é entendido como “visão de mundo”, de acordo com o conceito leninista. Adotamos esta terminologia a partir das observações traçadas por LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social:** elementos para uma análise marxista. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

¹³ Não aprofundaremos neste trabalho a discussão sobre o sistema neoliberal. Entretanto, para estudar este tema aconselhamos as leituras de CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no sistema educacional brasileiro:** percurso, paradoxos e perspectivas, 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999, pp. 26-48; FIORI, José Luís. **Em busca do dissenso perdido:** ensaios críticos sobre a festejada crise do Estado. Rio de Janeiro: Insight, 1995, FIORI, José Luís. **O voô da coruja:** uma leitura não liberal da crise do estado desenvolvimentista. Rio de Janeiro: UERJ, 1995 e SADER, Emir. **Pós -**

capitalista, entendida predominantemente – e não exclusivamente – como a prevalência do capital financeiro sobre o produtivo.

A par da *globalização financeira*, nos deparamos com uma outra, de ordem cultural. Esta pode ser reconhecida nas palavras de Canclini (1983) que se reporta à questão da homogeneização cultural em seu texto. Vejamos o que ele diz:

O desenvolvimento internacional do capital necessita de um processo equivalente na cultura, porque a diversidade de padrões de vida, de objetos e hábitos de consumo obsta sua expansão. A exigência de aumentar o número de compradores de objetos projetados e produzidos em forma standard requer a eliminação de diferenças de comportamento e de gosto dentro de cada nação (entre a cidade e o campo, entre as classes sociais) e também entre os países desenvolvidos e dependentes (CANCLINI, 1983, p. 44).

Se compararmos o que foi dito por Canclini (1983) a uma passagem encontrada em uma revista de Capoeira, comprovaremos esse ajuste às políticas do mercado. Diz-se na revista:

[...] ela (a Capoeira) está presente em vários países com uma quantidade surpreendente de praticantes! Pensando-se na tal globalização, está-se diante, segundo as estimativas, de um mercado grande e valioso. Que vem despertando o interesse de vários empresários dos mais diversos setores (REVISTA CAPOEIRA, 1998, p. 4).

Neste editorial¹⁴ da Revista Capoeira (1998), percebemos, de acordo com as declarações das pessoas que concordam com a ideologia liberal, que não há como impedir o *avanço* da Capoeira pelo mundo. A única opção que temos (apresentada pelos editores) é de “aproveitar esse mercado grande e valioso”, pois não há como retroceder.

Essas afirmações podem nos remeter ao mercado *promissor* da Capoeira, no qual os grupos devem obedecer a regras universais, ou seja, seus participantes devem gingar do mesmo jeito, usar as mesmas roupas, dar os golpes da mesma forma, cantar as mesmas músicas, isso com a finalidade de se fazer entender em qualquer lugar do mundo. Diante desses fatos, que nos remetem à *standartização* da Capoeira, ainda podemos detectar uma estrutura baseada em monopólios para a prática desta manifestação cultural controlada pelos grandes grupos de Capoeira. Em outras palavras, isso significa que um determinado grupo procura inserir no mercado consumidor o maior número de alunos formados, para que estes possam disseminar sua *filosofia*. Dessa forma, conquistam-se novos *adeptos* e se

Neoliberalismo. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

¹⁴ Este editorial tem o nome de “Avançar é preciso” o que nos leva a indagar: será que qualquer semelhança

obtém ganhos financeiros, pois os novos professores pagam uma certa quantia em dinheiro para poder usar a *marca* do grupo no qual foi formado. Além disso, ocorre uma homogeneização nos modos de elaboração desta manifestação cultural, já que para ser aceito nos grandes grupos, torna-se necessário atender a exigência de praticá-la de acordo com que é imposto pelo mestre que é “dono do grupo”.

Um outro problema levantado por essa questão é a visão muitas vezes “*fechada*” desses grandes grupos, que na maioria dos casos, não possuem tolerância com as diferenças existentes entre eles e os demais. Já se comparou essa inflexibilidade de aceitação do outro com a ideologia fascista, que educa seu adepto dogmaticamente, no intuito de reproduzir seu ideário preconceituoso sem reflexões críticas.

Por outro lado, os mestres que não querem vender sua força de trabalho aos intermediários da *produção* (grandes grupos de Capoeira) são obrigados a vender diretamente para o público, ficando, todavia, vulneráveis a represálias por não aceitar os mecanismos traiçoeiros do sistema acima descrito.

Podemos ainda observar atualmente que os poucos atletas profissionais da Capoeira já foram inseridos no circuito da propaganda. Os que sobrevivem somente nessa profissão servem de modelos, principalmente para as marcas de roupas esportivas. Estas *grifes* associam o capoeirista a uma pessoa agressiva, já que na realidade em que vivemos a competição desmedida é uma qualidade e a famosa *Lei de Gérson*¹⁵ é predominante.

deste *slogan* com o utilizado pelo atual governo federal (Avança Brasil!) é mera coincidência?

¹⁵ A terminologia *Lei de Gérson* se refere à busca incessante das pessoas em tirarem vantagem em benefício próprio de todas as situações possíveis independente da postura ética exigida pela situação.

Podemos citar alguns exemplos. O primeiro é referente a uma marca de roupas esportivas cujo nome é *Bad Boy*, em português, *Garoto Mau*. As poses das fotos dos capoeiristas patrocinados pela *Bad Boy* evidenciam os músculos do peitoral e dos braços (demonstrando força física); seus rostos sempre estampam ferocidade, mau humor, ameaça, enfim, qualidades de pessoas impiedosas com os inimigos.



Fig. 3 – Propaganda da “Bad Boy” evidenciando o esteriótipo de capoeirista que usa as roupas desta grife esportiva. REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 1, n. 3, set./out. 1998.

Tratando-se de ferocidade, o outro exemplo que podemos citar associa diretamente a Capoeira com atitudes agressivas. A marca concorrente da *Bad Boy*, e que também patrocina atletas-capoeiristas, tem como símbolo o desenho estereotipado de um cão da raça *Pit-bull*. Esta raça, notadamente, é associada à agressividade. Daí, nada mais de acordo com a lógica do mercado do que o anúncio desta grife exaltar a agressividade, marca indelével dos *Pit-bulls*, numa roda de Capoeira (momento privilegiado de expressão desta manifestação), sendo que o desenho de todos os componentes possui corpos de pessoas e rostos de cães da referida raça. Essa representação se faz estranha ao meio capoeirístico, que associa seus praticantes a animais como a cobra (mestre Cobrinha Mansa), o gato (mestre Gato Preto), o macaco (mestre Macaco), a onça (mestre Oncinha)¹⁶. Todos esses animais possuem como qualidade a agilidade, astúcia, artimanha, sendo estes elementos

¹⁶ Todos esses apelidos são de mestres de Capoeira de diferentes grupos e nascidos em vários Estados brasileiros.

valorizados no jogo da Capoeira. Porém, até hoje, não é comum vermos capoeiristas com um apelido ligado às raças caninas ou mesmo com o codinome de cachorro.

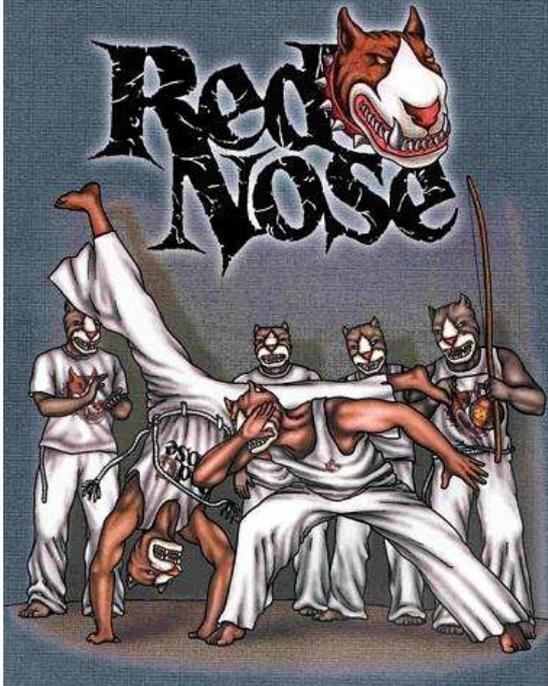


Fig. 4 – Propaganda da grife de roupas “Red Nose”. REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 4, nov./dez. 1998.

Pensamos que, além de associar a manifestação Capoeira à violência, este desenho insinua que seus praticantes são objetos, uniformizando-os, tirando-lhes a humanidade.

Essa reificação¹⁷ da Capoeira busca redimensionar o sentido de seu significado cultural, de prática construída por pessoas determinadas social e historicamente. Dá-lhe o sentido de um esporte a ser consumido de forma alienada, numa repetição de gestos mecânicos, sem sentido para quem os produz.

Essa configuração atual da Capoeira se faz presente não só nos anúncios de revistas. Ela pode ser encontrada em outros lugares, seja em algumas rodas de rua ou quando ocorre sua divulgação em outros meios de comunicação de massa.

Não queremos dizer, neste estudo, que as posições favoráveis à Capoeira mercadoria sejam adotadas por todos os capoeiristas de hoje. Isso porque seus praticantes

¹⁷ O termo reificação é usado no sentido de

[...] ato (ou resultado de ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originariamente independentes) do homem e governam sua vida. Significa

não possuem as mesmas opiniões e adotam posturas diferenciadas com relação à Capoeira. Entretanto, não podemos negar que existam setores neste meio que se coadunam, na maioria das vezes, de forma inconsciente e despolitizada com a atual política econômico-social do governo brasileiro, que vem buscando, ao longo desses quase oito anos de mandato, implementar o modelo neoliberal, ainda que se intitulando social-democrático.

III - Por uma outra Capoeira

A Capoeira, por toda sua ambigüidade, comporta em seu interior possibilidades de encampar variadas linhas de concepções. As observações que acabamos de ver poderiam, de forma geral, ser relacionadas aos grupos ligados à sua esportivização e manutenção do *status quo*, ou seja, aos *setores conservadores* da Capoeira e, também, da Educação Física.

Mas não podemos pensar que há somente esta visão para a ela, senão incorreríamos no erro de alimentarmos uma análise maniqueísta da realidade. Sabemos que há outros setores que buscam uma forma diferente de ver, pensar e praticar essa manifestação cultural. As pessoas que fazem parte dessa ala estão constantemente repensando sua prática e lutando para transformar as condições materiais desse sistema social. Tal grupo incorpora nessa luta a valorização cultural e, conseqüentemente, a valorização da Capoeira como uma manifestação cultural revolucionária. Para isso, forja no cotidiano mecanismos para sustentar novas alternativas de vida, perspectivando uma nova sociedade, sem ignorar as conquistas e riquezas adquiridas pelos seres humanos, embora tão mal distribuídas.

Milton Santos (2000), em seu livro *Por uma outra Globalização – do pensamento único à consciência universal*, diz que a gestação de um novo tipo de globalização e, naturalmente, de uma nova sociedade encontra-se no interior da “nação passiva”¹⁸ que vive a realidade da escassez e das necessidades (materiais e sociais) e que pode, através de suas relações cotidianas, transformar o sistema atual. Concordamos com o autor quando diz que

igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas (BOTTOMORE, 1988, p. 314).

¹⁸ O autor denomina de “nação passiva” a maior parte da população que

[...] apenas participa residualmente do mercado global ou cujas atividades conseguem sobreviver à margem, sem todavia, entrar cabalmente na contabilidade pública ou nas estatísticas oficiais [...]

A nação passiva é estatisticamente lenta, colada às rugosidades do seu meio geográfico, localmente enraizada e orgânica. É também a nação que mantém relações de simbiose com o entorno imediato, relações

[...] Ousamos, desse modo, pensar que a história do homem sobre a Terra dispõe afinal das condições objetivas, materiais e intelectuais, para superar o endeusamento do dinheiro e dos objetos técnicos e enfrentar o começo de uma nova trajetória. Aqui, não se trata de estabelecer datas, nem de fixar momentos na folhinha, marcos num calendário. Como no relógio, a folhinha e o calendário são convencionais, repetitivos e historicamente vazios. O que conta mesmo é o tempo das possibilidades efetivamente criadas, o que, à sua época, cada geração encontra disponível, isso a que chamamos “tempo empírico”, cujas mudanças são marcadas pela irrupção de novos objetos, de novas ações e relações e de novas idéias (SANTOS, 2000, p. 157).

O surgimento de novas idéias para o ensino e fruição da Capoeira poderá servir como um instrumento contra-hegemônico desse sistema, baseado no “dinheiro em seu estado puro”, que não considera o ser humano como criador de cultura e dono de seu destino. Essas observações servem de partida para realizarmos um contraponto à Capoeira *Standartizada*, exportada aos demais países e muitas vezes imposta como a única alternativa. Isso porque consideramos a Capoeira como uma manifestação cultural, e quando “[...] falamos de cultura, (a entendemos) como o conjunto de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para compreender, reproduzir ou transformar o sistema social”. (CANCLINI, 1983, p. 40)

Dessa forma, adotamos este conceito porque compreendemos a Capoeira como uma construção cultural iniciada com os movimentos emancipatórios dos escravos africanos no Brasil, que perdura até os nossos dias.

Se formos a fundo nessa questão, fica difícil desvincularmos as atividades de representação como a Capoeira, as danças, jogos, lutas, etc. do processo produtivo, porque foi através do trabalho que os seres humanos estruturaram o sistema social e, conseqüentemente, as suas relações.

Embasados nessa concepção, percebemos que a Capoeira, tida como uma atividade criada e desenvolvida em meio ao processo produtivo, representou, em diferentes momentos, os reflexos das relações estabelecidas entre as pessoas¹⁹. Dessa forma, ela é fruto das relações existentes e pode ser vista como uma “representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais” (ROUYER, 1965, p. 160). Apreendemos, portanto, que

cotidianas que criam, espontaneamente e à contracorrente, uma cultura própria, endógena, resistente, que também constitui um alicerce, uma base sólida para a produção de uma política (SANTOS, 2000, p. 157).

¹⁹ Estas afirmações são baseadas no texto de ROUYER, Jacques. Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da Educação Física. **Desporto e desenvolvimento humano**. Lisboa: Seara Nova, 1965, pp.159 - 195.

a Capoeira possui em sua forma de se expressar uma característica dinâmica que se transforma de acordo com o momento histórico social pelo qual passa.

Podemos ainda dizer que a Capoeira, entendida como uma manifestação cultural, guarda em si uma série de ambigüidades e relações sociais complexas, pois é um *produto* concebido culturalmente e fruto de *processos*²⁰ de elaboração diferenciados, o que pode resultar na compreensão, reprodução ou mesmo, superação do sistema social vigente. Sendo assim, para entendermos como ela se estruturou no decorrer dos tempos, precisamos conhecer mais sobre essa manifestação cultural.

Portanto, *Iê, volta de mundo! Que tem muita coisa ainda pra se ver, camarás!*

²⁰ Esta afirmação baseia-se na reflexão de Carmem Cinira Macedo que escreve: “Analisar a cultura envolve a consideração do produto da atividade humana mas também do processo dessa produção, do modo como esse produto é socialmente elaborado” (MACEDO in VALLE, E.; QUEIRÓZ, J. J., 1988, p. 35).

Referências bibliográficas

BOTTOMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CANCLINI, Néstor García. Políticas culturais na América Latina. **Novos Estudos. Cebrap**, São Paulo, 2, n. 2, pp. 39 - 51, jul. 1983.

CAPOEIRA Lista de discussão. Lista de discussão do Centro Esportivo Virtual mantida pelo Laboratório de informação e multimídia em Educação Física e Esporte (LIMEFE), na Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <<http://www.cev.org.br/listas/index.html>> Acesso em: 11 mar.2001.

CARYBÉ. **As sete portas da Bahia**. São Paulo: Livraria Martins, 1962.

CASTELLANI FILHO, Lino. Os tempos da globalização In: CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no sistema educacional brasileiro: percurso, paradoxos e perspectivas**, 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, pp. 26-48.

_____. Lazer e qualidade de vida. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer**. Campinas: Autores Associados, 1996.

CHAUÍ, Marilena. Cultura do povo e autoritarismo das elites. In: VALLE, E.; QUEIRÓZ, José J (Orgs.). **A cultura do povo**. 4. ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 1988.

_____. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHEDIAK, Adriano. Iê volta do mundo, Camará! **Revista Capoeira**. São Paulo, vol. 2, n. 4, 1998. p. 4.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DEPOIMENTO de *mestre Gato Preto*, na seção Personalidade. **Revista Capoeira**, São Paulo: vol. 2, n. 4, 1998, p. 9.

EDITORIAL “Avançar é preciso”. **Revista Capoeira**, São Paulo, vol. 2, n. 3, 1998, p.4.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Os movimentos de organização dos capoeiras no Brasil. **Revista Motrivivência**, vol. 11, n. 14, maio 2000.

FIORI, José Luís. **Em busca do dissenso perdido**: ensaios críticos sobre a festejada crise do Estado. Rio de Janeiro: Insight, 1995.

_____. **O voô da coruja**: uma leitura não liberal da crise do estado desenvolvimentista. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

GILBERTO GIL. Parabolicamará. Gilberto Gil. [Compositor].In: _____ Parabolicamará. São Paulo: BMG Ariola Discos, 1991. 1 CD (47 min.). Faixa 2 (3 min 34 s). Remasterizado em digital.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1988.

IANNI, Octavio. **Sociedade Global**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

MACEDO, Carmem Cinira. Algumas observações sobre a questão da cultura do povo. In: VALLE, E.; QUEIRÓZ, José J (Orgs.). **A cultura do povo**. 4. ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 1988, p. 35.

REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 12, 1999.

REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 4, nov./dez. 1998.

REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 1, n. 3, set./out. 1998.

REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 1, n. 2, jul./ago. 1998.

RODA VIRTUAL. Lista de discussão mantida pelo Sr. Jerônimo Santos da Silva (*mestre* Jerônimo Capoeira). Disponível em: <<http://www.users.bigpond.com/ss.jeronimo>>. Acesso em jun. 2001.

ROUYER, Jacques. Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da Educação Física. **Desporto e desenvolvimento humano**. Lisboa: Seara Nova, 1965, pp.159 - 195.

RUGENDAS, José Maurício. Jogo da Capoeira ou Dança da Guerra In: _____ **Viagem pitoresca ao Brasil**, 8. ed. São Paulo: Itatiaia: EDUSP, 1979. 2 vols.

SADER, Emir. **Pós - neoliberalismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOUZA, Ana Márcia. **Esporte Espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano**. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CAPÍTULO II

AS VOLTAS QUE O MUNDO DEU, CAMARÁ!

*“Meu bisavô me falou,
Que no tempo da escravidão,
Era dor, muita dor, tanta dor,
Morriam de dor, os escravos meus irmãos.
Dor, dor, dor,
D. Isabel, a sua lei nada adiantou, quanta dor...
Dor, dor, dor,
Minha alma é livre, o berimbau me libertou,
Dor, dor, dor...”*

Cantiga de Capoeira de domínio público

I – Capoeira veio da África, africano é quem nos trouxe...¹

Será mesmo que a Capoeira veio da África e se manifestou, aqui no Brasil, tal como era lá? Será que as palavras desta ladainha de Capoeira, citadas no subtítulo, expressam a realidade dessa prática?

Ao iniciarmos o debate sobre o passado da Capoeira, podemos nos remeter diretamente às várias versões de como essa manifestação cultural se fez presente entre nós. Existem inúmeras histórias e mitos sobre esse assunto. Porém, por enquanto, só há pistas sobre seu surgimento, a partir das quais vários historiadores, no decorrer dos tempos, vêm reescrevendo sua trajetória. Não há ainda uma data estabelecida ou um local que possa ser apontado como seu berço. O que temos de concreto é que a Capoeira - misto de luta, dança, brincadeira, teatralização, jogo, enfim... - tem sua origem a partir do tráfico de escravos.

Com a escravidão, a presença cultural africana no Brasil deixa marcas indeléveis, misturando-se com aquela existente no país. Devemos levar em consideração que além das transformações ocorridas no contato multicultural de vários povos, o resultado dessas misturas passou por inúmeras mutações e entrou num processo de recriação. Entendemos que a partir daí surgiram várias manifestações de origem africana e, dentre elas, com certeza, a Capoeira.

¹ Trecho de uma ladainha de Capoeira cantada por *mestre Pastinha*. No disco MESTRE PASTINHA E SUA ACADEMIA. Mestre Pastinha e sua academia. Salvador: Fontana, 1979. 1 disco sonoro, 33 1/3 rpm, estéreo.

No entanto, existem diferentes teses sobre sua origem, que é controversa. Nosso intuito é situar o leitor no contexto das abordagens encontradas na bibliografia sobre o surgimento da Capoeira. É importante ressaltarmos que neste estudo obtivemos várias interpretações de diferentes setores, desde aquelas advindas de diversas áreas científicas como a História, a Antropologia, a Sociologia, a Educação Física, até as gestadas pelos mestres de Capoeira, sobre as quais trataremos oportunamente.

Privilegiaremos, neste primeiro momento, um dos debates mais pertinentes sobre esse assunto: a *nacionalidade* da Capoeira, tema que foi desenvolvido pelo historiador Antônio Cardoso Liberac Pires², em sua dissertação de mestrado. Com isso, poderemos comparar como ocorreu e ocorre sua representação pelos diferentes atores sociais e perceber que, através destas visões, foram recriadas maneiras particulares de entendimento sobre ela.

Posteriormente, analisaremos o percurso da Capoeira de meados do século XIX até o início do século XX para apreendermos de que forma ela se constituiu no decorrer de sua trajetória. Esse acompanhamento histórico visa a preparar o terreno para a análise das inter-relações entre a Capoeira e a Educação Física, ponto central deste trabalho.

II - *Capoeira é ligeira, ela é brasileira(?), ela é de matar...*³ – as polêmicas teses sobre sua origem

As informações apontadas por Pires (1996) sobre as hipóteses levantadas da possível origem da Capoeira encontram-se cercadas por questões como os conflitos raciais e suas inter-relações dentro da sociedade brasileira. A discussão que ele nos apresenta é pautada no polêmico debate realizado na atualidade entre capoeiristas sobre a legitimidade da identidade cultural da Capoeira já que, esse assunto voltou à tona por conta de sua difusão em vários países, gerando desavenças quanto à sua *propriedade cultural*⁴.

² Trabalho de PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira na jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, 1996.

³ Canto corrido de domínio público.

⁴ Esta luta está cada vez mais acirrada com a entrada da Capoeira nos Estados Unidos da América. Nesse país, os movimentos ligados à negritude afirmam que a Capoeira tem sua origem na África, o que causa grande desconforto a muitos grupos de Capoeira brasileiros. No Brasil esta discussão também ocorre em alguns grupos de Capoeira Angola que buscam legitimar seus movimentos de valorização negra com o discurso de a

Assim, ele percebeu de

[...] forma nítida a existência de um conflito no campo simbólico das relações sociais. Conflito este representado pelas concepções de origem, que revelam a capoeira como um símbolo, repleto de significados e expositor de identidades sociais, construídas historicamente, perceptíveis nas ações dos homens no tempo. As discussões sobre a origem ainda revelam diversas relações entre nacionalidade, raça, cultura e cor, permitindo, assim, uma penetração em formas específicas de relações sociais (PIRES, 1996, p.188)

Tendo como pano de fundo os conflitos acima mencionados, o autor trata primeiramente da origem etimológica da palavra **capoeira** e, num segundo momento, aborda os trabalhos e as idéias dos intelectuais que estudaram e propuseram categorias diferenciadas para justificar a sua origem.

Basicamente, ele divide os significados etimológicos de **capoeira** em duas formas, uma que privilegia o espaço rural e a outra, o ambiente urbano, utilizando estudos que datam dos séculos XVIII, XIX e início do século XX.

De acordo com o autor, vários etimologistas, como Macedo Soares e Henrique de Beaurepaire, propuseram, não totalmente concordantes em todos os aspectos, que a origem da palavra capoeira viria da língua Guarani, "capuera", ou "capôera", que dá a idéia de mato miúdo, baixo, ralo, que nasce depois da derrubada do mato virgem; ou então de "cópuera", que significaria "roça que deixou de existir". Eles atribuíam este significado ao jogo de capoeira, talvez porque os negros escravos que a praticavam, o faziam em locais de roças abandonadas ou em "capoeiras" na mata, enfim, lugares abertos onde poderiam praticar seus folguedos, de acordo com sua etnia, dentro de um período de descanso ou mesmo de fuga do trabalho.

Outros etimologistas se basearam no canto da ave "capoeira" para dar nome ao jogo, uma vez que seus praticantes, também escravos, utilizavam o assobio tal qual o canto do pássaro para se comunicarem.⁵

Alguns deles atribuíram à palavra **capoeira** significados ligados ao meio urbano, como Angenor Lopes de Oliveira, Moralles de Los Rios e Edson Carneiro.

Capoeira ser de origem africana, referindo-se ao N'Golo (Dança da Zebra) como sua forma de manifestação na África.

⁵ Este tema é tratado de maneira mais detalhada nos estudos de SOARES, Carlos E. L. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Nacional, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Deptº Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

Angenor Lopes de Oliveira (apud PIRES, 1996) se remete diretamente ao Rio de Janeiro quando atribui a origem da denominação **capoeira** aos praticantes de tal manifestação. Ele se refere aos negros fugidos das fazendas que se abrigavam num local denominado Capoeiraçu (capoeira grande), sendo este ponto "obrigatório" na passagem que dava acesso às capoeiras existentes próximas à cidade. Diz o autor que durante o dia lá se abrigavam os "malfeitores", "desordeiros" e "escravos fugidos" e, à noite, estes se dirigiam à cidade para saquear e roubar. Daí a denominação de capoeiras às pessoas que se escondiam nesses locais.

Morales de Los Rios (apud PIRES, 1996) também se reporta ao Rio de Janeiro quando trata do assunto, e afirma que a capoeira tem sua origem nas cidades, uma vez que os praticantes destas lutas (negros fugidos) não se esconderiam em capoeiras, locais de fácil acesso aos seus perseguidores, contrariando assim as hipóteses do uso da capoeira (luta) para a sua defesa pessoal ou até mesmo de quilombos exatamente neste espaço geográfico.

Ele se remete ao significado da palavra através do "Cá", que para os indígenas significava qualquer material oriundo da mata, e "Pú", referente a cestos. Daí "Capú" seriam os grandes cestos usados pelos escravos para carregar mercadorias de embarque e desembarque no porto desde o período colonial. Pires nos aponta que

Nas hipóteses do estudioso a capoeira enquanto luta teria nascido nas disputas da estiva, nas horas de lazer, nos 'simulacros de combate' entre companheiros de trabalho, que pouco a pouco se tornaram hierarquias de habilidades, onde se duelava pela primazia no grupo. Dessas disputas de 'perna' teria nascido o 'jogo da capoeira' ou a dança do escravo carregador de 'Capú' (PIRES, 1996, p.35).

Já para Edson Carneiro (apud PIRES, 1996, p. 191), o significado de capoeira, apesar de ter sua origem ligada aos aspectos rurais, não se detinha apenas neste contexto. Escrevendo sobre as manifestações de capoeiragem, registradas no Rio de Janeiro no século XIX e tendo como subsídio os arquivos policiais de repressão a essa prática, assim as interpretava:

Pode ser que capoeira, gente, venha de capoeira mato, do negro que fugia dizia e diz-se ainda: foi pra capoeira, meteu-se na capoeira, caiu na capoeira, e não só do negro que fugia, mas também do recruta, desertor do exército e da armada que procurava fugir das autoridades policiais empenhadas em agarrá-los. E diz-se também do gado que foge. Um capoeira poderia ser também sinônimo de negro fugido, calhambora, quilombola. Ainda hoje são sinônimos de gente penosa, faquistas, assassinos, e ao mesmo tempo vivos, espertos, ligeiros, corredor, destro em evitar que os outros lhe peguem, enfim capoeira (CARNEIRO apud PIRES, 1996, p. 191).

Um outro significado etimológico, datado de 1757, foi o encontrado em uma carta do português Francisco Xavier Mendonça Furtado (apud PIRES, 1996, p. 192) ao seu irmão, Marquês de Pombal, na qual denuncia a vinda de bandidos de Lisboa para o Brasil. Dizia ele: "estar uma capoeira cheia dessa gente para mandarem para cá" e pedia para que estes não fossem enviados para seu estado (Amazonas) que estava ainda se formando. Ele se refere a esses bandidos, ladrões, assassinos como: "uma capoeira de malfeitores".

Repare-se que a comparação feita por Furtado é de bandidos presos, tais como as aves que eram presas e carregadas nos cestos denominados *capoeiras*, daí resultando que esses marginais eram chamados de capoeiras, por estarem acomodados em navios semelhantes a essas *gaiolas*. Veremos adiante que os capoeiras que viveram no Rio de Janeiro no século XIX eram tidos também como marginais, bandidos, *foras da lei*. Podemos então deduzir que talvez essa fosse uma denominação comum aos "marginais" da época.

Para finalizarmos essas conceituações, podemos concluir, de acordo com Pires (1996, p. 192), que, de alguma forma, a capoeira "sempre esteve ligada aos grupos de resistência à ordem, fuga do trabalho, roubos ou outras formas de conflito". Essas características foram a ela arraigadas desde seus primórdios, uma vez que sua manifestação, primeiramente, ocorreu em meio aos escravos, e é sabido que eles se encontravam subjugados pela sua própria condição. Muitas de suas manifestações, que não estivessem de acordo com o *mundo do trabalho*, poderiam ser interpretadas pelos seus senhores como *contravenção*, desobediência, rebelião. Para isso as leis de controle e vigilância sobre suas ações eram severas.

De todas essas interpretações acima mencionadas, podemos dizer que a que mais prevalece no mundo capoeirístico atual é o da capoeira luta, símbolo da resistência escrava.

Uma vez que expusemos os significados etimológicos de **capoeira**, partiremos para a abordagem feita pelos intelectuais⁶ sobre o assunto.

Partindo do pressuposto de que a capoeira *primitiva* era praticada pelos escravos africanos no Brasil, temos então uma das concepções previstas para justificar a origem africana da capoeira.

⁶ Nesta abordagem o termo *intelectuais* é entendido, de acordo com Pires (1996, p. 192), como "os cronistas, memorialistas e culturalistas do final do século XIX e início do século XX".

Um dos primeiros autores a tratar dessa hipótese, Sílvio Romero (apud PIRES, 1996, p. 193), no final do século XIX, disse: "[...] Não creio que o jogo seja brasileiro, mesmo porque é conhecido com possíveis familiares na América Central". Ele se referia a outras lutas e danças encontradas em outros países onde houve o tráfico de escravos africanos.

Anos mais tarde, já em meados do século XX, Câmara Cascudo tornaria a tratar deste mesmo assunto, baseado nas informações de um viajante português - Neves e Souza - que forneceu dados a respeito de diferentes manifestações encontradas no continente africano semelhantes à Capoeira, como a *Bássula* - luta de pescadores da região de Luanda, a *Liúeta*, precursora da *Dança da Zebra* ou *N'Golo*⁷, da região de Mocupe e Mulondo, atual sul de Angola.



Figs. 5 e 6 – Movimentos do N'Golo ou dança da zebra. In: PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira na jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

⁷ De acordo com as descrições encontradas na obra de Carlos Eugênio Líbano Soares, tratava-se de uma [...] dança cerimonial de iniciação, praticada entre os grupos da região de Mocupe e Mulondo, atual sul de Angola. Realizada durante as festas do mufico, rito de puberdade das moças do grupo, é executada dentro de um grande círculo de pessoas da tribo, que batendo palmas marcam cadência. Dentro da roda, dois jovens realizam a dança da zebra, ou n'Golo, na qual, imitando movimentos de animais, tentam atingir o rosto do oponente com o pé (SOARES, C. E. L., 1994, p. 24).

Outro autor que tratou do assunto foi Manoel Querino (apud PIRES, 1996, p. 195), que estudou as manifestações das culturas africanas no Brasil. Querino era profundo conhecedor da cultura negra no estado da Bahia e atribuía aos negros angolas a introdução da Capoeira no país. Em Pires (1996, p. 195), existe uma discussão mais aprofundada sobre a classificação usada por Querino para designar as diferenças culturais entre as etnias africanas, já que o referido autor acaba por reduzir equivocadamente os negros embarcados no antigo porto de Angola como pertencentes a essa região.

É importante notar que esses três autores citados possuíam diferentes linhas de pensamento. O primeiro deles, Sílvio Romero, tinha como princípio as teorias ligadas às linhas biologizantes que naturalizavam a cultura dos negros. Se contextualizarmos este autor, compreenderemos que no final do século XIX as teorias a respeito da inferioridade da raça negra em detrimento da branca estavam fervilhando, justificando essa tendência.⁸

Manoel Querino, apesar de ser classificado como *culturalista*, deixa transparecer em suas análises resíduos da linha *biologizante*, uma vez que expressa diferenças entre as raças, julgando-as através de suas culturas.

Câmara Cascudo já tinha como pressuposto a linha de pensamento *folclorizante* da Capoeira. Essa, por sua vez, teve como seu precursor o intelectual Edson Carneiro, que partiu de um referencial africano para folclorizar a Capoeira dentro do contexto de cultura africana. Esses intelectuais a colocam primordialmente como *divertimento, jogo atlético, dança*, mas principalmente como uma **manifestação cultural negra nacional** que deveria ser preservada como parte das raízes sócio-culturais brasileiras.

De acordo com Pires, que analisa todo o quadro de raciocínio desses estudiosos defensores da origem africana da capoeira, percebemos que

[...] na perspectiva desses intelectuais, a capoeira precisa da cor da pele dos africanos como forma valorizativa dos negros no Brasil. Por outro lado, as condições de alimentação, saúde, educação e ocupação da população negra foram temas que estiveram longe das penas dos intelectuais da primeira metade do século XX. Em compensação, os negros receberam símbolos culturais que nem sempre correspondem às suas práticas. Aos olhos desses intelectuais, os negros foram valorizados com a introdução do conceito de 'cultura negra' no processo de construção de uma cultura nacional (PIRES, 1996, p. 197).

⁸ Para saber mais sobre as teorias de inferioridade da raça negra, pode-se recorrer a AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 76.

Já a primeira concepção ligada à origem da Capoeira como sendo brasileira, é datada anteriormente às descritas acima. Plácido de Abreu (apud PIRES, 1996, p. 197), que foi o primeiro a levantar essa hipótese e viveu de 1857 a 1894, dizia ser

Um trabalho difícil estudar-se a capoeira desde a primitiva, porque não é bem conhecida em sua origem. Uns atribuem aos pretos africanos, o que julgo um erro, pelo simples facto que não é conhecida a nossa capoeiragem e sim alguns Sortes de Cabeça. Aos índios também não se pode atribuir porque apesar de possuírem a ligeireza que caracteriza os capoeiras, contudo, não conhecem os meios de ataque e defesa. O mais racional é que a capoeira criou-se, desenvolveu-se e aperfeiçoou-se entre nós (ABREU apud PIRES, 1996, p. 197).

Assim como Plácido de Abreu, outros autores compartilhavam da opinião de que a Capoeira teria se originado no Brasil, afirmando sua nacionalidade através dos símbolos raciais representativos da mestiçagem brasileira. Um exemplo ilustrativo a respeito dessas idéias é apresentado em uma das obras literárias brasileiras mais conhecidas do século XIX. Em *O Cortiço*, Aluísio de Azevedo demonstra, através das características do personagem Firmo, os traços definidores da raça representante do nacionalismo.

[...] Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito, só de maças, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira. Teria seus trinta e tantos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos. Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos[...] (AZEVEDO, A., 1991, p. 49)

Percebe-se nesta descrição as características já mencionadas anteriormente através da abordagem das idéias de Silvio Romero, da *naturalização* dos traços do personagem, uma vez que Aluísio de Azevedo pertenceu ao gênero literário naturalista, que se exprimia pautado nas teorias *biologizantes*.

Encontramos também em Pires um artigo publicado na revista Kosmos, em 1906, e assinado por L.C., que se refere à suposta origem brasileira da capoeira. Diz o artigo:

Por que, quando, e como nasceu a capoeira? Na transição provavelmente do reinado português para o Império livre, pela necessidade do independente, phisicamente fraco de se defender ou agredir o ex-possessor, robusto, nos distúrbios, então freqüentes em tavernas e matulas por attrictos constantes de nacionalidade, tendo sua gênese em dois pontos diversos [...] criou-a o espírito inventivo do mestiço porque a capoeira não é portuguesa, nem mesmo é negra, é mulata, é mestiça, é cafuza, e é mameluca, isto é, é cruzada, é mestiça [...] a navalha do fadista da mouraria lisboeta, alguns movimentos sambados e simiescos do africano e, sobretudo, a agilidade, a levipidez felina e pasmosa do índio nos saltos rápidos, leves e imprevistos (L.C., 1906 apud PIRES, 1996, p. 198).

Notamos novamente a mestiçagem para justificar o que é nacional, e percebemos que através da construção da uma suposta *democracia racial* é construída a imagem da homogeneidade da nação, sem conflitos, sem preconceitos, tudo de acordo com uma suposta *paz social*.

Para os defensores da origem brasileira da capoeira, estava acima de tudo a afirmação do país como nação formada pela união das três raças (branca, negra e indígena) e suas variações de cores, na busca da identidade nacional pautada nas idéias do Brasil República.

Se analisarmos de um modo geral as opiniões referentes às diferentes origens da Capoeira aqui expostas, notaremos que, apesar de divergentes, elas ajudaram a construir uma imagem da **Capoeira brasileira** como um dos símbolos nacionais, independentemente de ser uma cultura negra ou mestiça. Para alguns desses intelectuais, o que importava era colocá-la numa posição de representatividade da **cultura popular brasileira**. E isso ajudou para que, anos mais tarde, ocorresse sua aceitação como esporte nacional, o que veremos adiante mais detidamente.

Finalizando essas observações, é interessante deixar claro que tivemos somente a pretensão de apontar as discussões pertencentes à origem da capoeira e suas interpretações partindo do ponto de vista do trabalho de Pires (1996). Passaremos agora, a abordar um pouco da história da prática da capoeiragem, no século XIX, respaldados pelos estudos da História e Antropologia.

III - Da Capoeira escrava à democracia racial na capoeiragem – uma visão sobre o tema a partir de estudos históricos, ou

*“Capoeira à brasileira,
Joga homem, joga mulher,
Joga branco, joga preto,
Só não joga quem não quer...”⁹*

A partir deste momento, iremos tratar dos estudos relativos à Capoeira no Rio de Janeiro, pois de acordo com as documentações recentemente exploradas por historiadores,

⁹ Trecho do canto de capoeira (quadra) “Capoeira não é pra matar”, composto por André Bueno e retirado da obra de SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira: do engenho à universidade**. 2. ed. São Paulo, 1995, p. 249.

esta cidade pode ser considerada a precursora¹⁰ da capoeiragem. Isso por ter sido demonstrado que, durante o século XIX, a Capoeira era uma prática comum nas ruas da antiga *Corte*, participando ativamente do cenário social e político. Esse dado, de certa forma, derruba algumas suposições presentes até hoje de que a "verdadeira" Capoeira nasceu na Bahia, no século XX, por intermédio de mestres da década de 30. Veremos adiante, no decorrer das descrições históricas, como surge essa afirmação e outros paradigmas referentes a essa manifestação cultural.

Vamos situar o leitor a respeito das documentações existentes sobre a Capoeira, datadas a partir do início do século XIX, período em que está inserida num contexto urbano. Os dados obtidos dessa época pautam-se basicamente em levantamentos sobre as passagens criminais dos capoeiras na antiga *Corte*. Apesar de também existirem documentos sobre a sua prática em outras cidades (Salvador, Recife, Belém), em períodos próximos, até este momento foram considerados os do Rio de Janeiro os mais importantes com relação à quantidade e qualidade.

Se analisarmos especificamente as questões relativas aos escravos dentro dessa sociedade, podemos recorrer a Carlos E. L. Soares¹¹, que mostra que a cultura africana desenvolvida no Brasil foi singular, porque as diferentes culturas de um continente como a África, viram-se reunidas pelo mesmo traço característico, ou seja, a mesma situação escrava e estrangeira num país que se apresentava hostil. Apesar dos escravos encontrarem-se subjugados, não podemos acreditar que suas relações pautavam-se somente na solidariedade mútua.

Sendo assim, adotaremos os pressupostos do autor, que interpreta a sociedade brasileira no seio da escravidão negra no século XIX, procurando romper com determinados paradigmas da historiografia. Ele diz que

[...] A resistência escrava enquanto um mecanismo heterogêneo, matizado pela dinâmica cultural, e tendo variados significados, é o enfoque que acreditamos mais fértil do que certas posições 'politicamente corretas', mas que não respondem às perguntas da documentação (SOARES, C.E.L., 1993, p. 8).

¹⁰ Apesar de usarmos o termo *precursora*, não queremos dizer que a Capoeira tenha nascido no Rio de Janeiro, mas apenas que a documentação existente aponta para o fato de que sua prática era mais comum e, talvez, a mais antiga já registrada.

¹¹ Trabalho de SOARES, Carlos Eugênio L. *A negregada instituição: capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Ele ainda se reporta à cultura como "[...] um processo em constante difusão, e que reflete as relações dentro da sociedade, se intercambiando entre livres e escravos em uma troca permanente[...]" (SOARES, C.E.L., 1993, p. 8).

Dentro dessas considerações, este autor, em seus trabalhos¹², nos aponta um universo complexo. Dentre outras coisas, ele aborda em suas duas obras a Capoeira escrava na primeira metade do século XIX e a etnia dos escravos-capoeiras. Traz ainda o debate sobre os mecanismos de resistência escrava no ambiente opressor da cidade do Rio de Janeiro, a formação das maltas e sua composição, a influência dos imigrantes portugueses na Capoeira, a participação dos capoeiras na política Imperial, na Guerra do Paraguai, nas Forças Armadas e as repressões sofridas por essa prática cultural durante todo o século XIX.

Outro estudioso que trata da Capoeira no final do século XIX e início do XX, também no Rio de Janeiro, é Antônio Liberac C. S. Pires¹³. Compreendendo o período de 1890-1937, ele apresenta uma visão geral sobre a capoeiragem (as práticas culturais, sociais, políticas e econômicas dos capoeiras), as relações de solidariedade e conflito vividas pelos praticantes bem como suas faixas etárias, ocupações, raças, condições habitacionais e familiares. O autor também estudou neste trabalho alguns tópicos já explorados por nós, tais como: a construção de símbolos étnicos, identidades sociais, a origem e os paradigmas dessa prática cultural. Procurando romper, principalmente, com a visão existente sobre a Capoeira como prática de marginais, o autor utiliza-se da documentação existente para demonstrar que esta era estreitamente vinculada à classe trabalhadora. Além disso, ele realiza uma revisão bibliográfica sobre o tema, o que nos facilitou o processo de seleção de obras que foram inseridas neste estudo.

Já Letícia V. S. Reis¹⁴ elaborou um trabalho sobre a reinvenção das tradições da

¹² Estamos nos referindo aos seguintes trabalhos: *A negregada instituição: capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*, citada em nota de rodapé anterior e SOARES, C.E.L. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)*. Campinas: UNICAMP/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.

¹³ Nesta abordagem utilizaremos somente a dissertação de mestrado de Pires (1996). Em outro capítulo deste estudo, levaremos em conta sua tese de doutorado para compreender a formação da Capoeira Contemporânea no século XX.

¹⁴ Trata-se do livro de REIS, Letícia Vidor de Sousa. *O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

*Capoeira Moderna*¹⁵, analisando os grupos de Capoeira que adotam o modelo de *Capoeira-Esporte* (pautado nas regras da Federação Paulista de Capoeira) para desenvolver sua prática e aqueles que não aderem a esta forma. Como se trata de uma obra da área de Antropologia, sua análise se baseou na formação dos conceitos de raças *branca* e *negra*, a partir das maneiras diferenciadas de visão de mundo que cada uma possui, não classificando os indivíduos pela cor da pele, mas sim pela sua construção cultural. Porém, na presente abordagem, utilizaremos especificamente o primeiro capítulo de seu livro que fala da história da Capoeira e, posteriormente, recorreremos aos seus escritos, dada a riqueza apresentada em seu trabalho.

Reportando-nos a esses autores, faremos uma síntese sobre a prática da Capoeira no decorrer do século XIX.

Na 1ª metade do século XIX, ela é praticada por um grande contingente de escravos africanos. Os dados foram baseados na grande entrada de presos na Casa de Detenção (Calabouço), por prática da capoeiragem. As penas correccionais aplicadas aos escravos-capoeiras consistiam em açoites (de 100 a 300 chibatadas), prisão e/ou trabalhos forçados em obras públicas, como no Dique do Arsenal da Marinha¹⁶.

No entanto, verificou-se uma série de pressões exercidas pelos proprietários de escravos com relação às ações do aparato repressor do Estado, pois com a apreensão e punição dos escravos-capoeiras, viam-se desprovidos dos trabalhos exercidos por eles, sofrendo prejuízos. Essas relações conflituosas entre a ordem policial e os senhores de escravos eram constantes e ora beneficiavam os senhores (e, conseqüentemente, os capoeiras), abrandando as penas correccionais, ora apresentavam-se intransigentes pelo governo, diante das ondas de rebeliões e movimentos emancipatórios apresentados no contexto social da época.

Mesmo assim, não se vê na análise feita por Carlos E. L. Soares (1993) a diminuição da prática da Capoeira. Muito pelo contrário, o aumento se acentua no decorrer

¹⁵ Este termo é adotado para designar o período após a década de 1930, estudado por REIS (1997) e pode também ser encontrado com a designação de *Capoeira Contemporânea*, como utiliza PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

¹⁶ Para se obter mais informações sobre as penas sofridas pelos capoeiras na primeira metade do século XIX, ver SOARES, C. E. L. “Da Presiganga ao dique: os capoeiras no Arsenal da Marinha” In SOARES, C.E.L. A

dos anos, culminando na 2ª metade do século XIX na incrementação das ações das *maltas*¹⁷ de capoeiras cariocas.

Verifica-se nos estudos que, em meados do século XIX, quase a metade da população do Rio de Janeiro (41,5%)¹⁸ era composta por escravos, o que gerava um clima de muita insegurança para o governo e para a elite branca carioca, que viam sombras de possíveis levantes em qualquer ação suspeita dos negros. O medo tomava conta dos senhores da sociedade escravocrata.

[...] o medo da explosão negra, de multidões de pretos armados invadindo casas e incendiando residências, medo da politização, mas um medo oculto, solerte, noturno, como uma força estranha que se move abaixo dos pés, uma sombra que se movimenta no beco escuro, um olhar de fúria no meio da multidão (SOARES, C. E. L., 2001, p. 509)

Na maior cidade negra das Américas, qualquer brecha na ordem repressiva poderia ser decisiva para o desencadeamento de ações rebeldes, mas também uma punição inescrupulosa ou deveras violenta por parte dos senhores poderia ser a gota d'água para a revolta generalizada. Nessa sociedade permeada pela desconfiança e temor, existiam mecanismos compensatórios para o controle da massa escrava e alívio das tensões geradas em um cotidiano conflituoso. Essas “válvulas de escape” consistiam em pequenas concessões dadas aos escravos, como as saídas noturnas, os descansos aos domingos ou a não demonstração de desagrado diante de alguns pequenos “delitos”, como jogar capoeira, jogar *casquinha*¹⁹, brincar o *entrudo*²⁰ ou participar de batuques. Todas essas ações contrariavam a ordem policial, que buscava exercer um controle sobre os ajuntamentos de negros e repreendê-los através das leis, temendo a organização de movimentos de contestação ao regime escravocrata.

É interessante notar que na segunda década do século XIX, a Capoeira era vista

capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850). Campinas: UNICAMP/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.

¹⁷ O aparecimento nos registros policiais de grupos de capoeiras denominados *maltas* iniciou-se no começo do século XIX, o que nos revela que esta prática era uma forma de congregar os cativos. As *maltas* tinham características próprias e a princípio eram formadas basicamente de escravos de variadas etnias. Com o decorrer do tempo passaram a ser também compostas por libertos, imigrantes e brancos pobres.

¹⁸ Dado fornecido de acordo com o censo de 1849. In CHALHOUB apud REIS, L. V. S. **O mundo de pernas para o ar:** a Capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 1997, p. 66.

¹⁹ Um jogo realizado pelos escravos principalmente nos largos e praças (rossios) e que, por seu caráter aglutinador, despertava a perseguição policial. Para saber mais sobre este assunto, consultar SOARES, C.E.L., op.cit., pp. 180 - 181.

²⁰ Prática cultural *ancestral* do carnaval, mais detalhes em SOARES, C. E. L., op.cit., pp. 180 - 181.

como um jogo, sendo assim registrada pelos escrivães da polícia, alterando sua conotação para luta de rua a partir do aumento da população escrava na Corte e a escalada de violência entre seus contendores.

Os locais prediletos para sua prática e suas ações eram as praças e largos. Carlos E. L. Soares (2001, p. 174) chama-nos a atenção para a questão de não deixar de ser irônico “[...] o fato de ser exatamente nestes largos que as autoridades plantaram os moirões e pelourinhos, para o castigo público exemplar dos escravos envolvidos com desordens e capoeiragem”.

No entanto, os castigos infligidos aos capoeiras não os intimidavam. Aos poucos estes homens foram forjando na história do Rio de Janeiro Imperial a força exercida pela Capoeira nos confrontos de rua.

Foi em 1828, na revolta dos mercenários irlandeses e alemães²¹, que os capoeiras (notadamente os escravos-capoeiras) demonstraram à sociedade carioca a capacidade combativa que possuíam. Os soldados amotinados nos quartéis reivindicavam, entre outras coisas, o pagamento dos soldos, a melhoria da alimentação e, principalmente, o abrandamento dos castigos físicos aplicados a eles pelos oficiais brasileiros do alto comando. Diante da insensibilidade aos seus pedidos, aqueles saíram às ruas causando grande desordem na cidade, que foi saqueada, tendo casas invadidas e pessoas mortas devido aos tiroteios entre os soldados mercenários e as forças militares brasileiras. No entanto, a defesa brasileira composta pela Imperial Guarda de Polícia e as Forças Militares era insuficiente para combater os amotinados. A única solução foi armar os escravos negros para ajudá-los nas batalhas. Uma vez armados, era natural que alguns desses escravos se sobressaíssem, e foram aqueles acostumados com os conflitos de rua, neste caso os capoeiras ou moleques (como eram também chamados), que se destacaram, mostrando toda sua eficiência.

De acordo com uma das testemunhas do conflito,

[...] enquanto os militares atuaram de forma humana e louvável, a plebe mostrou-se de uma ferocidade atroz. Os moleques atacavam com suas facas todos os estrangeiros que encontravam por

²¹ A descrição completa deste episódio encontra-se em SOARES, C.E.L. “De motins e revolução: os capoeiras e os movimentos políticos de rua” in SOARES, C.E.L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)**. Campinas: UNICAMP/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001, pp. 323-341.

perto e os mutilavam de forma selvagem. Alguns, segundo fui informado, eram perseguidos até a morte e depois esquartejados por seus algozes (SOARES, C. E. L., 2001, pp. 329 – 330).

Toda esta severidade ao abordar as atitudes da plebe, mesmo a favor dos “cidadãos de bem”, tinha como pano de fundo o medo de que, após o controle do levante militar, não houvesse mais como reprimir os escravos armados. De acordo com a mesma testemunha, “Pouco temos a dizer sobre o comportamento dos pretos. Eles têm valor. Porém de valor cego, originado de ferocidade, Deus nos livre. Eis um exemplo do que são capazes as raças africanas desenfreadas” (SOARES, C. E. L., 2001, pp. 329 – 330).

Esse medo era justo, uma vez que as tropas policiais tiveram muito trabalho para obter sucesso no desarmamento dos escravos participantes da batalha contra os mercenários estrangeiros. Esse episódio mostrou aos governantes a suscetibilidade da segurança pública e a ameaça iminente de uma revolta dos cativos.

Por sinal, os boatos sobre levantes, revoltas e insurreições escravas eram constantes, o que gerava pânico na população branca e fazia com que os órgãos ligados ao policiamento e segurança pública, periodicamente, lançassem mão de dispositivos de controle e repressão. Desde os remotos tempos do intendente de polícia de Dom João VI, o Sr. Paulo Fernandes Viana, auxiliado pelo imortalizado Major Vidigal²², até o Dr. Eusébio de Queirós Coutinho Matoso Câmara - passando por intendentes, chefes de polícia e ministros da justiça, alguns famosos, outros nem tanto -, a Capoeira foi com certeza a prática rebelde que mais sofreu perseguições pela justiça imperial²³. Segundo Carlos E. L. Soares (2001, p. 547), “O aparato repressivo mobilizado para dar fim à capoeira – meta do Estado colonial, depois imperial, totalmente malsucedida [...] chamou a atenção dos donos do poder no regime escravista e causou preocupação aos tradicionais dirigentes do Estado do Brasil”.

Como pudemos ver, apesar de tantas tentativas de suplantar a Capoeira, percebe-se, de acordo com os registros policiais, que em meados do século XIX ocorreu a diminuição da participação dos escravos africanos e o aumento de outros setores na *arte da capoeiragem*. Isso talvez se deva a fatores como a repressão ao tráfico negreiro pelas

²² O Major Vidigal tornou-se uma figura lendária, imortalizado nas páginas de ALMEIDA, Manuel A. de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Klick, 1997 (edição original 1852- 1853).

²³ Em SOARES, C.E.L. “De Vidigal a Eusébio: a estratégia do terror” in SOARES, C.E.L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)**. Campinas: UNICAMP/Centro de

autoridades²⁴, o aumento da migração dos cativos às plantações de café no interior do Rio de Janeiro e São Paulo e o início do incentivo ao trabalho de imigrantes para a formação de uma nova sociedade, fundada no trabalho livre e industrializado.

Nesse contexto, foi possível notar a incrementação dos grupos de capoeiras, as maltas, que passaram a ganhar notoriedade neste período histórico. Divididas, no Rio de Janeiro, em dois grandes territórios - o dos *Guaiamuns* e o dos *Nagoas* -, elas agiam em defesa própria para assegurar o domínio do seu *pedaço* e garantir sua opção política (que no decorrer da história, na maioria das vezes, era divergente). Cada uma delas era subdividida em freguesias²⁵, possuindo nomes peculiares aos locais onde se encontravam, por exemplo: a Freguesia da Glória era a *Flor da Gente*, a Freguesia de Santana era a *Cadeira da Senhora*, a Freguesia de São José era o *Velho Carpinteiro* e assim por diante.

Cada malta possuía seu chefe e suas regras (com seus rituais de conflito, sistemas de hierarquia, metodologias de ensino da *Arte*, etc.).

A adesão à malta em geral era efetuada no período de adolescência do indivíduo, que, de certa forma, afirmava-se como homem à medida que sua participação como capoeira era reconhecida pelos companheiros. Além disso, Carlos E. L. Soares (1993) relaciona a prática da capoeiragem como um rito de passagem para a fase adulta, cuja abrangência dos participantes incluiu, no decorrer do tempo e de sua disseminação, representantes de todas as classes sociais. É mencionada nos estudos, também, a participação de crianças denominadas *caxinguelês*²⁶, que se prestavam a executar tarefas às maltas e aos seus participantes, e se preparavam para assumir posteriormente o papel de capoeiras.

Pesquisa em História Social da Cultura, 2001, pp. 427 – 549. Temos um capítulo que o autor trata especificamente da repressão à capoeiragem durante toda primeira metade do século XIX.

²⁴ A Lei *Eusébio de Queirós*, proibindo o tráfico de escravos africanos, foi assinada em 1850.

²⁵ A denominação *freguesia* significava pedaços da cidade que eram divididos territorialmente, o que atualmente chamamos de bairros. Esse termo remete-nos à forte influência da cultura portuguesa no Brasil naquele período.

²⁶ Pode-se comparar o papel desempenhado pelos *caxinguelês* das maltas ao dos *aviões* de hoje. Estes *aviões* são as crianças e adolescentes que participam do tráfico de drogas, levando mensagens aos chefes do narcotráfico e realizando transações envolvendo substâncias entorpecentes nos morros cariocas. Nestor Capoeira (2000) aborda esse tema em uma crônica na qual traça um paralelo entre as antigas maltas e as atuais *gangues* de vendas de tóxico no Rio de Janeiro. CAPOEIRA, Nestor. **Revista Capoeira**. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 8, jul./ago. 2000, p. 50.

À medida que há uma maior participação dos imigrantes portugueses nas maltas, é possível notar as influências culturais nesse convívio. Carlos E. L. Soares²⁷, de forma hábil mostra em seu trabalho a interpenetração cultural, representada, por um lado, pelo fadista de Lisboa (tido como um boêmio, marginal) que, vindo de seu país com suas gírias e seu comportamento rebelde, se defronta com o capoeira carioca, que possuía uma identidade própria semelhante a dele. Talvez a maior contribuição dada pelo fadista à capoeira tenha sido a navalha, que se tornou o símbolo dos capoeiras dessa época e perdura até hoje, como um elemento de fascínio e representatividade nas atuais academias de Capoeira.

Apesar de termos identificado nas maltas o aspecto de combate, até mesmo enquadrando-as como uma organização paramilitar, existem também aspectos ligados à ludicidade na manifestação da Capoeira. No início do século XIX, os primeiros registros se referiam a ela como um tipo de *jogo* ou *folgado*. Vários autores que abordam o assunto não omitem essas características, que são lembradas de forma marcante como, nesta citação de Carlos E. L. Soares (1993, p. 100): "Nas distintas visões que observamos, os capoeiras, os donos da rua do Rio do século XIX eram parte integrante das três formas principais da vida lúdica urbana: a procissão católica, o desfile militar e o carnaval do povo".

Outra característica que denota o aspecto lúdico manifestado na Capoeira diz respeito à musicalidade ligada à sua manifestação, tanto nos momentos do brincar como nos momentos de conflito. As demonstrações de agilidade corporal através de acrobacias realizadas nos adros e torres de igrejas e à frente das paradas militares demonstram a audácia dissimulada através da demonstração lúdica e irreverente dos capoeiras perante a sociedade da época.

A participação constante desses capoeiras nas festas populares sugere a importância dos tempos livres para os escravos, momento destinado às suas práticas culturais, na qual havia a maior ocorrência de ações de transgressão à ordem nessas ocasiões de confraternização. Carlos E. L. Soares (2001, pp. 184 – 185) nos coloca que

[...] Este costume de reunir os grupos nos domingos e feriados religiosos se manteve inalterado por todo o século (XIX)... Podemos afirmar que os capoeiras estavam fazendo uso de mecanismos típicos do inconformismo escravo, seja no campo ou na cidade, no Caribe ou no Brasil. Em todas as partes da América

²⁷ Trata-se da obra de SOARES, C. E. L. *A negregada instituição: capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p.215. Onde o autor dedica um capítulo para tratar do assunto.

em que se manifestou a rebeldia escrava, os dias de festas, ou de não-trabalho, eram aproveitados para o planejamento de motins, rebeliões, revoltas [...]

Esse mecanismo de resistência à ordem vigente não foi o único usado pelos capoeiras no decorrer do século XIX. Uma outra forma de resistir à repressão era tornar-se um agente repressor, invertendo sua condição social. Esta possibilidade é revelada através das fontes bibliográficas²⁸ que apontam os laços de camaradagem entre os soldados *mantenedores da lei* e seus transgressores. Ainda utilizando as colocações de Carlos E. L. Soares (2001, p. 110), podemos citar as seguintes palavras:

[...] Num novo recurso para escaparem da sanha repressiva das autoridades policiais, capoeiras escravos ou livres assentam praça nos regimentos militares para permanecer ocultos ou conseguir novos companheiros na caserna. Os escravos, quando descobertos, eram entregues aos seus senhores, e os livres tinham maior chance de continuar. De uma forma ou de outra, parece que o Batalhão de Artífices, do Campo de Santana, é o preferido pelos capoeiras, pois as denúncias contra elementos dessa unidade são constantes.[...]

Essa artimanha perdurou por todo o século XIX e atingiu seu ápice por ocasião da Guerra do Paraguai, na qual a presença de escravos e capoeiras foi expressiva. A partir desse episódio²⁹, nota-se o começo das interpenetrações culturais entre a Capoeira e as instituições militares, tanto da época como atualmente³⁰. Também podemos perceber os primeiros indícios da busca de inserção da Capoeira como uma luta de defesa pessoal no interior das Forças Armadas Brasileiras. Detalharemos este tema no decorrer da abordagem que relaciona a Capoeira com a educação física.

No período compreendido entre meados e fins do século XIX, vemos que a Capoeira, por possuir uma forte representatividade no meio social, principalmente entre os jovens, começa a ter uma maior aceitação por outras classes sociais. Sendo conhecidos como capoeiras amadores ou *cordões elegantes* (grupos de capoeiras da elite carioca), alguns deles participavam das maltas, outros só aprendiam o jogo e dele se valiam quando se fazia necessário. Dentre os capoeiras amadores mais famosos, havia intelectuais como

²⁸ Carlos E. L. Soares (1993, 1994, 2001) e Antônio L. C. S. Pires (1996, 2001) fazem referência ao envolvimento dos capoeiras com as Forças Armadas Brasileiras.

²⁹ Pode-se obter mais detalhes desse fato no trabalho de SOARES, C. E. L. *A negregada instituição: capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

³⁰ Um pequeno exemplo desse fato são as músicas de capoeira que falam sobre a Guerra do Paraguai, narrando as aventuras dos soldados-capoeiras e exaltando sua valentia.

Plácido de Abreu, políticos como Floriano Peixoto (quando jovem) e um dos responsáveis pela maior repressão à capoeira no século XIX, Sampaio Ferraz.

Mas o mais famoso de todos, neste contexto, e que quase gerou uma crise ministerial no governo de Deodoro Sampaio, foi José Elysio dos Reis, o Juca Reis, filho do Conde de Matosinhos, dono do jornal *O paiz*, "padrinho político" de Quintino Bocaiúva, ministro das relações exteriores do recém-implantado governo republicano. Sua história é muito conhecida pelos autores que escreveram sobre a repressão da Capoeira, podendo ser encontrada nas obras do meio capoeirístico em Areias (1983), Zulu (1995), Capoeira (1992), naquelas advindas da área de Educação Física e também na Antropologia, Sociologia e na História.

A prisão de Juca Reis, efetuada por Sampaio Ferraz, chefe de polícia nomeado pelo presidente da República, desestabilizou as estruturas governamentais, porque Quintino Bocaiúva não permitiria a repressão sobre "um dos protetores das idéias republicanas" e ameaçava renunciar ao cargo. Por outro lado, os republicanos, principalmente Sampaio Ferraz, haviam prometido exterminar a Capoeira do Rio de Janeiro e não faziam distinção entre os presos por esta prática, defendendo punição a todos. Esse impasse foi resolvido após muitas negociações e desavenças; por fim, o acusado foi condenado e enviado a Fernando de Noronha para cumprir pena e, pouco tempo depois, extraditado para Portugal.

Esse episódio revela que a cultura da capoeiragem, cada vez mais, possuía uma penetração em outras classes sociais, diferente da classe escrava e subalterna. Esse era um sinal que soava ameaçador à República recém-implantada, que tinha a necessidade de controlar os negros e a população mais pobre das cidades, principalmente da Capital Federal, onde primordialmente a Capoeira se expandia.

Por esse motivo, entre outros, a onda de repressão sofrida pela Capoeira, como já foi dito, perdurou durante todo o século XIX e variava de acordo com os interesses políticos. Podemos apontar que as maltas tinham uma intimidade muito grande com as lideranças políticas. Muitas daquelas serviram como braços armados e cabos eleitorais, fazendo a fama de muitos de seus líderes, como Manduca da Praia, que é lembrado até hoje em canções de capoeira.

Letícia V. S. Reis (1997, p. 52) traça um paralelo muito interessante sobre a participação dos capoeiras na política no decorrer da história. Ela compara aqueles que

participavam da capangagem durante o período monárquico e nos primórdios da República com os que atualmente prestam serviço como seguranças aos sindicatos ou centrais de trabalhadores, que, de acordo com sua filiação, apóiam seus candidatos e garantem a “tranqüilidade” das eleições.

É certo que a participação das maltas de Capoeira na vida política do país incentivou a perseguição a elas, de forma demasiada, assim que tivemos o golpe militar instituindo a República, uma vez que, mesmo tendo maltas adeptas à campanha republicana, coube aos dirigentes do novo regime assegurar seu poder e dirimir quaisquer possíveis ameaças que pudessem impedir o fortalecimento da "nova nação". Entre essas ameaças, encontravam-se os negros recém saídos da escravidão, que constituíam um “entrave” para o desenvolvimento do país, de acordo com os paradigmas da inferioridade racial da época, assim como os monarquistas que não apoiavam o novo regime. Complementavam esse grupo quaisquer outros tipos de sujeitos que não fossem ao encontro das aspirações sociais do recém-implantado governo (dentre eles os capoeiras, as prostitutas, os jogadores, os "biscateiros", os malandros, etc.).

Assim, quando o novo regime subiu ao poder com a promessa de acabar de uma vez por todas com a *doença moral*³¹ que afligia a todos os cidadãos fluminenses, a Capoeira sofreu a maior repressão policial de que já se havia tido notícia.

No cargo de chefe de polícia, Sampaio Ferraz, conhecido pela alcunha de *Cavanhaque de Aço*, a partir de 1889, perseguiu as maltas e prendeu os maiores capoeiras do Rio de Janeiro e os deportou para a ilha de Fernando de Noronha/PE, onde cumpriram pena por capoeiragem antes mesmo de vigorar qualquer lei a respeito do assunto.

Em 11 de outubro de 1890, o novo Código Penal da República enquadra a Capoeira como delito ou contravenção criminal.

CAPÍTULO XIII

Dos vadios e capoeiras

Art. 402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem: andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de

³¹ Termo reutilizado por REIS, Leticia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997; pp.64 – 65; para abordar os tipos de visões apontadas pelos cientistas da época quando tratavam do tema.

produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta ou incutindo temor ou algum mal:

Pena: De prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único - É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art. 403 - No caso de reincidência será aplicado ao capoeira, no grau máximo a pena do art. 400. (Pena de um a três anos em colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim serem aproveitados os presídios militares existentes)

Parágrafo único - Se for estrangeiro será deportado depois de cumprir a pena.

Art. 404 - Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídios, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranqüilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (MARINHO, I., 1945, pp. 24 – 25).

A partir daí, a Capoeira entra oficialmente para a marginalidade. Mas mesmo assim ela não foi exterminada, apesar das maltas terem sofrido uma grande dissolução e desaparecerem no decorrer do século XX.

Através dos estudos de Pires (1996), vemos que houve uma lenta desarticulação do movimento dos capoeiras, que no final do século XIX, muitas vezes se organizavam através das ocupações profissionais, o que facilitava sua comunicação e mobilização. Daí podemos concluir que os capoeiras não eram vadios, como o código penal apregoava e como ficou conhecida a sua figura até hoje. Podemos remeter essa imagem do capoeira vadio ao contexto de uma política disciplinadora dos corpos que começava a ganhar força no seio da sociedade brasileira.

Transcorreu praticamente meio século desde quando a Capoeira foi proibida e perseguida, mas resistiu e chegou até os dias de hoje através de uma tradição que superou preconceitos e *jogou* com as instâncias do poder para sobreviver e ser aceita pela sociedade.

Sua resistência se deveu a várias frentes, algumas de índole conservadora, outras com o caráter emancipatório. Começaremos a ver como os focos de resistência à repressão desta manifestação cultural foram tecidos, no início do século XX.

IV - Vivendo no fio da navalha... Malandros, valentões, arruaceiros, capadócios e heróis - uma parte da memória da capoeiragem

Para continuarmos a tratar do percurso histórico da Capoeira, após sua proibição em 1890, eis um questionamento que se tornou um paradigma quando nos referimos a ela: quem nunca relacionou a prática da Capoeira com a malandragem?

Ainda hoje, em algumas situações, ouvimos falar que a Capoeira é coisa de malandro, de marginal... Veremos um pouco o porquê desta relação e quais os motivos que levaram à sua associação ao mundo da malandragem, principalmente, a carioca. Nos embasaremos no trabalho de Maria Ângela B. Salvadori³² para tratar deste tema e complementaremos o panorama da época com as obras de Roberto Moura³³ e Nicolau Sevcenko³⁴.

A recuperação desta fase da Capoeira ainda é cercada por muitas dúvidas e romantismo, pois se criaram vários mitos e histórias a respeito dos personagens pertencentes a tal período, como, o famoso *Madame Satã (malandro-capoeira da Lapa)* ou *Prata Preta (malandro-capoeira que participou da Revolta da Vacina)*³⁵. Além disso, no início do século XX, a repressão à classe subalterna foi deveras hostil, sendo que as poucas fontes de pesquisa sobre os acontecimentos ocorridos no interior desta classe foram forjados pelos detentores do poder, como as passagens criminais que servem de pista para os escritos de Salvadori (1990) e outros pesquisadores da Capoeira³⁶.

Para situarmos o leitor, é necessário dizer que houve transformações sociais que atingiram em cheio o modo de vida da classe dominada no Brasil, fazendo com que ocorresse um processo de resistência e adaptação deste setor às mudanças implementadas pelo governo, principalmente na Capital Federal, Rio de Janeiro. Foi neste contexto que

³² SALVADORI, Maria Ângela Borges. **Capoeiras e Malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890 – 1950)**. 1990. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

³³ MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

³⁴ SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, pp. 513-519.

³⁵ As histórias que se referem a estes *capoeiras-malandros* alimentam o imaginário dos praticantes atuais de capoeira e perpetuam uma rica tradição oral desta manifestação cultural. Existem também obras literárias que fazem referência a alguns desses mitos, como o livro de SODRÉ, Muniz. **Santugri**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

³⁶ Nos referimos aos autores das obras já citadas e discutidas no decorrer deste capítulo que perfazem a história da Capoeira no século XIX e início do século XX.

surgiu a figura do malandro, que transita no imaginário brasileiro num misto de herói e bandido. Porém, antes de falarmos desta figura, devemos abordar as políticas sociais da recém-implantada República, o tratamento destinado à camada da população de menor poder aquisitivo e como ocorreu a interpretação do malandro neste ambiente.

O sistema social da época (1889 até aproximadamente 1930) destinava uma série de leis e normas que criaram preconceitos e que prejudicaram a classe dominada, notadamente os negros. Dentre as visões preconceituosas, temos o *mito* de que o brasileiro era preguiçoso por natureza³⁷. Essa concepção *naturalista*, a que já nos referimos anteriormente, veiculada e reforçada nesta época, se pautava em conceber o trabalho como uma tarefa degradante e inferior, que deveria ser cumprida pelos negros e mestiços. É importante levar em consideração que esse foi um dos discursos que mantiveram o regime escravocrata inalterado em três séculos neste país.

Diante disso, era necessário tornar o trabalho uma atividade positiva, remetendo-o a uma tarefa digna e compensadora, pois se buscava implementar uma sociedade pautada no capitalismo industrial, cabendo, principalmente, aos brancos e imigrantes a tarefa do trabalho assalariado nas fábricas, restando aos negros e mestiços a rua como meio de sobrevivência. Neste ponto, questionamos as argumentações de Salvadori (1990, p. 69), que defende a posição referente à busca de serviços autônomos por parte dos ex-escravos e mestiços por não desejarem se submeter diretamente a um patrão ou a um horário delimitado. Ela se baseia na obra de Sidney Chalhoub (1989), *Visões da Liberdade*³⁸, na qual, para o autor, na **cidade negra** (ambiente urbano do Rio de Janeiro Imperial), os escravos traçaram suas próprias estratégias de resistência nos interstícios das redes de solidariedade, mantidas, na maioria dos casos, pelos trabalhadores de rua – escravos de ganho - que serviram como mediadores das relações entre escravos e senhores, dada sua autonomia em relação aos demais.

Na realidade não ignoramos essa possibilidade, uma vez que os processos históricos vão sendo traçados no decorrer do tempo, e negá-la é desmerecer as lutas de resistência dos

³⁷ Podemos recorrer a Salvadori (1990, p. 37), que cita a obra literária de Aluísio de Azevedo (1890) para demonstrar o abasileiramento do personagem Jerônimo, um imigrante português, trabalhador e cheio de ambições que se transforma em um indivíduo preguiçoso, repleto de vícios e amante da ociosidade, o que reforça o mito de o brasileiro possuir, naturalmente, uma índole preguiçosa.

³⁸ CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**. 1989. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas apud Salvadori (1990, p. 37).

escravos. No entanto, percebemos, além desta busca de autonomia, a não absorção desta mão-de-obra, encarada como desqualificada para o novo trabalho industrial - por ser escrava -, e o preconceito existente em relação ao mito do escravo indolente e indisciplinado.

Roberto Moura (1983, p. 12) contempla esse assunto com a seguinte visão:

A intensa imigração de operários europeus que ocorre no período não vinha atender às necessidades internas de mão-de-obra, já que esta era abundante, se justificando não só pelas vantagens técnicas que os estrangeiros ofereciam as nossas primeiras indústrias – que não investiriam no treinamento de trabalhadores nacionais – mas principalmente pelas ideologias raciais que suportavam os grandes investimentos do Estado, que via o imigrante como agente culturalmente civilizador e racialmente regenerador de um Brasil idealizado por suas modernas classes superiores.

E ainda segundo ele, “A ruptura determinada pela Abolição, [...] não ofereceria para a maior parte dos negros alternativas para a reordenação de suas vidas a partir de sua nova posição social, a não ser aquelas por eles mesmos construídas[...]” (MOURA, 1983, p. 12)

Concordamos com estas afirmações porque elas dão conta dos aspectos que envolviam a população de origem escrava e mestiça e que faziam-na mergulhar em uma complexa rede de controle, na qual lhe era cobrado o trabalho regular e disciplinado, para que pudessem se encaixar nos padrões sociais desejados - domicílio certo, família pautada nos padrões higiênicos, etc. - ao mesmo tempo em que o sistema social não lhe permitia a obtenção deste trabalho e o estabelecimento de condições mínimas de sobrevivência. Neste contexto, vemos a manutenção de algumas práticas escravas que ajudaram essa população a sobreviver neste sistema desfavorável, tecendo teias de solidariedade entre a nova classe trabalhadora no período pós-abolição.

No caso específico do Rio de Janeiro, no início do século, os mecanismos de controle e opressão jurídica aos desempregados, vadios, prostitutas e toda ordem de marginalizados funcionavam em grande escala, haja vista o próprio código penal de 1890. Além da repressão policial, outros procedimentos foram tomados no intuito de *limpar* a cidade da presença das indesejáveis figuras que representavam o *atraso da Nação*. De acordo com Maria Ângela B. Salvadori (1990, pp. 41–42):

A questão sanitária foi amplamente discutida no fim do século passado (séc. XIX), levantando a necessidade de sanear as moradias populares e erradicar as epidemias, também associadas imediatamente à pobreza. Os discursos jurídicos identificavam a vadiagem à população pobre carioca, especialmente aos negros, nos discursos médicos e nas falas de higienistas, a pobreza era

vista como ameaça de saúde da cidade e, portanto, alvo principal de seu ataque. Sanear a cidade era, em primeiro lugar, controlar e higienizar seus locais de moradia, uma tarefa que, contraditoriamente, era barrada pelo crescimento populacional e pela exploração que empurrava esta população, cada vez mais, para os morros e favelas cariocas[...]”³⁹

Esta necessidade decorria, principalmente, da importância que o Rio de Janeiro possuía no cenário brasileiro, ocupando o lugar de “[...] sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visita do país, atraindo tanto estrangeiros como nacionais” (SEVCENKO, 1998, p. 522). E, para que fosse concretizado o sonho da *grande metrópole brasileira*, a reforma *Pereira Passos*, nome do seu realizador, que, na época, era prefeito da cidade, teve como objetivo remodelá-la e dar-lhe formas européias. Para isso, foi essencial a retirada da população pobre da zona central – que morava nos cortiços -, a qual foi empurrada para a periferia e morros. Uma vez afastada do centro da cidade, através do *bota-abaixo*⁴⁰, era mais fácil controlar a presença da *ralé* nos modernos bares, *boulevarts*, cassinos, teatros e nas largas ruas que compunham a nova moldura cidadina, repleta de novas tecnologias.

No entanto, apesar deste esforço, a população negra e mestiça adentrava o *espaço modelar* do Rio de Janeiro, através de sua mão-de-obra, para trabalhos domésticos (faxineiras, babás, motoristas,...), serviços de rua (vendedores ambulantes, ratoneiros, carregadores, garis...) e, principalmente, por meio de seus hábitos culturais (músicas, danças, comidas, festas,...). Esses recursos, construídos historicamente, fizeram com que houvesse uma recomposição das tradições escravas, adaptando-as à nova realidade. E nesta perspectiva que começaremos a entender os rumos que a Capoeira tomou neste novo contexto.

As antigas maltas foram perseguidas acirradamente a partir do código penal de 1890, o qual inseriu a Capoeira como uma prática ilegal (artigo 402). Porém, nem tudo se perdeu dessas organizações. No estudo de Salvadori (1990), são traçados alguns paralelos

³⁹ O tema da política higienista/eugenista, que abrange o fim do século XIX e início do século XX, será tratada de forma mais detalhada no próximo capítulo.

⁴⁰ O *bota-abaixo* foi o nome dado ao processo de demolição dos cortiços localizados na zona central da cidade do Rio de Janeiro. Um fato curioso é que com os materiais destas demolições, muitas pessoas construíram seus barracos nos morros. Para saber mais sobre este assunto, consultar: MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, p. 32 e SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio* In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, pp. 541 - 545.

entre os capoeiras que participavam das maltas e uma nova figura que irá ocupar um espaço de destaque neste período histórico, o malandro.

Como dissemos, o malandro é um personagem ambíguo, símbolo de resistência para uns e bandido para outros. De acordo com a autora mencionada,

[...] No senso comum existem duas imagens contraditórias do que é ser malandro. A primeira envolve a identidade coletiva da cidade do Rio de Janeiro, 'made in Brazil' para o consumo externo. Nesta concepção, o malandro aparece como um sujeito bem humorado, bom de bola e de samba, carnavalesco e ligado ao famoso jeitinho brasileiro. Uma história de luta e resistência é transformada em símbolo de nacionalidade marcadamente tropical do país, servindo à proposta de pacificar e conciliar a nação. Do outro lado está a imagem do malandro enquanto um sujeito que não gosta de trabalhar e por isto, potencialmente criminoso. Por aí seguem as impressões daqueles que vêem na pobreza uma ameaça constante e, buscando afastá-la, acabam por empurrar os pobres para a opção pela criminalidade. Por acreditarem que os pobres são perigosos antes de efetivamente o serem [...] (SALVADORI, 1990, p. 259)

A figura do malandro se forjou no bojo das lutas de resistências da classe subalterna, transitando entre a ordem e a desordem. Tal como os capoeiras, travou uma batalha, ao seu modo, contra as instâncias de repressão de seu período. Porém, suas ações não se encaixavam em um projeto coletivo de superação do sistema social, mas sim, em uma não adequação ao modo de vida imposto a toda população, principalmente à classe trabalhadora.

Os malandros queriam freqüentar as ruas de Copacabana, andar de bonde elétrico, usar sapatos de verniz, roupas da moda, relógios de pulso, enfim, eles desejavam consumir os mesmos produtos consumidos pela elite carioca e participar ativamente das noites de boemia e serestas⁴¹.

⁴¹ O texto de Sevcenko (1998, p. 556) aponta as inovações tecnológicas que surgiram no início do século XX. Dentre elas muitas eram restritas à classe abastada da sociedade, como relógio de pulso, roupas da moda, telefone, cosméticos, etc. Talvez a relação mais interessante que pode ser feita sobre o uso de produtos de consumo pelos malandros diga respeito ao sapato. A valorização do uso de sapatos finos, como os de verniz, talvez se deva à importância que este acessório possuía no período da escravidão, pois os escravos não podiam utilizá-lo, a não ser em determinadas ocasiões, ambientes e posição social que seu senhor ocupava. Exemplo disso é que somente escravos de autoridades públicas podiam sair às ruas calçados em uma procissão para acompanhar seus senhores. Além disso, no início do século XX, a maioria da população possuía uma origem rural, sendo a adaptação ao uso de sapatos uma tarefa difícil, para não dizer dolorosa. Portanto, "o andar não nega(va) a origem se os sapatos renega(va)m os pés que os calça(va)m" e os malandros se diferenciavam, eram os "bam-bam-bans" da elegância, porque pisavam macio calçando seus sapatos de verniz branco ou em duas cores (branco e preto), marca registrada da malandragem carioca.

Em uma época em que se exaltava o trabalho e, conseqüentemente, o trabalhador, os malandros eram rotulados como vadios, pois apesar de exercerem um trabalho, não possuíam um vínculo empregatício nos moldes exigidos pelo governo e não seguiam as normas de conduta social destinadas aos *pobres*. Mesmo porque, determinados serviços prestados por algumas dessas figuras não eram exatamente convencionais, muitos se valiam de seu carisma, lábia, valentia e dons musicais para dar seus expedientes e obter seu sustento. Essa maneira de ganhar a vida aproximou a figura do malandro à figura do capoeira. Maria Ângela B. Salvadori (1990, pp. 15-16) nos coloca que:

Dos valores respeitados e praticados pelos malandros, muitos estavam presentes já na figura do capoeira: uma imagem visual diferenciada, com um padrão próprio de elegância, uma mesma origem – pobre e negra – e uma descrença em relação ao trabalho calcada nas experiências da escravidão e na percepção do lugar oferecido aos pobres pela recém-criada República. Compartilhavam ainda de um jeito de corpo muito específico, um andar gingado e de uma grande agilidade de movimentos. Mais do que parentesco era tradição. Por vezes mesmo, capoeiras e malandros se confundiam.

E essa confusão se configurava através de uma série de práticas herdadas pela tradição escrava dos capoeiras, como o modo de se vestir, a experiência de ambos ligada à música e à dança, o *jeito de corpo* – gestualidade marcada pela **ginga** e agilidade corporal -, a valentia, o pertencimento a um determinado *pedaço* da cidade, identificando o grupo/indivíduo com sua comunidade local, as regras morais estabelecidas pelo/entre o grupo social/indivíduo, o senso de humor e ironia, a capangagem eleitoral como uma das formas de se ganhar dinheiro, busca de autonomia em seu trabalho, entre outras formas de aproximação⁴².

Não nos deteremos em pormenorizar essas características, embora percebamos que uma delas deva ser destacada porque nos permitirá compreender algumas reformulações que ocorreram na prática da Capoeira. Trata-se da identificação do malandro com seu *pedaço* - herança das maltas que disputavam as freguesias do antigo Rio de Janeiro. Esta relação comunitária aponta-nos formas de convivência social peculiares a cada região da cidade.

O malandro era reconhecido pelos habitantes de sua *área* através dos seus valores

⁴² Em SALVADORI, M. Â. B. Sambas malandros: tradição, trabalho e amor In SALVADORI, M. Â. B. **Capoeiras e Malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890 – 1950)**. 1990. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de

que englobavam a valentia, o carisma, o respeito às regras estabelecidas pelos demais malandros, a influência política, etc., valores próximos àqueles que elegiam os chefes das antigas maltas. Uma vez eleito como o *bamba* do *pedaço*, cabia a ele desempenhar seus papéis que iam desde manter seu posto até defender os habitantes daquela localidade de possíveis desavenças que pudessem, de alguma forma, abalar a manutenção da ordem estabelecida pelas regras da malandragem. Além dessas tarefas, existiam aquelas menos dignas – do ponto de vista social -, que se referiam à capangagem política e à proteção aos espaços de contravenção, como os locais de jogo e prostituição, as quais eram cobradas.

Entretanto, foram nos *pedaços* que, além de terreno para o desenvolvimento da prática da malandragem, surgiram também os fortes laços de solidariedade entre a população negra e mestiça no Rio de Janeiro.

Foram o morro e a periferia os locais destinados à moradia da antiga população escrava e pobre, sendo esta composta pela casta de indesejados da nova sociedade burguesa, os flagelados da seca nordestina, os sobreviventes do massacre de Canudos⁴³, os baianos em busca de novas oportunidades no Distrito Federal, os imigrantes proletários, enfim, pessoas que não possuíam bens materiais, educação formal ou pré-requisitos aristocráticos. Possuíam, porém, sonhos de uma vida melhor, desejos de construir um futuro mais promissor para seus descendentes, utopias ainda vivas em nossos dias que remetem a figura desses indesejados de outrora aos nossos atuais *excluídos*, indivíduos protagonistas de uma história mal contada que, quando é revelada, é através das passagens criminais e estatísticas de pobreza.

No entanto, esses mesmos personagens, a princípio tão frágeis diante das cobranças sociais, vão mostrar a força e a alegria presentes na luta pela sobrevivência. Serão eles que, através de seu modo de trabalho e de seus momentos de descanso, irão perpetuar as tradições de seus antepassados e reinventá-las para deixarem-nas como legado e sinal de resistência.

Campinas, Campinas, pp. 169 - 195. A autora realiza uma análise dos pontos de aproximação entre capoeiras e malandros.

⁴³ É interessante apontar que o termo **favela** advém justamente destes desterrados que, uma vez expulsos de Canudos, vêm construir no Rio de Janeiro suas habitações, que, tal como no sertão, remetiam à lembrança da flor do faveleiro, a favela.

Foi, sem dúvida, nos momentos de festa e confraternização que ocorreu grande parte da manutenção de relações sociais que mantiveram grupos coesos em torno de causas comuns. Neste contexto, iremos nos referir especificamente às relações sociais traçadas pelos ex-escravos baianos que constituíram seu reduto em pleno Rio de Janeiro, chamado de *Pequena África*⁴⁴. É claro que não podemos generalizar e estender esta experiência aos demais grupos que fixaram morada nesta cidade, mesmo porque cada um traçou, através de sua cultura, modos de vida diferenciados e foi do intercâmbio com os demais que ganharam características próprias. Mas nos interessa em demasia a análise do referido grupo porque estes negros congregaram em sua comunidade uma série de práticas tradicionais e souberam lidar com as instâncias de repressão com um grande jogo de cintura, ou melhor, com muita ginga. Além disso, podemos cogitar a hipótese desta análise levantar algumas pistas do elo perdido das relações entre a Capoeira do Rio de Janeiro e de Salvador. Pensamos que os novos elementos aqui tratados poderão futuramente servir de subsídios a estudos sobre o tema, já que não é nossa intenção aprofundá-la.

V - A Capoeira na Pequena África no Rio de Janeiro – uma história de resistência - ou como diz a canção:

*“Joga Capoeira, Capoeira joga (coro)
Saídos da escravidão, Confinados nos barracos,
Nos cortiços, nos porões,
Nas favelas, nos buracos,
O negro (não) perdeu sua fé,
Sua cultura e sua nação...”*⁴⁵

Os ex-escravos vindos de Salvador, antiga capital colonial, traziam em sua bagagem cultural uma mescla de hábitos, desenvolvidos em diferentes povos importados da África com o tráfico, alguns dos quais o Rio de Janeiro só foi conhecer posteriormente, com a chegada da família real ao Brasil e a transferência da sede do governo.

⁴⁴ De acordo com MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

⁴⁵ Canção de Capoeira (quadra) composta por Valter José de Souza e retirada do livro de SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira: do engenho à universidade**. 2. ed. São Paulo, 1995, p. 244. Tomamos a liberdade de acrescentar a palavra “**não**” na penúltima frase para adequá-la aos dados levantados neste estudo.

Em uma breve abordagem baseada nos escritos de Moura (1983, pp. 13-15), podemos mostrar um inventário dos povos africanos que aportaram em Salvador. No início do tráfico negreiro (1584 – 1700), predominava a presença dos negros advindos da *Guiné* – Angolas, Congos ou Benguelas, que na realidade são nomes genéricos para se designar as populações mandingas, berbecins, felupos, achatis, berberes, ou simplesmente negros bantos.

A partir de 1725, com a conquista do Porto de Ajudá, pelo reino do Daomé, ocorre a alteração nas etnias que aportam no Brasil, prevalecendo o negro sudanês como uma mercadoria com maior valor econômico nas negociações. As relações entre os traficantes portugueses e o reino de Daomé se mantêm por muitos anos, sendo que a partir do final do século XVIII, com as guerras na África Superequatorial, incentivadas pela voracidade do tráfico negreiro, inicia-se a remessa de cativos capturados como prisioneiros de guerra, sobressaindo muitos de linhagem iorubá, havendo entre estes aqueles pertencentes à sua aristocracia. Esses negros, por sua vez, ganham prestígio dentre os demais cativos devido à sua formação religiosa que lhes fornece uma consciência filosófica diferenciada das demais e uma forte organização social. Diante desta nova situação, temos o seguinte cenário descrito por Roberto Moura (1983, p. 13):

Dos negros que chegam, parte considerável é negociada para os trabalhos nas minas, mas os muitos que ficam na cidade começam a transformar a população escrava (onde sempre se mantém a forte presença banto) tanto nos seus descendentes nascidos no cativeiro como através de novos africanos que chegam do tráfico com Angola que nunca chega a se interromper, apenas perdendo a expressão anterior.

A sobrevivência no cativeiro impõe a adaptação das diferentes etnias à nova vida que oscila entre a convivência com a sociedade branca – que subjuguava o negro – e os demais povos africanos, o que fazia com que ocorresse a repersonalização de cada indivíduo, já que o choque cultural era muitas vezes inevitável.

Para tornar essas relações mais complexas, temos a partir do século XIX, com as guerras santas islâmicas, um aumento no número de negros muçulmanos que vinham escravizados para a Bahia e traziam como legado um espírito guerreiro e independente, além do fato de serem alfabetizados para poderem ler o Alcorão, seu livro sagrado. Ainda de acordo com Roberto Moura (1983, p.14): “[...] O islamismo, com ideologia religiosa e guerreira, passaria a ter grande influência entre os escravos em Salvador, operando um

movimento cultural de grande importância que se fortalece na marginalidade com a organização de cultos religiosos e sociedades secretas”.

Os malês e haussás, povos seguidores do islã, tornam-se atores principais em várias revoltas e rebeliões escravas. Por vezes, somente os malês agiriam em busca de autonomia, como na Revolta de 1735 – a maior rebelião negra escrava documentada na história do Brasil – ou, em outras ocasiões, agiriam em conjunto com outros povos, desfazendo a inimizade existente em terras africanas. Apesar de sabermos que a resistência escrava não partia de ações homogêneas e harmoniosas, consideramos que muitas indisposições foram superadas na luta pela liberdade.

Além das organizações rebeldes, existiam aquelas com caráter comunitário, que assumiram um papel significativo para a convivência escrava, algumas de maneira clandestina, outras de forma legalizada. Essas, muitas vezes abrigadas no seio da Igreja Católica, promoveram a manutenção das relações sociais entre os escravos. Nas confraternizações religiosas, a procissão católica com resquícios medievais, herança portuguesa no Brasil, se encontrava miscigenada ao culto dos Orixás africanos mimetizados em santos católicos. Roberto Moura (1983, pp. 20-21) diz que:

Em Salvador se definiria a partir do calendário cristão um ciclo de festas populares, quando nos santos católicos seriam encontradas correspondências e identidades com os orixás nagôs homenageados não só em cerimônias ocultadas, mas a partir de então com toda a exuberância na festa ‘católica’, nas praças, nos mercados, e mesmo nas igrejas da cidade.

Esse ciclo de festas populares que caracterizaria Salvador, dando elementos fundamentais a sua personalidade moderna de cidade, se iniciava com o advento, um mês antes do natal, aberto pela festa de Santa Bárbara, a Iansã,... Dias depois, é homenageada Iemanjá, no dia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, [...] O Natal era pretexto para uma série de manifestações dos negros, cheganças, bailes, pastoris, bumba-meu-boi e cucumbis, [...] sendo que [...] Os cucumbis baianos reapareceriam no Rio de Janeiro anos depois, em ranchos negros onde se cantava e dançava música africana em procissões pelos bairros populares só interrompida pela manhã.

Essas manifestações culturais, expressas através do ciclo de festas populares, não se restringirão a Salvador/BA, irão também ocorrer em outras cidades brasileiras e se manterão até os nossos dias, cada vez mais miscigenadas aos hábitos culturais de outros povos que irão adotar o Brasil como sua nova terra.

Entretanto, essas festas com caráter negro, nas quais predominantemente ocorriam os batuques⁴⁶, voltam a ser perseguidas em 1814, quando é revogada a permissão do conde dos Arcos que autorizava os ajuntamentos de escravos para a realização de encontros de *nações* - já que a estratégia de acentuar as rivalidades entre as etnias africanas passa a funcionar ao contrário.

No início do século XIX, com a transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro, com o êxodo de escravos negros para o sudeste, em meados do século em questão, - para as plantações de café em São Paulo e Rio de Janeiro - e, mais tarde, com a proibição do tráfico, veremos a afirmação social cada vez maior entre os negros em Salvador. Será nesta cidade que muitos deles, já alforriados (às custas, na maioria dos casos, de muito trabalho), irão movimentar e dar vida ao comércio e aos serviços em geral.

A Bahia será descrita, em 1870, como uma das

Poucas cidades [...] tão originalmente povoadas [...] Se não soubesse que ela fica no Brasil, poder-se-ia sem muita imaginação tomá-la por capital africana, residência de poderoso príncipe negro, na qual não passa inteiramente despercebida uma população de forasteiros brancos puros. Tudo parece negro: negros na praia, negros na cidade, negros na parte baixa, negros nos bairros altos. Tudo o que corre, grita, trabalha, tudo o que transporta e carrega é negro (MOURA, 1983, p.17)⁴⁷.

Havia, entretanto, uma luta surda entre os escravos e os trabalhadores livres, fossem eles negros ou brancos, restando ao grande contingente de negros, escravos ou livres, o trabalho informal nas ruas. Neste contexto, acentuava-se a presença dos trabalhadores que exerciam os mais variados ofícios, tarefeiros, pedreiros, carpinteiros, ferreiros, sapateiros, cocheiros, barbeiros, músicos, etc. Em meio a eles, chamamos atenção para o caso da mulher que desempenhava, majoritariamente, o papel de quituteira, fazendo da cozinha seu ofício primordial, tradicional e reverenciado, unanimemente, até hoje. É nos tabuleiros de Salvador que a figura da baiana quituteira torna-se uma marca registrada da Bahia e símbolo nacional.

Em uma sociedade escravagista onde o escravo homem foi infinitamente mais valorizado que a escrava, foi a mulher que adquiriu funções essenciais na manutenção da família negra e repassou grande parte das tradições africanas, fossem ligadas à religião ou à

⁴⁶ Neste caso, entendemos *batuque* de forma genérica e não como uma dança-luta que se aproxima de várias formas à Capoeira.

⁴⁷ É interessante notar que nesta citação percebemos a semelhança de Salvador de 1870 com o Rio de Janeiro Imperial, em meados do século XIX, quando a cidade era chamada de *a maior cidade negra das Américas*.

educação dos descendentes. Entendemos que a maioria das escravas não podia desenvolver essa capacidade de congregação e manutenção das tradições, mas houve muitas que o fizeram e se destacaram, sendo que este papel assumido pelas negras ganhou uma força maior com o fim da escravidão. Foram muitas delas que no início do século XX, tanto em Salvador como no Rio de Janeiro, mantiveram viva a chama religiosa africana nos terreiros de candomblé. Vale também notar que essa prática ganhou características diferenciadas em relação aos cultos religiosos realizados na África, pois no Brasil readaptou-se e assimilou novos elementos até atingir formas híbridas, representando diferentes nações africanas e, mais tarde, transmutando-se ainda mais com a umbanda⁴⁸.

O terreiro de candomblé foi um espaço significativo para a plena vivência das manifestações de origem africana nos grandes centros urbanos, no alvorecer da República, isso porque congregava em seu interior a devoção religiosa e o espírito festivo expresso nas festas em homenagem aos Orixás, mesmo havendo uma acirrada perseguição policial às religiões não católicas neste período.

No entanto, para entendermos como foi realizado o intercâmbio das tradições afro-brasileiras baianas com aquelas desenvolvidas em terras fluminenses, iremos nos valer das observações de Roberto Moura (1983, p. 29).

A Abolição engrossa o fluxo de baianos para o Rio de Janeiro, liberando os que se mantinham em Salvador em virtude de laços com escravos, fundando-se praticamente uma diáspora baiana na capital, [...]

O grupo baiano iria se situar na parte da cidade onde a moradia era mais barata, na Saúde, perto do cais do porto, onde os homens como trabalhadores braçais buscariam vagas na estiva. Com a brusca mudança no meio negro ocasionada pela Abolição que extinguiu as organizações de nação ainda existentes no Rio de Janeiro, o grupo baiano seria uma nova liderança. A vivência de muitos de seus componentes como alforriados em Salvador – de onde trouxeram o aprendizado de ofícios urbanos, [...] e a experiência de liderança de muitos de seus membros em candomblés ou na organização de grupos festeiros – seria uma garantia do negro no Rio de Janeiro, em sua vida mística e lúdica. Com os anos e a partir desse novo contexto, apareceriam as novas sínteses dessa cultura negra no Rio de Janeiro, uma das principais referências civilizatórias da cultura nacional moderna.

Neste espaço geográfico, delimitado pela colônia baiana no Rio de Janeiro, ocorreu o estreitamento de laços de solidariedade, resultando em um local onde o trabalho familiar

⁴⁸ Para se obter mais informações sobre as mudanças ocorridas nos cultos afro-brasileiros, consultar MOURA, R. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, pp. 83–84.

assumido pelas mulheres, através da feitura de comidas e roupas a serem comercializadas, se tornou uma forma de sobreviver, ajudando os ganhos dos homens da casa. Por outro lado, esses laços beneficiaram a estruturação de relações culturais que mantiveram várias manifestações africanas imunes, em um primeiro momento, às demais influências culturais. Isso porque o isolamento desses atores sociais era um fato previsível em uma sociedade minada pelo preconceito racial da época.

Posteriormente, com as vivências cotidianas, foram abertas possibilidades de intercâmbios culturais, pois o Rio de Janeiro daquele período vivia a *belle époque*. Esse fato ocasionava a participação desta cidade nos roteiros das turnês de companhias de teatros e artistas internacionais, permitindo às classes média e alta o consumo daquilo que era produzido culturalmente no “primeiro mundo”. Já a classe subalterna passa a conhecer essas novidades de forma diferenciada, através do trabalho no novo e promissor mercado de atividades de lazer para a burguesia carioca. Dessa maneira, foi nos teatros, cinemas, bares e locais de trabalho que muitos *pobres* puderam presenciar formas artísticas diferentes daquelas com as quais estavam habituados e repassá-las em seus círculos de amizade e relações cotidianas. Diante disso, ocorreram diversas reinvenções culturais pautadas na interpretação popular, por conta destes contatos, que marcaram decisivamente a cultura nacional.

No caso da comunidade dos negros baianos, a ressignificação dos ranchos de Reis⁴⁹, que se transformaram nos sujeitos, cordões e ranchos carnavalescos e, posteriormente, nas escolas de samba - que tomavam a praça onze no Carnaval carioca -, fez com que antigas tradições se tornassem parte da cultura brasileira. O próprio samba participou desse processo de ressignificação cultural, redimensionando sua participação no cenário nacional, antes restrito à camada de menor poder aquisitivo da população.

Entretanto, é a Capoeira que nos traz toda essa discussão e nos faz refletir sobre seu papel dentro dessas organizações negras no Rio de Janeiro. Essa manifestação ganha contornos não muito definidos nas pesquisas referentes ao samba e à reinvenção da cultura

⁴⁹ Os ranchos, ternos ou folias de reis, juntamente com os pastoris, eram heranças de manifestações culturais administradas anteriormente pela igreja católica que passaram a ser reelaborados pelos escravos e, posteriormente, pela população em geral. Estas manifestações eram realizadas, geralmente, doze dias antes do Natal e reverenciavam o nascimento do menino Jesus, apresentando teatralizações e músicas referentes ao tema. Para se obter mais informações, sugerimos a leitura de MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena**

popular nacional deste período. Por isso, temos o interesse em apontar o maior número de elementos que possam nos ajudar a compor o cenário onde as práticas familiares à Capoeira estavam inseridas.

Os batuques⁵⁰, que se realizavam de forma natural por ocasião das *festas particulares*, cujo pretexto para sua realização poderia ser a comemoração de um aniversário ou uma festa para o *santo*⁵¹, tinham geralmente a configuração de uma comemoração *civilizada* diante das regras de conduta social do período, sendo que existiam dois espaços antagônicos na casa: na sala da frente o modo ocidental de se comemorar, no terreiro, o modo africano de celebração. De acordo com a descrição de Roberto Moura,

[...] Na sala o baile, onde se tocavam os sambas de partido entre os mais velhos, e mesmo música instrumental quando apareciam os músicos profissionais negros, muitos da primeira geração dos filhos dos baianos, que freqüentavam a casa. No terreiro o samba raiado e às vezes as rodas de batuque entre os mais moços...(MOURA, 1983, p. 67)⁵².

Este sistema, muitas vezes negociado com as instâncias repressivas para não ser punido, ofereceu aos seus participantes o legado da cultura negra. O batuque – entendido nesta referência como a luta/dança dos negros – participou desse processo de reinvenção cultural negra. No entanto, não sabemos ainda se a Capoeira desse período influenciou a prática do batuque ou ocorreu a recíproca, ou mesmo se esse processo se configurou como uma troca cultural. Independentemente da resposta, o que percebemos é que a Capoeira irá agregar a legítima configuração de manifestação cultural africana, apesar de já ter havido no Rio de Janeiro Imperial, como vimos anteriormente, a miscigenação dessa prática nas relações sociais entre escravos e imigrantes. Dizemos isso porque foi nas confraternizações nas casas das baianas e nas festas tradicionais de largo, como a de Nossa Senhora da Penha, que a Capoeira e o batuque apareceram cercados pelos preceitos e rituais característicos da

África no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, pp. 57 – 70, e de BEVILAQUA, A. M. et alli. **Clementina cadê você?** Rio de Janeiro: LBA: FUNARTE, 1988, p. 33 - 34.

⁵⁰ A palavra batuque ainda tem a mesma conotação apontada anteriormente, como um modo de se fazer uma música na qual os instrumentos de percussão se destacam em relação aos demais.

⁵¹ Neste caso, a palavra *santo* tem o significado de orixá.

⁵² O batuque ao qual o autor se refere trata-se do batuque baiano, que, segundo CÂMARA CASCUDO (1988), era uma modalidade da capoeira. Seu acompanhamento musical assemelhava-se ao da Capoeira, com a utilização de pandeiros, berimbaus e ganzás. Além disso, se entoavam cantigas. A luta envolvia dois jogadores por vez, os quais deveriam unir as pernas com firmeza e aplicar rasteiras um no outro. O principal era evitar cair e “por isso mesmo era comum ficarem os batuqueiros em banda solta, isto é, equilibrados numa única perna, a outra no ar, tentando voltar à posição primitiva” (CARNEIRO, E. apud CASCUDO, L. C., 1988, p. 115)

ancestralidade africana. Valendo-nos das observações de Roberto Moura (1983, p. 72), podemos notar esse fato. Vejamos:

Depois de servida a moqueca de peixe que fazia todos os anos na barraca, Ciata se dividia entre os assuntos de comida, servida à família e aos amigos e vendidas aos visitantes, e as rodas de samba que se armavam em torno das barracas, dando a cada um seu tempero e decisão. Juntamente com operários e trabalhadores, a festa reúne a fina flor da malandragem, quando Bulldog, um dos maiores do Rancho dos Amores, Galeguinho, Zé Moleque, Sapateirinho, Gabiroba, Corneta Gira, Zé do Senado, Brancura, com seus paletós de um botão rigorosamente fechado, calças largas e duras de goma, botinas ‘reuna de sarto arto’ e ‘chapéu três pancadas’ sobre a linha dos olhos, eram presença certa. ‘Malandro não estrila’ era a palavra de ordem, a roda dos capoeiristas aberta depois da reza para quem tivesse coragem e agilidade nas pernas [...]

Nesta citação, percebemos que o espaço de inserção da roda de Capoeira⁵³ é um núcleo ligado aos negros, com sua maneira peculiar de participação nas festas de largo, reunindo o ritual (com a reza precedendo o jogo), a roda de samba (batucada), as comidas típicas e a malandragem (ainda em sua fase de transição entre o antigo capoeira das maltas e os malandros).

A importância das festas para a difusão cultural nesse momento histórico é primordial, pois são nelas que ocorrem os encontros, que se tem conhecimento das novidades, que se descobrem novas músicas, ritmos, danças. A festa foi (e ainda é, em alguns casos) para a camada subalterna o espaço privilegiado de conagração, renovação e preservação cultural, além de desempenhar outro papel fundamental: a organização política diante das situações apresentadas.

No entanto, a repercussão das festas das baianas da *pequena África*, que ganharam fama, ultrapassou os limites do subúrbio carioca. Um dos motivos para isso foi a existência, entre as estratégias de resistência dos negros, da troca social entre a classe dominante e a dominada. Um exemplo claro é que o marido de Tia Ciata (Hilária Batista de Almeida), a baiana mais representativa daquele *pedaço*, possuía um emprego junto ao gabinete do chefe de polícia, o que significava um favorecimento na realização de reuniões informais em sua casa.

A narrativa da aquisição do emprego do marido de Tia Ciata é bem interessante, pois apresenta a história de um negro muito inteligente que conseguiu cursar dois anos na

⁵³ Interessante apontar que, até este momento, a Roda de Capoeira não é um elemento recorrente na documentação relativa a esta prática.

Escola de Medicina de Salvador, mas não conseguiu lidar com os preconceitos raciais. Por este motivo, ele desistiu da carreira de médico, foi para o Rio de Janeiro e conseguiu um emprego fixo como linotipista, algo raro para a época. No entanto, o que chama mais atenção neste episódio é que ele, tendo amigos influentes, soube, por intermédio de um deles, de uma doença (uma ferida no pé) incurável do presidente Wenceslau Brás. Ele então comentou com este amigo que sua esposa poderia curar com ervas e rezas a doença do presidente. Rapidamente a notícia chegou ao “enfermo”, que insistiu que trouxessem a curandeira para realizar o trabalho. Tia Ciata relutou, mas, após muita insistência, foi e o curou. O presidente quis lhe retribuir o favor de alguma maneira e ela pediu uma boa colocação profissional ao seu esposo, daí já sabemos que cargo ele ocupou⁵⁴. Tia Ciata nos mostra uma estratégia de mestre diante da feroz luta para sobreviver, artimanhas de uma verdadeira diplomata.

Essa história ilustra que *negros e brancos*⁵⁵ realizavam trocas culturais e, muitas vezes, os negros sabiam aproveitar as situações que lhes poderiam ser favoráveis. Esse processo, que envolve uma série de relações sociais entre classes diferentes, se repete em vários momentos da história da Capoeira. Mais adiante, veremos como tal mecanismo irá beneficiar a nova proposta desta manifestação cultural a partir das idéias dos mestres baianos da década de 1930.

Com os intercâmbios de favores e a proteção de setores do poder, com o passar dos anos, a presença da camada de maior poder aquisitivo nas festas de terreiro das baianas se apresentou como uma saída para manter as tradições, sem sofrer represálias. Além disso, na década de 1920, muitos *brancos*⁵⁶ começaram a ver com outros olhos as manifestações culturais de origem africana. Nesse momento, os intelectuais e artistas brasileiros buscavam descobrir a vocação cultural do Brasil, muitos incentivados pelo Estado. Nesse período ocorreu a Semana de Arte Moderna e todo o movimento de valorização das raízes culturais brasileiras; mesmo Tia Ciata foi incorporada a esse movimento. Ela foi citada na obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Vejamos o que diz o livro:

⁵⁴ Esta história foi adaptada da obra de MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, pp. 64 - 65.

⁵⁵ Neste caso específico, compreendemos que os termos *negros e brancos* possuem um significado dicotômico: os negros assumem a posição de subjugados pelo sistema social e os brancos de detentores do poder.

⁵⁶ Neste caso, ainda entendemos o termo *branco* como representante da classe social dominante.

Era junho e o tempo estava inteiramente frio. A macumba se rezava lá no Mangue no zungú da Tia Ciata, feiticeira como não havia outra, mãe-de-santo famanada e cantadeira ao violão. Às vinte horas Macunaíma chegou na biboca levando debaixo do braço o garrafão de pinga obrigatório. Já tinha gente lá, gente direita, gente pobre, advogados, garçons, pedreiros meias-colheres, deputados gatunos, todas essas gentes e a função ia se principiando. Macunaíma tirou os sapatos e as meias como os outros e enfiou no pescoço a milonga feita de cera da vespa tatucaba e raiz seca de assacu. Entrou na sala cheia e afastando a mosquitada foi de quatro saudar a candomblezeira imóvel sentada na tripeça, não falando um isto. Tia Ciata era uma negra velha com um século no sofrimento, javevó e galguincha com a cabeleira branca esparramada feito luz em torno da cabeça pequetita. Ninguém mais não enxergava olhos nela, era só ossos duma cumpridez já sonolenta pependendo pro chão da terra (ANDRADE, M. apud MOURA, 1983).

Esta maravilhosa citação nos mostra características que, apesar de comporem uma obra literária de ficção, coadunam com o que nos é revelado no estudo histórico de Roberto Moura (1983). Realmente, com o repensar da cultura brasileira, os intelectuais e algumas pessoas pertencentes à classe com maior poder aquisitivo da sociedade passam a freqüentar o subúrbio carioca, seja em busca de manifestações culturais exóticas, ou mesmo de auxílio místico propiciado pelos feiticeiros e terreiros do candomblé.

Todo esse panorama traçado por nós possui uma série de elementos que se mostrarão mais claros à medida que analisarmos a reinvenção da Capoeira, seja pelos intelectuais da Educação, Educação Física e Forças Armadas, nos anos de 1910 e 1920, seja pelos representantes da camada subalterna soteropolitana na década de 1930.

Por enquanto, o que tentamos mostrar foi uma das formas de resistência cultural encontrada pela Capoeira para sobreviver a uma forte repressão. Podemos considerar essa estratégia uma maneira popular de manter uma tradição de origem africana viva naquele período, buscando irmaná-la a outras manifestações culturais pertencentes a uma raiz comum, ou seja, elaborada e transformada pela classe dominada carioca.

Veremos a partir de agora uma outra forma pela qual a Capoeira também sobreviveu à repressão, aquela inserida no contexto da classe dominante. Esta abordagem nos trará subsídios para podermos entender como a Educação Física interpretou a manifestação cultural Capoeira e como ocorreram e ocorrem as inter-relações entre elas.

Então, vamos *s'imbora camará*, que o jogo não pode parar...

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Manuel A. de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Klick, 1997 (edição original 1852- 1853).

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 29. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

AREIAS, Almir das. **O que é Capoeira?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

AZEVEDO, Aluísio de. **O cortiço**. 23. ed. São Paulo: Ática, 1991 (edição original 1890).

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BEVILAQUA, Adriana Magalhães et al. **Clementina cadê você?** Rio de Janeiro: LBA: FUNARTE, 1988.

CAPOEIRA, Nestor. **Revista Capoeira**. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 8, jul./ago. 2000, p.50.

_____. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Itatiaia: EDUSP, 1988.

MARINHO, Inezil Pena. **Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

MESTRE PASTINHA E SUA ACADEMIA. Mestre Pastinha e sua academia. Salvador: Fontana, 1979. 1 disco sonoro, 33 1/3 rpm. Estéreo.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **A capoeira na jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 8, jul./ago. 2000.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. **Capoeiras e Malandros: pedaços de uma sonora tradição popular (1890 – 1950)**. 1990. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, pp. 513-519.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira: do engenho à universidade**. 2. ed. São Paulo, 1995.

SILVA, Paula Cristina da Costa Silva. Capoeira e Educação Física - uma história que dá jogo... primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, pp. 131-145, set./2001.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)**. Campinas: UNICAMP: Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.

_____ *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Nacional, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Deptº Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

_____ *A negregada instituição: capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SODRÉ, Muniz. **Santugri**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

ZULU, Mestre. **Idiopraxis de Capoeira**. Brasília, 1995.

CAPÍTULO III

BOTA MANDINGA¹ NESTA GYMNASICA NACIONAL!

*“Bota mandinga, ê!
Bota mandinga, á!
Bota mandinga, ê; camarada!
Bota mandinga, á!”*

Canto corrido² de Capoeira de domínio público

I - Pausa para uma ladainha ao pé do berimbau, cantando os fatos e revelando os processos... A educação física e a política higienista/eugenista

Tratando de um outro lado da história da Capoeira, em relação à descrita até este momento, podemos dizer que sua ligação com a educação física deu seus primeiros passos no início do século XX, quando foi incorporada a ela uma série de valores que visavam disciplinar os corpos para o fortalecimento do Estado Nacional. No entanto, há algo que devemos fazer antes de adentrarmos especificamente neste tema. Trata-se de situarmos o leitor acerca dos primórdios da educação física brasileira. Isso porque ela possui suas raízes vinculadas à classe mantenedora da ordem social, trilhando um caminho díspar ao da Capoeira.

Para isso, nos valeremos de um estudo de Lino Castellani Filho (1988) que estabeleceu pela primeira vez nessa área uma interpretação da História da Educação Física brasileira pautada na tradição marxista. Com ela, o autor buscou definir um contraponto à historiografia até então existente, representada, notadamente, por Fernando Azevedo e Inezil Penna Marinho. Optando por uma abordagem *horizontalizada*, abarcando desde o século XIX até a década de 80 do século XX, suas observações vêm servindo de referência para *verticalizações* de análises da Educação Física em momentos históricos específicos, dentre as quais situa-se a de Carmem Lúcia Soares (1990).

¹ *Bota mandinga* quer dizer colocar ânimo, malevolência, malícia no que está se fazendo. No jogo da Capoeira, significa fazer um jogo com malícia, astúcia, ânimo...

² O canto corrido é aquele entoado durante os movimentos corporais desenvolvidos no jogo da Capoeira. Este canto, em específico, geralmente é cantado quando o jogo está *sem axé* (*axé* = energia) e necessita que os jogadores se empenhem mais na sua realização.

Então, de acordo com o livro de Castellani Filho (1991), temos, com a chegada da Corte ao Brasil, no início do século XIX, a necessidade da formação de um esquema de segurança pública visando a resguardar a coroa portuguesa no recém-implantado Império. Cria-se, em 1810, a Academia Real Militar, na qual, após alguns anos, adota-se a Ginástica Alemã (1860) para a preparação do soldado.

A relação da educação física, que na época denominava-se ginástica, com as forças militares perdurou durante muitos anos. Isso porque, além da adoção da Ginástica Alemã para o preparo da tropa, foi no seio das Forças Armadas brasileiras que ocorreu a formação dos primeiros instrutores de ginástica e o desenvolvimento dos métodos de ensino importados da Europa³. Veremos, mais à frente, a forte influência exercida pelas forças militares na educação física, principalmente a partir de 1930, e na própria Capoeira.

Entretanto, encontramos em Antônio Liberac C.S. Pires (2001, p. 134) algumas referências sobre a inter-relação entre os métodos ginásticos recém-chegados ao Brasil e sua apropriação por parte dos capoeiras das maltas cariocas. Diz ele “[...] ser importante esclarecer que os métodos da educação física já vinham influenciando os capoeiras desde meados do século XIX, e encontrou-os com um método próprio, produzido nos treinamentos das maltas, na cidade do Rio de Janeiro”.

Discordamos desta posição, pois apesar do método alemão ter chegado ao Brasil em 1860, não seria possível sua rápida disseminação na camada subalterna da população, sendo que sua prática era restrita a alguns setores das forças armadas. Pensamos que, gradativamente, com o contato dos capoeiras com os soldados, seria possível até cogitar uma imitação por parte dos componentes das maltas cariocas dos exercícios aplicados nas aulas de ginástica à tropa, uma vez que sabemos que existia um intercâmbio entre esses indivíduos. Mas pensamos que seria difícil a comprovação desta hipótese. O mais provável é que, com a grande disseminação da Capoeira, em fins do século XIX, as inter-relações entre ela e os métodos ginásticos tenham se estreitado, culminando com as propostas higienizadoras e disciplinadoras que veremos adiante.

Notadamente, a educação física do século XIX, no Brasil, estava vinculada ao aparato militar, mas não era restrita somente a essa esfera. Ela também se encontrava ligada a outras duas propostas, a de higienização e a de eugeniização da raça, que faziam parte de

³ Carmem Lúcia Soares (1994) desenvolve uma discussão aprofundada sobre os métodos ginásticos.

uma política do Estado que contava com o apoio, para sua execução, dos médicos higienistas e de outros setores profissionais. De acordo com Carmem Lúcia Soares (1994, p. 85),

A Educação Física no Brasil se confunde em muitos momentos de sua história com as instituições médicas e militares.

Em diferentes momentos, estas instituições definem o caminho da Educação Física, delineiam seu espaço e delimitam o seu campo de conhecimento, tornando-a um valioso instrumento de ação e de intervenção na realidade educacional e social [...]

É a partir da intervenção médica que a educação física ganha força e se vincula à saúde e ao fortalecimento do homem. Ela foi um dos componentes indicados em uma série de medidas implantadas, a partir do início do século XIX, que visavam a adequar a população ao novo sistema político-social, pautado no capitalismo industrial e no liberalismo econômico. Essas medidas tinham como alvo prioritário a família colonial que, com sua estrutura patriarcal⁴, dificultava o desenvolvimento do sentimento nacionalista e da coesão nacional⁵.

Com o advento da política higienista apoiada pelo governo brasileiro, que passava pela transição de Corte Portuguesa a País Independente, vemos que ela

[...] conseguiu impor à família uma educação física, moral, intelectual e sexual, inspirada nos preceitos sanitários da época. Esta educação, dirigida sobretudo às crianças, deveria revolucionar os costumes familiares. Por seu intermédio, os indivíduos aprenderiam a cultivar o gosto pela saúde, exterminando, assim, a desordem higiênica dos velhos hábitos coloniais (COSTA, J., 1979, p.12).

Estes preceitos enunciados consistiam no controle dos corpos dos homens e mulheres brasileiros, entregando-lhes a responsabilidade do cuidado e da educação higiênica, isentando, dessa maneira, o Estado do papel de provedor de políticas sanitárias e de saúde para o bem-estar da população.

Essa política, aliada à eugenia⁶, proporcionou a configuração de uma classe social pautada nos ideais burgueses e racistas, que deteve o poder político e econômico no Brasil do século XIX ao início do XX.

⁴ De acordo com as colocações de COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica, norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, pp. 79 - 151.

⁵ COSTA, J. F., op. cit., pp. 58 – 60. Nesta obra, é desenvolvida uma discussão muito interessante sobre a ausência do nacionalismo no Brasil Colonial e seu surgimento no século XIX.

⁶ A eugenia, de acordo com Fernando de Azevedo (apud CASTELLANI FILHO, 1991, p. 55), consistia na [...] ciência ou disciplina que tem por objeto ‘o estudo dos fatores que, sob o contrôlo social, possam melhorar ou prejudicar, física ou mentalmente, as qualidades raciais das gerações futuras’ ou, por

Jurandir Freire da Costa (1979, p. 13) escreve que

A educação física defendida pelos higienistas do século XIX criou, de fato, o corpo saudável. Corpo robusto e harmonioso, organicamente oposto ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial. Mas, foi este corpo que, eleito representante de uma classe e de uma raça, serviu para incentivar o racismo e os preconceitos sociais a ele ligados. Para explorar e manter explorados, em nome da superioridade racial e social da burguesia branca, todos que, por suas singularidades étnicas ou pela marginalização sócio-econômica, não logravam conformar-se ao modelo anatômico construído pela higiene.⁷

É desnecessário dizer, a partir desta colocação, que a educação física desempenhou um papel importante no controle da classe subalterna, uma vez que coube a ela a responsabilidade de ditar as regras para a composição do corpo desejado pelo sistema. Além disso, outros mecanismos de controle e marginalização foram desenvolvidos no intuito de subjugar a classe trabalhadora que resistia de alguma forma às leis que lhe eram impostas, como já pudemos observar no caso da Capoeira. Dessa maneira, quando o âmbito jurídico não era suficiente para restringir as ações da classe dominada, lançava-se mão de outras formas de cooptação, implementadas nos interstícios das condutas sociais, como podemos notar através das seguintes palavras de Jurandir Freire Costa (1979, p.14):

O indivíduo de extração burguesa desde a infância, aprende a julgar-se 'superior' aos que se situam abaixo dela na escala ideológica de valores sócio-raciais. Por isso mesmo, admite com mais facilidade e, às vezes, com marcante insensibilidade a situação de inferioridade sócio-econômica a que geralmente estão submetidos os banidos da elite física: 'crioulos', 'paraíbas', 'caipiras', etc. Por isso mesmo, quando por vezes, consegue despojar-se da ideologia política de sua classe social, continua avaliando pejorativamente o corpo, os gestos, a fala, o modo de ser e viver dos mal-nascidos [...]

Com a implementação de estratégias pautadas em uma ideologia de classe, vemos surgir a exaltação de determinados tipos de corpos em detrimento daqueles enquadrados nas *sub-raças*. Estes *corpos saudáveis* atenderiam às aspirações de uma Nação recém-formada e deveriam se impor ao mundo como pertencentes a um povo forte e em desenvolvimento. No entanto, existia um entrave, pois grande parte da população brasileira era de origem africana e indígena. Como purificar a raça de brasileiros nascidos sob os

outras palavras, o estudo das medidas sociais, - econômicas, sanitárias e educacionais que influenciam, física e mentalmente, o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos e, portanto, das gerações [...]

⁷ É interessante elucidarmos que Lino Castellani Filho (1991, pp. 33-72) discutiu pioneiramente este tema.

auspícios de uma República? Como torná-los cidadãos da civilização ocidental se suas características contrariavam os parâmetros dessa raça?

Diante destes problemas, começa a ganhar força o discurso nacionalista e da miscigenação como qualidade da formação do povo brasileiro – não nos esquecendo que a tese da mestiçagem era válida à medida que *embranquecia* os descendentes – e, para a obtenção desta *raça brasileira*, ocorre o incentivo da imigração europeia, que deveria trazer ao Brasil uma *raça ariana, pura e branca*.

Essa política de *embraquecimento da raça* foi um mecanismo lançado pelo governo que buscava equilibrar e fazer prevalecer na população brasileira os descendentes de origem branca em detrimento daqueles de origem negra (ex-escravos). Esse equilíbrio e, posteriormente, fortalecimento da camada populacional branca tinham como finalidade reforçar a identidade brasileira com a classe dominante.

Todo esse esquema voltado à consolidação de uma **raça brasileira** irá se refletir também na busca de elementos constituintes de uma **cultura brasileira**. Por isso, temos, no início do século XX, a preocupação de intelectuais de variados setores da sociedade em buscar legitimar a produção cultural nacional, uma vez que o país não possuía autonomia em diferentes campos e sofria uma série de influências culturais estrangeiras. Dentro desta abordagem, em específico, podemos nos referir aos métodos ginásticos europeus, com a predominância dos métodos francês e sueco, disseminados nas escolas e academias, e às modalidades esportivas de variadas procedências, principalmente as de origem anglo-saxã.

Esses dois exemplos ligados à educação física sofrerão pressão, por parte dos intelectuais - das forças armadas, da educação e da área médica - no sentido de transformá-las em práticas brasileiras que exaltem as qualidades do que é nacional.

Nesse contexto, a Capoeira passa a ser apontada como uma solução na busca de um método ginástico nacional ou mesmo um *Esporte* de procedência *tupiniquim*. Porém, para inseri-la de maneira ideal no sistema, ela não poderia ser aquela praticada pelas camadas mais *baixas* da sociedade, vinculada às raças “inferiores”, como a negra, desafiando a ordem pública e exercendo pressões políticas diante do aparato governamental e policial.

Ela tinha que ser modificada, regrada, metodizada, higienizada, elitizada... e assim alguns estudiosos⁸ deram início ao que podemos chamar **disciplinarização da capoeira**.

**II - De ODC a Annibal Burlamaqui⁹ –
a tentativa do ajustamento da rebeldia escrava ou,
de acordo com o canto corrido:**

*“Dizem que o capoeira é aquele pretinho sujo,
pretinho que não trabalha,
pretinho que não estuda,
pretinho que é vagabundo.
Mas eu sou um capoeira, sou até um preto asseado,
eu trabalho, eu estudo, ganho o meu dinheiro suado...”*



Fig. 7 – Foto de Aníbal Burlamaqui (Zuma). In: BURLAMAQUI, A. **Gymnastica Nacional (Capoeiragem):** methodisada e regrada. Rio de Janeiro, 1928, p. 9

Os primeiros passos para transformar a Capoeira em uma prática *digna*, como o esporte ou uma ginástica, foram dados por Coelho Neto, um renomado parlamentar que era um cultor desta manifestação¹⁰. Este senhor organizou um movimento de oficialização de seu ensino nas Forças Armadas, no mesmo momento histórico em que centenas de capoeiras eram presos e processados. No entanto, há a elaboração, no ano de 1907, da primeira obra voltada para a sistematização dos golpes e contragolpes da Capoeira, cuja autoria é atribuída ao próprio Coelho Neto - essa hipótese não é comprovada e foi cogitada por Antônio Liberac C. S. Pires (2001, p.95).

O *Guia do Capoeira ou Gymnastica brasileira*, cujo autor assinava com as iniciais O.D.C.¹¹, tinha o intuito de

[...] levantar a Gymnastica Brasileira do abatimento em que jaez(ia), nivelando-a como singularidade pátria, ao socco inglez, à savatta franceza, à lucta allemã, às corridas e jogos tão decantados em

⁸ Os estudiosos que selecionamos para a análise das obras são aqueles que conseguiram elaborar um trabalho mais significativo sobre o tema ou que tiveram grande representatividade na educação física. Pode-se encontrar em PIRES, 2001, pp. 95-97, outros estudiosos/intelectuais que se propuseram a refletir sobre a inserção da Capoeira na sociedade como um esporte nacional.

⁹ Devemos agradecimentos à estudiosa Letícia Vidor de Souza Reis pela indicação e empréstimo destas duas obras citadas.

¹⁰ De acordo com Pires (2001, p. 95), o termo *cultor* era utilizado na época para diferenciar entre alguns dos praticantes da *arte* daqueles considerados *capoeiras marginais*, que se enquadravam na lei de contravenção.

¹¹ De acordo com os recuperadores desta obra, que se encontra extraviada da Biblioteca Nacional, O.D.C. significa Ofereço, Dedico e Consagro à distinta Mocidade.

outros países. Nossa briosa mocidade hoje desconhece pela maior parte, os trabalhos e termos da arte antiga, e por isso nós resolvemos publicar o presente guia (O.D.C., 1907, p. 3).

Nestas palavras podemos notar claramente a proposta de incorporação da Capoeira como um esporte ou luta nacional, retirando-a do meio marginal, que, de acordo com o autor, “Actualmente o capoeira é representado pelo desgraçado vagabundo, trouxa, cachaça, gatuno, faquista ou navalhista, [...] (O.D.C., 1907, pp. 2 - 3)”. Todos estes adjetivos deixam claro a aversão causada pelo capoeira. Talvez por isso O.D.C. prefira não se identificar, dado o preconceito existente na época, e também em função de sua posição social, descrita por ele como “[...] um distinto official do exército brasileiro, mestre em tôdas as armas, professor de militares e habilíssimo na gymnastica deffensiva ou verdadeira arte do capoeira (O.D.C., 1907, p. 1)”.

É interessante atentarmos que, em sua concepção, a Capoeira era uma luta de defesa pessoal, o que é explicitado no prefácio da segunda edição com as seguintes palavras:

Tendo-se esgotado, com rapidez, a primeira edição desta obrinha e reconhecendo o seu editor a falta que ella faz, por serem incontestaveis as vantagens que propporciona, ensinando a qualquer pessoa o meio de deffender-se de possíveis aggressões sem o auxílio de armas e só com os recursos naturaes dos braços, cabeça e pés; por taes motivos anima-se publicar a presente segunda edição (O.D.C., 1907, p. 1).

O fato curioso é que podemos deduzir que houve uma demanda representativa por esse tipo de informação - já que se tratava de uma segunda edição - e que, talvez, os motivos dessa procura tenham se devido ao fascínio exercido por essa arte – ainda mais por ser proibida naquele período – e pela descrição dos golpes e contragolpes da capoeiragem, elucidando o mecanismo corpóreo e a finalidade de cada um.

No primeiro capítulo, o autor nos mostra duas posições de *guarda*, o que equivaleria hoje à *ginga*¹², e nos capítulos subsequentes passa a enumerar e explicar os golpes e defesas da *lucta*, alertando para os detalhes de aplicação de cada movimento. Em nenhum momento ele dá ênfase aos nomes característicos desses golpes, somente os enuncia de forma discreta como *rasteiras*, *punho*, *chato*, *prompto*¹³... Esse detalhe é muito peculiar e nos chamou a atenção, pois em uma obra anterior, do século XIX, de Plácido Abreu (apud PIRES, 2001,

¹² A *ginga* é o movimento básico de *guarda* do jogo da capoeira. Ela consiste em, através do deslocamento antero-posterior dos membros inferiores e com uma suave inclinação do tronco para frente, colocar o corpo do jogador em constante movimento à espera de um golpe ou pronto para aplicá-lo.

¹³ As descrições desses golpes estão na obra de O.D.C. **Guia do Capoeira ou gymnastica brasileira**. 2. ed. (fac similar). Rio de Janeiro: Livraria Nacional, 1907, pp. 4-6.

p. 100), os movimentos e golpes da Capoeira mantêm as denominações de acordo com os utilizados pelos seus antigos praticantes. Esses nomes revelavam claramente a relação desta manifestação com os conflitos de rua, sendo que muitos deles eram compostos pelas gírias dos capoeiras das maltas, como *caveira no espelho*, que significava dar uma cabeçada no rosto do adversário¹⁴. Essa atitude de O.D.C. (1907), de não se referir em demasia aos nomes dos golpes, pode revelar seu desejo de desvincular a Capoeira dos antigos expedientes das maltas, higienizando, em certa medida, a imagem negativa de sua prática e anunciando uma nova maneira de se referir aos seus movimentos.

Outro ponto que reforça esta idéia é que ele não menciona que a capoeira tem sua origem ligada aos negros, preferindo dizer que “seus antigos praticantes eram os valentes de outrora sendo que muitos deles haviam nascido no século passado (XIX) e falecido recentemente com idade avançada (O.D.C., 1907, p. 2)”.

Podemos apontar, nesta análise, os primeiros movimentos de reelaboração da prática da Capoeira, adequando-a ao sistema social vigente e aproximando-a das Forças Armadas brasileiras, pois, como declarou o autor, ele era um oficial do exército e a compreendia principalmente como **defesa pessoal**.

Em uma obra posterior à de O.D.C. (1907), que dedica algumas páginas à capoeiragem, lemos:

Se a mim, pois que não a outros, coubesse em sorte de traçar um plano brasileiro de educação física, havia de refugar das escolas a capoeiragem, mantendo-a e desenvolvendo-a na **força pública entre os esportes de combate**, ao lado do boxe, do jiu-jitsu, da luta romana, e da esgrima de sabre, de florete, de espada e baioneta (AZEVEDO, F., 1960, p. 290, grifos nossos)

O autor que escreveu estas palavras foi um grande defensor de uma nova educação, adequada aos padrões de condutas definidas pelos higienistas, e elaborou uma vasta obra sobre a educação física. Estamos nos referindo a Fernando de Azevedo¹⁵, que no livro *Da Educação Física – Obras completas*, editado pela primeira vez em 1920, realizou uma retrospectiva da evolução do esporte no Brasil e mencionou a capoeiragem como a **luta popular** mais antiga desenvolvida nesta terra.

¹⁴ Plácido Abreu (apud PIRES, 2001, p. 100) menciona ainda os golpes *bahiana*, *chifrada*, *bracear*, *topete a cheirar*, *lâmparina*, *pantana*, *caçador*, *rabo-de-arraia*, *moquete*, *grampear*, *passo do syricopé* e *negaça*, sendo este último também mencionado por O.D.C. (1907)

¹⁵ Castellani Filho (1991, p. 57) comenta, com maiores detalhes, o perfil deste educador e suas posições com relação à educação brasileira nas décadas de 20 e 30, do século XX.

Tal qual o autor anterior, Fernando de Azevedo (1960) via a capoeira como uma luta de **defesa pessoal** que deveria estar sendo desenvolvida no interior das forças armadas. Isso porque, de acordo com suas observações, ela não poderia servir como um *esporte*¹⁶, pois não desenvolvia harmoniosamente seu praticante, nem como uma ginástica, porque “estaria longe de evocar o Auriga de Delfos, e só poderia agradar a quem desconhece a força orgânica, as linhas estéticas, o valor social do tipo escapulovertebral e sacro-abdominal, que constitui o cânone da beleza e da força grega e sueca” (AZEVEDO, F., 1960, p. 289).

Como podemos notar, suas colocações iam em direção à desqualificação da Capoeira, fosse como método ginástico ou como um *esporte*¹⁷ nacional, devido ao passado desta manifestação que “[...] foi durante muito tempo, na arraia-muída, a terrível luta, com que no Brasil e especialmente no Rio de Janeiro se faziam temidos os desordeiros, pela violência inesperada de seus golpes decisivos” (AZEVEDO, F., 1960, p. 288).

Mantendo-se neste raciocínio, o autor desenvolveu observações relativas ao universo combativo da Capoeira, sempre relacionando esses fatos com as transgressões realizadas por seus praticantes. Ele evocou Melo de Moraes Filho, na obra *Festas e Tradições Populares do Brasil*, para questionar a defesa realizada por este autor à manutenção da prática da Capoeira como uma forma de valorização das tradições populares e de verdadeira luta nacional. Concluiu que, apesar de concordar a princípio com a defesa das tradições brasileiras,

[...] a capoeiragem nunca foi propriamente uma luta nacional: não passou, a não ser em certa época, das rodas de mestiços e africanos, entre os quais teve sua origem e os seus melhores dias de glória. Demos porém que o tivesse sido. Não deveria continuar a sê-lo. A capoeiragem é um violento exercício de agilidade, equilíbrio e força [...] (AZEVEDO, F., 1960, p. 289).

Apesar destas palavras, de forma contraditória ele afirma: “[...] e conquanto pudesse admiti-la como melhor instrumento de defesa pessoal, sôbre não ser feita de elegância como o boxe francês (sic) e ser, ao contrário, o mais deselegante gênero de luta, [...]” (AZEVEDO, F., 1960, p. 289), ainda assim ele ensinaria seus métodos de defesa no interior das forças públicas.

¹⁶ Estamos empregando o termo *Esporte* de acordo com as idéias expressas na obra de Fernando de Azevedo (1960) e que o compreende, neste caso, apenas como uma modalidade esportiva.

¹⁷ Este termo ainda está sendo empregado de acordo com as colocações elucidadas na nota de rodapé anterior.

Na análise das argumentações deste autor, podemos observar que a Capoeira não se encaixava nas aspirações do esporte¹⁸ ocidental e, muito menos, na beleza plástica das ginásticas de origem européia. Caberia então a ela a defesa dos indivíduos, dado seu cerne bárbaro, originário das raças africanas e mestiças. Não podemos nos esquecer de que Fernando de Azevedo era um grande defensor da eugenia e, por isso, igualar uma prática como a Capoeira àquelas de origem ocidental seria desqualificar a *cultura branca e civilizada*. Mas, apesar disso, ele não deixou de inseri-la, de alguma forma, nos debates sobre educação física da época. Talvez porque a discussão sobre este tema fosse recorrente no âmbito esportivo que, diga-se de passagem, estava em alta neste período, e o autor não pudesse se ausentar da emissão de um parecer a esse respeito.

Isso porque foi na década de 1920, mais precisamente logo após a Primeira Guerra Mundial, que o país foi tomado pela *febre esportiva* - pelo menos os centros urbanizados. Os antigos hábitos ligados à preservação de um corpo flácido, com cútis extremamente alva, distinguindo-se da camada da população mais *baixa* que executava os trabalhos pesados exposta ao sol, cede lugar a um novo tipo de corpo, o atlético, bronzeado, higienizado. Esta mudança ia de acordo com as alterações tecnológicas advindas da adoção de um novo modo de produção capitalista, o industrial. O corpo deveria acompanhar essas transformações, por isso

[...] à generalização de uma ética do ativismo, a idéia de que é na ação e portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano. As filosofias da ação, os homens de ação, as doutrinas militantes, os atos de arrebatamento e bravura se tornam índices nos quais as pessoas passam a se inspirar e guiar (SEVCENKO, 1988, p. 569).

O fenômeno do esporte¹⁹ vinha atender a uma série de necessidades decorrentes da industrialização e urbanização brasileiras. Ele congregava em seu interior as possibilidades de formação do ser humano ideal para o fortalecimento e estruturação da nação, além de reforçar o caráter higienista em voga naquele momento histórico.

“Nessa nova sociedade da cultura desportiva o valor máximo é necessariamente a idéia de saúde, cuja condição básica é a limpeza e cuja prova patente é a beleza” (SEVCENKO, 1988, p. 571). Por sinal, uma beleza ditada pelos meios de consumo que começavam a se firmar nessa nova sociedade.

¹⁸ Ainda entendemos este termo de acordo com a nota de rodapé nº 16.

¹⁹ Entendemos este termo de acordo com os escritos do Coletivo de Autores (1992), como uma prática

Neste estudo recorreremos, como já fizemos no primeiro capítulo, diversas vezes à discussão do fenômeno Esporte, já que seu significado, no decorrer dos tempos, toma diferentes conotações por seguir o ritmo ditado pela lógica do sistema capitalista, o que faz com que repensemos constantemente as influências que ele suscita tanto na educação física quanto na Capoeira. Com relação a esta manifestação, podemos afirmar que sua esportivização tem início nos primórdios do século XX e passa por diferentes nuances, amoldando-se aos diferentes momentos históricos, fato que procuramos demonstrar neste trabalho.

Para ilustrarmos melhor o que dissemos, iremos analisar a obra *Gymnastica Nacional (Capoeiragem) – Methodisada e Regrada*, de 1928, que possui uma sintonia afinada com a prática esportivizada da Capoeira, seguindo os preceitos de busca da saúde e fortalecimento corporal. Além disso, veremos que seu autor se encaixou perfeitamente nos padrões da *civilização esportiva*²⁰. Annibal Burlamaqui (1928, p. 7) pretendia com este trabalho “[...] apenas ser um brasileiro – e um brasileiro útil”. Este discurso nacionalista perpassa toda sua obra e coloca em questão a regeneração da Capoeira, através de sua adoção como modalidade esportiva ou luta, ambas propostas pautadas na origem nacional. Ele dividiu seu livro em cinco capítulos:

I – História;

II – Considerações sobre os sports;

III – Methodos e regras;

IV – Os golpes e contra-golpes;

V – Exercícios e requisitos para a aprendizagem da Gymnastica Nacional (BURLAMAQUI, 1928).

Analisando a história da capoeiragem descrita por ele, notamos a adoção da idéia de que esta *luta* surgiu nos quilombos, nos momentos em que os escravos buscavam a liberdade e precisavam lançar mão de armas de defesa. Ele mencionou que sua gênese ocorreu na Serra da Barriga, no Estado de Alagoas, e referiu-se a Zumbi como uma liderança forte e valente que comandava os escravos fugidos. Disse também que esta luta travava-se no mato ralo, daí o nome Capoeira, e que sua mecânica se constituiu a partir das

cultural construída historicamente, que contempla em seu interior várias manifestações da cultura corporal.

²⁰ Termo cunhado por Sevcenko (1988, p. 569).

necessidades de sobrevivência desses negros fugidos que enfrentavam todas as intempéries das matas e de seus perseguidores. Segundo o autor,

Eis como se formou o termo, que significa a gymnastica puramente nacional, que encerra, embora ainda um pouco confusa e mal definida, todos os elementos para uma cultura physica perfeita, de acordo com o nosso meio. Nascendo a capoeiragem nasceu o primeiro esforço para a liberdade dos captivos no Brasil e, sendo assim, a sua origem é, pois **santificada** (BURLAMAQUI, 1928, p. 13, grifos nossos).

O ponto chave de suas colocações é destacar o caráter libertário da capoeira, redimi-la do seu passado ligado às maltas e aos capadócios, classificá-la como algo santificado, pois exerceu a nobre função de defesa do oprimido.

Percebemos que Burlamaqui foi pioneiro em propor a metodização da Capoeira admitindo sua origem escrava, porém remeteu ao plano metafísico seu valor moral e utilizou amplamente o discurso nacionalista para justificá-lo.

Entretanto, como vemos, seu intuito era retirar a Capoeira do rol das atividades clandestinas, ligadas aos malandros. Sobre isso, vejamos o que ele afirma:

As famílias brasileiras tem uma certa aversão à capoeiragem porque não sabem o valor inigualavel que este bello jogo contém para a defesa pessoal do homem [...]

Ah! que bello seria se todos os verdadeiros brasileiros tivessem a iniciativa de aprendel-a, estudando os menores segredos que este jogo puramente brasileiro tem, fazendo-a uma arma, uma defesa própria, um sport como os demais, orgulhando-se de possuir a melhor arma, o mais bello jogo, o mais inteligente sport (BURLAMAQUI, 1928, p. 15).

Foi a partir dessa sua admiração pela capoeiragem que descreveu seu método, que, para a surpresa do leitor desavisado, recebeu o nome de método Zuma. Mas, faremos uma pausa na explicação do método para explicarmos o motivo deste nome.

Annibal Burlamaqui adotou o apelido de Zuma porque,

[...] Zuma é a quarta parte de meu segundo nome, como também porque uma feliz coincidência faça com que se perceba a letra Z no centro do campo de luta que adoptei para meu methodo de capoeiragem, diferenciando-o dos campos de sports communs (BURLAMAQUI, 1928, p. 16)²¹.

Este homem, além de escritor, era um *sportmen*, um *verdadeiro atleta*, como é apresentado no prefácio de sua obra. Ele mencionava que aprendeu a luta greco-romana aos dezoito anos de idade e que desde os dez praticava a ginástica sueca, o haltere, um pouco de barra e paralelas, o *saudow*, o pulo na corda, o pulo da barra. Também dedicava bastante

²¹ Mais à frente veremos, em linhas gerais, a descrição do campo de luta do Methodo Zuma.

tempo ao boxe e, é claro, à capoeiragem. Um fato interessante é que ele condenava o *football* e demais modalidades esportivas que não desenvolvessem harmoniosamente todos as partes do corpo. E aconselhava “[...] a todos os pais a criarem seus filhos ao ar livre, nas praias, num campo de sports, num centro que se cultive o atletismo com amôr e vaidade” (BURLAMAQUI, 1928, p. 15), para que no futuro essa geração pudesse demonstrar as virtudes da coragem e da destreza. Por esta descrição, notamos que Burlamaqui possuía uma formação educacional razoável e tinha uma posição social de destaque, pois somente as classes médias e altas podiam freqüentar a escola e os clubes – onde se praticava *sport*. Assim, percebemos que ele se encaixava nos ideais educacionais do período. Sua imagem de pessoa letrada praticante da Capoeira talvez tenha significado, naquela época, um marco na reestruturação desta manifestação cultural.

No entanto, o método Zuma aproximava-se muito do boxe. As regras, as vestimentas, os critérios de pontuação, posições de enfrentamento dos adversários, a conduta do juiz, enfim, todos estes elementos remetiam a *Gimnastica Nacional* a um tipo de *Box Brasileiro*. Para ilustrarmos esses pontos, podemos descrever, em linhas gerais, que ele previa a ocorrência da luta em um círculo no qual teria em seu interior a letra Z²², tendo as dimensões de quatro metros o raio da circunferência maior e cinquenta centímetros o raio da circunferência menor.

A letra Z teria determinados pontos que serviriam para designar o percurso de apresentação dos lutadores, até estes chegarem ao círculo menor onde ocorreria o embate. O juiz se colocaria na parte lateral, acompanhando a luta, e esta se daria através de assaltos, com a duração de três minutos e intervalos de dois, até se completar uma hora; caso houvesse empate na contagem dos pontos, o confronto seguiria até a *queda mortal* (nocaute)²³. Ele recomendava ainda que sua prática desportiva deveria ser complementada com exercícios ginásticos com halteres, corridas, pulos sobre obstáculos e com cordas, além de indicar o treino de jogos como o boxe, a esgrima, o jiu-jitsu, pois de acordo com

²² Podemos apontar algumas atitudes jactanciosas por parte de Annibal Burlamaqui, uma vez que coloca no centro do campo de luta a letra Z, advinda não só pela funcionalidade apontada por ele em sua obra, como também por ser esta letra a inicial de seu apelido – Zuma. Outro fato que nos chamou a atenção foi de constar em uma das páginas iniciais uma foto sua (reproduzida no início deste sub-capítulo) e todos os golpes enunciados serem ilustrados com o próprio autor realizando-os, claro que sempre com vantagem ao adversário. Reproduzimos nas pp. 82 - 84 o campo de combate sugerido pelo autor e alguns golpes citados e mostrados por ele.

²³ Todas as regras propostas pelo método Zuma encontram-se em BURLAMAQUI, Annibal. **Gymnastica**

ele, “[...] a capoeiragem depende(ria) de muita agilidade e golpe de vista” (BURLAMAQUI, 1928, p. 54). Notamos nas recomendações de Annibal Burlamaqui uma forte influência dos métodos ginásticos europeus que vigoravam no Brasil naquele período.

Em nenhum momento o autor se refere a quem lhe ensinou essa arte, diferentemente de O.D.C. (1907), que remete aos valentes de outrora como os responsáveis por lhe ensinarem os golpes, contragolpes e artimanhas. Somente se sabe que Burlamaqui (1928) escreveu essa obra no Rio de Janeiro e que teve contato com outras manifestações culturais de origem negra, como o batuque e o samba²⁴, além de se remeter a eles para explicar o desenvolvimento de alguns golpes. O que podemos supor é que o autor, de alguma forma, vivenciou essas manifestações ligadas às camadas populares e procurou ressignificá-las.

Ele apresentou em sua obra o total de 27 golpes e contragolpes, sendo três de sua autoria, e acrescentou que “há mais golpes de tapiação [...] a pisadela no pé [...], enganar o adversário olhando-o falsamente [...], finge-se que se vae cuspir no adversario, fazendo-o fechar os olhos e ahi aproveitar-se a ocasião dando o castigo merecido” (BURLAMAQUI, 1928, pp. 51-52). Alguns golpes e contragolpes apresentados pelo autor assemelham-se aos que vemos hoje na prática da Capoeira como, a *rasteira*, o *rabo de arraia*, o *corta capim*, a *cabeçada*, o *rapa*, o *facão*, a *banda de frente*, a *thesoura*, a *queixada**, a *encruzilhada*, o *escorão*, a *bahiana*, *passo da cegonha**, o *tombo da ladeira* ou o *calço*, a *xulipa*, o *arrastão*, o *tranco*, a *banda amarrada*, a *banda jogada*, *banda forçada*, *vôo do morcego*, o *bahu*, o *dourado*, o *suicídio* e a *guarda*. Outros não possuem nenhuma semelhança com os da Capoeira atual, como a *chinha*, o *me esquece* e a *espada**.²⁵

Nacional (Capoeiragem): methodizada e regrada. Rio de Janeiro, 1928, pp. 17 – 20.

²⁴ O batuque a que o autor se refere é a luta/dança de origem africana que já conceituamos anteriormente no capítulo II. Muitos golpes do batuque foram incorporados por Zuma em seu método, e veremos adiante como Mestre Bimba realiza um redimensionamento dessa interpretação. Pelo fato de o samba da época de Zuma estava em seu início com acesso mais restrito às camadas de menor poder aquisitivo, como vimos anteriormente, poderíamos até levantar a hipótese de que Annibal Burlamaqui tivesse tido contato com os integrantes da *Pequena África* no Rio de Janeiro, apesar de não termos nenhum indício concreto. Caberia a outro estudioso levantar o meio social freqüentado por ele e talvez escrever uma biografia do *tarimbado capoeira* Zuma.

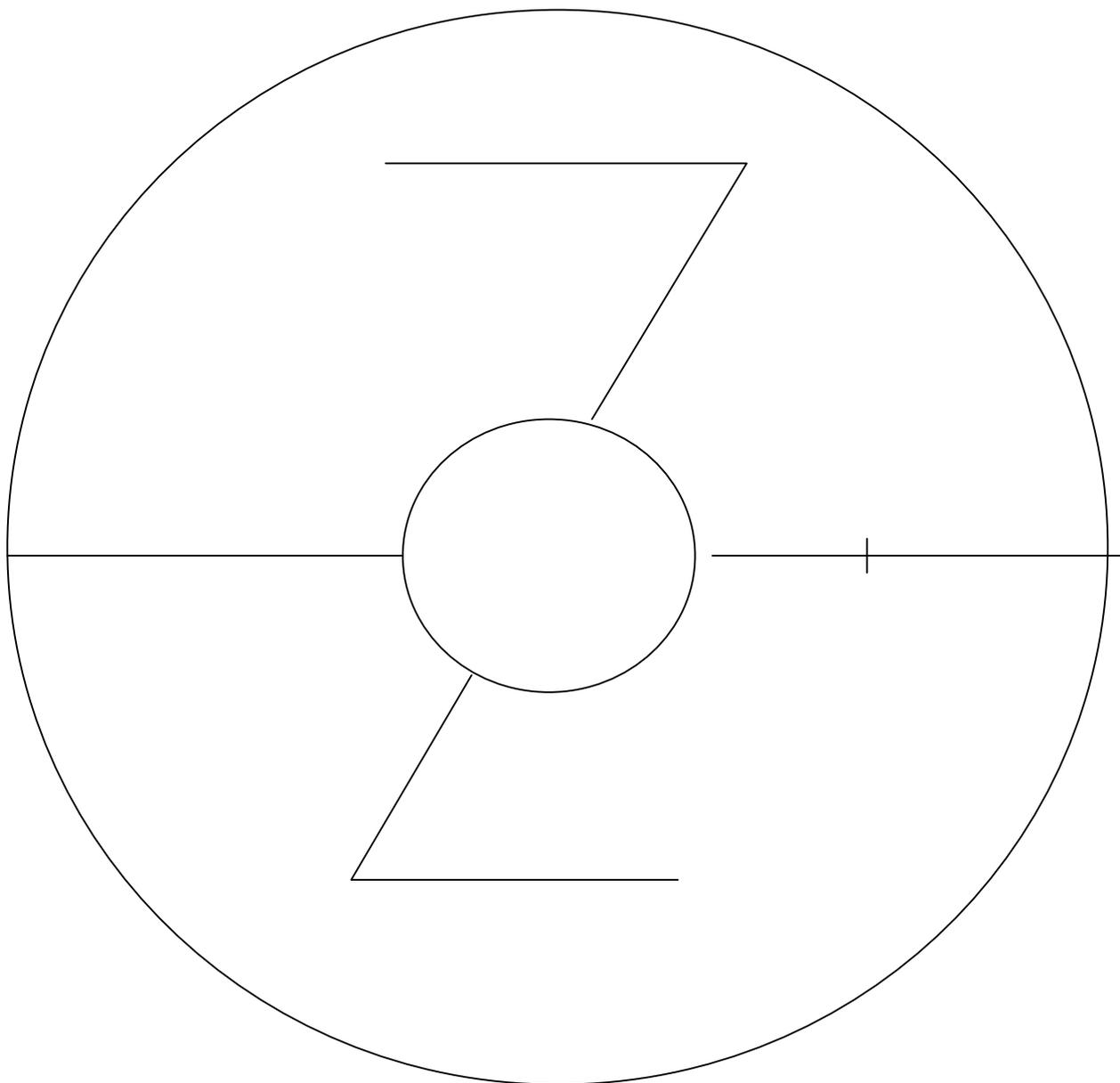
²⁵ Estes dados foram retirados da obra de BURLAMAQUI, op. cit., Capítulo IV – Golpes e Contragolpes, p. 21. Como já mencionamos, todos os golpes e contragolpes são ilustrados com o desenho do autor aplicando-os em um adversário. * Os golpes assinalados são da autoria de Burlamaqui.

Podemos notar que Burlamaqui apresenta os golpes de acordo com os nomes que possivelmente os antigos capoeiras utilizavam para designar os movimentos dessa manifestação cultural, acrescentando mais alguns e retirando outros que, por ventura, pudessem remeter ao seu passado marginal - como aqueles compostos pelas gírias das maltas. No entanto, esses golpes foram retirados de seu contexto originário, sendo introduzidos em uma arena de luta, com regras, juiz e pontuação, o que nos faz concluir o caráter de disciplinarização da Capoeira, tolhendo-a de sua ambigüidade - *luta e divertimento*. Notamos que Annibal Burlamaqui admite que alguns deles tinham um forte vínculo ao batuque e ao samba – mas não se refere às antigas maltas. Ele não deixa de mencionar os *golpes de tapeação*, que consideramos um ponto chave para se entender a *mandinga* do jogo da capoeira, mas não lhes dá grande valor, mesmo porque pensamos que as regras esportivas, pelo menos as propostas pelo método Zuma, possuem pouca flexibilidade para acolher o lúdico e o que é inesperado dentro do jogo, sendo estes elementos grandes responsáveis pelo *faz-de-conta* no contexto da roda. O autor propõe o jogo sério, o jogo no campo de combate, não o jogo repleto de picardia de uma *roda de vadiação*²⁶ em um fim-de-semana qualquer.

No entanto, a Capoeira como luta de ringue não foi uma proposta que partiu somente de Burlamaqui. Veremos, a partir deste momento, como esta prática incorporou-se no universo dos capoeiras da época e teve seu auge e decadência abrindo espaços para novas reinvenções.

²⁶ O termo *roda de vadiação* foi e ainda é muito utilizado em Salvador para designar a prática da Capoeira em um ambiente descontraído, em clima de festa.

Fig. 8 – Esboço do campo de combate sugerido por Anibal Burlamaqui. Para obter maiores detalhes deste desenho, consultar BURLAMAQUI, Annibal. **Gymnastica Nacional (Capoeiragem):** methodisada e regrada. Rio de Janeiro, 1928, p. 16.



Golpes e contragolpes do Método Zuma



Fig. 9 - Guarda

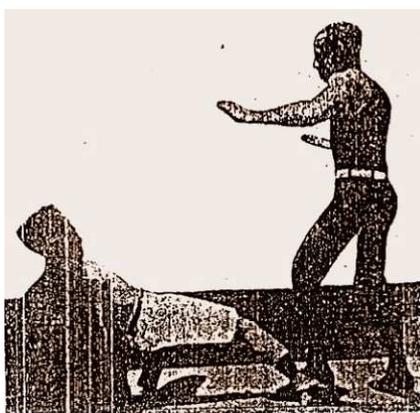


Fig. 10 - Corta-capim



Fig. 11 - Cabeçada

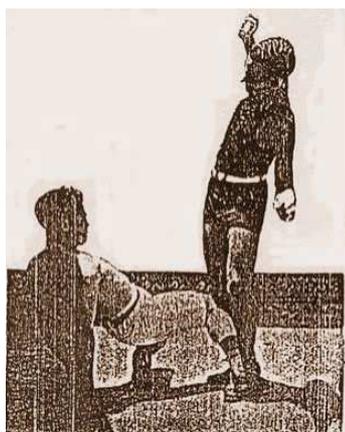


Fig. 12 - Banda amarrada

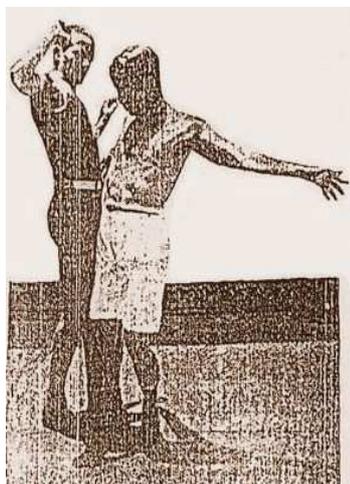


Fig. 13 - Banda jogada



Fig. 14 - Chincha

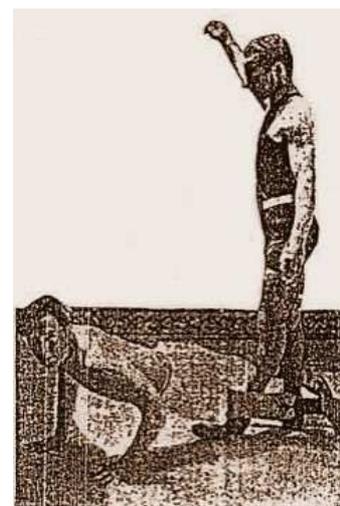


Fig. 15 - Tesoura



Fig. 16 - Rapa



Fig. 17 - Dourado

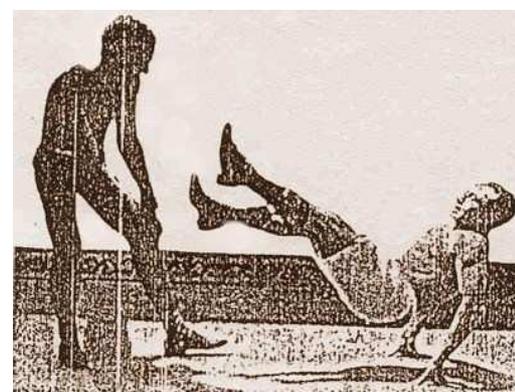


Fig. 18 - Arrastão

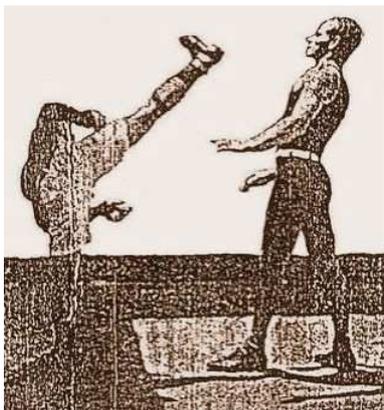


Fig. 19 - Queixada

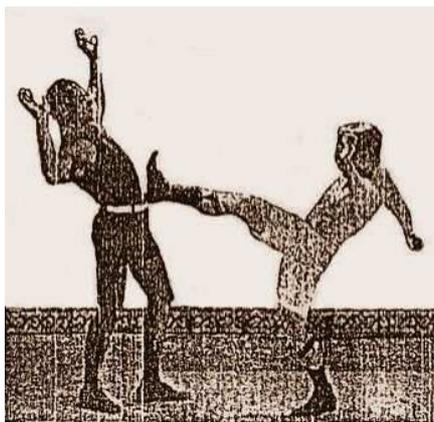


Fig. 20 - Escorão

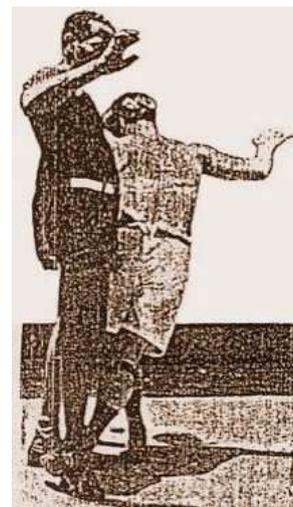


Fig. 21 - Tranco



Fig. 22 - Espada

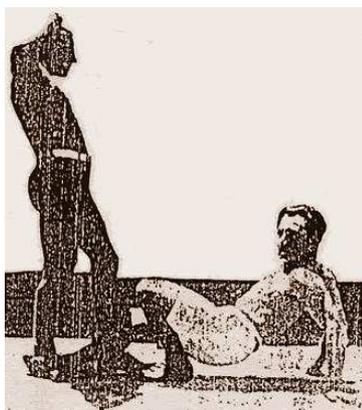


Fig. 23 e 23.1 - Encruzilhada

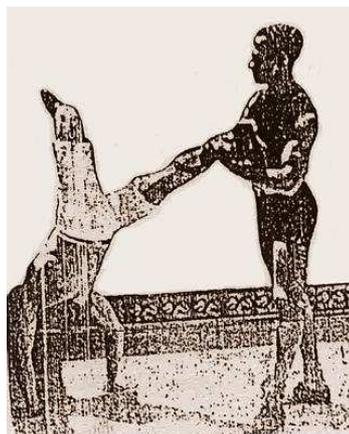
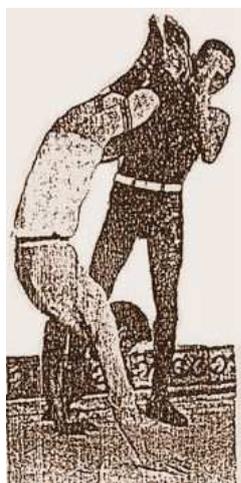
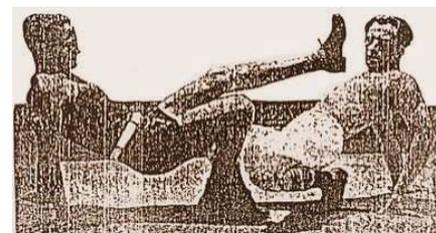


Fig. 24 e 24.1 - Rabo de arraia

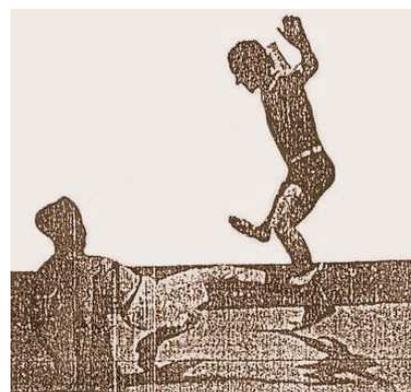


Fig. 25 - Facão

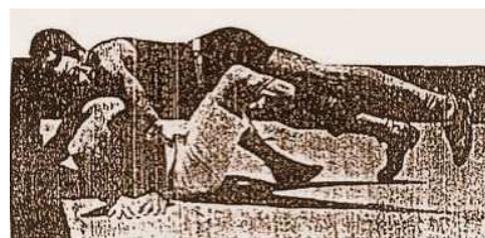


Fig. 26 - Suicídio

Todas as figuras foram retiradas de BURLAMAQUI, Annibal. **Gymnastica Nacional (Capoeiragem):** methodisada e regrada. Rio de Janeiro, 1928, pp. 23 – 49. No entanto, as ilustrações foram restauradas com recursos computacionais para que ficassem mais nítidas.

III - A capoeira no ringue em dois *rounds*, ou melhor, em dois momentos desta história...

*“O meu amigo Ciríaco
Se acaso fosse estrangeiro
Naturalmente seria
Conhecido no mundo inteiro²⁷”*

A Capoeira no ringue começou em 1909, pelo menos no que se tem documentado pelos jornais, com a famosa luta, lembrada até hoje, entre Cyríaco X Conde Koma²⁸ e só passou a ter destaque novamente a partir do final da década de 20.

Cyríaco Francisco da Silva era um estivador²⁹ e capoeira, enquanto Conde Koma era Sada Miako, um lutador de jiu-jitsu, japonês, campeão nesta modalidade, que veio ao Brasil divulgar sua arte, desafiando qualquer outra modalidade de luta. Aceito o desafio por Cyríaco, o local designado para ocorrer o embate foi a Avenida Central (atual Rio Branco), no Rio de Janeiro. Sagrou-se campeão o desafiante, que, por este feito, foi aclamado nas ruas pelos assistentes e fez da Capoeira um motivo de orgulho nacional. Os jornais estampavam em suas páginas “A Ásia curvou-se ante o Brasil [...]” (SOARES, C.E.L., 1994, p. 9). A notícia dessa vitória espalhou-se pelo país inteiro, divulgando a superioridade desta *arte marcial brasileira*.

Talvez esse combate tenha sido uma fonte de inspiração àqueles autores, analisados anteriormente, que propuseram a metodização e sistematização da Capoeira como luta.

O nosso conhecido Zuma se refere em sua obra a esse desafio, dizendo que foi com um rabo de arraia (golpe extremamente perigoso, no seu entendimento) “que Cyríaco

²⁷ Quadra de louvação de domínio popular retirada do livro de REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968, p. 263.

²⁸ Os dados utilizados para a descrição deste episódio foram extraídos dos trabalhos de PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p.97 e de ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba: a capoeira no ringue**. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999, p. 73.

²⁹ Este fato reforça a idéia da Capoeira ligada à classe trabalhadora.

venceu o japonês com o jiu-jitsu, e assim tivemos a supremacia do jogo” (BURLAMAQUI, 1928, p. 26). Mas, como dissemos, Zuma não foi o único a incentivar a capoeira nos ringues através de sua obra.

a) “*Sim, sinhô, sim, sinhá...*”³⁰ - Sinhôzinho³¹ no Distrito Federal, “O rei da capoeira carioca”

Na década de 1920, chegou ao Rio de Janeiro Agenor Moreira Sampaio, o célebre Sinhôzinho, que foi “um dos principais líderes do movimento de esportivização da capoeira” (PIRES, 2001, p. 104), após Annibal Burlamaqui. Ele foi também o responsável pela formação de duas gerações de capoeiras, que lutaram nos ringues cariocas com os mais diferentes representantes das artes marciais, mostrando o valor da *luta nacional*.

Sinhôzinho (apud PIREs, 2001, p. 104) encarava a capoeira da seguinte forma: “prefiro não a classificar como dança, jogo ou luta. A meu ver trata-se da verdadeira ginástica nacional”.

Foi com esta concepção que ele passou a desenvolver seu trabalho, que consistia em preparar homens para as lutas de ringue e defesa pessoal. Ele foi classificado por seus alunos como um grande lutador e preparador de lutadores. Suas competências, no entanto, não se limitavam somente à Capoeira, ele também ministrava aulas de boxe e luta livre e montou “um centro de treinamentos em um terreno baldio, onde colocou aparelhos de barras fixas, paralelas, levantamento de peso, cordas e aparelhos de treinar capoeira feitos de cabo de vassoura” (PIRES, 2001, p. 104). Notamos que Sinhôzinho, tal como Zuma, inspirava-se nos métodos ginásticos europeus para prescrever os exercícios preparatórios de Capoeira.

Suas aulas eram freqüentadas por um público variado; durante um tempo foi instrutor da polícia especial³² e da polícia municipal. Nesse período proporcionou o intercâmbio entre “os policiais que vinham da zona suburbana, com os praticantes da zona

³⁰ Canto corrido de capoeira.

³¹ Todos os dados referentes a esse personagem da Capoeira “luta de ringue” foram retirados da obra de PIREs, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, pp. 104-107.

³² A *polícia especial* foi aquela instituída pelo governo de Getúlio Vargas, no Estado Novo, que servia à

sul” (PIRES, 2001, p. 105). Assim, mais uma vez, em nossas análises, vemos aparecer a relação da Capoeira com as Forças Armadas e com a camada social com menor poder aquisitivo.

No fim da década de 20 e início de 30, os desafios entre as modalidades de luta eram comuns e os espetáculos oferecidos ao público ocupavam lugar privilegiado nos jornais. Foi dessa forma que a fama de Sinhôzinho ganhou força e manteve sua superioridade durante muitos anos como formador de campeões. “Paulo Azeredo, Paulo Amaral, André Jansen, Luiz Pereira de Aguiar (*Cirandinha*), Wanderley Fernandes (*Páraquedas*), José Alves (*Pernambuco*), Rudolf Hermann, Carlos Alberto Petezoni Salgado” (PIRES, 2001, p. 107), entre muitos outros, foram seus discípulos e fizeram *miséria* nos ringues. Entre seus alunos, temos um pertencente à 1ª geração de discípulos de 1940, e que merece destaque em nossa abordagem. Este aluno é o professor de educação física Inezil Penna Marinho, sobre quem nos deteremos mais calmamente adiante. Mas por enquanto, iremos nos concentrar nos ringues, pois foram muitos os anos em que ocorreram os desafios, alguns deles com caráter inter-regional, em que se disputou a primazia da Capoeira entre contendores do Rio de Janeiro e da Bahia.

É interessante notar que, no decorrer desse processo da Capoeira de ringue (de 1909 até meados de 1950), ela passa de ilegal a uma prática permitida em 1937. Ainda veremos que o *mundo deu muitas voltas* até a Capoeira ser liberada, e sua incorporação como uma modalidade de luta contribuiu bastante para sua legalização. Dizemos isso porque recentemente foi divulgado um dado que nos faz entender melhor esse processo.

Frederico José Abreu (1999, p. 49), em sua obra valiosíssima sobre este tema, escreve que:

Em 1930, no Rio de Janeiro, foi fundada a 1ª Federação de Pugilismo do Brasil que ficou subordinada, a partir de 1933, à Confederação Brasileira de Pugilismo, fundada neste ano. No artigo 3, do capítulo único, da citada Confederação lia-se: ‘Entendem-se por pugilismo todos os desportos praticados em ringues, tais como Box, Jiu-Jitsu. Catch-as-catch-can. Lutas: livre, romana, brasileira (capoeiragem), etc.’ Assim sendo, deve-se registrar que na década de 30, no Rio de Janeiro, se processou um movimento de ‘oficialização da capoeira’ pela via do pugilismo, já estando neste Estado, na ocasião, solidificada a expressão capoeiragem: luta nacional.

Esta informação nos faz refletir sobre a força que a Capoeira de ringue exercia na sociedade da época, sendo que esse fortalecimento com certeza era derivado do fenômeno Esporte, que cada vez mais ocupava um espaço significativo no Brasil. Um fato curioso é que, talvez para burlar a lei nº 402/1890 do código penal, não se utilizou o termo **capoeira** abertamente no artigo 3, da Confederação de Pugilismo, mas sim a denominação *luta brasileira* e a palavra *capoeiragem* entre parêntesis.

No entanto, as lutas travadas entre os praticantes desta “modalidade” contra os demais eram muito violentas. De acordo com a seguinte descrição, podemos ter uma idéia do que ocorria nos embates.

A segunda luta ocorreu entre Guanair Vial e Hermann; ‘os dois corpos rolaram no solo de cimento numa fúria de loucos em busca de um título’. Hermann empatou com Guanair depois de mais de uma hora de luta [...] A luta foi sangrenta e levou um grande público ao estádio Vasco da Gama. A opinião pública reagiu a tal violência, vendo-a também de forma negativa. Na verdade, as lutas foram bastante criticadas pela opinião pública que via os lutadores como ‘gladiadores do século XX’. Na ocasião dessa luta contra os Gracie os repórteres que foram aos vestiários do Vasco da Gama, [...], declararam; “numa rápida visita aos vestiários pode-se constatar a desumanidade [...] sangue pelo assoalho, corpos sangrentos [...] (PIRES, 2001, p. 114)

Esta narrativa dá uma dimensão de como se desenrolavam os combates no ringue, que tinham o intuito de mostrar quem detinha a supremacia. O jiu-jitsu dos irmãos Gracie ou a Capoeira dos alunos de Sinhôzinho? Essa disputa, sobre a qual podemos perceber dois fatos interessantes, ocorreu no ano de 1953. O primeiro é que no desenrolar de trinta anos - do final da década de 20 até a década de 50 -, a Capoeira estava presente nos ringues cariocas e, nessa época, já não era mais tão sensacional como nos idos de 1909 (luta de Cyríaco X Conde Koma). Ela demonstrava sinais de desgaste e, dada sua violência, os debates em torno de sua pureza cultural³³ estavam tomando forma. A própria decadência desses tipos de luta colocava em questão sua validade. O segundo fato é que, atualmente, século XXI, esses tipos de *combate* – vale-tudo, por exemplo - voltaram à moda e, talvez por ironia, o desafio dos irmãos Gracie do jiu-jitsu aos capoeiristas nos parece um acontecimento recente, podendo ser acompanhado pela televisão ou em manchetes das revistas especializadas em lutas/artes marciais.

³³ Nos deteremos nesta discussão mais profundamente quando abordarmos a Capoeira a partir da década de 60.

Em Salvador, na década de 1930, também aconteceu um processo semelhante à valorização da Capoeira de ringue, só que os personagens principais são outros, sendo alguns coadjuvantes os mesmos do Rio de Janeiro. Mas os capoeiras baianos talvez tenham mostrado sua superioridade nos *golpes de tapeação*, pois foram capazes de dar novos rumos à Capoeira, tornando-a um elemento tradicional de sua terra e transformando-a em um símbolo étnico. Vejamos, a seguir, como isso ocorreu...

b) “*Bimba é bamba!*” –
o rei do Stadium Odeon,
*o primeiro campeão bahiano de capoeiragem...*³⁴



Fig. 27 – Foto de Manoel dos Reis Machado – Mestre Bimba. In: ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba: a capoeira no ringue.** Salvador: Instituto Jair Moura, 1999, p. 50.

Ao iniciarmos este tópico, não podemos deixar de emitir algumas palavras sobre um dos personagens principais das mudanças efetuadas na Capoeira na Bahia, Manuel dos Reis Machado, o mestre Bimba. E escrevermos sobre ele requer que nos reportemos às várias obras que falaram sobre sua trajetória de vida ou debateram as transformações implementadas por esse mestre³⁵. Um negro forte, corpulento, de quase dois metros de altura, que foi trapicheiro, doqueiro, carroceiro, carpinteiro e, principalmente, **capoeirista**. Ele é responsabilizado por grandes mudanças no universo desta manifestação cultural. mestre Bimba também foi *ogã*³⁶ de terreiro de candomblé, e uma de suas esposas,

³⁴ Os termos utilizados neste título são baseadas nos dados apresentados no livro de ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba: a capoeira no ringue.** Salvador: Instituto Jair Moura, 1999, pp. 54-55.

³⁵ Atualmente, temos conhecimento de uma biografia sobre esse ícone da capoeira baiana: ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves de (Mestre Itapoan). **Bimba, o perfil do Mestre.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982, além de vários trabalhos que refazem sua trajetória de vida, como Pires (2001); REIS, Letícia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil.** São Paulo: Publisher Brasil, 1997; VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo de Capoeira: cultura popular no Brasil,** Rio de Janeiro: Sprint, 1995 e outras obras que de algum modo abordam as mudanças implementadas por esse mestre, como CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia.** Rio de Janeiro: Record, 1992; REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico.** Salvador: Itapuã, 1968 e SOUZA, Walce (mestre Deputado). **Capoeira, Arte, Folclore.** [Goiânia: s.n.], [1986?].

³⁶ Conforme observações apontadas em Abreu (1999, p. 25), o “[...] ogã é uma espécie de patrono honorário do candomblé, em geral pessoas com prestígio bastante para proteger o terreiro, seu corpo sacerdotal e seus

*ialorixá*³⁷. Precisamos de cautela para nos referir a ele e não realizarmos uma análise rasa da sua representatividade para a Capoeira e para a sociedade de sua época. Ele foi e é até hoje a figura mais polêmica do mundo capoeirístico, pois para alguns se tornou ídolo, para outros um deturpador das tradições africanas. Iremos nos esforçar para apresentar mestre Bimba como um homem, com defeitos e qualidades, porém dotado de uma grande capacidade de liderança, muito idealista e atento aos movimentos de seu tempo.

No entanto, antes de irmos diretamente à questão central geradora das mais variadas opiniões, que é a *invenção* da Capoeira Regional, vamos tratar de uma época em que pouco se fala, na maioria das obras, sobre este mestre. Para isso, utilizaremos basicamente o livro de Frederico José de Abreu (1999).

A Capoeira no ringue, como vimos anteriormente, teve grande repercussão no Rio de Janeiro, criando seu público cativo e muitos debates nas sessões esportivas dos jornais. Em Salvador, essa febre tomou corpo na década de 30, do século XX, também formando sua massa de assistentes e adeptos da *luta brasileira*.

Nos deteremos principalmente no espaço temporal de 1935 a 1937, que trata da documentação apontada por Frederico J. Abreu (1999). Nos eximiremos, por enquanto, de aprofundar o contexto histórico no qual nossos personagens estiveram inseridos, pois faremos isso em breve. Podemos adiantar somente alguns pontos, como as transformações sociais que vinham sendo implementadas com a tomada do poder executivo comandada por Getúlio Vargas, a iminência da II Guerra Mundial, com as políticas fascistas na Europa – e com reflexos no Brasil – e o fenômeno Esporte que ia atingindo uma dimensão crescente no cenário internacional.

As competições esportivas, já em fase de rentabilidade econômica, atraíam e empolgavam o grande público. Algumas modalidades como o atletismo, o futebol e o pugilismo (especialmente o boxe) se transformavam em esportes de massa e se constituíam em instrumentos de ascensão social do negro, que disputando de igual para igual se tornava visível perante a sociedade mundial como competente e vitorioso (ABREU, 1999, p. 19).

freqüentadores”. Na época de Mestre Bimba, havia o agravante de que a prática do candomblé era proibida, sendo que a defesa do terreiro se dava contra a truculência das autoridades públicas.

³⁷ *Ialorixá* é a sacerdotisa do candomblé, sendo sua função zelar pelo terreiro e seus freqüentadores.

Torna-se também necessário mencionar que na cidade de Salvador, em 1935, existiam 350.000 habitantes³⁸, que se distribuíam espacialmente de acordo com sua classe social e cor de pele, sendo que

em geral os brancos e os mestiços mais claros ocupavam os altos da cidade que eram mais confortáveis, saudáveis e cômodos, onde portanto os imóveis eram mais caros; ao passo que os pretos e os mestiços mais escuros residiam geralmente nas áreas baixas, menos convenientes e saudáveis, bem como nas áreas afastadas, menos acessíveis, onde, portanto, os imóveis eram mais baratos [...] Nesses arrabaldes se localizavam a maioria dos candomblés, as rodas de capoeira e os afoxés (instituições negras)” (ABREU, 1999, p. 21).

Vemos que a Capoeira em Salvador estava bem delimitada aos *arrabaldes da cidade*, tal como no Rio de Janeiro, no início do século XX, conquistando terreno somente nos momentos de festas tradicionais, nas quais a elite branca suportava sua manifestação, desde que não fosse legalmente instituída³⁹.

Paulatinamente, ocorre a penetração da Capoeira em ambientes que antes não eram permitidos, como sua participação nas comemorações do Dois de Julho⁴⁰, em 1936. Nesta ocasião, mestre Bimba e seus alunos foram convidados a realizar apresentações no desfile cívico promovido pelos órgãos governamentais, despertando polêmica na elite baiana, uma vez que a cultura negra ultrapassava os limites estabelecidos pelo preconceito. Por essa razão e outras que trataremos mais à frente, levantamos a hipótese de que a prática desta manifestação cultural, em Salvador, atingiu uma repercussão maior devido à sua capacidade de negociação com as esferas governamentais, fortalecendo um movimento de valorização da cultura afro-brasileira iniciada na fase final da escravidão negra.

Entre os grupos de resistência cultural engajados na valorização da negritude, encontramos novamente figuras destacadas nas abordagens relativas à *Pequena África* no Rio de Janeiro, que são os adeptos do candomblé. Essas comunidades - já conhecidas pela força na qual teceram suas teias de solidariedade - figuraram como arautas pelo reconhecimento da cultura africana em solos brasileiros. Essas comunidades, juntamente com os capoeiras, forjaram uma série de mecanismos que desencadearam, no momento

³⁸ Conforme os dados apontados por Donald Pearson (apud ABREU, 1999, p. 20).

³⁹ É interessante acompanhar o debate desta questão em Abreu (1999, pp. 31 - 32).

⁴⁰ De acordo com Abreu (1999, p. 30), “O Dois de Julho é a festa que comemora a Independência da Bahia, acontecida em 1823, com a expulsão das tropas portuguesas, sediadas neste Estado, um ano após o Brasil ter sido declarado independente”.

histórico propício, um reconhecimento de suas práticas, mesmo sofrendo intervenções por parte do sistema social vigente na época.

No entanto, os capoeiras, a princípio, vão buscar nas modalidades de lutas de ringue⁴¹ um espaço para redimensionar e colaborar na liberalização de sua prática.

Esse processo - o de tirar a Capoeira da ilegalidade - não tem seu início exatamente em 1936, em Salvador, pois anos antes já existiam manifestações desta prática nas ruas, embora de forma ilícita, através das rixas entre grupos ou indivíduos – fato que prejudicava sua valorização – nas exibições das festas de largo e nas escolas clandestinas que começavam a se disseminar por volta dos anos de 1920. No entanto, podemos dizer que foi a partir das demonstrações de Capoeira oficializadas que sua liberalização ganha força.

Em 1935, chegam à Bahia várias modalidades de lutas como o jiu-jitsu, a luta livre, o catch-as-catch-can, que, progressivamente, vão conquistando praticantes e angustiando alguns conhecedores da *luta nacional*, a capoeiragem. É interessante apontar que existia um intercâmbio de informações entre Rio de Janeiro e Salvador⁴², o que deveria ter propiciado aos baianos uma idéia da popularidade dos desafios. Com esse cenário, percebe-se a demanda de um local onde se pudessem realizar as disputas entre esses praticantes e aferir as qualidades de cada tipo de luta, para provar que a Capoeira também tinha seu valor.

É neste clima que foi inaugurado o *Stadium Odeon da Sé*, um “moderno centro de diversões e lutas esportivas” (ABREU, 1999, 43), um local de memoráveis combates entre os maiores *gigantes do ringue!* E já em sua inauguração, 6 de fevereiro de 1936, na luta de abertura da noite, tivemos Manuel dos Reis Machado (Bimba) X Henrique Bahia, com uma acirrada disputa para a obtenção do *cinturão de campeão baiano de capoeira*, conquistado pelo afamado Bimba⁴³. De acordo com os jornais do dia seguinte,

⁴¹ Consideramos que as *lutas de ringue* foram uma das estratégias usadas pelos capoeiras para alcançar a liberação de sua prática, porém existiram outras alternativas além desta, como veremos adiante.

⁴² Ver comentários do Jornal “A Tarde” (apud ABREU, 1999, p. 43).

⁴³ Não se tratava da primeira luta de ringue de mestre Bimba, ele já havia disputado outras, levando sempre vantagem.

[...] ‘Bimba é Bamba!’ gritavam as galerias quando mestre Bimba subiu ao tablado com seu adversário Henrique Bahia. Numa fila, cidadãos norte-americanos, depois de apreciarem como conhecedores o boxe mostravam interesse em ler as letras do desporto nacional. E Bimba as escreveu magistralmente. Depois de vários minutos de jogo cadenciado, cheio de passes de agilidade e de contorsões felinas, mestre Bimba, projetou em grande estilo o seu adversário ao chão sob aplausos calorosos com um pontapé no peito (ESTADO DA BAHIA, 1936 apud ABREU, 1999, p. 54).

Ainda no ano de 1936, mestre Bimba participou de mais duas lutas, sagrando-se campeão em ambas e mantendo o *cinturão de campeão baiano de capoeira*⁴⁴. Além destas, houve outras envolvendo capoeiras; na maioria delas mestre Bimba foi o juiz, devido a seu grande reconhecimento no mundo capoeirístico. Porém esse fato não o isentava de pesadas críticas, já que a Capoeira de ringue ainda não tinha suas regras definidas, dada a diversidade de praticantes existentes em Salvador, e cada um possuía sua formação diferenciada – ela, antes dos ringues, era ensinada clandestinamente, em geral por antigos detentores da tradição de rua⁴⁵. Cabia aos lutadores estabelecerem determinadas regras antes do início dos embates, mas nem sempre isso acontecia. Ainda existia o agravante da ruptura entre dois tipos de Capoeira, a de Angola - que passa nessa época a ser assim denominada - e a Luta Regional Baiana, que mais tarde passaria a ser conhecida como Capoeira Regional. Todos esses complicadores forçaram os praticantes da Capoeira de ringue a repensar sua prática, convivendo com uma discussão, presente até hoje, sobre a pureza e verdadeira origem da Capoeira. Esse foi, inclusive, um dos fatores de decadência desse tipo de prática, uma vez que se tornava cada mais difícil o estabelecimento de regras comuns para os desafios. Estes, muitas vezes ocorridos entre partidários de propostas diferenciadas de Capoeira, confundiam o público e geravam insatisfação.

Para encerrar definitivamente a saga de curta duração, porém significativa da Capoeira nos ringues, em Salvador, temos, em dezembro de 1936, o fechamento do Parque Odeon, centro esportivo vital para os combates entre as diversas modalidades de luta. Este

⁴⁴ Existem polêmicas em torno deste *cinturão* e sobre se ele de fato existiu. De acordo com o que é exposto por Abreu (1999, p. 55), há três versões contadas sobre este tema, a de Jair Moura, que “nas repetidas visitas que fiz (fez) a sua morada (de Bimba) tive (teve) diversas vezes a oportunidade de ver pendurado na parede da sala o aludido cinturão”. A versão de mestre Itapoan: “na ocasião lhe prometeram o cinturão de ouro” e a versão do Dr. Ângelo Decânio: “que certa feita o mestre lhe pediu um cinto do Exército e com ele confeccionou um cinturão de campeão com tachas de sapateiro e o pendurou na sala de sua casa. Dizia: me prometeram o cinturão, não me deram resolvi fazer um.”

⁴⁵ A discussão sobre a capoeira na Bahia, anterior à década de 30, pode ser encontrada em Pires (2001).

golpe de misericórdia, nesta forma de prática da Capoeira na capital baiana, abrirá definitivamente os caminhos para que ocorressem vários desdobramentos relativos à sua liberalização e *reinvenção* cultural. Essa nova configuração passa a acolher em seu interior formas ambíguas de sua representação, hoje tão presentes em sua manifestação, como o esporte e a ginástica, mas também a música, a dança, o ritual e a perpetuação das tradições africanas. Esses novos rumos tomados pela Capoeira com certeza foram inesperados para aqueles intelectuais que a imaginavam uma prática em vias de ser elitizada, já que se forjou no bojo da comunidade de menor poder aquisitivo de Salvador. Dessa maneira, ela adquiriu um caráter *negro e popular*⁴⁶, apoiada pelo regime governamental que vigorava na época, *jogando* assim com várias instâncias do poder. Vejamos então, *quantas voltas o mundo deu* para que esse fato se concretizasse a partir da década de 1930.

IV - As repercussões da educação física e do Estado Novo na Capoeira durante a década de 1930 em Salvador/BA.

*“Bahia, nossa Bahia, Capital São Salvador,
Quem não conhece a Capoeira, não é bom conhecedor ...”*⁴⁷

A Capoeira em Salvador/BA só irá se destacar, de forma decisiva, a partir de 1930. Antes desse período, existia sua manifestação nessa cidade, como em outros locais do território brasileiro, porém os dados recolhidos sobre este tema ainda não foram suficientes para se elaborar um registro documental minucioso, como ocorreu no Rio de Janeiro.

Entretanto, os estudos de Pires (2001, p. 236) sobre a Capoeira em Salvador, no início do século XX, nos apontam que sua manifestação se aproximava, em certa medida, daquela existente no Rio de Janeiro, onde era utilizada basicamente como um meio de defesa, resistência e divertimento da camada subalterna da população, se destacando, dentre seus praticantes, uma grande quantidade de negros. Mas, apesar de haver essas semelhanças, alguns fatores as diferenciavam, como os conflitos envolvendo sua prática, que se caracterizavam mais pela ação individualizada do que pelos conflitos das maltas.

⁴⁶ Expressão cunhada por Reis (1997, p. 98).

⁴⁷ Trecho de uma ladainha de capoeira cantada por PASTINHA, Vicente Ferreira (mestre Pastinha), no disco MESTRE PASTINHA E SUA ACADEMIA. **Mestre Pastinha e sua academia**. Salvador: Fontana, 1979. 1 disco sonoro, 33 1/3 rpm, estéreo.

Outro ponto é que os rituais desenvolvidos em sua manifestação eram diferentes daqueles realizados no Rio de Janeiro, sendo que a atuação de indivíduos em rodas de Capoeira ou em atividades derivadas dessas, como nas brigas decorrentes das relações estabelecidas nesse ambiente, era um fato evidente. Percebeu-se, de forma mais enfática, sua manifestação ligada às atividades de descanso e divertimento da classe trabalhadora, seja através de sua presença nas festas de largo, seja nas festas particulares. Notou-se, ainda, que existiam ocorrências em que seus indiciados encontravam-se com instrumentos musicais, o que reforça o caráter lúdico de sua prática. É importante dizermos que esses dados foram obtidos por Pires através do estudo das passagens criminais de pessoas envolvidas em transgressões ligadas à Capoeira. Por fim, esse autor conclui que

[...] a capoeira baiana, apesar de apresentar a mesma estrutura cultural da capoeira carioca, produziu características diferentes que representam maneiras também diferentes de entendimentos de uma mesma cultura. Talvez tenha produzido o que costumamos chamar de ‘estilos’ culturais dentro de uma mesma tradição. Com isso não quero afirmar que a capoeira carioca tenha sido homogênea, pois, acredito que não, apesar da documentação disponível não permitir tais constatações. Portanto, é provável que uma das causas da existência de grupos diferentes na capoeira, nas primeiras décadas do século XX, tenham sido as concepções divergentes sobre essa cultura (PIRES, 2001, p. 237).

Um outro fator que aponta a diferenciação da Capoeira baiana da carioca é tratado por Letícia V.S. Reis (1997, p. 121). Ela levanta a hipótese de que com a forte repressão desencadeada no Rio de Janeiro, após a Proclamação da República, e com a política higienista implementada de maneira agressiva na capital federal, a capoeiragem tenha ganho uma conotação cada vez mais negativa, fazendo com que ela se confundisse com a malandragem. Realmente, como vimos anteriormente, a vinculação da Capoeira com a malandragem foi um fator decisivo na sua rejeição social.

Por isso, pensamos que a Capoeira carioca ganhou uma fama ligada à malandragem, ao passo que a Capoeira baiana procurou se afastar desse estigma. Esse afastamento veio ao encontro de uma série de medidas que vinham sendo implementadas por um setor da classe dominante do país que ganharam força com o advento do Estado Novo, em 1935.

A Revolução de 30, como ficou conhecido esse golpe de Estado, na realidade não se configurava como uma revolução, mas sim como a troca de uma elite agrária que se encontrava no poder até aquele momento, por uma elite industrial, ambas detentoras dos meios de produção capitalista, portanto pertencentes à mesma classe social. Essa mudança

no panorama político brasileiro, através da implementação de um regime ditatorial, foi encabeçada por Getúlio Vargas e implantada com o pretexto de proteger o país

dos perigos internos que se consubstanciaram, em novembro de 1935, no movimento batizado de ‘intentiona comunista’ e que se afigurou na direção da desestruturação da ordem político-econômica constituída, e aos perigos externos presentes face a iminência de configuração de um conflito bélico a nível mundial. (CASTELLANI FILHO, 1991, pp. 80 – 81).

Com esses dois argumentos, adotou-se uma onda repressiva que instituiu mecanismos de censura à livre expressão da população (imprensa, músicas, etc.) e controlou as esferas ligadas à classe trabalhadora (como, o aliciamento dos sindicatos). Na realidade, o grande desafio do governo totalitário brasileiro era convencer a classe trabalhadora da extinção da luta de classes, ou melhor, de sua não existência, procurando mostrar que todos juntos, operariado e patrões, deveriam construir uma nação forte e competitiva.

Para que essa falácia fosse confirmada, o Estado – soberano, neste momento – se apresentou como o elo de união dos brasileiros e passou a funcionar como o porta-voz do povo, de onde se emanavam todas as decisões. Alcir Lenharo (1989) trata em sua obra o panorama da época. Vejamos:

[...] neste período a sociedade se configura apenas pelo poder do Estado. É nas leis trabalhistas que emerge o operário. Nas leis sindicais que emerge a classe, nas corporações industriais e nos conselhos de Estado que se delinea a burguesia, nos planos de urbanização, que aparecem as cidades, na Justiça do Trabalho que aparecem os direitos sociais e civis, na oficialização de datas e comemorações que aparece a cultura, na regulamentação do trabalho e do voto feminino que aparece a mulher, no código civil que aparece a família, nos registros policiais que aparecem os conflitos, na burocracia federal que emerge a nação (PAOLI apud LENHARO, 1989, p.24).

Portanto, todas as ações sociais estavam sob a tutela do Estado e a Educação não fugia desse contexto. Ela tinha a finalidade de educar o indivíduo para sua plena adaptação ao sistema em voga, ou seja, sua adequação ao modo de produção industrial capitalista, de preferência enaltecendo sua pátria. De acordo com as observações de Lino Castellani Filho (1991, p. 82), “As diretrizes ideológicas que nortearam a política educacional naquele período possuíam como substância a exaltação da nacionalidade, as críticas ao liberalismo, o anticomunismo e a valorização do ensino profissional”.

E para que isso se efetivasse, no sentido de formar homens e mulheres aptos a servir a pátria e ao Estado, se fazia necessário lançar mão de instrumentos capazes de prepará-los

à altura dessas aspirações. Assim, a escola passa a dar ênfase em duas disciplinas que foram complementares na busca destes objetivos, a educação física e a educação moral e cívica.

Como pudemos apreender, o discurso disseminado no Estado Novo enaltecia a formação de um povo forte, irmanado por uma causa comum – a Nação. Essas idéias fortemente arraigadas ao espírito de combate e de disciplina, disseminadas em um período de guerra iminente, reforçaram os ideais ligados à militarização, principalmente pela demonstração de simpatia do governo brasileiro à ideologia fascista. Desta forma, a educação física cumpria o papel de preparar o corpo para a guerra e adestrá-lo para o trabalho, enquanto a educação moral e cívica prepararia o espírito para a nobre missão de servir à pátria. Estava completa a formação educacional brasileira, educação física para o corpo e educação moral e cívica para a “alma”. Nunca a dicotomia corpo e alma havia se tornado tão útil e eficaz.

Interessa-nos aprofundar um pouco mais a questão relativa à educação física, que, em 1937, passa a ser obrigatória nos cursos primários e secundários e facultativa no superior, através da Carta Magna elaborada pelo governo ditatorial. Mais tarde, em 1940, pelo Decreto Lei nº 2.072, que serviria de base para a instituição da Juventude Brasileira – modelo brasileiro de instituições congêneres dos governos fascistas, que não chegou a se efetivar -, é reforçado seu caráter pragmático de fortalecimento do corpo, da raça brasileira e de adestramento físico.

Dessa forma, ela visava, entre outros fins, a trabalhar em prol do aperfeiçoamento racial, que nesse momento histórico ganha um caráter ligado ao arianismo, pois não tolerava as deficiências físicas ou mentais dos indivíduos e, muito menos, as diferenças raciais referentes à cor da pele ou características físicas. O elogio à mestiçagem que se iniciou no século XIX, como vimos, ganha abertamente o sentido de elogio ao branqueamento da raça. De acordo com Fisher (apud LENHARO, 1989, pp. 78 - 79),

[...] A nova Educação Física deverá formar um homem típico que tenha as seguintes características: de talhe mais delgado que cheio, gracioso de musculatura, flexível, de olhos claros, pele sã, ágil, desperto, erecto, dócil, entusiasta, alegre, viril, imaginoso, senhor de si mesmo, sincero, honesto, puro de atos e pensamentos [...]

Essa “nova” educação física será o canal para a *formação eugênica das massas e docilização* do trabalhador. Fundamentada nos preceitos militaristas vigentes, vemos sua aproximação e até mesmo sua não distinção entre as propostas pedagógicas das Forças

Armadas e da educação física. Valendo-nos das palavras de Lino Castellani Filho (1993, p. 123) sobre as influências das instituições militares na educação física, inclusive em suas aulas na escola, temos

[...] uma relação que destinava ao aluno o papel de ‘recruta’, e ao professor o de ‘sargento’, desencadeando dessa forma sua vinculação com o projeto de construção dos corpos produtivos que, para melhor se ajustarem à dinâmica do trabalho fabril, deveriam trazer as marcas dos corpos dóceis, disciplinados – no sentido mesmo de subservientes à ordem hierárquica estabelecida no e pelo sistema de trabalho [...]

E é nesse contexto que a Capoeira vai novamente estreitar seus laços com a educação física. Podemos dizer que essa aproximação ocorreu de duas formas distintas:

- a primeira se deu através dos mestres baianos, que propuseram sua prática pautada nos preceitos afro-brasileiros, dividindo-se em duas linhas, uma com índole regional – Capoeira Regional – e outra étnica – Capoeira Angola⁴⁸.
- a outra ocorreu dentro do que podemos chamar de proposta “*branca e erudita*”⁴⁹, que, através de um dos mais famosos intelectuais da área – Inezil Penna Marinho –, tentou incorporá-la ao sistema pedagógico de educação física para sistematizá-la como uma *luta nacional de defesa pessoal*.

Esses dois projetos tomaram rumos diferentes, prevalecendo em nossa sociedade aquele derivado dos mestres baianos. Analisaremos, a partir deste momento, como eles foram desenvolvidos.

⁴⁸ Estamos nos valendo das observações realizadas por Reis (1997, pp. 97 – 153).

⁴⁹ Expressão cunhada por Reis (1997, p.98).

V - Mestre Bimba e mestre Pastinha – e suas “reinvenções”⁵⁰ da tradição africana

*“Iê, viva os mestres,
Iê viva os mestres, camará!
Iê que nos ensinaram,
Iê que nos ensinaram, camará!
Iê capoeiragem,
Iê capoeiragem, camará!...”*⁵¹

Como mostramos anteriormente, a Capoeira fazia parte do cotidiano de Salvador no início do século XX. Mesmo sendo uma prática proibida por lei, sua presença se devia aos capoeiras que teimosamente desafiavam a legislação vigente na época, mostrando sua capacidade de enfrentamento e negociação. A pesquisa de Pires (2001), que refaz a trajetória da formação da *Capoeira Contemporânea* nessa cidade, mostra-nos que existiram aqueles indivíduos que praticaram a Capoeira com um forte caráter de luta, sempre ligado aos conflitos de rua, fazendo com que houvesse sua repressão e se destacasse o lado negativo desta prática. Em contrapartida, existiram aqueles que enxergaram uma possibilidade de reordenamento desta manifestação, inserindo-a em um contexto ligado à cultura afro-brasileira e vinculando-a ao Esporte. Foram justamente estes últimos que deram força ao que chamamos de *reinvenção da tradição* da Capoeira.

Já mencionamos que um dos responsáveis para que isso ocorresse foi mestre Bimba, mas, além dele, podemos destacar também Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, que colaborou para que a Capoeira adquirisse uma nova configuração. Além desses dois mestres, muito conhecidos no mundo capoeirístico, existiram outros, contemporâneos desses, que também impulsionaram o processo de *reinvenção* da Capoeira no decorrer das décadas de 20, 30, 40 e 50, do século XX.

No entanto, não iremos detalhar os movimentos de como isso se desencadeou em suas diferentes frentes⁵², pois não temos a intenção de realizar essa tarefa. Somente nos

⁵⁰ O termo *reinvenção da tradição* é utilizado por Reis (1997, p. 100), baseado nos estudos do historiador Hobsbawn (1984), que trata do conceito de "tradição inventada", que é definida como "[...] um conjunto de práticas sociais de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar valores e comportamentos por intermédio da repetição o que implica uma continuidade em relação a um passado histórico apropriado".

⁵¹ Saudações realizadas por ocasião do canto da ladainha no jogo da Capoeira.

deteremos nas duas propostas principais de reordenamento da Capoeira, a Capoeira Regional e a Capoeira Angola, uma vez que é a partir delas que apontaremos algumas inter-relações existentes entre a Capoeira e a educação física.

Esses dois estilos, por sua vez, possuem pontos de aproximação e distinção no modo como lutaram pela legitimação da Capoeira como esporte (diferente da concepção esportiva desejada pelos intelectuais do início do século). Podemos destacar que para os dois mestres, criadores desses estilos, a Capoeira possuía uma origem negra ligada às lutas pela liberdade dos negros no Brasil. E é a partir dessas duas propostas que até hoje encontramos pautados os *Fundamentos da Capoeira*⁵³, dada a importância desses representantes para seu desenvolvimento como uma prática social.

Começaremos a tratar a elaboração desses estilos através do debate da Capoeira Regional, uma vez que sua proposta irá se destacar em fins de 1920 e início de 1930. Já a Capoeira Angola, da maneira proposta por mestre Pastinha e seus praticantes, se concretizará, de acordo com os estudos de Pires (2001, p. 276), a partir de 1940.

Conforme mencionamos, sabemos que abordar a criação da Capoeira Regional requer uma série de cuidados, uma vez que esta se forjou em um período histórico conturbado em nosso país. Talvez fosse mais cômodo analisarmos sua concepção como uma adequação por parte dos capoeiras à política de militarização e adestramento do corpo, que, juntamente com o populismo⁵⁴ de Vargas, propiciaria um bom terreno para a implantação da proposta de mestre Bimba. Entretanto, percebemos que analisar linearmente a inserção da Capoeira Regional, em meio à conjuntura política existente naquele período, seria desmerecer uma série de lutas de resistência da comunidade negra no Brasil, que, há

⁵² Recomendamos a leitura de Pires (2001) para aprofundar esse tema. Nesse trabalho, o autor realiza o estudo histórico de como o processo de reinvenção da Capoeira ocorreu em Salvador, desde o final do século XIX até meados do século XX.

⁵³ Termo já elucidado por ocasião dos agradecimentos desse trabalho.

⁵⁴ O termo populismo expressa, entre outras coisas, um movimento político por parte do governo de Getúlio Vargas, que procurava atender algumas aspirações sociais que eram utilizadas como forma de válvula de escape da população em uma fase extremamente autoritária na história do país. A liberação das manifestações culturais populares, tais como a Capoeira, o candomblé e o samba concretizava os ideais da Nação Brasileira, tão desejados pelo poder governamental, ao mesmo tempo em que servia como contrapartida às reivindicações da camada subalterna da população. É assim que os negros terão que lançar mão da estratégia de incorporação dos elementos mestiços para a aceitação dessas manifestações, como a umbanda (que seria derivada do candomblé), o samba exaltação (que se diferenciava do *samba de malandro* no Rio de Janeiro) e a própria Capoeira Regional (que se distinguia da capoeira *de rua*). No entanto, veremos que no caso da Capoeira nem todos os desejos governamentais envolvidos nessas mudanças foram atendidos.

muitos anos, procurava legitimar e conseguir o reconhecimento de suas manifestações culturais.

Notamos, portanto, nesse contexto, um processo dialético entre a ordem estabelecida pelo sistema social-político e as reivindicações dos negros em Salvador. Supomos que as estratégias por parte de setores da população de descendência africana - que beirava os limites *do conformismo e da resistência*⁵⁵ para se destacar no embate de preservação cultural – foram consoantes com as condições estabelecidas, ao mesmo tempo que apresentaram pontos de contestação.

Se nos valermos das observações tecidas por Marilena Chauí (1986), para entendermos a ambigüidade das relações estabelecidas na produção cultural da camada subalterna com a classe dominante, iremos nos remeter à conceituação de hegemonia de Gramsci, que de acordo com a autora:

Pode-se dizer que, a hegemonia é a cultura numa sociedade de classes. Hegemonia não é um ‘sistema’: é um complexo de experiências, relações e atividades cujos limites estão fixados e interiorizados, mas que, por ser mais do que ideologia⁵⁶, tem capacidade para controlar e produzir mudanças sociais. Numa palavra, é uma práxis e um processo, pois se altera todas as vezes que as condições históricas se transformam, alteração indispensável para que a dominação seja mantida. Como cultura numa sociedade de classes, a hegemonia não é apenas conjunto de representações, nem doutrinação e manipulação. É um corpo de práticas e de expectativas sobre o todo social existente e sobre o todo da existência social: constitui e é constituída pela sociedade sob a forma da subordinação interiorizada e imperceptível. (Chauí, 1986, p. 22)

Então, podemos dizer que a criação da Capoeira Regional pode ser entendida como um processo no qual a camada subalterna de Salvador, nesse caso representada por uma parcela da comunidade negra, atendeu a determinadas solicitações por parte da classe dominante, ao mesmo tempo que implementou, no bojo de suas manifestações culturais, sua marca característica. Se extrapolarmos a criação da Capoeira Regional, podemos concluir, também, que a Capoeira Angola, anos depois, utilizou o mesmo mecanismo,

⁵⁵ Esta estratégia de *conformismo e resistência* ao qual nos reportamos é baseado nos estudos de CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência:** aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁵⁶ Neste caso, Marilena Chauí, quando trata deste conceito, remete-se ao termo *ideologia* de acordo com Marx, que o define como sendo uma “produção da universalidade imaginária e da unidade ilusória numa sociedade que pressupõe, põe e repõe as divisões internas de classe”. No entanto, durante o desenvolvimento do debate que trava com as idéias de Gramsci, aponta que o conceito de hegemonia deste autor transcende o de ideologia tratado por Marx, pois acrescenta a conceituação de cultura e amplia a abrangência do conceito de ideologia repensando as observações sobre este termo realizadas por Marx. Esta discussão está em Chauí (1986, pp.20 – 22).

porém de forma diferenciada, talvez com maior liberdade para imprimir um número maior de características ligadas às raízes culturais africanas, pois já existia um caminho aberto pelo embate travado com o outro estilo de Capoeira – a Regional - e os desejos da classe detentora do poder.

***“São dim dom dão São Bento
Grande homem de movimento
Martelo no tribunal
Sumiu na mata adentro
Foi pego sem documento
No terreiro regional
Poeira ra ra ra
Poeira ra ra ra
Terça-feira capoeira ra ra ra”***⁵⁷

A criação da Capoeira Regional se deu pelas iniciativas de Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba. Este mestre dava aulas de Capoeira, clandestinamente, na década de 1920, a alguns alunos ligados ao seu círculo de relações pessoais e, posteriormente, ampliou o número de participantes com pessoas advindas da classe alta de Salvador. A ligação de mestre Bimba com os rapazes de uma classe social abastada, que freqüentavam curso superior, não demorou a trazer uma série de contribuições para uma nova proposta de prática da Capoeira. No entanto, isso não significou o abandono dos preceitos de origem africana no seu ensino.

Observamos que no decorrer das análises que fizemos das obras referentes ao trabalho de mestre Bimba, ele diferenciava a Capoeira entre aquela praticada nas rodas (a de exibição e fruição), a dos ringues (modalidade esportiva) e a das ruas (marginal). Desta forma, a Capoeira das rodas era a de fruição, prazer, jogo, dança, canto, enfim, uma manifestação lúdica com os componentes característicos das manifestações culturais africanas que poderiam ser mostrados à sociedade, desde que se estivesse em um local adequado. A Capoeira dos ringues era predominantemente a luta, sinônimo de esporte de rendimento, que deveria ser eficaz e, por isso, se diferenciar da Capoeira Angola⁵⁸ -

⁵⁷ Esta canção *Meia-lua inteira*, interpretada por Caetano Veloso, traz uma série de fragmentos que nos remetem à invenção da Capoeira Regional.

⁵⁸ Foi nesse período que surgiu a diferenciação entre a Capoeira Angola e a Regional, pois antes a Capoeira era uma só, que se configurava de acordo com o ambiente em que se encontrava inserida e com o uso que era feito de sua prática. Inclusive, os mestres e defensores da Capoeira Angola freqüentemente utilizam o

considerada como uma luta ineficiente. E, por fim, a Capoeira de rua, que era aquela marginal, que deveria ser combatida por todos os capoeiristas⁵⁹.

Notamos também, no decorrer das análises, que existiram fases em que mestre Bimba se dedicou com mais afinco a essas diferentes formas de expressão da Capoeira, mas apesar disso, em alguns momentos, percebemos que houve a interpenetração entre elas. Iremos dividi-las em fases, somente a título de ilustração, para compreendermos sua diversidade e em quais momentos cada tipo de Capoeira se manifestou com mais destaque na vida desse mestre.

Podemos considerar a primeira fase como aquela em que ele teve contato com a Capoeira de rua, considerada marginal. Nesse momento, ele aprendeu a Capoeira em seu todo (luta e divertimento), pois esta se adequava ao momento vivido e ao uso que seus praticantes faziam - era considerada uma contravenção e seu espaço privilegiado de manifestação era a rua. A segunda fase foi quando mestre Bimba passa a se dedicar às lutas de ringue e vê a chance de inserir a Capoeira, aprendida por ele e mesclada ao batuque⁶⁰, nos moldes esportivos. É interessante dizer que nesse momento ele já havia tido contato com os alunos advindos da classe dominante, com as demais modalidades de lutas e também com a obra de Annibal Burlamaqui (1928)⁶¹. O terceiro momento foi quando esse mestre propõe a **Luta Regional Baiana**, que virá, primeiramente, esportivizada - o próprio nome da proposta revela as características ligadas às modalidades de lutas - e, gradativamente, com o decorrer dos anos, irá ceder cada vez mais espaço para o lado de fruição e manifestação das práticas de origem africana. Percebemos que no início dessa proposta a busca para legitimá-la como uma atividade de educação física e/ou modalidade esportiva foi muito mais acentuada, sendo que a retomada dos laços com a tradição africana emergirá após sua afirmação como uma luta eficaz - nos ringues e nas rodas organizadas por outros praticantes de Capoeira.

discurso de que mestre Bimba antes de criar a Capoeira Regional foi um angoleiro (praticante da Capoeira Angola), portanto se referem a esta modalidade como precursora da Capoeira Regional.

⁵⁹ É nesse momento histórico que consideramos que o capoeira se torna *capoeirista*, pois esta terminologia lembra a palavra *esportista*, ou seja, o praticante de capoeira é o *capoeirista* como o praticante de uma modalidade esportiva é um *esportista*. Esta sutil mudança revela o desejo de mostrar a Capoeira como uma modalidade esportiva, adquirindo socialmente um *status* elevado.

⁶⁰ O batuque a que nos referimos é a luta-dança africana, conforme explicamos anteriormente. Vale informar que o pai de mestre Bimba era um consagrado jogador de batuque. Dessa forma, pressupomos o contato deste mestre com as práticas culturais de origem africana desde sua infância.

⁶¹ Adquirimos essa informação a partir da leitura de Abreu (1999, p. 71).

Podemos apontar, em meio a esse debate, que a idéia primordial de mestre Bimba, no momento em que cria a Luta Regional Baiana, era de elevar o *status* da Capoeira. Para que isso ocorresse, ele se apropriou de vários elementos provenientes das instituições legais vigentes no período, tal como a escola formal e os órgãos ligados ao esporte e educação física. Dessa maneira, o aprendizado desta *modalidade esportiva* passou a ser realizado em ambiente fechado, na academia, tirando a Capoeira da rua, o local ligado às práticas de contravenção. Os alunos que freqüentavam as aulas começaram a ser avaliados não só pelo desempenho no jogo, mas também pelas suas condutas morais, como não chegar atrasado aos treinos, não fumar, não beber, possuir um trabalho⁶², estudar, não se envolver em arruaças, etc. Todo esse zelo pela disciplina refletia o esquema formal de ensino em que a educação moral e cívica tinha uma grande importância e as ordens disciplinares regiam a educação física da época.

Talvez por isso, em 1937, mestre Bimba tenha recebido o registro oficial do *Centro de Cultura Física e Capoeira Regional*⁶³, autorizando-o a ministrar suas aulas. A liberalização desta prática se pautava basicamente na tese de ser ela: “o único esporte verdadeiramente nacional”, justificativa dada pelo próprio presidente da República, Getúlio Vargas⁶⁴. Com esta autorização, avaliamos que o criador da Capoeira Regional demonstrou sua capacidade de compreender o momento histórico e se adequar a ele, ao mesmo tempo que conseguiu, com essa autorização, concretizar o desejo do espaço legalizado para a prática de uma atividade de origem africana reivindicado durante muitos anos pela população negra. É importante lembrar que, até aquele momento, a Capoeira era aprendida majoritariamente de maneira informal e clandestina nas rodas de rua, de *oitiva*, como dizia o próprio mestre Bimba - observando os demais praticantes -, ou através de algum capoeira que dedicasse seu tempo ao ensino desta arte. Eram poucos que se arriscavam em abrir um espaço de ensino clandestino.

⁶² Notamos a preocupação em desvincular a imagem do antigo capoeira ao malandro. Por isso a necessidade, que ia ao encontro das aspirações do Estado, de o capoeirista ser um trabalhador.

⁶³ Recomendamos a leitura de Abreu (1999, pp. 29 – 30), para se obter maiores informações sobre a aquisição da licença de abertura do Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, adquirida por mestre Bimba. Vale apontar que, de acordo com esse autor, nos anos 30, do século XX, os Centros de Cultura Física, na Bahia, começaram a se disseminar com sua identificação ligada à prática do culturalismo físico, entendido nesse momento como a ginástica, lutas e modalidades esportivas.

⁶⁴ Este comentário realizado por Getúlio Vargas ao mestre Bimba ocorreu anos após a liberalização da Capoeira por ocasião de uma exibição realizada no Palácio do Governo, em Salvador, em 1953.

Uma vez autorizado a ministrar suas aulas, o mestre não tardou em divulgar sua metodologia para o ensino-aprendizagem da Capoeira Regional. A “*Seqüência de Ensino*” ou, como ficou conhecida até os dias de hoje, a famosa “*Seqüência de Bimba*” foi a codificação organizada por ele para repassar sua experiência adquirida no *mundo capoeirístico*. De acordo com mestre Itapoan – Raimundo César Alves de Almeida⁶⁵ -, mestre Bimba dizia que:

Esta Seqüência é uma série de exercícios físicos completos e organizados em um número de lições práticas e eficientes, a fim de que o principiante em capoeira, dentro do menor tempo possível, se convença do valor da luta, como um sistema de ataque e defesa (ALMEIDA, 1982, pp.14 – 15).

Vemos, assim, o ordenamento da prática da Capoeira, que passa a se valer de uma série de exercícios que, desligados do ambiente da roda e da rua, irão aprimorar seu praticante, tal como nas aulas de educação física, nas quais existia (e ainda existe) uma série de exercícios para o aprimoramento físico⁶⁶.

A “*Seqüência de Bimba*” é composta por oito partes que são realizadas por dois capoeiristas, sendo que um deles irá fazer os golpes (Aluno “A”) e o outro irá respondê-los com as defesas e contragolpes (Aluno “B”). As seqüências vão aumentando sua complexidade gradativamente e, de acordo com as indicações dadas pelo mestre, devem ser repetidas tanto pelo executor dos golpes como por quem executa os contragolpes e defesas, sendo que ambos trocam de papel no decorrer dos treinos. Constam dessa metodologia dezoito golpes, contragolpes e defesas que são os seguintes: “meia-lua de frente, armada, aú, rolê, cocorinha, negativa, cabeçada, armada, queixada, benção, martelo, palma, godeme, arrastão, galopante, giro, joelhada e meia-lua de compasso”⁶⁷ (ALMEIDA, 1982, pp. 30 – 37). Toda a aplicação das seqüências pressupõe que o aluno já tenha aprendido a ginga, para que ele possa realizar os movimentos no desenrolar desta. De acordo com os escritos de Luiz Renato Vieira (1995, p. 151), que em seu estudo detalhou a metodologia de ensino

⁶⁵ Este autor foi aluno de mestre Bimba e escreveu sua biografia.

⁶⁶ Apesar de colocarmos a expressão aprimoramento físico, não concordamos com a dicotomia físico e mente ou, como é difundido no senso comum, corpo/mente. Pautamo-nos no conceito de Homem como um todo, do corpo como forma de expressão do ser humano total e não fragmentário.

⁶⁷ Nas páginas 109 a 111 temos a ilustração de alguns desses movimentos citados.

de mestre Bimba para poder discutir a Capoeira Regional entre outras abordagens, as seqüências

[...] eram séries padronizadas de movimentos de ataque e defesa que os capoeiristas faziam em duplas, simulando um jogo [...] Inicialmente, o aprendiz executava as seqüências sem o acompanhamento dos instrumentos musicais da capoeira. Somente após o aprendizado dos movimentos fundamentais, mestre Bimba permitia que o ‘calouro’, como dizia, jogasse capoeira ao som do berimbau.

Quando Luiz Renato Vieira se referiu em seu texto à utilização da *Seqüência de Bimba* no tempo verbal do passado, talvez não tivesse levado em conta que, atualmente, é ainda esta metodologia que serve de base para o trabalho de inúmeros mestres e professores de Capoeira, existindo um sem-fim de variações destas seqüências. Veremos no próximo capítulo como essas variações foram reinterpretadas e repassadas na literatura produzida pelos mestres e pelos autores da educação física.

Percebemos nessa metodologia algumas semelhanças com os métodos ginásticos aplicados no Brasil, que faziam da repetição dos gestos, descontextualizados de seu sentido, uma forma de aprender os movimentos motores e fortalecer o corpo. Todavia, à medida que os golpes, contragolpes e defesas são apresentados no contexto da roda de Capoeira ou nas situações de defesa pessoal, entendemos a superação desses métodos, pautados em gestos alienatórios, porque diante de situações inusitadas o capoeirista se vale de sua criatividade para superar os obstáculos.

A metodologia de mestre Bimba ainda possui alguns outros movimentos⁶⁸, como o deslocamento (conhecido na ginástica artística como ponte) e a queda de rins. Além disso, existe uma outra seqüência de golpes e contragolpes: a *Cintura Desprezada* (também conhecida como *Balões* ou os *Golpes Ligados*). Esta série é responsável por muitas polêmicas, pois atribuem a ela a descaracterização da Capoeira com a incorporação de golpes de outras lutas marciais e de exercícios da ginástica artística. Pensamos que, com as mudanças planejadas por mestre Bimba, seria impossível manter inalteradas as características da Capoeira realizada por seus antigos praticantes, mas com relação à incorporação da ginástica artística nessa manifestação cultural, afirmamos que as acrobacias sempre fizeram parte de sua estrutura, basta recorrermos aos escritos, já

⁶⁸ Poderíamos classificar esses movimentos como demonstrações de resistência muscular e flexibilidade do capoeirista, que serviriam para a exibição de suas habilidades.

mencionados no trabalho, sobre os capoeiras realizando acrobacias nos adros das igrejas e em frente às bandas de música.

O aprendizado da *Cintura Desprezada* era o próximo passo para o desenvolvimento do aluno dentro da proposta da Capoeira Regional, sendo esta formada por

[...] uma série de projeções (golpes em que se procura agarrar o adversário e projetá-lo ao solo, geralmente por cima do próprio corpo) [...]. Esta parte do ensino “[...] tinha por objetivo habituar o capoeirista a reagir a agarramentos ensinando-o a melhor maneira de cair quando projetado ao chão. A introdução dos balões, também denominados ‘golpes ligados’, seguramente constituiu o aspecto da Capoeira Regional que produziu maior polêmica, por entrar em choque com um dos princípios fundamentais da capoeira: a movimentação constante, alternando ataques e esquivas [...] (VIEIRA, 1995, p. 151)

Como dissemos, a introdução desses golpes chocou alguns de seus praticantes em Salvador, pelo menos aqueles que mantiveram os antigos hábitos da Capoeira praticada nas rodas de largo e nos ambientes que ela se manifestava antes de sua legalização. Esses capoeiras - que não concordavam com as mudanças implementadas por mestre Bimba - passaram a ser denominados de *angoleiros*.

No entanto, notamos que a *Cintura Desprezada* de mestre Bimba não era uma proposta tão nova e transgressora das tradições, como atribuíam os angoleiros; ou mesmo tão inovadora como anunciavam os partidários da Regional. Recorrendo à obra de Annibal Burlamaqui (1928) – o Zuma -, destacamos que ele, para elaborar sua metodologia, se valeu dos golpes oriundos da Capoeira disseminada no Rio de Janeiro no início do século XX, como também de alguns golpes de batuque. Coincidentemente ou não, devemos lembrar que mestre Bimba fez algo parecido, sendo que muitos dos golpes do batuque são encontrados em ambas as propostas. No caso da Capoeira Regional, os golpes que compõem a seqüência da *Cintura Desprezada* e que encontramos no Método Zuma são: *banda de frente*, *banda amarrada*, *banda jogada*, *banda forçada*, o *bahu* e o *dourado*. Além destes, verificamos também semelhanças entre alguns golpes, contragolpes e defesas propostos na *Seqüência de Ensino* de Bimba que, se não são semelhantes à execução explicitada por Burlamaqui, pelo menos possuem o mesmo nome. São eles: a *rasteira*, o *rabo de arraia* (que apesar de ter o mesmo nome em ambas as propostas, são realizados de forma diferente), a *cabeçada*, a *tesoura*, a *queixada* (que para Zuma é o movimento que equivaleria ao *martelo* da Capoeira Regional, sendo que a *queixada* na Capoeira Regional

seria um outro movimento totalmente diferente daquele do método Zuma), o *escorão* (seria a benção da Capoeira Regional), a *bahiana*, a *xulipa* (é o tapa no rosto que seria o golpe *tapa ou tapon* da Capoeira Regional⁶⁹), o *arrastão* e o *vô do morcego*, além, é claro, da *ginga* (para Zuma, é a *guarda*) - que apesar de não compor a *Seqüência de Bimba*⁷⁰ - é parte fundamental de sua proposta⁷¹.

⁶⁹ Apesar de muitos mestres de Capoeira Regional não admitirem este golpe nas rodas e treinos.

⁷⁰ Sugerimos a consulta das seguintes obras para se saber mais sobre os golpes, contragolpes e defesas da metodologia de mestre Bimba: Abreu (1999); Almeida (1982); Capoeira (1992, 1981); Rego (1968); Souza [1996?]; Vieira (1995).

⁷¹ Para elucidar melhor a comparação dos golpes e defesas das propostas discutidas, sugerimos a observação das figuras 28 a 43, na página 109 e 111.

Alguns golpes, contragolpes e defesas da Sequência de Bimba

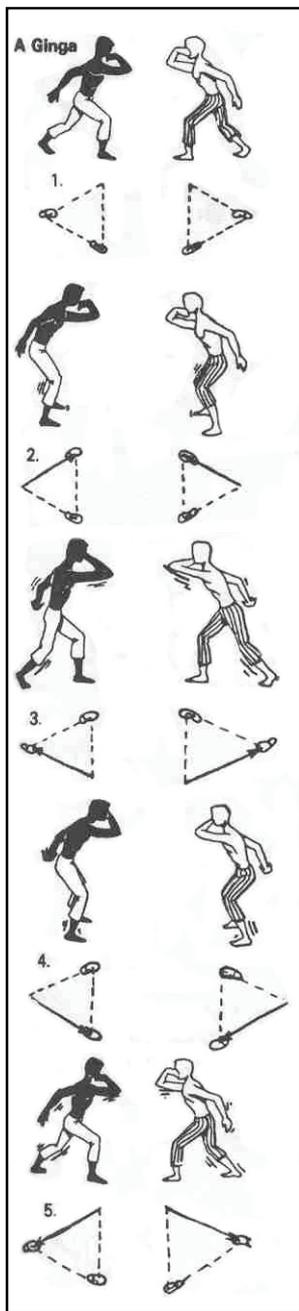


Fig. 28 - Ginga

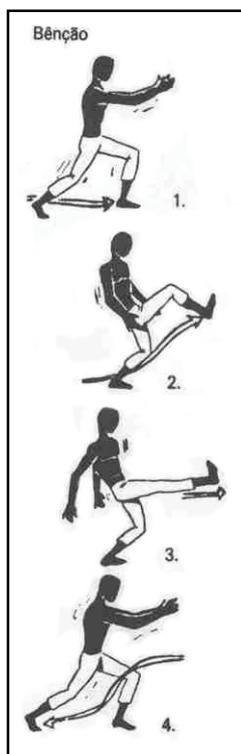


Fig. 29 - Bêncão



Fig. 30 - Cocorinha



Fig. 33 - Negativa e rolê.

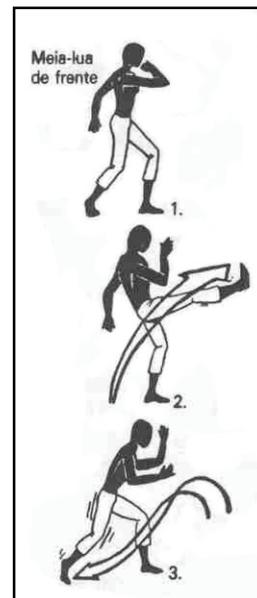


Fig. 32 - Meia-lua de frente

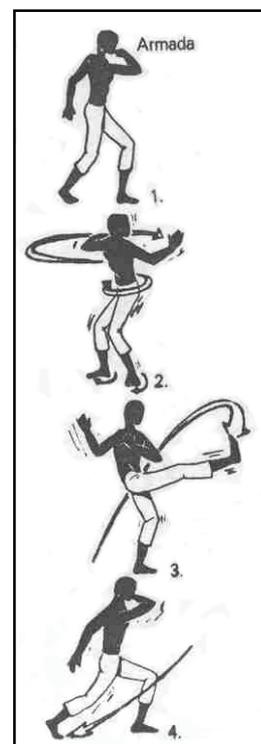


Fig. 37 - Armada

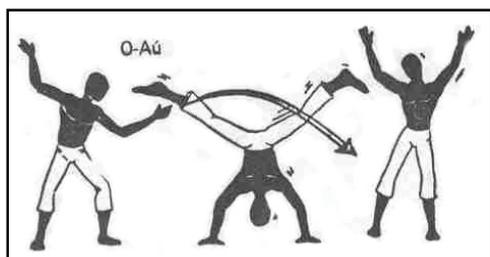


Fig. 34 - Aú

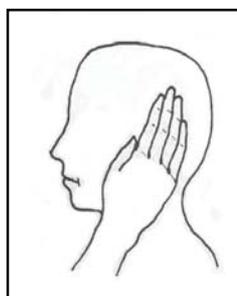


Fig. 35 - Galopante

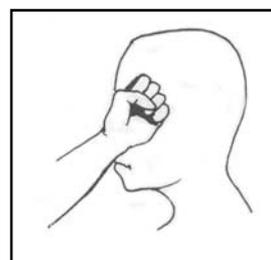


Fig. 36 - Godeme

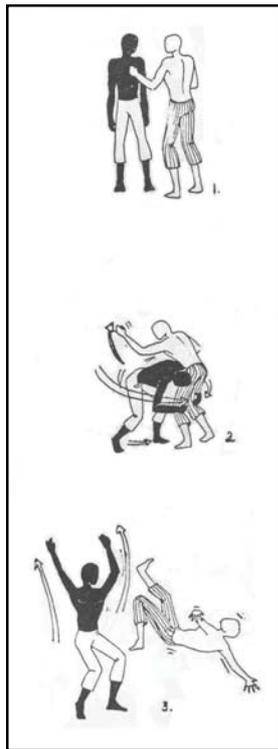


Fig. 38 – Arrastão

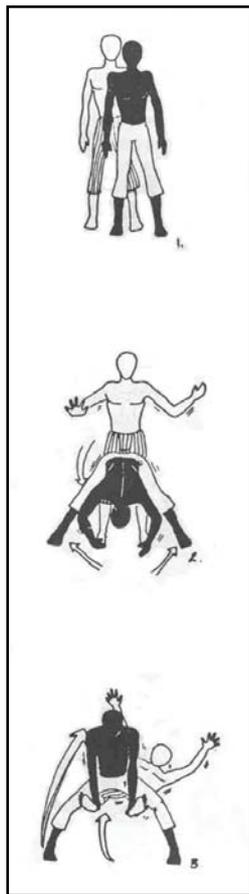


Fig. 39 – Baianada ou Bahiana

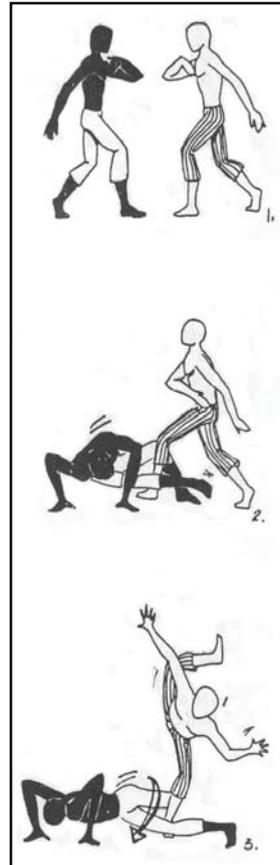


Fig. 40 – Tesoura

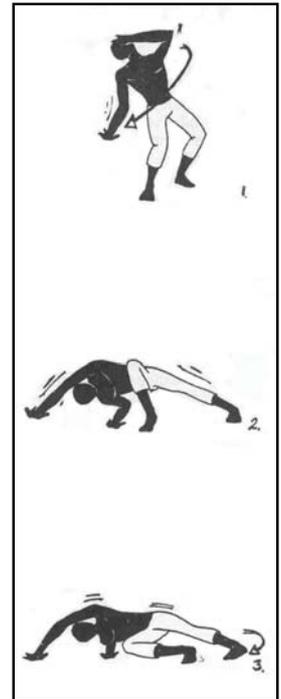


Fig. 41 – Rasteira

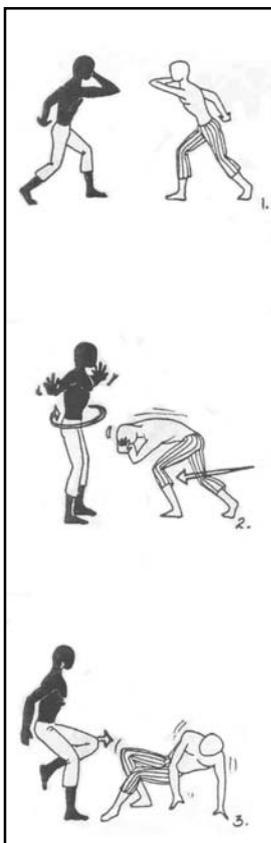


Fig. 42 – Cabeçada e joelhada

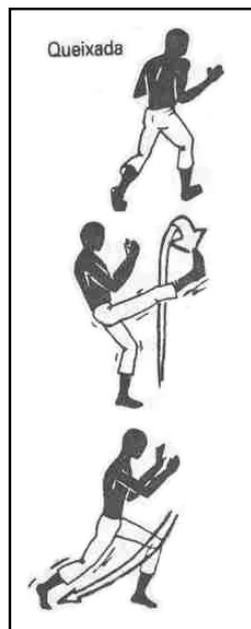


Fig. 43 – Tesoura

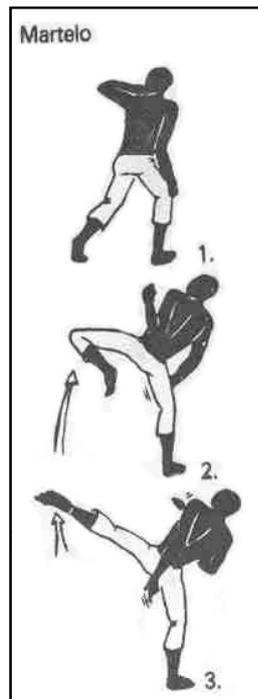


Fig. 44 – Martelo

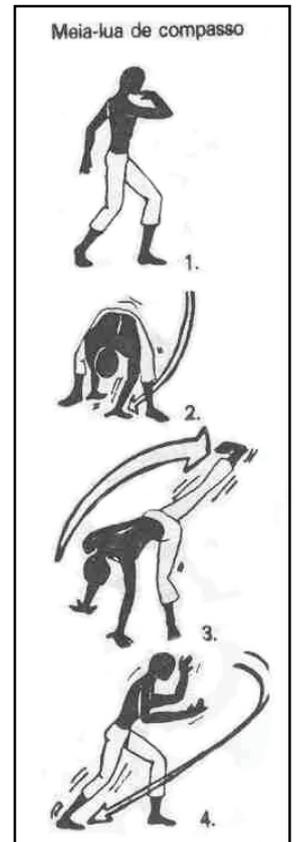
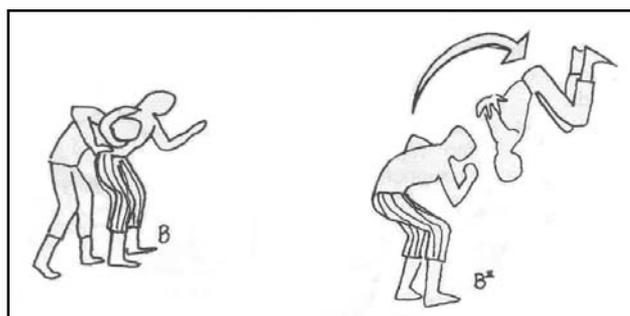
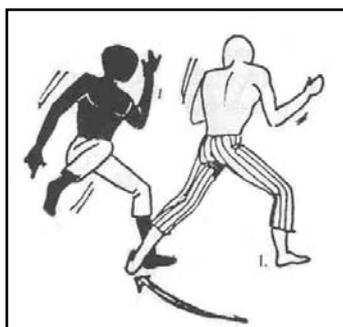
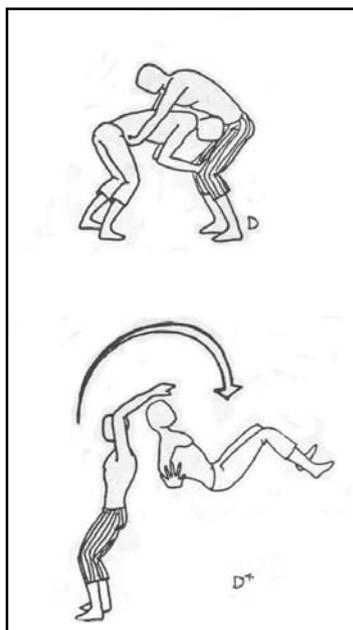
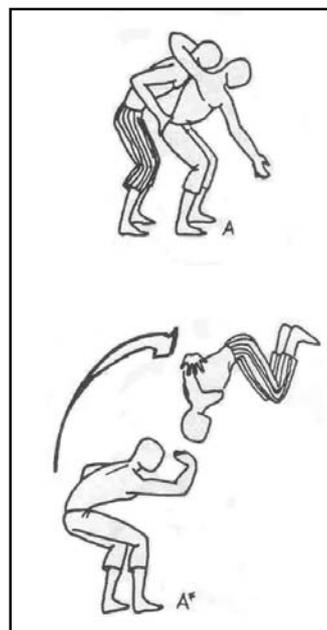
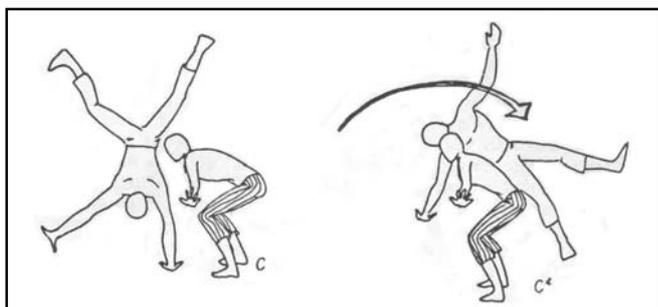


Fig. 45 – Meia-lua de compasso



Fig. 46 – Vôo do morcego

Golpes da Cintura Desprezada*



Ilustrações retiradas de:

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1992, pp. 159 - 180.

_____. **O pequeno manual do jogador de Capoeira**. Rio de Janeiro: Ground, 1981, pp. 57 - 97.

* Os golpes da **Cintura Desprezada** não são identificados por nome na obra de onde foram retirados.

A partir dessa comparação, podemos apontar uma aproximação entre a Capoeira que era praticada pelos cariocas no início do século XX e a Capoeira praticada pelos baianos – pelo menos aquela defendida por mestre Bimba - nesse mesmo período. Porém, apesar de possuírem aspectos muito parecidos, a Capoeira Regional diferenciava-se do método Zuma no que se referia à manutenção das tradições africanas.

Recorrendo aos escritos de Frederico Abreu (1999, p. 41), encontramos uma passagem muito pertinente para ilustrarmos esse fato. Diz ele:

Seduzindo para a prática da Regional uma quantidade cada vez maior de jovens brancos, o mestre Bimba, na sua luta para derrubar o preconceito contra a capoeira, foi buscar aliados no território branco e envenenou o preconceito dentro da sua própria casa: no seio da família – ‘célula-mater da pátria’ (Rui Barbosa): os jovens brancos desobedecendo os pais preconceituosos para jogar capoeira. Golpe de mestre.

Gostaríamos de lembrar que no ano de 1907, apenas 30 anos antes da legalização da Capoeira, O.D.C. (1907, pp. 2 – 3) elucidava que, para a sociedade da época, o capoeira era um “[...] desgraçado vagabundo, trouxa, cachaça, gatuno, faquista ou navalhista, [...]”, e esses indivíduos eram punidos com a severidade do código penal. Portanto, para a classe detentora não era fácil admitir um filho como praticante de Capoeira, ainda mais se freqüentasse uma escola de medicina ou de direito - para se formar *doutor*. Neste ponto, percebemos mais claramente que as estratégias em busca da hegemonia e da resistência cultural por vezes se apresentam de forma inusitada.

Notamos que mestre Bimba, em sua academia, tinha a preocupação de perpetuar uma série de tradições de origem africana, como nos aponta um dos seus alunos, o sociólogo Muniz Sodré (apud ABREU, 1999, p. 34):

[...] 1) a religião – o capoeirista entra na roda, benzendo-se ou mesmo despachando o Exú⁷² para não atrapalhar o jogo; 2) os cânticos rituais – as cantigas de entrada, de louvação, de bravura, de mal-dizer são indispensáveis ao jogo; 3) os instrumentos musicais – sem berimbau, não se faz uma roda de capoeira. A variação dos toques, com o crescendo ou o ralentando do som, determina a velocidade

⁷² O *Exu* é um dos orixás do candomblé que, de acordo com essa religião, faz a ligação entre o mundo dos homens e dos orixás. Ele é o dono dos caminhos e das portas, tendo como missão proteger e cuidar dessas passagens, no entanto ele não age de acordo com os preceitos de bem e mal das religiões ocidentais, pois realiza seus próprios julgamentos. Ele procede de acordo com suas vontades e cabe aos homens satisfazerem seus desejos, sempre o agradando e pedindo-lhe permissão nos momentos de entrada em alguma situação. Na África, sua figura é ligada à fertilidade, sendo representado muitas vezes com um símbolo fálico. No Brasil adquiriu a imagem traduzida pelo sincretismo religioso que fez sua ligação com a figura do diabo.

dos jogadores; 4) o culto aos heróis – nas rodas as grandes figuras da capoeira são sempre invocadas ou lembradas; 5) a ginga – a dança balançada e maneirosa exprime liberdade, arte e desafio do corpo.

Com essas atitudes, pensamos que mestre Bimba buscava trazer à tona a voz de tantos que se calaram no decorrer da história da escravidão no Brasil. Seus alunos, ao mesmo tempo em que aprendiam a se defender com os recursos da Capoeira Regional, aprendiam também, nas aulas ou nas vivências coletivas, a dinâmica do homem negro na sociedade brasileira, conviviam com suas práticas e, assim, o mestre atraía muitos “brancos” para o *modo africano* de se viver, já que esses tomavam contatos com o candomblé, o samba, a culinária afro-brasileira, as brincadeiras, as festas, entre outras atividades.

Também, para mestre Bimba, os instrumentos musicais e o canto, por ocasião das rodas de fruição da Capoeira, eram imprescindíveis. Fato que reforça a importância dada por ele a elementos da cultura africana, uma vez que os relatos orais e os cantos são instrumentos significativos na perpetuação cultural de alguns povos da África. Pelas fontes analisadas, constatamos que ele era exímio tocador de berimbau, demonstrando seu conhecimento dos toques existentes e inovando com a criação de outros para utilizá-los no jogo da Capoeira Regional. Além disso, era possuidor de uma voz potente, como pudemos comprovar na audição do disco *Curso de Capoeira Regional*⁷³. Notamos também, quando ouvimos o disco, que o coral de resposta das ladainhas e cantos corridos, entoados pelo mestre, era composto somente por vozes femininas, assemelhando-se ao responsório dos pontos de candomblé, o que remete ainda mais a Capoeira Regional às tradições africanas. No entanto, atribuem a ele a retirada do atabaque⁷⁴ da charanga da roda de Capoeira Regional, compondo-a somente com o berimbau, o pandeiro e as palmas. Essa supressão, somada ao seu discurso em defesa da Capoeira como uma manifestação de origem brasileira, revela talvez que, no jogo de “conformismo e resistência” (CHAUÍ, 1986), seria necessário recuar em alguns pontos para poder avançar em outros.

Transitando no limiar da resistência cultural e da ressignificação da Capoeira, iremos verificar, no jogo político em prol da criação de uma nova forma de praticá-la, as cerimônias promovidas no *Centro de Cultura Física e Capoeira Regional*, para os alunos

⁷³ Trata-se de MESTRE BIMBA. *Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba*. Salvador: RC, 1979. 1 disco sonoro, 33 1/3 rpm, estéreo.

que progredissem em seu aprendizado. Elas funcionavam da seguinte forma: após seis meses de frequência e aproveitamento das aulas, passava-se pela primeira formatura, que era o momento de provar que o aluno encontrava-se apto para ser reconhecido como um capoeirista. Para isso, este deveria jogar com um camarada mais experiente e não ser desmoralizado - sofrer um golpe ou cair de qualquer modo - diante da comunidade ali reunida. É interessante dizer que a formatura de Capoeira tinha toda pompa de uma formatura escolar, com paraninfo, orador, madrinha para cada capoeirista, medalha e lenço de seda pura⁷⁵ simbolizando o diploma, além dos rituais pertinentes a uma cerimônia desse tipo. Passada essa primeira etapa de formação, o aluno enfrentava mais uma época de treinamentos num período de três meses, sendo que dois destes eram realizados na academia e um na mata da Chapada do Rio Vermelho em Salvador/BA, para vivenciar as emboscadas e aprender a manejar armas brancas (facas, foices, porrete, etc.). Com certeza esta prática ia na mesma perspectiva dos treinamentos militares que, no período histórico, também influenciavam a educação física - o próprio mestre Bimba ministrou aulas no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército (CPOR) de Salvador, no Forte do Barbalho, em 1939, permanecendo por três anos nesta instituição. Dessa forma, não podemos negar que a vivência deste mestre na instituição militar pode ter sido adaptada ou mesmo transferida para sua metodologia de ensino, sendo que neste ponto verificamos uma forte inter-relação entre a Capoeira e as Forças Armadas. Ainda tratando deste tema, lemos em uma das passagens da biografia de mestre Bimba as seguintes palavras, expressas por seu aluno, o mestre Itapoan, por ocasião das formaturas:

[...] Era emocionante vê-se aquela figura, que era o Mestre, todo vestido de branco desde às primeiras horas da tarde, com um apito pendurado no pescoço, alegre e dizendo piadas aos presentes, multando os formandos que chegassem atrasados ou aqueles cujas madrinhas se atrasavam. A multa correspondia em pagar para os formandos antigos, uma ou mais cervejas [...] (ALMEIDA, 1982, p.43)

⁷⁴ Instrumento de percussão que se assemelha a um tambor e que faz parte do culto dos orixás nos terreiros de candomblé.

⁷⁵ Percebemos que mestre Bimba realmente transitava no limite entre apropriação da cultura ocidental e a recuperação da memória dos escravos africanos no Brasil. Afirmamos isso porque a medalha constitui um símbolo de aproximação entre a Capoeira e as modalidades esportivas, uma vez que ela representa a consagração do atleta no momento de vitória e o lenço de seda pura representa a memória dos antigos capoeiras que o usavam com o intuito de não serem feridos na garganta com uma navalha, isso porque existia a crença de que a lâmina da navalha não cortava o lenço de seda pura. Dessa forma, costumava-se usá-lo amarrado ao pescoço.

Nesta passagem, notamos a adoção de posturas que ora aproximam o mestre das instituições militares, ora o afastam. O apito pendurado em seu pescoço reflete sintomaticamente a relação sargento-recruta, apontada anteriormente na relação entre o professor de educação física e seus alunos, herança do treinamento militar. Por outro lado, o pagamento de multas pelos atrasados, por mais que ainda nos lembre a disciplina militar, aponta a transgressão à ordem no momento em que o pagamento é a bebida alcoólica, cerveja, demonstrando um clima de descontração. Esses dados contraditórios só reforçam o quanto as relações de mestre Bimba com seu meio social foram construídas de maneira complexa.

Mas, voltando às fases de formação do capoeirista, observamos que, conforme o aluno fosse superando os períodos de treinamento e conseguisse demonstrar todo seu conhecimento adquirido no tempo em que teve contato com a Capoeira, aí sim se tornaria um formado, receberia sua medalha e seu lenço de seda pura e poderia dar continuidade aos ensinamentos desta arte⁷⁶.

Vemos, com a inclusão da formatura, a busca de mestre Bimba em legitimar sua invenção, dando a ela o *status* de um ensino formal com os elementos apropriados do modo de vida ocidental. No entanto, estes entravam em confronto com a forma de relacionamento entre o professor-aluno, porque o **mestre** é o detentor do conhecimento da Capoeira. Poderíamos dizer que a relação entre quem ensina e quem recebe o ensinamento aproxima-se muito mais das artes marciais milenares, da cultura oriental, do que da cultura ocidental. Nas comunidades africanas, esse tipo de relação também existe e demonstra que o conhecimento deve ser repassado pela figura ancestral, ou seja, o mais velho é quem ensina, pois possui mais experiência de vida e esta não é alimentada somente pelo acesso à educação escolar. Essa atitude encontrada na Capoeira valoriza em demasia o mestre e a caracteriza de forma marcante. Cabe a ele, entre outras tarefas, reconhecer o momento certo de amadurecimento de seu discípulo e preparar seu ritual de passagem, estabelecido na Capoeira Regional como o batizado. Tal como no candomblé, no qual existem momentos de passagens de seus adeptos determinados pela figura do pai ou mãe de santo, a Capoeira também irá se valer desse mecanismo.

⁷⁶ Para saber mais sobre os rituais de formatura e a metodologia desenvolvida por mestre Bimba, aconselhamos as obras de Almeida (1982); Capoeira, (1992); Vieira, (1995).

Para concluirmos, gostaríamos de enfatizar que nossa intenção foi a de procurar dar uma *volta de mundo* neste tema, chamando-o *ao pé do berimbau* para retomá-lo, rediscuti-lo e procurar vê-lo de uma maneira diferenciada da forma que é tratado em algumas obras. Percebemos em algumas delas a tendência de reduzir a interpretação da criação da Capoeira Regional a uma simples adaptação ao momento histórico de 1930, ao seu *embraquecimento* ou a uma cooptação de sua manifestação pelo Estado. Por outro lado, buscamos mostrar que mestre Bimba somente encabeçou uma luta iniciada há muitos anos por representantes da comunidade negra que desejavam um lugar ao sol na sociedade brasileira. Sabemos da dificuldade de enxergarmos de maneira clara os fatos polêmicos que se passaram há pelo menos setenta e dois anos com os olhos de homens e mulheres do século XXI. Felizmente, pensamos que pudemos acrescentar mais elementos para repensar o modo de nos referir à história da Capoeira e realizar sua prática mais conscientes do papel desempenhado pelos homens inseridos em seu momento histórico.

***“Mininú, preste atenção no que eu vou dizer...
o que faço brincando, você não faz nem zangado,
num seje vaidoso e nem dispeitado,
na roda de Capoeira, há, há,
Pastinha já está classificado.”***⁷⁷

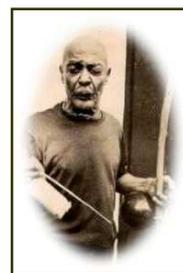


Fig. 47 – Foto de Vicente Ferreira Pastinha – Mestre Pastinha. Retirada de REVISTA SUPER INTERESSANTE. São Paulo: Abril, vol. 10, n. 5, maio/1996, p. 52.

Tratar da reinvenção da Capoeira, *em terras de Gil e Caetano*⁷⁸, sem nos referir a um outro ícone desta manifestação cultural, Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, é algo inconcebível.

O disseminador, e poderíamos até nos arriscar a dizer, reformulador da Capoeira Angola⁷⁹, pautava sua proposta na origem africana da Capoeira. Dizia ele, em seu livro escrito na década de 1960: “Não há dúvida que a Capoeira veio para o Brasil com os

⁷⁷ Canção entoada por Mestre Pastinha no disco MESTRE PASTINHA E SUA ACADEMIA. **Mestre Pastinha e sua academia**. Salvador: Fontana, 1979. 1 disco sonoro, 33 1/3 rpm, estéreo.

⁷⁸ Nos referimos aos cantores baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso.

⁷⁹ De acordo com os recentes estudos de Pires (2001), podemos observar uma nova interpretação sobre a Capoeira Angola com a quebra do paradigma de que ela é a detentora da forma mais ancestral de sua prática.

escravos africanos e que [...] O nome da Capoeira Angola é consequência de terem sido os escravos angolanos, na Bahia, os que mais se destacaram em sua prática” (PASTINHA, 1988, p. 26).

A partir da década de 1940, vemos a presença mais regular deste mestre no cenário da capoeiragem em Salvador, o que não significa que ele não tivesse estabelecido uma relação com esta manifestação cultural em um período anterior, muito pelo contrário, mestre Pastinha aprendeu Capoeira aos dez anos de idade⁸⁰ com um negro natural de Angola chamado Benedito. O motivo que o levou ao aprendizado desta arte foi o de constantemente apanhar de um garoto mais velho que morava em sua rua. Contava mestre Pastinha que, depois de algum tempo que treinava Capoeira, assim que topou com esse garoto, pronto a lhe dar a surra costumeira, lembrou-se de seu mestre. Então, à medida que o seu adversário investia, Pastinha se abaixava e assim o fez por umas duas vezes, até que, quando o garoto não esperava, ele lhe deu um golpe com o pé. Então a mãe do menino, que via a cena, interveio e Pastinha não passou mais por situação semelhante⁸¹. Por esse motivo – ele passou a nutrir uma admiração por essa luta que favorecia o mais fraco em detrimento do mais forte - o mestre afirmava que

[...] esse jeito de lutar de brincadeira, como ainda fazemos hoje, era a maneira do escravo se exercitar, disfarçando-se de bailarino na frente do feitor, [...] capoeirista é mesmo muito disfarçado, ladino, malicioso. Contra a força, só isso mesmo. Está certo (REVISTA REALIDADE, 1967 apud REIS, L. V. S., 1997, p. 142)

Ainda nos valendo de mais um de seus relatos, sobre sua infância e juventude, vamos descobrindo quem foi mestre Pastinha. De acordo com suas palavras:

Aos doze anos, eu fui para a escola de Aprendizes de Marinheiros. Lá ensinei capoeira para os colegas. Todos me chamavam de 110. Saí da Marinha com vinte anos [...] Vida dura difícil. Por causa de coisas de gente moça e pobre, tive algumas vezes a polícia atrás de mim. Barulho de rua, presepada. Quando tentavam me pegar eu lembrava de meu mestre Benedito e me defendia. Eles sabiam que eu jogava capoeira, então queriam me desmoralizar na frente do povo. Por isso bati alguma vez em polícia desabusado, mas por defesa de minha moral e do meu corpo [...] Além do jogo, trabalhei de engraxate, vendia gazeta, fiz garimpo, ajudei a construir porto em Salvador. Tudo

⁸⁰ Ele nasceu em 1889, conforme vimos em Pires (2001, p. 272).

⁸¹ Esta história é baseada em seu depoimento no documentário PASTINHA, uma vida pela Capoeira! Direção: Antônio Carlos Muricy. Produções Cinematográficas. Rio de Janeiro: Brian Sewell, 1999. 1 fita de vídeo – VHS/NTSC.

passageiro, sempre quis viver de minha arte. Minha arte é ser pintor, artista (REVISTA REALIDADE, 1967 apud PIRES, 2001, p. 273)⁸².

Mestre Pastinha, tal como mestre Bimba e outros praticantes de Capoeira, tanto de Salvador quanto do Rio de Janeiro, era trabalhador do mercado informal, vivia de ofícios temporários, na maioria dos casos de serviços manuais. Além de pertencer à mesma classe social, esses mestres tinham em comum o fato de viverem uma vida difícil e instável financeiramente. É interessante apontar que no relato acima, mestre Pastinha afirma que havia “trabalhado no jogo”. Neste caso, ele se referia a sua experiência como segurança de uma casa de jogo, em Salvador⁸³. Esse fato nos leva a estabelecer uma relação entre os malandros cariocas, que viviam também desses expedientes - dar cobertura ou fazer segurança nos locais de jogo, legais ou ilegais -, e os capoeiras baianos que também se serviam dessa ocupação para poderem sobreviver. Essa ligação com os malandros cariocas sempre procurou ser evitada pelos capoeiristas baianos, no intuito de desvincular a Capoeira praticada na Bahia daquela do Rio de Janeiro, identificada com a malandragem.

Como vimos, mestre Pastinha começou cedo a ensinar Capoeira, primeiramente na Escola da Marinha⁸⁴ e posteriormente no Mirante do Campo da Pólvora, entre 1910 e 1922, mudando-se para o Cruzeiro de São Francisco em 1922. De acordo com o que lemos em Letícia V. S. Reis (1997, p. 139), este mestre tinha, no princípio de seus trabalhos, a maioria de alunos composta por pessoas de origem mais humilde, destacando os ofícios de seus alunos de acordo com seus apelidos, como: João Carpina e Zeca Alfaiate. Posteriormente, com a mudança para o Cruzeiro, e a proximidade desse local com as repúblicas de estudantes, emerge um outro perfil de aprendizes, entre os quais “[...] estudantes de Direito, Farmácia, Medicina e de quase todas as profissões” (TRIBUNA DA BAHIA, 1973 apud REIS, L.V.S., 1997, p. 139). Vemos com essas afirmações que mestre Pastinha também travou contato com pessoas da classe abastada de Salvador, talvez obtendo algumas indicações sobre uma possível proposta para o ensino da Capoeira

⁸² É interessante dizer que mestre Pastinha era também pintor e tinha o desejo de viver somente da venda da pintura de quadros a óleo.

⁸³ Mestre Pastinha relatou essa passagem de sua vida em seu disco já citado.

⁸⁴ Apesar desse mestre dizer que ensinava Capoeira na Marinha, pensamos que esse ensino não ocorria de forma institucionalizada.

Angola. No entanto, ele se afastou dessa manifestação cultural em fins da década de 1920 e só retomou sua vida de capoeirista em 1940⁸⁵.

Nesse intervalo de tempo, ocorre a reação por parte de outros praticantes de Capoeira com relação às mudanças implementadas por mestre Bimba. Como já dissemos, é nessa fase que acontece a ruptura dos estilos da Capoeira e é por esse motivo que consideramos a ordenação da Capoeira Regional anterior à da Capoeira Angola, pois com a criação da Regional, muitos dos antigos capoeiras irão buscar uma forma alternativa para esta prática.

Da mesma forma que mestre Bimba passa a diferenciar a Capoeira de rua de suas demais representações, os angoleiros passarão também a diferenciá-la. E é também na década de 1930 que a proposta da Capoeira Angola começa a se formar e a ganhar apoio de setores sociais diferenciados daqueles que apoiaram a Capoeira Regional. Enquanto esta conta com alguns representantes governamentais para divulgá-la, a Capoeira Angola ganha apoio de intelectuais, principalmente daqueles vinculados aos partidos de esquerda, como nos diz Antônio Liberac C. S. Pires (2001, p. 280): “O apoio dos intelectuais também constituiu-se como fato importante na manutenção da capoeira angola. Os angoleiros receberam apoio principalmente dos intelectuais ligados à ‘esquerda política da época’, como Jorge Amado, Caribé e Edson Carneiro.”

Esse respaldo, sem dúvida, foi muito relevante para a construção da proposta da Capoeira Angola, mas não foi o único. Ainda nos valendo dos dados apresentados nos estudos de Antônio Liberac C. S. Pires (2001, p. 280), vemos que existiam locais destinados às lutas de Capoeira nos subúrbios da cidade. Eram espaços localizados geralmente em terrenos baldios ou barracões cobertos por palha e que se constituíam como um tipo de arena onde os jogadores se enfrentavam, havendo um lugar destinado ao público. Um desses locais, a Ladeira de Pedra, no bairro da Liberdade, em Salvador/BA, era "administrado" por um guarda civil conhecido por *Amouzinho*. Podemos notar que há, nesse momento, a inversão dos valores sociais, uma vez que a instituição que presta o papel repressivo, acoberta e protege o espaço público de manifestação da Capoeira, fortalecendo a perpetuação de uma proposta alternativa a de Bimba.

⁸⁵ De acordo com as observações tecidas por Pires (2001, p. 280), esse afastamento de mestre Pastinha pode ter ocorrido por motivos particulares, mas até hoje não se sabe exatamente o que o afastou da Capoeira nesse período.

Porém, apesar de *Amouzinho* ser o administrador dessa roda, consta dos manuscritos de Daniel Coutinho, o mestre Noronha, o nome de seus fundadores e praticantes. Eis suas palavras:

[...] Primeiro Centro de Capoeira Angola do Estado da Bahia na Ladeira de Pedra barrio da Liberdade fundado por grandes mestre Daniel Coutinho – Noronha, Livino, Maré, Amouzinho, Raimundo ABR (*Aberrê*), Percilio, Gerado Chxapeleiro, Juvenal Engraxate, Gerado Pé-de-Abeilha, Zehi, Feliciano Bigode de Seda, Bonome, Henrique, Cara-queimada, Ança (*Onça*) Preta, Cimento, Algimiro Grande Olho-de-Pombo estivador, Antônio Galindeu, Antônio Boca-de-Porco estivador, Cândido Pequeno – Argolinha de Ouro – campeão Baiano, Lúcio Pequeno, Paquete do Cabula [...] (COUTINHO, 1993, p. 17)⁸⁶

É interessante elucidar que a designação de I Centro de Capoeira Angola, utilizada por mestre Noronha para tratar dessa roda, foi adotada algum tempo depois, quando mestre Pastinha assume sua direção, como veremos adiante.

Entretanto, as disputas que ocorriam na roda no Bairro da Liberdade, também chamada de roda da Gengibirra, possuíam um caráter diferenciado daquelas de ringue, nas quais mestre Bimba estava envolvido neste mesmo período. Isso reforça as divergências entre os capoeiristas treinados por mestre Bimba e os que vinham de outros locais, fazendo assim com que a Capoeira de ringue não vingasse como uma modalidade esportiva. Vale dizer que alguns capoeiristas que freqüentavam o espaço da Ladeira de Pedra também se arriscaram nas disputas do Parque Odeon, e foi justamente este fato que desencadeou uma série de conflitos envolvendo os *verdadeiros fundamentos da Capoeira*.⁸⁷

Em meio aos conflitos, os angoleiros perceberam a necessidade de organização e divulgação deste estilo para se contrapor àquele com o qual não concordavam. Dessa forma, elegeram mestre Pastinha para encabeçar suas idéias. De acordo com seu depoimento:

Aberrê então me convidou para ir apreciá-lo jogar na Gengibirra, com o que eu concordei. Em vinte e três de fevereiro de 1941 fui a esse lugar como prometera a Aberrê e, com surpresa, o Sr. Amouzinho, dono daquela capoeira, apertando-me a mão disse-me: há muito que o esperava para lhe

⁸⁶ Mantivemos na citação a grafia do mestre. Tivemos somente o cuidado de colocar entre parênteses alguns nomes de difícil identificação. Gostaríamos de salientar a riqueza de detalhes que é exposta pelos apelidos dos capoeiristas do início do século XX, designando suas características físicas, psicológicas ou mesmo seu ofício.

⁸⁷ No livro de Abreu (1999) temos referências sobre as lutas de ringue nas quais participaram alguns dos capoeiristas citados por mestre Noronha. Com o levantamento destes dados juntamente com o que já foi recomendado por Pires (2001), percebemos atualmente a necessidade de se realizar um trabalho reescrevendo

entregar esta capoeira para o senhor mostrar. Eu ainda tentei me esquivar desculpando-me, porém terminando a palavra o Sr. Antônio Maré disse-me: não há jeito não Pastinha, é você mesmo quem vai mostrar isso aqui (FILHO, A. D., 1997 apud PIRES, 2001, p. 280).

Um fato interessante é que Aberrê foi aluno de mestre Pastinha logo após sua baixa da Escola de Aprendizes de Marinheiros (década de 1920)⁸⁸, por isso concluímos que os freqüentadores desta roda reconheciam a capacidade deste mestre, uma vez que seu aluno/discípulo se destacava entre os demais participantes. Sendo assim, ele aceita o convite e passa a ser o representante máximo da Capoeira Angola.

Não sabemos exatamente quando, mas mestre Pastinha e os demais *bambas* da Ladeira de Pedra passam a se referir àquela roda como *o I Centro Desportivo de Capoeira Angola*. Sendo que mestre Noronha, citado anteriormente, reconhece que o mérito do registro em cartório deste Centro é de mestre Pastinha. Percebemos neste momento uma primeira aproximação mais direta entre os angoleiros e a organização esportiva, pois como vemos, o nome designado para o local de sua prática era de **Centro Desportivo**.

Com a morte de Amozinho, em 1944, mestre Pastinha dará um rumo diferente à antiga roda do Bairro da Liberdade e não contará mais com o apoio dos antigos capoeiristas. Passando por momentos difíceis, ele irá transferir esse local para outros endereços, até se fixar, no início da década de 1950, na Ladeira do Pelourinho, nº 19. Vejamos como ocorreu a ruptura entre ele e seus antigos aliados: “[...] quando ocorre o falecimento do Sr. Amozinho, daí em diante ficou o centro sem finalidade porque foi abandonado por todos os mestres, hoje são desertores [...]”(FILHO, A. D., 1997 apud PIRES, 2001, p. 281).

Notamos, de acordo com essas observações, que o espaço da roda da Gengibirra que, posteriormente, passou a se denominar *I Centro Desportivo de Capoeira Angola*, era um local destinado à fruição da Capoeira. Isso porque, de acordo com um outro depoimento de mestre Pastinha, “[...] Lá era uma roda com os maiores mestres da Bahia, [...], lá só

a história da Capoeira Angola e elucidando os principais conflitos ocorridos nestas disputas pelo *status* da verdadeira Capoeira.

⁸⁸ Esta informação foi obtida na audição do depoimento de mestre Pastinha em seu disco.

tinha mestre, nada de aluno, só mestre [...]”⁸⁹

Assim, cogitamos a possibilidade de que a ruptura entre mestre Pastinha e os demais angoleiros tenha se dado pela nova configuração que a roda da Gengibirra passou a tomar, de um local destinado somente à fruição da Capoeira para um espaço de ensino desta manifestação cultural, fazendo do surgimento de alunos um motivo para as desavenças. Não sabemos ao certo se foi isso mesmo que ocorreu, no entanto, pelos depoimentos de mestre Noronha, esta possibilidade pode ser considerada; vejamos o que ele dizia a esse respeito:

[...] I Centro de Capoeira Angola foi no Morro da Ladeira de Pedra – Liberdade cujo Centro esta entregue au SNR Vicente Pastinha que este da Ladeira do Pirolinho nº 19. Foi o único da nossa confiança nossa na epica foi registrado por Vicente Pastinha e fez muito aluno e nos ficamo izolado do Centro porque os grande amigo hero os donos ate a propria mulher hera a dona uma tal Nice a origem do nosso afastamento do Centro do Perolino nº 19 nos dono não tivemos direito a nada [...] (COUTINHO, 1993, p. 61)

Percebemos nessas palavras que os antigos donos e fundadores da roda da Gengibirra não detinham, como antes, o poder de decisão dos rumos desse espaço. Todavia, podemos supor que mestre Pastinha passou a encabeçar novas mudanças para que a Capoeira Angola se adaptasse ao momento histórico e talvez suas idéias não fossem unânimes entre os demais angoleiros, havendo dessa forma a ruptura entre esses mestres. A partir desse momento, Daniel Coutinho (mestre Noronha) e mestre Livino, um outro angoleiro da época, fundam o *Centro de Capoeira Angola Conceição da Praia*, e mestre Pastinha mantém o trabalho do *I Centro Desportivo de Capoeira Angola*.

Sendo assim, podemos afirmar que mestre Pastinha não foi o único naquele período a defender a proposta da Capoeira Angola. Paralelamente a ele, em Salvador/BA, outros mestres de Capoeira Angola⁹⁰ começam paulatinamente a adotar o modelo de Centro Desportivo ou Academia para desenvolver suas aulas. Esses professores eram também considerados mestres de Capoeira porque possuíam um conhecimento empírico sobre esta manifestação e passam a receber o reconhecimento público de suas capacidades como mestres de uma arte, após a legalização da Capoeira em 1937. Esses dados, somados à

⁸⁹ Conforme depoimento dado por Mestre Pastinha em seu disco.

⁹⁰ Para saber mais sobre esses representantes da Capoeira Angola contemporâneos de mestre Pastinha, consultar: Coutinho (1993) e Pires (2001, pp. 272 – 300).

proposta da Capoeira Regional, são fundamentais para compreendermos como a prática da Capoeira, após sua legalização, torna-se complexa, pois as transformações que ocorreram em seu interior vão dar vazão a inúmeras maneiras de ensiná-la. Isso também, em nossa opinião, fez com que a Capoeira adquirisse uma grande riqueza, porque conseguiu congregiar dentro de uma mesma manifestação uma série de estilos e criações.

Entretanto, após elucidarmos, em linhas gerais, como ocorreu o início da proposta da Capoeira Angola, cabe realizarmos uma análise de sua configuração para apontarmos as inter-relações existentes entre este estilo e a educação física. Primeiramente, faremos a distinção entre a Capoeira Angola e a Regional para facilitar esta tarefa.

Como já dissemos anteriormente, a Capoeira Angola busca uma maior aproximação à cultura africana, superando a Capoeira Regional neste ponto. Existiu a preocupação dos angoleiros em manter algumas características encontradas na forma com a qual estavam acostumados a praticar a Capoeira, mantendo dessa forma sua *tradição*⁹¹. Esse fato entrou em choque com a proposta de mestre Bimba, à medida que ele suprime algumas características que, em sua opinião, faziam desta prática uma luta ineficiente. Percebemos isso em seu discurso, quando falava que “o capoeirista não poderia esperar o toque do berimbau para se defender em uma situação de perigo”. Sendo assim, a Capoeira Angola se diferencia nos seguintes aspectos da Capoeira Regional:

- os golpes, contragolpes e defesas buscam evidenciar um caráter de *pureza*, não se assemelhando àqueles derivados de outras lutas. Para mestre Pastinha, os principais golpes da Capoeira Angola eram: “cabeçada, rasteira, rabo de arraia, chapa de frente, chapa de costas, meia-lua e cutilada de mão⁹²” (PASTINHA, 1988, p. 35)
- o ritual do jogo é mais complexo e cheio de minúcias com as chamadas, as saídas para o jogo, músicas, etc. Todos esses elementos possuem significados na Capoeira Angola e para serem realizados devem estar dentro de um ritual apreendido pelo aluno;
- o aspecto metafísico encontra-se mais presente nesta modalidade. Neste ponto, concordamos com as observações de Antônio Liberac C. S. Pires (2001, p. 289) e Letícia

⁹¹ Esta tradição com certeza já havia sido reinventada, pois não se pautava nos conflitos de rua entre maltas ou indivíduos.

⁹² Nas páginas 129 e 130 colocamos as ilustrações dos golpes e defesas da Capoeira Angola retiradas do livro de mestre Pastinha.

V. S. Reis (1997, p. 145), que apontam na Capoeira Angola um elo de ligação com práticas místicas, seja na maneira de designar as qualidades dos praticantes como “o bom capoeirista é aquele que se deixa movimentar pela alma” (PASTINHA apud REIS, L.V.S., 1997, p. 145), ou através dos cantos de louvação que recorrentemente se referem a Deus, aos santos e/ou aos orixás.

- a musicalidade é mais valorizada, pois adquire a função de *narrar* o jogo, sendo executada pela *charanga*, composta por três berimbaus (*berra-boi, médio e violinha*⁹³), um atabaque, um agogô, um reco-reco e um ou dois pandeiros;
- uma maior participação de instrumentos ligados à herança cultural africana (o atabaque, reco-reco, o agogô),
- não adota o ritual de formatura. Sendo assim, o aluno está apto a exercer a função de mestre através de sua experiência na Capoeira Angola e seu reconhecimento pela comunidade capoeirística⁹⁴;
- o berimbau é tocado com os toques característicos do jogo de Angola;
- a ginga é designada como ponto principal para o desenvolvimento da malícia do capoeirista e
- a teatralização é um elemento fundamental das jogadas, considerada como a *mandinga*⁹⁵ do capoeirista, acrescentando a ela uma conotação por vezes lúdica, identificando-a com o termo *vadiagem*⁹⁶.

⁹³ O berimbau *berra-boi* é o mais grave e marca o compasso da batida, o *médio* dá a estabilidade, fazendo alguns improvisos, e o *violinha* improvisa durante a maior parte da música, fazendo papel de solista.

⁹⁴ Este ponto é polêmico, pois alguns mestres de Capoeira Angola adotaram variadas formas de promover seus alunos, mas no geral não temos conhecimento da realização de formaturas neste estilo de Capoeira.

⁹⁵ Percebemos que apesar do grau de importância ser diferente, entre as propostas para a Capoeira, a *mandinga* está presente em todas elas, seja na Angola, Regional ou mesmo no método Zuma, com o nome de *gestos de tapeação*.

⁹⁶ O termo *vadiagem* na Capoeira Angola denota um sentido positivo, de uma prática prazerosa.



Fig. 48 – Roda de Capoeira Angola. REVISTA SUPER INTERESSANTE. São Paulo: Abril, vol. 10, n. 5, maio/1996, p. 48.



Fig. 49 – Roda de Capoeira Regional. REVISTA SUPER INTERESSANTE. São Paulo: Abril, vol. 10, n. 5, maio/1996, p. 49.

Todavia, seu ensino também adotou o ambiente fechado (Academia ou Centro Desportivo) como o espaço ideal para seu aprendizado e buscou discipliná-lo, só que de forma diferente da Capoeira Regional, se afastando da influência direta da pedagogia militarista vigente na época, mas se aproximando do esporte e da ginástica. De acordo com mestre Pastinha (1988, pp. 31 - 32):

O capoeirista deve ter em mente que a Capoeira não visa, exclusivamente, preparar o indivíduo para o ataque e defesa contra uma agressão, mas, desenvolver, ainda, por meio de exercícios físicos e mentais um verdadeiro estado de equilíbrio psico-físico, fazendo do capoeirista um autêntico desportista, um homem que sabe dominar-se antes de dominar o adversário.

Acrescentando ainda que “[...] Qualquer pessoa que esteja em condições de executar os movimentos de ginástica sueca poderá praticar a Capoeira Angola sem qualquer receio.” (PASTINHA, 1988, pp. 31 - 32):

É interessante a menção que mestre Pastinha faz da ginástica sueca; com certeza ele deve ter tido contato com esta prática por ocasião de sua passagem pela Escola de Aprendizes de Marinheiros. Esse fato revela a importância que era dada por ele em vincular a Capoeira Angola a um método ginástico reconhecido institucionalmente. Esse discurso visava a dar à Capoeira um novo *status*, aquele de uma modalidade esportiva, uma forma de manter a saúde, um discurso semelhante ao da educação física do período e ao de mestre Bimba.

Outro ponto importante a se destacar é que mestre Pastinha adotou um uniforme para seus alunos, fato comum nas demais modalidades esportivas, mas o curioso é que o uniforme era preto e amarelo, as cores de seu time de futebol, o Ypiranga Futebol Clube. Além disso, de acordo com Pires (2001, p. 285), ele não admitia que se jogasse descalço ou sem camisa em sua academia. Essa organização, em nossa opinião, reflete as influências de regras das entidades esportivas e foi com esse modelo que ele procurou organizar o I Centro Desportivo de Capoeira Angola, designando funções para seus alunos como “[...] mestre de campo, mestre de canto, mestre de bateria, mestre de treinos, arquivistas, mestre fiscal, contra-mestre [...]” (FILHO, A.D., 1997 apud PIRES, 2001, p. 284).

Desenvolveu ainda regras para sua prática, como nos coloca Antônio Liberac C. S. Pires (2001, p. 285):

Em suas demonstrações, ficavam proibidos os seguintes golpes: golpes de pescoço, dedo nos olhos, cabeçada solta, cabeçada presa, meia-lua baixa, balão a coitado, rabo de arraia, tesoura fechada, chibata de calcanhar, chibata de peito de pé, meia-lua virada, duas meia-lua num lugar só, pulo mortal, virada no corpo com preso de calcanhar, presa de cintura, balão de boca de calça, golpes no joelho e nem truques.

E não admitia o uso das mãos em nenhuma circunstância. Não entraremos no mérito de discutir os significados dos golpes, só ressaltamos a preocupação de mestre Pastinha em estabelecer um jogo limpo, um legítimo *fair-play*.

Dessa forma, admitia a presença de um fiscal para organizar as rodas, de acordo com suas próprias colocações:

Não é permitido por mestre nenhum, se ele mestre for conhecedor das regras da capoeira, não consentirá jogar uma roda ou grupo sem fiscal, como pode ter controle, quem ajuda o campo? Não pode entrar em combate sem chegar sua vez. Todos os capoeiristas tem por dever obedecer as regras do seu esporte cooperando para valorizar, porque somos responsável pelos erros, no caso de disputa ou desafio, procurar as autoridade é um juiz (FILHO, A.D., 1997 apud PIRES, 2001, p. 285).

Este desejo de organização talvez refletisse o receio de vinculação de sua prática aos antigos distúrbios provocados pelos capoeiras de antigamente. Mestre Pastinha constantemente referia-se a eles, alguns dos quais conheceu em sua infância, advertindo que se utilizavam da Capoeira “para dar vazão ao instinto agressivo” (PASTINHA, 1988, p. 23). Dessa forma a Capoeira não era culpada pelo seu passado, mas sim o uso que os homens fizeram dela.

No entanto, este mestre se valia de seu caráter combativo mostrando a ambigüidade presente nesta manifestação. De acordo com ele:

Como já dissemos é muito raro sair acidentado algum capoeirista em consequência da prática da Capoeira em demonstrações esportivas, porém tratando de enfrentar um inimigo, a Capoeira, não é somente dotada de grande poder agressivo, mas, possui uma qualidade que a torna mais perigosa – é extremamente maliciosa (PASTINHA, 1988, p. 34).

Tratava-se, neste caso, de demonstrar que a Capoeira Angola também possuía seu valor de luta, tão desprezado pelo criador da Capoeira Regional.

Mestre Pastinha ministrou aulas durante muitos anos, contudo não formou nenhum aluno. Dizia que “o segredo da Capoeira morre comigo e com muitos outros mestres” (PASTINHA, 1988). Talvez suas palavras significassem que aquele tipo de Capoeira que era praticada no início do século XX e vivenciada por ele e pela sua geração não chegaria até nossos dias. Realmente foi o que aconteceu, ela transformou-se e adaptou-se aos diferentes momentos sociais. No entanto, ele deixou discípulos que atualmente são respeitados por terem tido a honra de conviver e aprender muito com um dos maiores Mestres que a Capoeira já teve. Sua sabedoria e sensibilidade atravessaram anos e deixaram impressa nos corações de várias pessoas a lição de uma vida dedicada à Capoeira, revelando a força daqueles que fizeram sua história nas condições mais desfavoráveis. Em poucas palavras, ele resumia o cerne de sua proposta: “Angola, capoeira mãe. Mandinga de

escravos em ânsia de liberdade; seu princípio não tem método; seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”⁹⁷

É válido lembrarmos que mestre Pastinha conseguiu atingir um objetivo diferente do de mestre Bimba, pois manteve vivo, na prática da Capoeira Angola, o jogo repleto de sutilezas, artimanhas que se aproximam mais à cultura africana, apesar de a Capoeira Regional não negar sua identificação com os negros escravos no Brasil.

Dessa forma, cada um ao seu modo, mesmo com divergências, construiu as características de base para a Capoeira que praticamos atualmente. Foi a partir desses dois mestres que ela adquiriu elementos comuns na sua prática, sendo realizada em rodas, com acompanhamento de instrumentos musicais e cantos. O berimbau ganhou sua forte dimensão de representatividade para o jogo, a "ginga" adquiriu um papel fundamental para seu aprendizado, inseriu-se o costume do uso de uniformes para a sua prática, as academias foram designadas como o local adequado para os treinamentos e o mestre de Capoeira tornou-se a "pedra fundamental" para seu grupo ou academia, tendo as funções de ministrar as aulas, administrar o espaço e orientar seus alunos.

Um outro ponto importante é que, com essas alterações, a Capoeira passou a se constituir um símbolo nacional e, principalmente, baiano. Esse elemento fez com que se iniciasse um processo ligado à indústria cultural, tendo por base essa manifestação. Dessa forma, a Capoeira passa a fazer parte do roteiro turístico, gerando uma série de conflitos entre as academias e alguns mestres. E é nesse mesmo momento histórico que se abre a possibilidade de remuneração para aqueles que ministram aulas desta manifestação cultural.

Com o apontamento desses dados, encerramos a abordagem da reinvenção da Capoeira em Salvador, para mais adiante voltarmos a tratar dessas propostas, relatando os desdobramentos ocorridos com elas e o que aconteceu com mestre Bimba e mestre Pastinha. Por enquanto, permaneceremos ainda na década de 1940, analisando mais uma proposta relativa à Capoeira, baseada, porém, em uma concepção totalmente diferenciada daquela dos mestres soteropolitanos.

⁹⁷ De acordo com Letícia V. S. Reis (1997, p. 142), estes dizeres ficavam fixados na parede da academia de Capoeira de mestre Pastinha.

Golpes e defesas da Capoeira Angola



Fig. 50 – Início do jogo com canto da ladainha.



Fig. 51 – Queda de rim - uma das formas de se iniciar a movimentação corporal para o jogo.



Fig. 52 – Uma outra maneira de se iniciar a movimentação corporal para o jogo.

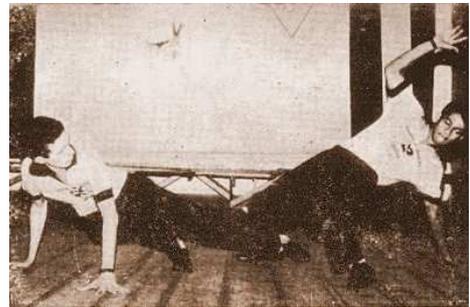


Fig. 53 – Uma passagem do “jogo de baixo” ou “jogo de dentro”.



Fig. 54 – Meia lua e rasteira.



Fig. 55 – A ginga.

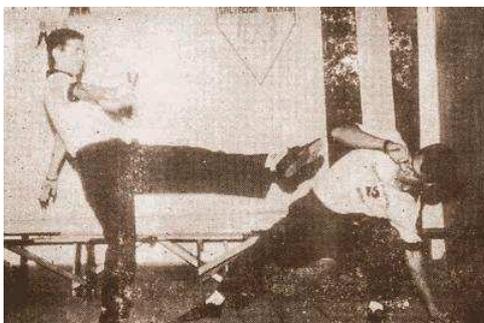


Fig. 56 – Meia lua e esquiva.

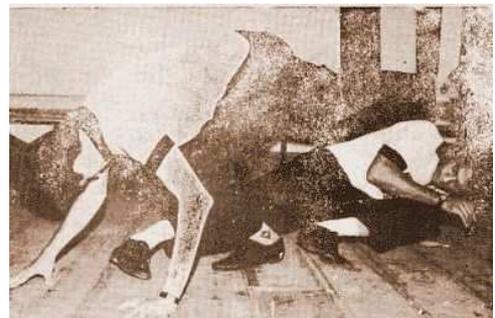
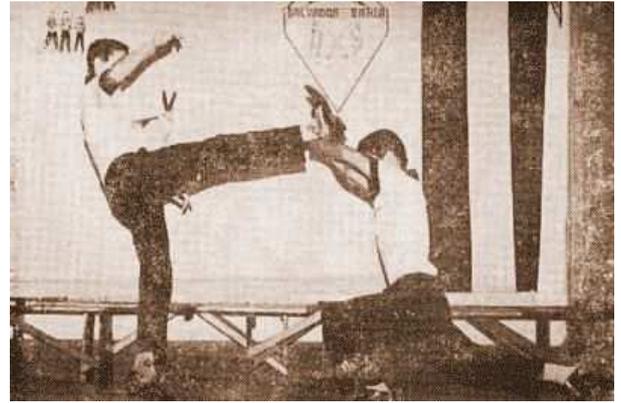
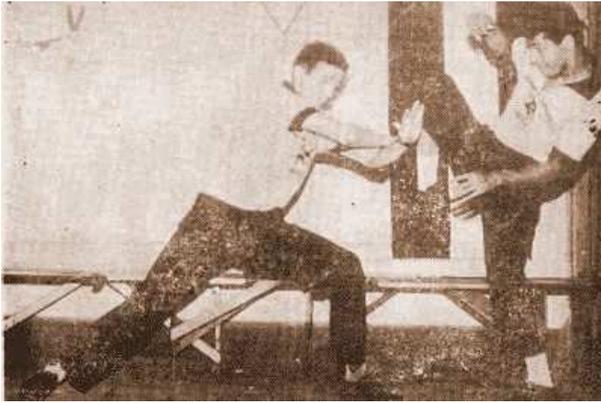


Fig. 57 – Rabo de arraia.



Figs. 58 e 58.1 – Chapa de frente no peito.



Figs. 59 e 59.1 – A cabeçada.



Fi

Fig. 60 e 60.1 –
“Plantando bananeira”.

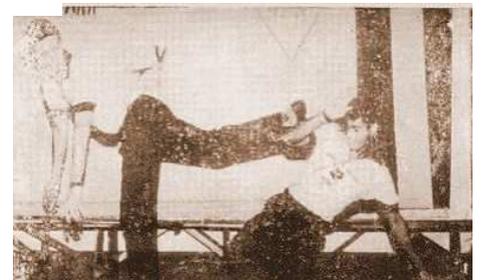


Fig. 61 – Chapa de costas

Fotos retiradas de:
PASTINHA, Vicente Ferreira.
Capoeira Angola. 3. ed. (fac
similar). Salvador: Fundação
Cultural do Estado da Bahia,
1988, pp. 45 – 75.

**VI - Inezil Penna Marinho e a proposta
“branca e erudita” da educação física para a Capoeira,
trocando a ginga pela “peneiração”**



Fig. 62 – Foto do Prof. Inezil Penna Marinho (década de 1980). In: REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 10, 2000.

Em 1945, quando é publicada a obra de Inezil Penna Marinho, intitulada *Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem*⁹⁸, o Brasil estava saindo do regime ditatorial de Getúlio Vargas e entrando em uma fase de governo democrático.

A Educação Física, por sua vez, pautava-se ainda no modelo militarista de adestramento dos corpos prontos a servir à Pátria e à produção industrial, no entanto o Esporte, paulatinamente, vai ganhando importância em suas aulas. Em 1941, com o Decreto Lei nº 3199, que estruturou a configuração da organização esportiva no país, foi criado o *Departamento de desporto profissional e não profissional* vinculado à *Divisão do Desporto Educacional*. Estes dois órgãos, subordinados à *Secretaria dos Desportos do Ministério de Educação e Desporto*⁹⁹, passam a desenvolver ações voltadas ao Esporte Escolar, que ganhará características, no decorrer dos tempos, majoritariamente voltadas ao Esporte de Competição, fato que debateremos adiante, mas que, neste momento, traz um dado a ser levado em conta nesta abordagem.

Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem foi uma monografia vencedora, em 1944, de um concurso da área de Educação Física, promovido pela *Divisão de Educação Física, do Departamento Nacional de Educação, do Ministério da Educação e Saúde*¹⁰⁰. Neste trabalho, vemos claramente o enlace entre as Forças Armadas brasileiras, a Capoeira e a educação física, uma vez que Inezil Penna Marinho

⁹⁸ Trata-se da obra de MARINHO, Inezil Penna. **Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

⁹⁹ Dados obtidos no artigo de Castellani Filho (1993).

¹⁰⁰ Percebemos, na inserção da Educação Física no *Ministério de Educação e Saúde*, os resquícios de sua vinculação às políticas higienistas/eugenistas.

propõe a prática da Capoeira a serviço da educação física, o que, como é sabido, adquiriu forte conotação militarista. A idéia da inserção da Capoeira como uma **luta nacional de defesa pessoal**, nas metodologias de educação física, já havia sido cogitada por intelectuais também vinculados às instituições militares, como vimos anteriormente. Portanto, não haveria muitas novidades a serem apontadas nesta abordagem, a não ser sua vinculação com a notoriedade de seu autor.

O Prof. Inezil Penna Marinho se destacou como um dos intelectuais que mais produziu obras versando sobre a Educação Física. Até recentemente, a maioria dos estudos históricos sobre a área se concentravam em seus escritos, o que nos revela uma série de problemas relacionados às abordagens acadêmicas da própria Educação Física. Afirmamos isso porque suas produções se pautaram basicamente em uma visão científica positivista, muito difundida no início do século XX, mas superada há algum tempo. Assim, grande parte de suas obras foram reduzidas a relatos factuais descontextualizados do momento histórico tratado, o que poderemos verificar na própria análise de sua monografia sobre Capoeira. Podemos também destacar a posição política assumida por ele, na década de 1930, o que nos interessa para entendermos os estreitos laços entre este autor e as propostas do Estado Novo.

Até aquele momento, a maioria das escolas de professores e monitores de educação física no Brasil estavam vinculadas às Forças Armadas, o que propiciava a formação de docentes que adotavam posturas pedagógicas e políticas na maioria das vezes de acordo com sua formação acadêmica. No caso do Prof. Inezil Penna Marinho, isso não seria diferente. Em sintonia com as idéias em voga, foi um entusiasta da inserção da Capoeira na Marinha¹⁰¹ e participou da Polícia Especial do Governo de Getúlio Vargas, conhecida como os *cabeças-de-tomate*, comandada pelo Capitão Felinto Muller, no período do Estado Novo¹⁰². Em um de seus livros, ele destaca a criação deste órgão da seguinte maneira:

A cinco de agosto, é criada a Polícia Especial do Distrito Federal, mais tarde organizada pelo Decreto nº 22.332, de 10 de janeiro de 1933, que dispôs sobre os serviços da Polícia Civil do Distrito Federal de um modo geral. O Sr. João Alberto, então chefe de Polícia, entrega a organização dessa Polícia ao

¹⁰¹ Este dado foi obtido junto aos estudos de Pires (2001, p. 108). Inclusive consta nesta obra a referência que Inezil Penna Marinho teria sido oficial da Marinha, mas não tivemos como conferir esta informação.

¹⁰² Sobre a participação de alguns professores de educação física na repressão política no Estado Novo, através da polícia especial, vale a pena consultar o depoimento do Prof^o La Torre de Faria no livro de Castellani Filho (1991, p. 138).

Comandante Euzébio de Queiroz Filho, que escolhe, para integrá-la numerosos atletas de todos os ramos esportivos.

Assim, passou a Polícia Especial a ser um verdadeiro centro de atletas da Educação Física fez-se ali o mais sagrado culto e o seu Departamento de Educação Física serviu de modelo aos de várias instituições, inclusive as similares que posteriormente surgiram nos Estados (MARINHO, 1953, pp. 31 – 32).

Essa Polícia Especial, criada em 1932, ganhou um caráter específico a partir de 1935, quando assumiu o papel de repressão aos indivíduos e/ou instituições contrárias ao regime totalitário de Vargas. Talvez tenha sido por ocasião de sua participação na Polícia Especial que Inezil Penna Marinho tenha tido seus primeiros contatos com a capoeiragem, pois, de acordo com Antônio Liberac C. S. Pires (2001, p. 104), tempos depois da chegada de Sinhôzinho - o responsável pelo treinamento de inúmeros lutadores de Capoeira de ringue - ao Rio de Janeiro, este treinador irá trabalhar como instrutor de lutas na Polícia Especial e Municipal.

Como já mencionamos no tópico referente às lutas de ringue, o autor foi um de seus alunos e se reportou ao seu professor da seguinte maneira:

Aqui no Rio, Sinhôzinho mantém uma academia no Ipanema, destinada aos moços grã-finos que desejam ter algum motivo para se tornar valentes. Visitamos a academia de Sinhôzinho, de quem fomos aluno há uns oito anos e admiramos o seu notável esforço em não deixar a capoeiragem morrer [...] (MARINHO, 1945, p. 30).

Além disso, ele demonstra toda sua admiração dedicando sua obra a Sinhôzinho e ao nosso já conhecido Annibal Burlamaqui, o Zuma.

Ao analisarmos o livro do Prof. Inezil, percebemos que sua intenção era de sistematizar uma forma de treinamento para Capoeira visando ao aprimoramento daqueles praticantes/lutadores que já sabiam realizar seus golpes e contragolpes. Ele encara esta prática como uma forma de **luta** que tem seu valor porque foi o meio de defesa pessoal criado no Brasil, desta forma um **esporte genuinamente brasileiro**.

Com esse discurso, entendemos o porquê da escolha de sua monografia para a obtenção do primeiro lugar em um concurso da *Divisão de Educação Física*, uma vez que em 1944 ainda prevalecia em seu interior o desejo de valorização do que era nacional. Dessa maneira, esse autor soube propor uma prática disciplinada para a Capoeira, se valendo do método Zuma para dar encaminhamento a uma proposta esportivizada de treinamento desta luta. Muitos anos depois, na década de 1980, o Prof. Inezil Penna

Marinha retomará suas idéias referentes à Capoeira, revendo essa posição e sugerindo que ela fosse transformada no **método de ginástica brasileiro**, assunto que debateremos no próximo capítulo.

Percebemos que a intenção maior de *Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem* foi a de viabilizar a Capoeira como um método brasileiro de defesa pessoal nacional, porque, de acordo com ele,

[...] em nossa terra adquiriu verdadeiramente as características que fizeram do box a arma do inglês, da savata a arma do francês, do jiu-jitsu a arma do japonês, do jogo do pau a arma do português. A capoeiragem foi a arma dos brasileiros, que os portugueses do século passado tanto temeram [...] (MARINHO, 1945, p. 7).

Para isso, ele dividiu seu trabalho em cinco capítulos:

- I – Apontamentos para a história da capoeiragem no Brasil;
- II – O que alguns historiadores e cronistas nos contam da capoeiragem;
- III – A influência da capoeiragem na literatura nacional;
- IV – A preparação do capoeira:
 - a) preparação física,
 - b) preparação técnica,
 - c) preparação tática;
- V – Contribuição para um plano de treinamento da capoeiragem. (MARINHO, 1945, p. 8).

Percebemos a preocupação do autor em escrever a história da Capoeira embasado em materiais bibliográficos referentes ao assunto. De acordo com ele,

[...] Tivemos grande dificuldade em reunir a documentação que aqui se encontra; esse trabalho nos obrigou a ler grande número de livros, os quais, a mór parte das vezes, nem sequer de leve se referiam ao assunto; e nos decepcionávamos com o tempo perdido, para nós tão precioso (MARINHO, 1945, p. 7).

No entanto, apesar das dificuldades enunciadas, o autor reuniu algumas informações importantes sobre a história da Capoeira, sendo dele o mérito de ser o primeiro estudioso da área de Educação Física a sistematizar o percurso histórico desta manifestação cultural. Dessa maneira, elaborou o primeiro capítulo de seu trabalho tendo a preocupação de enumerar alguns significados etimológicos do termo Capoeira. Em seguida, organizou os dados historiográficos dessa manifestação cultural utilizando informações como aquelas referentes aos negros no Brasil no período colonial (cartas sobre a repressão do Quilombo

de Palmares), sobre seus costumes no país – obras e ensaios de Ribeyrolles, Debret¹⁰³, Manoel Querino¹⁰⁴, Édison Carneiro¹⁰⁵ –, as abordagens relativas ao Período Imperial – escritos de O. Lima (apud MARINHO, 1945, p. 20) - e aquelas relativas ao início da primeira república – Assis Cintra (apud MARINHO, 1945, pp. 25 – 27 e 66).

Diante de todo esse apanhado bibliográfico, Inezil Penna Marinho buscou traçar um panorama do percurso dos negros angolanos no Brasil, os quais ele supunha serem os *inventores* desta prática em solo brasileiro, e atribuiu a eles a organização das fugas dos trabalhos braçais na monocultura canavieira e a organização dos quilombos, notadamente o Quilombo dos Palmares. O autor, pautado nas observações de Manoel Querino, concordava que somente esses tinham as características extrínsecas para a produção desta manifestação cultural. Dizia que

[...] Eles tinham defeitos que não são comuns aos outros africanos, mas muito freqüentes nos nossos crioulos e mestiços.

Os Angolas eram conhecidos por loquazes, imaginosos, indolentes e insolentes, sem persistência para o trabalho, férteis em recursos e manhas, mas sem sinceridade nas coisas, muito fáceis de conduzir pelo temor aos castigos, e ainda mais pela alegria de uma festa, mas também voltando as costas ao receio, desde que ele não estava iminente, pouco cuidadosos da responsabilidade que se lhes confiava, entusiasmando-se por qualquer assunto e fazendo chacota dele pouco depois, mostrando ter grande predileção pelo que é reluzente e ornamentado, como todos os povos de imaginação viva e ligeira (MARINHO, 1945, p. 15)

Observamos nestas afirmações que a figura dos escravos angolanos é ligada à do mestiço/crioulo brasileiro, o que reafirma a tendência da linha naturalista, adotada por Marinho quando sustenta que o tipo adequado para a prática da capoeiragem é o **mulato**. Dizia ele: “[...] Interessante é assinalar a forma por que os mestiços – mulatos – a assimilaram, conseguindo que alcançasse maior eficiência e se tornasse mais temida” (MARINHO, 1945, p. 7).

¹⁰³ As citações utilizadas são de C. Ribeyrolles e Debret e referem-se à superioridade da raça mestiça em detrimento da negra e da branca, reafirmando as idéias naturalistas nas quais Marinho se apoiava em sua obra. Elas encontram-se em Marinho (1945, p. 19).

¹⁰⁴ Inezil Penna Marinho cita as seguintes obras de Manoel Querino: **A Bahia de Outrora** e **Costumes africanos no Brasil**, para tratar especificamente da origem da Capoeira e de sua prática na Bahia nos séculos XIX e início do XX. Dados obtidos em Marinho (1945, pp. 31, 35, 36, 38 - 41 e 62 – 64).

¹⁰⁵ As obras de Édison Carneiro são **Religiões Negras** e **Negros Bantús** e foram utilizadas por Marinho (1945, pp. 14, 15, 35 e 42).

Outro ponto que nos chama a atenção é o de relacionar a alegria e o gosto pela festa ao tipo de escravo que, a princípio, foi o “inventor” da Capoeira. Daí, imaginamos que o caráter de manifestação lúdica esteve ligado à sua expressão, principalmente às enumeradas por Manoel Querino e Édison Carneiro nas obras citadas por Marinho (1945), que fazem menção aos costumes dos negros escravos na Bahia de outrora.

Afirmando que a Capoeira tivera suas origens com os escravos angolanos e que fora aprimorada pelos mestiços/mulatos, o autor passa a detalhar algumas características relativas aos capoeiras do tempo do Império, da Primeira República e do início do século XX, sempre pautado na bibliografia estudada. Por conta da diversidade das obras, nos é mostrada a configuração da capoeiragem em três localidades diversas: no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco.

Apesar de realizar um trabalho detalhista na abordagem histórica, seu estudo tinha como pressuposto principal apontar que, por ser uma prática de origem brasileira, a Capoeira deveria servir aos propósitos nacionais, que eram o desenvolvimento de um **método de defesa nacional** que servisse para fortalecer o físico e o caráter do homem brasileiro, dado que naquele período não se cogitava a participação feminina na Capoeira.

No segundo e terceiro capítulos, ele se valeu de crônicas sobre os costumes dos capoeiras nas três cidades apontadas acima - Rio de Janeiro, Salvador e Recife -, para retratar as abordagens sobre o tema. Lançando mão de autores como Luiz Edmundo¹⁰⁶ e Mário Sette¹⁰⁷ e de material literário como *Memórias de um Sargento de Milícias*, *Casa de Belchior*, *O Cortiço* e *Poemas e Canções*¹⁰⁸, ele procurou demonstrar como os historiadores e literatos enxergaram a Capoeira. No entanto, com relação à análise desse material, percebemos que ele se limitou a transcrever aqueles que, de alguma forma, mencionavam a Capoeira mas se eximiam de manifestar qualquer opinião a respeito, e repetiu o mesmo procedimento por ocasião das obras relativas à educação física que trataram do tema, como o livro *Educação Física Japonesa*, de Irving Hancock, traduzido por Santos Porto (apud

¹⁰⁶ Inezil Penna Marinho (1945, pp. 33 e 45) cita as seguintes obras de Luiz Edmundo: **O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-reis** e **O Rio de Janeiro do meu tempo**.

¹⁰⁷ A crônica citada de Mário Sette (apud MARINHO, 1945, p. 42) é “Os Brabos”.

¹⁰⁸ As obras literárias citadas pelo autor encontram-se no Capítulo III – A influência da capoeiragem na literatura nacional In MARINHO, I. **Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, pp. 73 - 85.

MARINHO, 1945, p 31) e o capítulo “Capoeiragem”, do livro *A evolução do esporte no Brasil*, de Fernando de Azevedo (apud MARINHO, 1945, p 31).

No entanto, é no capítulo IV que ele passou a detalhar especificamente o treinamento do capoeira. Neste ponto, ele tratou das preparações físicas, técnicas e táticas do praticante, se referindo a este como um desportista. Com uma visão biologista, ele definiu que primeiramente devia-se colocar o capoeira em condições, o que significava que ele deveria preparar seu organismo, fortalecendo-o para o treinamento. De acordo com o autor, era condição premente que o indivíduo “[...] desfrute(asse), antes de tudo, de boa saúde” (MARINHO, 1945, p. 83). Posteriormente, este deveria entrar em forma adaptando-se às qualidades físicas exigidas pela capoeiragem. Para isso, recomendava em linhas gerais exercícios que trabalhassem a flexibilidade, a velocidade, a acuidade e a coordenação neuro-muscular.

A preparação técnica foi descrita pelo autor como o momento em que o desportista, uma vez que já dominasse a capoeiragem, deveria obter seu estilo de luta, por causa do qual “despenderá(ia) o mínimo de forças e alcançará(ia) o máximo de eficiência.” (MARINHO, 1945, p. 83). Já a preparação tática representava para ele a maneira mais eficiente de aplicar a técnica no adversário.

Vemos, assim, configurado até esse ponto sua metodologia para a preparação do capoeira. Já no capítulo V, o último, ele propunha sua contribuição para um plano de treinamento da capoeiragem que se baseava no Método Zuma.

Servindo-se dos golpes e contragolpes esboçados por Annibal Burlamaqui (1928), o autor estabeleceu as regras e o treinamento para a *modalidade esportiva*, que se diferenciou em poucos aspectos daqueles apontados por Zuma. Como sabemos, a partir de nossa análise, o Método Zuma em muito se assemelha ao boxe e, dessa maneira, sem muitos pontos contrários, Inezil Penna Marinho adaptou sua proposta. Utilizou-se das mesmas ilustrações da obra de Annibal Burlamaqui para descrever os golpes e contragolpes e somente acrescentou o ato de *peneirar*, talvez recuperando este termo das colocações realizadas por O.D.C. (1907), em *Guia do Capoeira ou Gymnastica brasileira*. Neste caso, o ato de *peneirar* era descrito por Inezil Penna Marinho como o jogo de corpo que teria uma importância fundamental, tal como a posição de *guarda*. Mas apesar de se referir à *peneiração*, em nenhum momento ele se refere à música ou canto no momento de

realização da luta. Ao contrário, por ocasião de sua abordagem histórica, ele deixa em evidência as colocações de Édison Carneiro e Manoel Querino, que concluem que a Capoeira denominada de Angola, praticada na Bahia, encontrava-se em um processo acelerado de decomposição¹⁰⁹.

Dessa forma, o objetivo do Prof. Inezil Penna Marinho era de realmente transformar a Capoeira em uma modalidade de luta. E caberia à Educação Física a tarefa de recuperar a capoeiragem, sendo o professor de educação física o responsável pela administração de seu treinamento, ajudado por monitores de Capoeira, médicos especializados e outros profissionais afins. Ele também escreve que:

As nossas Escolas de Educação Física, onde se ensina o box, o jiu-jitsu, a luta, a esgrima, não podem deixar de incluir a capoeiragem dentro da sua cadeira de ataque e defesa, porque isso equivaleria a deixar de tratar da história da educação física no Brasil, dentro da cadeira de história da educação física, feito esse que até bem pouco sucedia. É verdade que faltam mestres, mas ainda existem perdidos pelo Rio, Salvador e Recife bons capoeiras que poderiam preparar êsses mestres [...] (MARINHO, 1945, p. 8)

Ou seja, de acordo com sua concepção, os mestres seriam os professores de educação física, sendo que ele se refere com certo menosprezo aos praticantes (e Mestres) desta manifestação cultural, intitulado-os *bons capoeiras*.

Percebemos no trabalho do Prof. Inezil a busca por desvalorizar o movimento que ocorreu em Salvador na década de 1930 e que, naquele momento, já teria trazido grandes repercussões para os praticantes de Capoeira do Rio de Janeiro. Talvez esse desmerecimento tenha se devido às rivalidades existentes entre os capoeiras cariocas e soteropolitanos, por ocasião das lutas de ringue e mesmo da disputa cultural de símbolos nacionais, como o samba e a Capoeira. Outro fato que também justifica a busca em minimizar a importância da Capoeira baiana era o desejo do Prof. Inezil em ver a educação física assumir a luta pela Capoeira, porque de acordo com ele:

Outros com mais recursos, talvez a própria Divisão de Educação Física, poderão continuar o labor que iniciamos e que representará para o Brasil um grande serviço, desde que se faça reviver, como ocorre com as suas artes primitivas lendas, sua música, danças, o meio de defesa nacional por excelência [...] Não devemos, sem um esforço, deixar que a capoeiragem morra completamente, pois

¹⁰⁹ Trata-se da menção que Marinho (1945, p. 42) faz das obras de Manoel Querino e Édison Carneiro, referindo-se à decadência da Capoeira praticada pelos negros em rodas e com cantos nas ruas de Salvador.

assim procedendo, estaremos perdendo algo de nosso que o mundo exterior não chegou a conhecer de fato (MARINHO, 1945, pp. 7 - 8).

É claro que a luta pela valorização da Capoeira por parte da educação física ensejada pelo autor é repleta de interesses, como procuramos demonstrar no decorrer desta abordagem. Podemos dizer que esse foi o primeiro passo dado, às claras, pela educação física no sentido de aproximar-se desta manifestação cultural.

Adiante, veremos como essa relação se desenvolveu e quais as demais inter-relações estabelecidas entre a Capoeira e a educação física.

Referências bibliográficas

ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba**: a capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves de (mestre Itapoan). **Mestre Atenilo**: o *relâmpago* da Capoeira Regional. Salvador: Núcleo de Recursos Didáticos da UFBA, 1988.

_____. **Bimba, o perfil do mestre**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.

AZEVEDO, Fernando de. **Da Educação Física**: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser (seguido de Antinoüs). São Paulo: Melhoramentos, 1960. obras completas.

BURLAMAQUI, Annibal. **Gymnastica Nacional (Capoeiragem)**: methodisada e regrada. Rio de Janeiro, 1928.

CAETANO VELOSO. Meia-lua inteira. Brown, Carlinhos [Compositor]. In: _____ Estrangeiro. São Paulo: Polygram do Brasil, 1989. 1 CD (39 min.). Faixa 9 (3 min. 43 seg.). Remasterizado em digital.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1992.

CASTELLANI FILHO, Lino. Pelos meandros da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, n. 3, maio/1993.

_____. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 1988. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica, norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

COUTINHO, Daniel (mestre Noronha). **O ABC da Capoeira de Angola: os manuscritos do mestre Noronha**. Brasília: DEFER, Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira (CIDOCA), 1993.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1989.

MARINHO, Inezil Penna. **História da educação física e dos desportos no Brasil: Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República - vol. III**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Divisão de Educação Física, 1953.

_____. **Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

MESTRE BIMBA. **Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba**. Salvador: RC, 1979. 1 disco sonoro, 33 1/3 rpm, estéreo.

MESTRE PASTINHA E SUA ACADEMIA. **Mestre Pastinha e sua academia**. Salvador: Fontana, 1979. 1 disco sonoro, 33 1/3 rpm, estéreo.

O.D.C. **Guia do Capoeira ou gymnastica brasileira**. 2. ed. (fac similar). Rio de Janeiro: Livraria Nacional, 1907.

PASTINHA, uma vida pela Capoeira! Direção: Antônio Carlos Muricy. Produções Cinematográficas. Rio de Janeiro: Brian Sewell, 1999. 1 fita de vídeo – VHS/NTSC.

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Capoeira Angola**. 3. ed. (fac similar). Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **A capoeira na jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 10, 2000.

REVISTA SUPER INTERESSANTE. São Paulo: Abril, vol. 10, n. 5, maio/1996.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, pp. 513-519.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira e Educação Física - uma história que dá jogo... primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, pp. 131-145, set./2001.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Nacional, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Deptº Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

_____ **O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil: 1850-1930**. 1990. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

SOUZA, Walce (mestre Deputado). **Capoeira, arte, folclore**. [Goiânia: s.n.], [1986?].

VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo de Capoeira: cultura popular no Brasil**, Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

CAPÍTULO IV

DANÇA, CANTO E BERIMBAU

*“Capoeira vai lutar,
Já cantou e já dançou
Não há mais o que falar
Cada um dá o que tem
Capoeira vai lutar
Vem de longe, não tem pressa
Mas tem hora pra chegar
Já deixou de lado sonhos
Dança, canto e berimbau
Abram alas, batam palmas
Poeira vai levantar
Quem sabe da vida espera
Dia certo pra chegar
Capoeira não tem pressa
Mas na hora vai lutar
Por você, por você...”*

(Geraldo Vandré, 1976)

I – Voltando ao jogo... da Capoeira de Ringue à Capoeira Show

Continuaremos a tratar o processo pelo qual a Capoeira e a educação física passam a estabelecer inter-relações. Já vimos no capítulo anterior quais os fatores que desencadearam mudanças significativas na Capoeira, como também estamos acompanhando as alterações da prática da educação física desde sua chegada ao Brasil. Cabe neste momento dar início à análise do que ocorreu nas décadas seguintes para finalizarmos esse trabalho.

Na década de 1950, a Capoeira de ringue, no Rio de Janeiro, ainda mantinha seus adeptos, mas declinava passo a passo. A existência de uma nova configuração de Capoeira, a Regional, serviu como pretexto, em várias ocasiões, para a disputa da supremacia da *luta nacional*. Houve uma oportunidade, no Rio de Janeiro, coberta pela imprensa da época, em que os alunos de Bimba se confrontaram com os pupilos de Sinhôzinho. De acordo com os apontamentos de Antônio Liberac C. S. Pires (2001, p. 113),

O embate tinha um caráter inter-regional, colocando em jogo os dois maiores expoentes da capoeira nos ringues da Bahia e do Rio de Janeiro. Eles, digo, Sinhôzinho e Bimba não iriam se enfrentar, mas sim seus alunos. A partir daí destacaria-se o melhor preparador de lutadores. Sinhôzinho não aceitava que Bimba fosse chamado de o maior capoeirista do Brasil.

Percebemos que a disputa pela hegemonia no universo da *Capoeira-luta* era bastante concorrido, evidenciando-se, é claro, a vaidade dos treinadores. Mas, voltando ao combate, o capoeirista baiano Perez foi derrotado por Rodolf Hermann. Todavia, apesar da vitória carioca, os alunos de Bimba não desanimaram. No decorrer da década de 50 até seu fim, com a decadência dos embates envolvendo a Capoeira de ringue, eles voltaram a se encontrar com seus rivais.

Porém, com o enfraquecimento desta modalidade no Rio de Janeiro, e com o crescimento da aceitação da Capoeira baiana, vê-se praticamente a extinção do tipo de Capoeira praticada por Sinhôzinho e seus alunos.

No movimento de renovação desta prática, ela passa a ser cada vez mais requisitada para demonstrações e espetáculos. Essas atividades se configuram como uma alternativa para a disseminação de suas qualidades e passam a ampliar o espectro desta manifestação, admitindo em suas exibições o caráter de luta, esporte, arte, dança, folclore e, até mesmo, filosofia de vida. Para comprovar essa situação, basta citarmos as reportagens de 1956 e 1959, respectivamente, que noticiaram sobre as apresentações das duas modalidades da Capoeira baiana. A primeira trata de mestre Bimba e seus alunos na Tv-Record. Vejamos:

O grupo veio de São Paulo onde fez três exibições, nas festas da Tv-Record. É composto por nove rapazes [...] e mais mestre Bimba [...] todos perfeitamente adestrados na prática da capoeira [...] pandeiros e berimbaus fazem o acompanhamento do canto entoado todo o tempo da exibição (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1956 apud PIRES, 2001, p. 128).

E a segunda notícia a Capoeira Angola, de mestre Pastinha:

Bravos à rapaziada baiana que está fazendo a reabilitação e a propaganda da capoeira! Agora mesmo estamos vendo aqui chegarem vários atletas – chamar-lhes-ia artistas do Centro Esportivo Angola de Salvador, que se exibem com sucesso” (JORNAL DO BRASIL, 1959 apud PIRES, 2001, p. 134).

Com a possibilidade de estabelecer uma outra relação entre o público assistente das demonstrações capoeirísticas e seus praticantes, inicia-se um processo de mercadorização dessa manifestação cultural. Contudo, esse fenômeno só irá tomar rumos mais definidos e concretos a partir da década de 80 e 90 do século XX, atingindo proporções cada vez maiores, como procuramos demonstrar no primeiro capítulo deste estudo.

Entretanto, as disputas pelo mercado da Capoeira irão começar em fins da década de 1950 e ganharão força na década de 1960, conforme constatamos na leitura da obra de Waldeloir Rego (1968, pp. 38–42 e 361–362) . Por sinal, este estudo é um ensaio sócio-etnográfico que se tornou uma referência para a maioria dos pesquisadores que se propuseram a escrever sobre o tema. De acordo com esse autor, a disputa ocorria entre os mestres de Capoeira que desejavam obter destaque junto à Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Salvador, já que este órgão subsidiava as demonstrações das Academias de Capoeira que se propusessem a realizá-las para os turistas. Este *turismo cultural* muitas vezes se apresentava como uma forma de se obter uma ajuda financeira. Sendo assim, constantemente esse subsídio era motivo das mais variadas desavenças, dada a precariedade na qual viviam a maioria dos mestres. Mas isso também significava, em alguma medida, uma opção de trabalho e de elevação no nível de vida de pessoas que tinham uma difícil condição financeira.

Porém, essa nova conjuntura não demorou em gerar uma série de polêmicas, envolvendo a descaracterização desta prática e os embates entre as Academias (ou Centros) de Capoeira, seus diferentes estilos e seus variados mestres - lembremo-nos que apesar de haver dois estilos, existiram (e ainda existem), em seu interior, diferenciadas formas de praticá-los. Essa descaracterização passa a preocupar intelectuais que temiam pela perda de identidade da Capoeira em meio a esses novos rumos. Waldeloir Rego (1968, p. 361) afirma que

[...] o agente negativo no processo de decadência da capoeira, sociológica e etnograficamente falando, foi o órgão municipal de turismo. Detentor de ajuda financeira, material e promocional, corrompeu o mais que pôde. Embora o referido órgão tenha por norma a preservação de nossas tradições, os titulares que por ele têm passado, por absoluta ignorância e incompetência, fazem justamente o contrário, direta ou indiretamente [...]

Esta preocupação com a preservação da tradição da Capoeira vai lentamente assumindo não só o discurso dos estudiosos desse tema, como também passa a preocupar os próprios mestres que irão lançar mão desse subterfúgio na luta pelo posto da Capoeira mais pura e livre de influências externas. Neste ponto, cabe ressaltarmos a obra, já mencionada anteriormente, mas que por ter sido escrita na década de 1960 foi, talvez, um dos trabalhos mais importantes sobre o pensamento dos mestres da época. Trata-se de *Capoeira Angola*, de Mestre Pastinha (PASTINHA, 1988), que, apesar de possuir o mesmo nome do livro de

Waldeloir Rego, traz informações diferenciadas tão preciosas quanto as do etnólogo citado. Mestre Pastinha buscava o reconhecimento da pureza da Capoeira que ele ensinava e, dessa maneira, informava seus leitores: “[...] a Capoeira Angola é, ainda, folclore nacional. Os serviços de turismo, na Bahia, colocam como ponto obrigatório, em seus programas, uma visita às academias de Capoeira” (REGO, 1968, p. 30). E ainda prossegue suas argumentações, dizendo que

A Capoeira é uma modalidade de luta que se distingue de qualquer outra modalidade esportiva. [...] É lógico que nos referimos à Capoeira Angola, a legítima capoeira trazida pelos africanos e não à mistura de Capoeira com box, luta livre americana, judô, jiu-jitsu, etc [...] (REGO, 1968, p. 31).

Apesar desse mestre defender arduamente o caráter de *pureza africana* em sua prática, não podemos nos esquecer de que foi através da incorporação de elementos advindos da educação física e do Esporte que ele conseguiu estruturar sua proposta. No entanto, seu discurso, mesmo por vezes contraditório, revela a busca de legitimidade em atividades reconhecidas institucionalmente, como o folclore e as modalidades de luta.

O reconhecimento institucional da Capoeira vai aumentando gradativamente, não se restringindo somente à *Capoeira-luta*, mas passando a ser assimilada pelos grupos folclóricos da Bahia. Estes, por sua vez, vão incorporar os capoeiristas em seu elenco e mostrar seus espetáculos pelo Brasil e pelo mundo. Nessa onda, ela também penetra, ainda que de maneira mais profícua, nas universidades, alcançando inclusive o público feminino, que começa a se interessar por esta manifestação cultural e passa a se destacar também em outros âmbitos, como na música popular brasileira, no cinema, nos palcos teatrais e em exibições para órgãos do governo. De acordo com Waldeloir Rego, que relata a apresentação de mestre Bimba ao Governador da Bahia, anos antes da publicação de sua obra,

[...] a capoeira entra pela primeira vez em palácio governamental, começando daí sua ascensão sócio-cultural. Não saiu mais de palácios de governadores e prefeitos do país. Não se concebe uma reunião social, um congresso cultural, sem que haja uma exibição de capoeira. A capoeira é ensinada como educação física, nas forças armadas e nas escolas. Alunos da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia vão às academias aprenderem capoeira, para utilizarem na criação de suas coreografias. A capoeira está no cinema, na música, nas artes plásticas, na literatura e nos palcos teatrais (REGO, 1968, pp. 316 - 317).

De certo que houve um exagero nas observações do autor, porque se de um lado a Capoeira passou a ser bem vista socialmente, do outro ainda existia um grande preconceito

por conta de seu passado ligado às maltas do século XIX e mesmo à fama dos *valentões e malandros* do início do século XX.

Mesmo a imprensa, que tanto ajudou a divulgar a imagem da *Capoeira Regenerada*, não media as conseqüências quando se tratava de colocar em xeque sua reputação passada. Nesse caso, podemos destacar a ocasião em que esta prática foi incluída na Marinha, em 1961, como uma *modalidade esportiva de luta de defesa pessoal*. Os jornais da época deram vulto às seguintes notícias a esse respeito: “Capoeira. Esporte de luta popular” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1961 apud PIRES, 2001, p. 135), “Dança de negros e arma de malandros” (CORREIO DA MANHÃ, 1961 apud PIRES, 2001, p. 135) e “Capoeira volta ao Rio após dois séculos de perseguição” (JORNAL DO BRASIL, 1961 apud PIRES, 2001, p. 136).

Mas essa notícia, além de demonstrar o jogo ambíguo que envolveu a Capoeira em sua aceitação social, nos mostra também uma nova concepção pautada nesta manifestação cultural. Essa proposta tem seu cerne novamente vinculado às Forças Armadas brasileiras e foi encabeçada por um profissional de educação física, o 1º tenente Lamartine Pereira da Costa.

II - Capoeira sem mestre?

*Ô, marinheiro, ô, marinheiro,
Marinheiro, só (coro)
Quem t'ensinou capoeirar?
Marinheiro, só
Foi Mestre de Capoeira?
Marinheiro, só
Ou foi o balanço do mar?
Marinheiro, só*



Fig. 63 – Capa do livro “Capoeira sem mestre”, de Lamartine Pereira da Costa.

Foi por intermédio do então 1º tenente Lamartine Pereira da Costa, autorizado pelo capitão de corveta Maurício Murgel Taveira, que a Capoeira passou a fazer parte da preparação de oficiais e praças da Marinha, onde o referido tenente foi instrutor com 208 inscritos, no curso que durava cerca de 20 aulas¹.

¹ Informações obtidas através do trabalho de Pires (2001, pp. 135 – 136).

A princípio, seu objetivo era o de “[...] criar instrutores de capoeira para vários núcleos por toda a Marinha.” (PIRES, 2001, p. 136), sendo que “Seu método seria o aplicado nessa iniciativa de expansão da capoeira nos meios militares” (PIRES, 2001, p. 136).

O método citado foi publicado em 1962 e intitulava-se *Capoeira Sem-Mestre*. Antes porém de analisarmos este trabalho, vamos nos deter em como o 1º tenente Lamartine P. Costa adquiriu seus conhecimentos na capoeiragem. Para descrever sua trajetória, vamos chamar o nosso já conhecido estudioso do tema, Antônio Liberac C. S. Pires (2001, p.136), para elucidar os fatos:

O tenente Lamartine Costa aprendeu a capoeira com Arthur Emídio, mas ainda, como estudante, já teria treinado jiu-jitsu. Estudou por alguns anos a capoeira tentando separar a arma de luta da dança. Ele esteve na Bahia e chegou a treinar com Mestre Bimba, da capoeira Regional e, de volta ao Rio de Janeiro, elaborou um método com 37 movimentos principais.

Cabe agora esclarecermos quem foi Arthur Emídio. Este senhor tornou-se um dos maiores representantes baianos da Capoeira no Rio de Janeiro. Nascido em Itabuna, Bahia, na década de 1930, foi ao Rio de Janeiro em 1953, levando uma Capoeira diferenciada daquela praticada nos ringues. Contudo, a Capoeira que aprendera não se enquadrava nos moldes da Regional, nem tampouco da Angola. Esse fato se devia à formação capoeirística de Arthur Emídio, que recebeu *as primeiras letras desta arte* de mestre Paizinho, em Itabuna/BA. De acordo com a descrição de sua aprendizagem: “Seu mestre Paizinho, também utilizava o berimbau nas rodas de capoeira” (PIRES, 2001, p. 120). E em seu depoimento esclarece que: “Nossa capoeira era mais rápida que a do mestre Bimba, uma velocidade tremenda” (PIRES, 2001, p. 136).

Dessa forma, constatamos novamente as diferenciações nesta manifestação cultural, variando de acordo com o local onde era praticada.

Quando Arthur Emídio chegou ao Rio, em 1953, se deparou com a Capoeira de ringue, na qual lutou algumas vezes. No entanto, com a decadência desta, ele passou a conquistar seu espaço realizando demonstrações de Capoeira nos moldes baianos, com a presença dos cantos, berimbaus e ludicidade em sua manifestação. Por dar ênfase a esta maneira de se praticar Capoeira, ingressou em 1960 em um grupo folclórico e se apresentou nos EUA, Europa e América Central. Em seguida, abriu sua academia de Capoeira, a

primeira no Rio de Janeiro que adotou o modelo baiano, e formou inúmeros praticantes que perpetuaram seu estilo de jogo.

Toda essa explicação sobre o mestre Arthur Emídio se faz necessária para elucidarmos que grande parte da metodologia desenvolvida pelo 1º tenente Lamartine Pereira da Costa se pautou, apesar de em nenhum momento de sua obra ele se referir a este fato, em ensinamentos que obteve com seu mestre e com a vivência que pôde adquirir por sua passagem pela Bahia, na academia de mestre Bimba.

No entanto, apesar disso, ele afirma o seguinte em seu livro

[...] Na Bahia cada mestre ensina a luta a seu modo. Há modalidades, como a angola e a angolinha, que são utilizadas somente para exhibições folclóricas. Outras, como a regional, são cultivadas por grupos fechados que se esforçam para monopolizar o ensino. Tudo isso concorre sobremaneira para a pouca penetração da luta (COSTA, 1962, p. 18).

Notamos a busca em desqualificar a Capoeira baiana, talvez porque sua idéia fosse dar o mérito da proposta da *Capoeira-luta* aos cariocas, à educação física e, também, às Forças Armadas, já que o autor é carioca e, na época, professor de educação física da Marinha.

Sendo assim, o método que ele publicou, em 1962, já era aquele empregado nas Forças Armadas junto aos seus alunos. Passaremos, então, à análise de sua obra.

Sua metodologia para o ensino da Capoeira como defesa pessoal se pautava na “[...] luta que mais se liga às tendências atléticas do povo brasileiro” (COSTA, 1962, p. 7) e o objetivo do livro era o de popularizar a Capoeira, já que ela estava relegada ao conhecimento dos “[...] últimos remanescentes dos ‘mestres’ desta luta que vivem na Bahia” (COSTA, 1962, p. 7).

Sua iniciativa era a de demonstrar que para se aprender Capoeira não era necessária a presença de um *mestre*. Contudo, neste momento, precisamos levantar alguns pontos interessantes para discussão.

O primeiro ponto é que, desde a remota época das maltas até os dias de hoje, a presença de um *mestre* para o ensino desta arte sempre foi um ponto marcante. Ainda que a denominação *mestre* não tenha sido utilizada em todos esses momentos históricos, sempre ocorreu a participação de um *educador* no ensino desta prática. Haja vista a própria experiência do autor do livro.

O segundo é que, após a reinvenção da tradição da Capoeira na Bahia, o mediador do ensino e detentor do conhecimento ancestral é representado pela figura do mestre. Por sinal, uma figura respeitadíssima por seus alunos, tornando-os muitas vezes discípulos, no sentido de repassarem não só seus ensinamentos referentes à arte da capoeiragem, mas também adotarem sua filosofia de vida como referência. Como exemplo, podemos citar o caso dos discípulos do mestre Pastinha que fazem das palavras desse mestre, repletas de sabedoria popular, diga-se de passagem, um eixo norteador do ensino e da filosofia da Capoeira Angola.

Outro ponto refere-se ao desejo de apropriação do ensino da Capoeira por parte da educação física, que, iniciada com as propostas do Prof. Inezil Penna Marinho, até os dias de hoje busca legitimar a importância desse profissional para o desenvolvimento dessa *luta de defesa nacional* ou *método brasileiro de ginástica*, ou ainda, *esporte genuinamente nacional*. Mais adiante, prosseguiremos no debate desse assunto, dada as repercussões que surgiram sobre o mestre de capoeira face à regulamentação do profissional de educação física, em 1998.

Entretanto, não podemos esquecer que a idéia do 1º tenente Lamartine P. da Costa era da *Capoeira-luta*, defesa pessoal, uma atividade utilitarista, extremamente nacionalista e militarista, que não levava em conta seu caráter de manifestação mais ampla. Por isso, ele buscou mostrar aos seus leitores que é possível aprender a capoeiragem sem a presença de um mestre, e assim propunha o desenvolvimento de exercícios próprios da Capoeira, qualificando esta prática como

[...] uma luta em que os executantes se valem dos pés, das mãos e da cabeça para bater nos adversários ou derrubá-los. Baseia-se na utilização do peso do corpo num sistema de alavancas com as pernas e os braços. À semelhança das lutas japonesas, a destreza e agilidade importam mais que a força muscular. É uma luta essencialmente agressiva: o capoeira se defende atacando. A sua principal vantagem, com relação às outras lutas, é de haver possibilidades de o praticante poder se defender de vários atacantes ao mesmo tempo (COSTA, 1962, p. 17).

Talvez, devido a este tipo de entendimento, suas menções sobre a história da Capoeira sejam mínimas, limitando-se a tratar desse assunto em apenas duas laudas. Inicia dizendo que ela chegou ao Brasil com os negros bantus e que, nesse período, tratava-se de uma dança ritual – por isso que ainda se observava em sua expressão, na Bahia, cerimoniais e cânticos fetichistas. Prossegue a descrição revelando que o nome Capoeira está ligado às

lutas travadas nos “capões” de mato entre escravos, que combatiam no corpo a corpo os portugueses, por ocasião da Guerra de Palmares. Devido a esse acontecimento, é elucidado que

Por esta razão ou qualquer outra anterior ao fato, após a Guerra dos Quilombos e Palmares o capoeira já era um tipo característico do Brasil colonial. Como os samurais japoneses, vestiam-se de maneira particular, chapéu de lado e argola de ouro na orelha, e se ofereciam mercenariamente para empreitadas de assassinatos e emboscadas (COSTA, 1962, p. 14).

É notória a visão simplista do percurso histórico da Capoeira, que vai de uma luta de libertação dos escravos para se tornar uma luta marginal. Essa transição é feita sem sequer situar historicamente o momento em que isso ocorreu, buscando dar à Capoeira o *status* de uma arte marcial brasileira, comparando o capoeira ao samurai japonês.

Lamartine P. da Costa (1962) continua ressaltando que “a luta africana” foi aprimorada pelo mestiço/mulato que, de acordo com seu biotipo, foi “o seu executante ideal”. Supomos que esta referência deve ter sido adquirida pelo autor a partir dos estudos de Inezil Penna Marinho, apesar dele não citá-lo em sua obra. Ele encerra esta parte histórica tratando de sua proibição pelo governo de Marechal Deodoro da Fonseca, dizendo que “os praticantes da ginástica nacional eram sumariamente recolhidos à Ilha de Trindade para trabalhos forçados” (COSTA, 1962, p. 14) e que

[...] dessa campanha pouco restou da capoeira. Atualmente elementos isolados, alguns de idade bastante avançada, ainda mantêm viva, talvez inconscientemente, uma das mais antigas e verdadeiras expressões de nossa nacionalidade (COSTA, 1962, p. 14).

Após a apresentação desse histórico, o autor passa a descrever sua metodologia, que é dividida em oito pontos:

- Principais características da capoeiragem;
- A ginga;
- Movimentos defensivos;
- Movimentos ofensivos;
- Combinação dos golpes;
- Treinamento dos movimentos;
- Séries de aprendizagem e
- Emprego dos golpes (COSTA, 1962).

Em as “Principais características da capoeiragem”, ele trata de enumerar as possibilidades que a Capoeira tem como uma luta eficaz. Além disso, ele aponta como deve ser treinada (roupa adequada, local, etc.) e o modo como deve ser desenvolvido o treinamento.

Já no tópico “A ginga”, explica a sua aprendizagem, que é descrita por ele da seguinte forma: “[...] além de ser a posição de guarda da capoeira, principia e dá velocidade a ataques e defesas. É básico portanto, o conhecimento da ginga.” (COSTA, 1962, p. 23). Ele declara que para seu pleno desenvolvimento se faz necessário que ela seja marcada pelo ritmo do berimbau, já que “[...] a música produz, sem interferência dos sentidos, uma associação harmônica dos elementos físicos e psicológicos” (COSTA, 1962, p. 27).

Percebemos que sua metodologia insere o berimbau e a musicalidade como elementos que compõem a manifestação da Capoeira. No entanto, estes somente são utilizados no momento de aprendizagem e treinamento, pois a intenção do seu ensino é a de luta de defesa pessoal.

Nos tópicos “Movimentos defensivos” e “Movimentos ofensivos”, ele sistematiza os golpes, contragolpes e defesas da Capoeira, com ilustrações de sua execução. De acordo com sua classificação, temos como movimentos defensivos: a negativa, queda-de-quatro, aú, resistência e compasso. Como movimentos ofensivos, iremos encontrar uma subdivisão com golpes desequilibradores e golpes traumatizantes. Fazem parte dos golpes desequilibradores a rasteira, corta-capim, tesoura, tombo-da-ladeira, encruzilhada e baianada. Já os golpes traumatizantes são os pontapés, benção, pisadas, armada, martelo, chapa, coice, arrastão, meia-lua, rabo-de-arraia, rabo-de-arraia amarrado, vôo do morcego, cabeçada, “S” dobrado, taponna, vingativa e joelhada.

Notamos que esses golpes e defesas apresentados são uma mistura dos propostos pela Capoeira Regional, Angola e do Método Zuma.

Após essa descrição, ele sugere a combinação dos golpes, se assemelhando em certa medida às *Seqüências de Bimba*. Primeiramente, são listados quais golpes combinam com determinadas defesas e, posteriormente, é indicada uma lista com quinze seqüências que podem ser exercitadas pelo aprendiz.

No tópico seguinte, o autor orienta a realização do treinamento, dizendo a forma como este deve ocorrer, as qualidades físicas que devem ser trabalhadas, como os golpes

devem ser exercitados e como realizar o aquecimento. É interessante que é aconselhado que o aluno treine seus golpes em um saco de areia e em uma cadeira para se obter a noção de força e distância. No desenvolvimento desse treinamento, com a utilização de materiais para o aprimoramento dos golpes, o autor novamente propõe uma nova série de seqüências que são parecidas com as da Capoeira Regional.

Por fim, no tópico referente ao “Emprego dos golpes”, se tem a exata medida da finalidade da Capoeira na visão do autor. É neste ponto que ele explica como esta defesa pessoal pode ser aplicada para se enfrentar:

- a) Outro capoeira;
- b) Praticantes de outras lutas;
- c) Leigos;
- d) Vários adversários e
- e) Adversários armados (COSTA, 1962)

Todas as descrições são ilustradas e, com esse tópico, a obra é finalizada.

Pareceu-nos que o discurso dos defensores de uma Capoeira pautada nos moldes *branco e erudito* mantinha-se o mesmo: ainda se valiam da exaltação à nacionalidade brasileira e em sua configuração como luta, modalidade esportiva e meio de defesa pessoal.

Pela análise realizada, percebemos que o Prof. Inezil Penna Marinho e o 1º tenente Lamartine Pereira da Costa propunham a metodotização desta prática para servir a um só propósito, o de preparação dos homens brasileiros para o engrandecimento da Nação, indo ao encontro dos desejos dos detentores do poder e procurando manter a ordem e a paz social. Além disso, eram também unânimes em subjugar a capacidade de pessoas que não haviam freqüentado o curso de educação física, que eram as detentoras do saber da arte da capoeiragem.

Especificamente na metodologia de ensino da Capoeira de Lamartine Pereira da Costa, percebemos a chama nacionalista ainda acesa, tal como no período do Governo de Getúlio Vargas, porém pautada em uma nova doutrina militar. Esta, por sua vez, passa a obedecer à ordem mundial da época, que tinha como ponto balizador a *Segurança Nacional*, tendo suas normas ditadas pelo governo norte-americano. Vale lembrar que naquele tempo se travava um embate pela manutenção do *status quo*, configurado pelo regime de Estado capitalista social-democrático contra os países que adotaram o regime socialista. Esse episódio histórico, chamado de *Guerra Fria*, atingiu em cheio as sociedades

dos países denominados *em desenvolvimento*, que passaram a receber pressões e influências em vários âmbitos por parte dos EUA. Podemos dizer, em linhas gerais, que essas pressões, aliadas aos interesses da classe dominante de alguns países da América Latina, culminaram na implementação de ditaduras militares. Essas ditaduras anunciavam como objetivo o desenvolvimento pautado na segurança nacional, daí o importante papel assumido pelas Forças Armadas na maioria desses regimes autoritários.

No Brasil, temos a instauração da ditadura em abril de 1964, com o Golpe Militar, ou a *Revolução de 1964*, como os setores conservadores vão se referir a este acontecimento de nossa história. Apesar de denominarem o Golpe de 64 como uma revolução, percebe-se a manutenção do mesmo regime sócio-político no poder, descaracterizando, dessa maneira, o caráter revolucionário do governo implantado.

Nesse contexto, passamos a compreender melhor o motivo da ligação da Capoeira a uma metodologia de defesa pessoal desenvolvida no interior da Marinha. Resta-nos averiguar agora o papel da educação física nesse período.

III - Educação Física e o Golpe Militar de 1964 – um jogo repleto de *golpes traumatizantes* na democracia brasileira

A educação física não se modificou de forma marcante após o Estado Novo, apesar da promulgação, em 1961, da Lei nº 4.024/61, que ratificou sua obrigatoriedade nos cursos ginásial e secundário, pelo seu artigo 22. Anos mais tarde, após o Golpe Militar e com o recrudescimento dos embates pela volta à democracia, em 1969, teve sua obrigatoriedade implantada no ensino de 3º grau. Esses dados, obtidos nos estudos de Lino Castellani Filho (1991, pp. 103–124), vêm demonstrar qual era o projeto pensado pelo governo autoritário para a educação física naquela conjuntura. De acordo com suas observações, podemos entendê-los de maneira mais clara; diz o autor que

[...] coube à Educação Física o papel de, entrando no ensino superior, por conta do Decreto-lei nº 705/69, colaborar, através de seu caráter lúdico-esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do movimento estudantil. Evidenciando-se dessa forma, os traços alienados e alienantes absorvidos pela “personagem” vivida pela Educação Física.

Além disso, seu caráter tecnicista e instrumental foi reforçado a partir das modificações efetuadas nas leis nº 5.540/68 e 5.692/71, o que assegurou como seu fim a

preparação, recuperação e manutenção da força de trabalho, coadunando com os objetivos do período. Percebemos que o discurso de mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada não era algo novo, dado o caráter já assumido por ela na década de 1930².

Sua inserção na escola se deu através de matéria curricular a ser trabalhada na forma de atividade que, “isenta de reflexão teórica sobre sua ação”, se justificava não como um campo de conhecimento dotado de um saber próprio, mas sim como uma “mera experiência limitada em si mesma, destituída do exercício da sistematização e compreensão de seu conhecimento” (CASTELLANI FILHO, 1991, p. 108).

Todas essas referências iam ao encontro de sua identificação como uma atividade promotora de saúde, com o sentido de aperfeiçoamento físico para os fins determinados, ou ensejados, socialmente. Esse caráter refletia a concepção de aptidão física que permeava e, ainda hoje, permeia a educação física. Reforçado esse caráter, passa-se cada vez mais, a partir das décadas de 1960 e 1970, a vincular a melhoria do desempenho físico dos indivíduos à própria educação física, desempenho este caracterizado, na maior parte das vezes, pelas das atividades esportivas com ênfase na competição.

Vale, neste momento, fazermos uso das palavras de Lino Castellani Filho (1991, p. 109) para expressar essa situação. Diz ele que

O prevalecer do entendimento de saúde em seu aspecto bio-fisiológico, tão somente, encontra eco na legislação esportiva brasileira, quando ela – no inciso I do artigo 5º da Lei nº 6.251/75 – afirma ser um dos objetivos básicos da Política Nacional de Educação Física e Desportos, o [...] aprimoramento da aptidão física da população [...] Externava-se, dessa forma, a caracterização de uma outra faceta, qual seja, aquela voltada às questões afetas à ‘performance esportiva’, simulacro, na Educação Física, da ordem da produtividade, eficiência e eficácia inerentes ao modelo de sociedade no qual, a brasileira, encontra identificação.

E o caráter adquirido pelas atividades físico-esportivas do período em questão veio ao encontro da ideologia imposta pelo governo militar, seja através do estímulo do esporte de massa, representado pelo movimento de Esporte para Todos, o EPT, ou através do destaque da participação nacional em eventos esportivos de competição, como o caso da vitória da seleção brasileira de futebol na Copa de 1970. Esses dois exemplos ilustram que, através dessas atividades, buscava-se demonstrar que o Brasil estava em desenvolvimento,

² Para se obter maiores informações sobre as referidas leis e seus desdobramentos, aconselhamos a leitura da obra de CASTELLANI FILHO. **Política educacional e Educação Física**. Campinas: Autores Associados, 1998.

um *gigante adormecido*, que a qualquer momento podia reverter sua situação de pobreza e subdesenvolvimento. No entanto, apesar dos discursos de exaltação nacionalista, o objetivo almejado pelos governantes era de propiciar à população em geral, através do usufruto do Esporte e da atividade física, uma válvula de escape à dura realidade imposta pelo regime autoritário.

Diante dessa configuração social e, especificamente, da educação física, o projeto da Capoeira-Esporte dá uma guinada e entra em sua fase de reconhecimento social como um Esporte de competição.

IV - A Capoeira entra novamente no “jogo esportivo” – entre o soco inglês e a faixa preta

Em 1968, foi realizado no Rio de Janeiro o *I Simpósio Brasileiro de Capoeira*, cuja finalidade era iniciar um debate em torno da Capoeira como uma modalidade esportiva. No ano seguinte, ocorre a segunda versão desse Simpósio, patrocinado pela comissão de Desportos da Aeronáutica, na Academia da Força Aérea (AFA). Participando desse encontro, tínhamos mestre Bimba e vários de seus alunos.

Nessa ocasião, de acordo com os dados apontados por Raimundo César A. de Almeida, o mestre Itapoan, foi tratada a unificação da Capoeira, procurando uniformizar seus golpes, regras, etc. Essa discussão perturbou muito mestre Bimba, que antes mesmo do término do Simpósio, voltou a Salvador, fazendo grandes ressalvas às modificações sugeridas pelos participantes. Infelizmente, não obtivemos maiores detalhes sobre esses dois Simpósios que, em nossa opinião, serviram de referência para as alterações realizadas na Capoeira na década de 1970.

Em 1972, no Estado de São Paulo, ocorre a incorporação da Capoeira como uma modalidade esportiva vinculada à Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP). É desnecessário dizer que sua entrada nesta Confederação possuía um caráter de controle sobre esta manifestação, já que passaria a seguir os critérios designados por esse órgão que, por sua vez, respondia ao Conselho Nacional de Desporto (CND), controlado na época pelo

estado autoritário³. Ademais, o caráter assumido pela Capoeira coadunava com as aspirações dos setores conservadores da educação física e de alguns de seus mestres, que enxergavam em sua prática uma modalidade esportiva utilitarista, pautada na defesa pessoal e na exacerbação da nacionalidade.

De acordo com as observações tecidas por Luiz Cirqueira Falcão (2000b), o mestre Falcão, o Regulamento de Capoeira, editado pelo Departamento de Capoeira da CBP, em dezembro de 1972, deixava “evidente a pretensão dos seus executores, investidos de autoridade delegada pelo Estado, de querer organizar e padronizar, através de normas e regras e segundo critérios próprios, toda a prática da capoeira no território nacional.”

Os critérios vinculados a este regulamento previam a competição pautada no *fair-play* e em regras estabelecidas de acordo com as do boxe, designando o local de ocorrência das lutas em *área de combate* e tendo um árbitro para a contagem de pontos da disputa entre os adversários. O embate era caracterizado por esse órgão como “um confronto de destreza entre dois oponentes, através do desenvolvimento de situações e golpes aplicados com os pés” (FALCÃO, 2000b). Previa-se no calendário do Departamento de Capoeira do CBP a ocorrência de torneios e campeonatos oficiais dos quais só poderiam participar os capoeiristas vinculados às Associações ou Clubes Esportivos filiados às Federações que, por sua vez, deveriam possuir vínculo administrativo com a CBP.

Além da adoção de algumas regras advindas do boxe, buscou-se aproximar a Capoeira das demais artes marciais, prevendo o uso de cordões com as cores da bandeira brasileira – forte indício nacionalista - para designar o grau de aprendizagem dos alunos, da mesma forma que o judô e o karatê utilizam a faixa para determinar a evolução dos aprendizes.

Como podemos notar com a esportivização da Capoeira, via Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), temos a consolidação legal da proposta iniciada anos atrás, a saber, a Capoeira pautada nas regras do Esporte de competição. Entretanto, esse reconhecimento legal não foi tornado legítimo no meio capoeirístico, pois a maioria dos mestres desta manifestação cultural não se filiou à CBP e não reconheceu o Departamento de Capoeira como seu órgão representativo.

³ Dados obtidos em FALCÃO, Luiz Cirqueira. A esportivização da capoeira: a trama do poder em jogo. Florianópolis: mimeo, 2000b.

Talvez possamos dizer que, nesse momento histórico, iniciou-se um processo paralelo de organização do meio capoeirístico, porque, paulatinamente, os contrários à proposta da CBP passaram a se mobilizar em diversos setores para formar suas próprias escolas e academias, que, posteriormente, ganharam o formato de Grupos de Capoeira. Podemos apontar que, no desenrolar do processo de consolidação desses grupos, cada um estabeleceu os seus próprios critérios na concepção e organização da Capoeira, estabelecendo as regras para a prática desta manifestação, sua metodologia de ensino, seu uniforme, sua nomenclatura para os golpes, sua história, seus ídolos. Poderíamos dizer que os atuais Grupos de Capoeira tornaram-se micro-organizações dentro de uma macro-organização⁴ social, demonstrando um quadro diferenciado das normatizações das entidades de cunho esportivo, uma vez que estas procuram congregar seus filiados sob suas deliberações.

É claro que essas transformações não se deram repentinamente, elas se desenvolveram no decorrer dos anos, iniciando-se na década de 70 e consolidando-se nos anos 80 e 90, do século passado.

Muitas dessas transformações ocorreram no Estado de São Paulo, que até aquele momento não possuía nenhuma referência ligada às tradições da Capoeira. Este fato deveu-se, em grande parte, ao processo migratório ocorrido para o Sudeste do país, que acolheu um número representativo de nordestinos, que, fugindo da seca e das condições desfavoráveis, foram em busca de uma vida melhor nos Estados mais ricos da Federação.

Parte da história da Capoeira em São Paulo e o estudo de algumas de suas configurações no decorrer das décadas de 70 e 80 podem ser encontrados no trabalho de Letícia Vidor de Souza Reis (1997), que estudou a formação de duas propostas alternativas àquelas oferecidas pela Federação Paulista de Capoeira, vinculada na época à CBP. Não iremos nos deter neste ponto, mas pensamos que seja válido relatar que, entre outros temas, ela abordou as resistências dos capoeiristas à Capoeira-Esporte, ensejada pela CBP, que pautavam suas idéias nos discursos relacionados à pureza étnica desta manifestação cultural, realimentando a chama acesa pelos dois grandes mestres baianos que reinventaram

⁴ Para se obter maiores informações sobre esse assunto, recomendamos as seguintes leituras: CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1992; FALCÃO J. L. C.; VIEIRA, L. R. (Orgs.). **Capoeira: história e fundamentos do grupo Beribazu**. Brasília: Starprint, 1997; Reis, L. V. S., (1997) e ZULU, Mestre. **Idiopraxis da capoeira**. Brasília, 1995.

a tradição da Capoeira na década de 30, mestre Bimba e mestre Pastinha. No entanto, a forma pela qual a Capoeira paulistana se desenvolveu foi chamada pela autora de *retorno transformado*. Isso porque foi notado que, longe da terra natal, os capoeiristas baianos se viram obrigados a unir forças e consolidar uma nova maneira de se relacionarem. Dessa forma, surge o que seria impensado na Bahia: a união de angoleiros com regionais, apresentando uma Capoeira que foi classificada de angola regionalizada ou regional angolizada.

Contudo, apesar da progressiva ascensão social da Capoeira, as condições de sobrevivência dos Mestres que reinventaram sua tradição, em Salvador, declinavam com o passar do tempo, fazendo com que esses *heróis culturais* tivessem seus últimos anos de vida desprovidos do reconhecimento financeiro e público pelo seu trabalho. Podemos dizer que essa situação se deveu, principalmente, pelo próprio sistema econômico-social no qual nos encontramos inseridos, ou seja, com o passar dos anos o trabalhador perde seu valor, uma vez que ele sobrevive com a venda de sua mão-de-obra no mercado. À medida que essa mão-de-obra envelhece, ela acaba tornando-se obsoleta e o trabalhador se depara com a impossibilidade de se manter com dignidade, já que o sistema previdenciário brasileiro é precário. Esse fato é comum em nosso país.

No caso de mestre Bimba e mestre Pastinha, talvez o maior diferencial seja que suas histórias repercutiram com grande intensidade no meio capoeirístico, por conta do processo de mitificação pelo qual passaram os mestres, tempos após a morte de ambos. Não queremos, com essas colocações, desmerecer a inestimável contribuição desses homens na reestruturação da Capoeira. Entretanto, não poderíamos deixar de mencionar que o processo de mitificação elaborado em torno de suas figuras, muitas vezes acabou por encobrir determinados processos elaborados coletivamente no decorrer dos anos, como procuramos mostrar nos capítulos anteriores.

Mas, enfim, em meados da década de 1970 e início de 1980 assistimos a saída da *grande roda da vida* dos mestres que encabeçaram a reinvenção da tradição da Capoeira nas décadas de 1930-1940. Nessa época, as mudanças que estavam sendo implementadas a esta manifestação cultural mantinham-se em torno da disputa entre os grupos de Capoeira e a CBP. Foi quando vimos voltar à *roda* um *jogador* já conhecido por nós...

V - Capoeira, a verdadeira ginástica brasileira... “A volta de mundo” do Prof. Inezil Penna Marinho

Retornando à discussão referente à legalização da Capoeira como uma modalidade esportiva, é inegável que sua entrada na Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP) abriu mais frentes para sua inserção social e institucionalização.

Em meio às mudanças políticas vigentes na década de 1980 – o início da abertura democrática -, vemos a Capoeira estreitar os laços com os órgãos burocráticos do governo. Pensamos que esse fato se relacionou à sua ambigüidade, que possibilitou - e ainda possibilita - classificá-la como uma manifestação cultural brasileira - forma de legitimação da cultura nacional - e como um genuíno *esporte* brasileiro. Vale lembrar que esse discurso encontra-se em voga desde o início do século XX, como pudemos acompanhar até este momento.

E foi dentro dessa lógica que surgiu uma proposta para a Capoeira, vinda do nosso já conhecido Prof. Inezil Penna Marinho, que desejava incorporá-la em um Método Brasileiro de Ginástica. Na realidade, a Capoeira seria a espinha dorsal desse método ginástico.

O referido professor, após alguns anos afastado da atuação na Educação Física, por conta de seu trabalho como advogado, acaba por retomar o contato com essa área através de um convite para integrar o júri da *V Roda de Capoeira*, patrocinada pela Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, Fundação Cultural e Clube de Capoeira Beribazu, em dezembro de 1980⁵.

A partir dessa experiência, ele percebeu a chance de colocar em prática suas idéias referentes a essa manifestação cultural, iniciadas em meados do século XX, quando, em 1945, teve publicada a obra *Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem*. Ele conseguiu vislumbrar, em meio às transformações pelas quais passou a Capoeira, as brechas para a aceitação de uma metodologia que viesse ao encontro das aspirações governamentais, já que até aquele momento sua burocratização, via CBP, ainda não havia dado conta, sequer, de sensibilizar um terço do total de capoeiristas.

⁵ Dados obtidos na obra de MARINHO, Inezil Penna. *A ginástica brasileira (Resumo do projeto geral)*, Brasília, 1982, p. 14.

Dessa forma, ele veiculou, junto aos profissionais de educação física e alguns segmentos do meio capoeirístico, o projeto resumido de *A ginástica brasileira*⁶, no ano de 1982. Neste projeto, constavam os tópicos reproduzidos abaixo, que, apesar de serem em grande número e repletos de detalhes, devem ser citados, para que possamos compreender suas idéias e analisá-las. São eles:

- Prolegômenos;
- Introdução,
 - Principais sistemas e métodos de Educação Física adotados no Brasil;
- Livro I - Seção cultural – A ginástica brasileira: sua inserção no contexto histórico-sócio-cultural do Brasil
 1. O folclore como alimento da alma nacional,
 2. Notícia histórica da capoeira no Brasil,
 3. Contribuição da música afro-brasileira para o ritmo gímnico brasileiro.
- Livro II - Seção técnico-científica – Conceito, fundamentos e características da Ginástica Brasileira:
 1. Conceito bio-psico-sócio-histórico-filosófico da Ginástica Brasileira,
 2. Fundamentos da Ginástica Brasileira: a)biológicos, b)psicológicos, c)sociológicos, d)históricos, e)filosóficos.
 3. Características da Ginástica Brasileira: flexibilidade, equilíbrio e destreza.
 4. Divisão: 1º grupo: pré-escolar (até 7 anos); 2º grupo: escolar de 1º grau – 1ª parte (7 a 10 anos), 2ª parte (de 11 a 14 anos); 3º grupo: escolar de 2º grau (15 a 18 anos); 4º grupo: universitário (19 a 24 anos); 5º grupo: pós-universitário (25 a 40 anos); 6º grupo: de conservação (+ de 40 anos).
 5. Classificação dos exercícios: a)generalizados, b)especializados, c)desportivos, d)relaxantes.
 6. Organização das sessões: a)duração e distribuição do tempo, b)curva de esforço e sua análise.
 7. Ritmo gímnico.
- Livro III – Seção pré-escolar:
 1. Finalidade e características da Ginástica Brasileira pré-escolar – (1º grupo: até 7 anos).
 2. Atividades indicadas.
 3. Sugestões para a organização das sessões de trabalho.
- Livro IV – Seção Escolar – 1º grau:
 1. Finalidade e características da Ginástica Brasileira escolar no 1º grau: 2º grupo (1ª parte: 7 a 10 anos e 2ª parte: 11 a 14 anos).
 2. Atividades indicadas.
 3. Sugestões para a organização das sessões de trabalho.
- Livro V – Seção Escolar – 2º grau:
 1. Finalidade e características da Ginástica Brasileira escolar no 2º grau: 3º grupo (15 a 18 anos) masculino e feminino.
 2. Atividades indicadas.
 3. Sugestões para a organização das sessões de trabalho.

⁶ Este trabalho foi apresentado como comunicação técnico-científica no **Congresso Mundial da Associação Internacional de Escolas Superiores de Educação Física**, Brasília, 1982.

- Livro VI – Seção Universitária:
 1. Finalidade e características da Ginástica Brasileira universitária: 4º grupo (de 19 a 24 anos) masculino e feminino.
 2. Atividades indicadas.
 3. Sugestões para a organização das sessões de trabalho.

- Livro VII – Seção Pós-universitária:
 1. Finalidade e características da Ginástica Brasileira pós-universitária: 5º grupo (de 25 a 40 anos) masculino e feminino.
 2. Atividades indicadas.
 3. Sugestões para a organização das sessões de trabalho.

- Livro VIII – Seção de Conservação:
 1. Finalidade e características da Ginástica Brasileira de conservação: 6º grupo (+ de 40 anos).
 2. Atividades indicadas.
 3. Sugestões para a organização das sessões de trabalho.

- Livro IX – Seção Desportiva – A CAPOEIRA:
 1. Metodologia do ensino,
 2. Treinamento desportivo,
 3. Competição.

- Livro X – Seção Folclórico – A RODA DE CAPOEIRA:
 1. Finalidades,
 2. Características,
 3. Ritual,
 4. Cânticos,
 5. Músicas.

- Livro XI – Seção Marcial – CAPOEIRA: ARTE MARCIAL BRASILEIRA
 1. Tradição,
 2. Metodologia do ensino,
 3. Treinamento marcial.

- Livro XII – SEÇÃO DE EXERCÍCIOS – COLETÂNEA (MARINHO, 1982, pp. 9 – 11).

Diante da sistematização destes tópicos através de livros que compunham seu Método de Ginástica Brasileira, percebemos que o projeto do Prof. Inezil Penna Marinho procurava contemplar todas as faixas etárias para a adesão à sua proposta. No entanto, como se trata de um resumo do projeto, não poderemos detalhar de forma pormenorizada a maneira pela qual foi abordado o seu conteúdo⁷. Sendo assim, nos restringiremos apenas a discutir as idéias levantadas pelo autor.

Notamos que nesse trabalho ele busca reinterpretar e atualizar algumas de suas colocações em relação à abordagem realizada na década de 40. De maneira geral, ele irá manter a estrutura conceitual de seu entendimento sobre essa manifestação cultural e

⁷ Apesar de um levantamento bibliográfico rigoroso, não conseguimos obter o projeto completo da *Ginástica Brasileira*, elaborado pelo Prof. Inezil Penna Marinho.

buscará incorporar, de forma mais abrangente, sua pedagogização através da educação física. Para isso, ele irá classificá-la de três maneiras distintas e não relacionadas entre si:

→ a Capoeira-Esporte/Ginástica, parte central de sua metodologia – momento privilegiado de intervenção do profissional de educação física,

→ a Capoeira-Folclore – remanescente da vivência elaborada pelos seus praticantes e construída historicamente,

→ a Capoeira-Marcial – destinada ao treinamento dos soldados das Forças Armadas e da polícia.

São com essas interpretações que ele irá desenvolver sua metodologia e propor sua incorporação à educação física.

A idéia central para a criação da Ginástica Brasileira alicerçava-se, de acordo com as colocações do autor, em dar vazão ao espírito nacional em detrimento às inúmeras influências estrangeiras na configuração de métodos ginásticos que pouco ou nada tinham em comum com o nosso povo. Assim, ele afirmava que era necessário “[...] criar a nossa Ginástica Brasileira, cujo ritmo brote espontaneamente de nosso interior e cujos movimentos correspondam à nossa estrutura psico-somática e se insiram no nosso contexto-histórico-cultural” (MARINHO, 1982, pp. 19 – 20).

Então propunha determinados exercícios – generalizados, especializados e relaxantes - e modalidades esportivas – Capoeira, corridas, natação, futebol de campo, futebol de salão, basquetebol e voleibol – para compor seu método, classificando-os como adequados aos brasileiros, não se servindo exclusivamente da Capoeira, como a única forma de exercitá-los. Notamos a primeira entre várias contradições contidas nessa metodologia, uma vez que o autor busca construir um método ginástico brasileiro e se vale de modalidades esportivas criadas em circunstâncias alheias ao *nosso povo*. Com essas observações, não queremos dizer que concordamos com a criação desse método nacional, só estamos atentando para as possíveis lacunas apresentadas nessa proposta. Entretanto, apesar das contradições, a presença da Capoeira é notória em todas as fases de sua metodologia, que dá ênfase à Capoeira Ginástica/Esporte.

Neste caso, vale colocarmos que sua concepção para a Ginástica Brasileira era extremamente utilitarista, como também a proposta de Capoeira inserida neste método, pois

de acordo com alguns objetivos traçados para sua inserção nas escolas, no 1º grau, seria necessário

[...] facilitar ao aluno o conhecimento de atividades, que possibilitem a utilização sadia das horas de lazer; favorecer a aquisição de hábitos e atitudes, que contribuam para a integração da criança no grupo nacional; consolidar a saúde; desenvolver integralmente o organismo pela exploração de seu potencial biológico; conscientizar o sentimento de brasilidade; integrar o indivíduo na sociedade, como instrumento útil a si próprio e aos demais membros da comunidade; desenvolver o espírito de grupo e de solidariedade humana e, sobretudo, o sentimento do justo, entre outros. (MARINHO, 1982, pp. 56 - 58).

Já para os alunos do 2º grau, os objetivos enunciados pelo autor eram de

[...] fortalecer a saúde; contribuir para a definição do caráter, enrijecendo as qualidades morais, sobretudo a coragem e tenacidade, a energia, a generosidade, o espírito de disciplina e solidariedade, a lealdade, a confiança com si próprio, e o sentimento do justo; amadurecer o sentimento e a noção de brasilidade; desenvolver harmoniosamente o sistema ósteo-músculo-ligamento, dotando o corpo de flexibilidade e elasticidade e aprimorando o equilíbrio e a destreza (coordenação e velocidade de movimento); suscitar o interesse estético, ensinar a amar e defender a natureza e a apreciar o belo (MARINHO, 1982, p. 59).

Notamos que, além do caráter pragmático deste método, temos também a inculcação de valores morais e de sentimentos que, alijados do contexto social e do momento histórico nos quais o praticante está inserido, resulta na reprodução de conteúdos muitas vezes distanciados da realidade, proporcionando a alienação àquilo que é vivenciado e do que se passa na sociedade. Este aspecto se reflete no trabalho do próprio autor, quando ele separa a análise do conceito da Ginástica Brasileira em bio-psico-sócio-histórico-filosófico. Essa forma de abordagem é um reflexo da visão cartesiana de mundo, pela qual se analisam os sujeitos sociais e as Ciências Humanas em compartimentos estanques desvinculados um do outro, como se fosse possível precisar a medida de cada fato ou acontecimento, desmerecendo o processo dialético da História e dos indivíduos que a constróem.

Essa visão de mundo do Prof. Inezil Penna Marinho, naturalmente, também se encontra presente em sua forma de pensar a educação física, chamando-nos a atenção o forte apelo pautado na promoção de saúde e desenvolvimento da aptidão física existente em seu método de ginástica. Mesmo com o alvorecer de novas propostas nessa área, no período em que esse projeto foi elaborado, o autor se mantém fiel às concepções de educação física do início do século XX. Foram essas concepções que pautaram as suas recomendações no

trato da Capoeira/Esporte no tópico do projeto relativo à sua esportivização, recorrendo à definição da Confederação Brasileira de Pugilismo para caracterizá-la como modalidade esportiva.

Diante dos objetivos analisados, não é difícil imaginarmos as argumentações, em outros âmbitos além dos escolares, com o intuito de adotar a Ginástica Nacional. Podemos dizer que se pautavam no reforço e amadurecimento dos objetivos propostos nas etapas anteriores.

No entanto, apesar de todo o conservadorismo existente em seu projeto, o autor buscou inserir, no desenvolvimento do conteúdo referente à Capoeira, a utilização dos instrumentos musicais que compõem sua charanga, como também a inclusão dos cantos de origem afro-brasileira. Fato inovador se comparado aos demais pontos tratados no trabalho.

Porém, mesmo sustentando o emprego da musicalidade nas aulas de Capoeira, elemento ligado às tradições africanas, essa manifestação cultural não é reconhecida como uma criação dos negros em terras brasileiras; o autor continua a manter o conceito de que a Capoeira foi uma invenção dos mestiços – mulatos – no Brasil. Apesar disso, percebe-se que se buscou estabelecer uma relação entre a Capoeira e as demais manifestações folclóricas afro-brasileiras, destinando um tópico do projeto para tratar das principais danças de origem africana integradas na cultura brasileira. Mesmo sendo uma abordagem breve, e em alguns aspectos superficiais, se vê a tentativa de, quem sabe, restabelecer uma conexão entre os negros e a Capoeira.

Talvez esta ponte tenha sido melhor desenvolvida no momento em que ele destina em seu projeto uma seção denominada de *Folclórica* para abordar a Roda da Capoeira. Para ele: “A ‘Roda de Capoeira’ está(va) impregnada de sentido folclórico, remontando as suas origens ao tempo colonial” (MARINHO, 1982, p. 65).

Somente pelo enunciado acima, podemos perceber que sua concepção de Capoeira Folclore era aquela vinculada à manutenção de uma tradição que, pelo que pudemos perceber em nossa abordagem histórica, se distancia daquilo que foi vivido pelos capoeiras de antigamente. Dizemos isso porque notamos que a Capoeira não era necessariamente praticada em rodas no período anterior à década de 1930, já que sua manifestação era diferenciada de acordo com os locais, situações e praticantes. Essa visão de folclore do autor denota um certo ar de romantismo e nostalgia, talvez de uma Capoeira que na

realidade não existiu nos tempos coloniais e que foi forjada, principalmente, após a reinvenção de sua tradição pelos mestres baianos.

O fato de classificar a roda de Capoeira em um momento de manifestação folclórica talvez expressasse o desejo de desvincular sua prática esportiva da sua configuração ambígua desenvolvida pelos mestres de Capoeira. Assim, poderíamos supor que a Capoeira Ginástica/Esporte era ensinada e administrada pelo professor de educação física que, de acordo com autor, possuía capacidade para isso, ao passo que o mestre de Capoeira cuidaria da parte folclórica. É claro que essa hipótese não pode ser comprovada, pois não é aprofundada no trabalho. No entanto, torna-se uma suposição coerente mediante as colocações sustentadas pelo Prof. Inezil Penna Marinho.

Por fim, temos a parte em que se propõe o desenvolvimento da Capoeira como arte marcial e/ou meio de defesa pessoal. Neste ponto, o autor buscou argumentos históricos para justificar sua inclusão nas instituições militares, recorrendo à tese da origem da Capoeira pautada na forma de defesa dos escravos no Quilombo dos Palmares e da participação dos capoeiras na Guerra do Paraguai.

É interessante que nesta seção o autor tenha se remetido à sua obra *Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem*, para o desenvolvimento do treinamento da tropa, como também ao uso dos golpes proibidos pela Confederação Brasileira de Pugilismo nas disputas esportivas, ou seja, na Capoeira Marcial valia tudo.

No final de seu trabalho, o Prof. Inezil Penna Marinho lembrava aos leitores que todas as ilustrações que compunham sua proposta estavam reunidas no *Livro XII – Seção de Exercícios – Coletânea*, além de cerca de mil fotografias que demonstravam a realização dos golpes de Capoeira e os exercícios das sessões de trabalho dos grupos apresentados. E concluía seu projeto dizendo:

Além dos exercícios apresentados, a GINÁSTICA BRASILEIRA poderá absorver todos os exercícios de flexibilidade, equilíbrio e destreza idealizados por professores e alunos, constituindo fonte inesgotável de inspiração. Cabe a cada brasileiro apresentar a sua contribuição pessoal (MARINHO, 1982, p. 68).

O Prof. Inezil Penna Marinho, apesar de suas propostas refletirem uma visão de mundo conservadora, foi o estudioso da educação física que mais se dedicou ao tema da Capoeira. Foi o pioneiro em adentrar oficialmente em sua abordagem, em 1945, embora o

momento político fosse favorável para essa tarefa. Faleceu, poucos anos após organizar o projeto da Ginástica Brasileira, em 1982, deixando suas idéias a serem implementadas.

VI - Capoeira e Educação Física – no *jogo* de interesses pelo mercado consumidor de atividades físicas

Apesar de a Educação Física manter ainda várias perspectivas conservadoras, como essa que acabamos de apresentar, nos anos 80 ocorreram mudanças significativas nessa área, como veremos a partir desse momento.

Na década de 1980, ocorre a abertura democrática que foi, inquestionavelmente, um dos fatores que mais propiciaram a reorganização da sociedade civil, fazendo com que renascessem os movimentos sociais abafados pela ditadura militar.

Nessa onda de democratização, os professores de Educação Física sintonizados com uma nova visão de mundo, diferente daquela do regime autoritário, encontraram forças para se mobilizar e mostrar suas idéias tanto no âmbito acadêmico, como também na organização sindical.

É nesse contexto histórico que a educação física começa a se constituir, paulatinamente, como uma área acadêmica interdisciplinar e passa a discutir novas concepções do entendimento do ser humano, diferente da concepção biologista predominante até aqueles dias. Notadamente, a partir da segunda metade da década de 80, há um aumento significativo de obras que passam a abordar a Educação Física e o Esporte como práticas sociais construídas historicamente.

Este fato, acrescido às mudanças curriculares dos cursos de graduação da área e ao crescimento de cursos de pós-graduações *lato e stricto-sensu*, no início dos anos 90, irão contribuir decisivamente para o estabelecimento de novos referenciais de estudos para seus profissionais.

Neste ponto, podemos recorrer à metáfora construída por Castellani Filho (1993) para traduzir as transformações pelas quais passou a sociedade brasileira e a própria Educação Física, não mais restrita à simples prática pedagógica. Ele nos aponta que essas

mudanças podem ser vistas por dois ângulos: o primeiro é “de dentro pra fora”⁸, ou seja, pelo olhar daqueles que pertenceram (e pertencem) ao campo de atuação dessa área e que viveram (e ainda vivem) intensamente suas transformações. O outro diz respeito ao processo no qual essas mudanças estavam inseridas pelo olhar “de fora pra dentro”, ou melhor, a conjuntura na qual a sociedade estava inserida nessa época, realizando assim a interpretação dialética dos acontecimentos desses últimos anos.

Entretanto, apesar de tantas mudanças implementadas na área, percebe-se que os paradigmas ligados à aptidão física não sofreram alterações significativas em seu conteúdo. Os antigos *Corpos Produtivos*, incentivados por uma política de adestramento para a indústria brasileira, nascida no regime do Estado Novo, passam a ceder lugar a um novo tipo de corpo, pautado nas necessidades do mercado - que se transformou com o passar dos anos. Essa nova concepção de corpo acompanhou o aprimoramento da indústria que se automatizou, nas décadas de 1970 e 1980, e ampliou sua produção, necessitando de consumidores para seus produtos. Podemos dizer, de maneira simplista, que a sociedade construída a partir da década de 1970 é aquela sintonizada com o consumo de bens materiais, dando ênfase ao livre comércio de mercadorias e desembocando na atual conjuntura política-econômica, já discutida no primeiro capítulo.

Pois bem, a Educação Física não poderia deixar de sofrer as repercussões dessa transformação que, através de sua ala conservadora, adere às novas regras estabelecidas pelo mercado. Dessa maneira, vemos surgir em seu bojo práticas que irão desencadear no que chamamos “a produção de corpos mercador e mercadoria”, se caracterizando como

[...] corpos que duplamente se mercantilizam, seja como porta-vozes da indústria cultural corporal, assumindo o papel de camelô vendendo – através do mote da atividade física enquanto elemento de saúde – ‘Taffmam-e’, ‘Vitassay’, ‘Gatorade’, ‘Topper’, ‘Rainha’, ‘Penalty’, ‘Adidas’, [...], seja revestindo-se ele mesmo da condição de mercadoria, reificando-se [...] (CASTELLANI FILHO, 1993)

Assim, percebemos que, apesar das mudanças, a Educação Física ainda permanecia “a mesma”, ou seja, em parte sintonizada com aqueles que detinham o poder e defendiam

⁸ Esta interpretação das mudanças ocorridas na Educação Física, a partir da década de 1980, é realizada no artigo de CASTELLANI FILHO, Lino. Pelos meandros da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, n. 3, maio/1993. Nele, o autor se vale de um processo de análise complementar e dialético pelo qual nos mostra as transformações ocorridas na sociedade (*de fora pra dentro*) e na Educação Física (*de dentro pra fora*).

seus interesses ligados ao capital. A própria Capoeira também foi influenciada por essa nova concepção de corpo, emanada do *novo* sistema social, e acompanhou a tendência de valorização dos *corpos mercador e mercadoria* para sua inserção cada vez maior no mercado de atividades corporais. Vemos abaixo dois exemplos ilustrativos desse fenômeno.

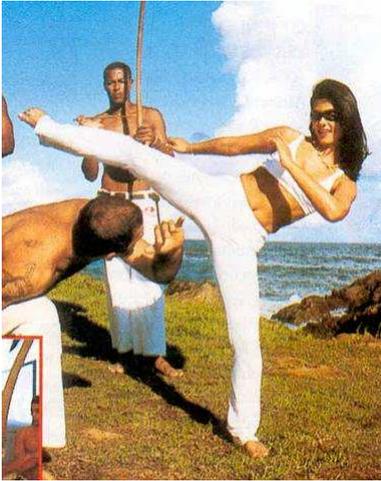


Fig. 64 – Foto de Suzana Alves – a “Tiazinha”. Exemplo do “corpo mercadoria”. Foto: REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 1, n. 3, 1998 , p.3.

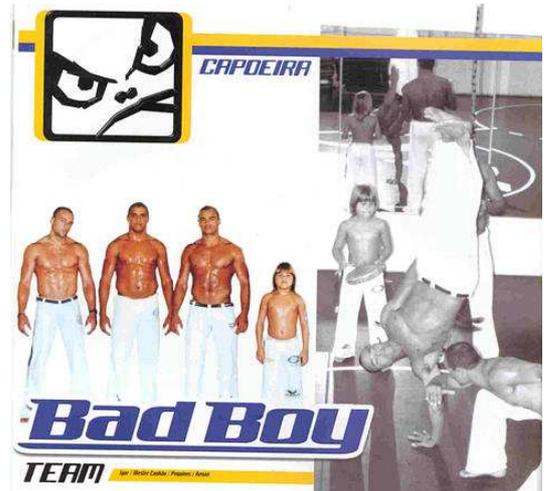


Fig. 65 – Propaganda da grife de roupas “Bad Boy”. Exemplo de “corpos mercadores”. Foto: REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 12, 2000.

No entanto, apesar de termos essa configuração traçada tanto na Educação Física como na Capoeira, também vemos a *entrada no jogo* de pesquisadores, docentes, mestres e outros trabalhadores que militavam (e militam) por uma nova concepção de corpo e ser humano. Essas pessoas estão mostrando, paulatinamente, que mesmo existindo os setores *conservadores*, a Educação Física *não é mais a mesma*. No caso da Capoeira, também podemos estender essas observações, pois há capoeiristas que estão lutando para mostrar que ela pode ser vista como uma manifestação cultural abrangente. Teremos adiante o debate sobre as novas concepções para a Capoeira que foram sistematizadas tanto pelos estudiosos da Educação Física quanto pelos próprios praticantes dessa manifestação cultural.

Mas neste momento prosseguiremos abordando as mudanças que se sucederam no decorrer das décadas de 1980 e 1990, relacionadas à Educação Física e à Capoeira.

Podemos apontar, no caso da Capoeira, certamente um dos pontos mais significativos e polêmicos dos últimos tempos, relacionados à sua história, que foi a constituição da Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), em 1992.

Como vimos até este momento, a inserção da Capoeira como modalidade esportiva na Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP) não foi aceita de forma unânime pelos capoeiristas e, inclusive, propiciou a formação de grupos diferenciados quanto ao entendimento desta manifestação cultural, sendo que, na maioria dos casos, os capoeiristas não aceitavam sua redução a apenas modalidade esportiva.

Com o surgimento da CBC, a situação não se modificou significativamente, porque o discurso desta instituição também defendia, e defende até hoje, a transformação da Capoeira em uma modalidade esportiva com regras semelhantes às das demais modalidades. Dessa forma, temos em nosso quadro o surgimento de mais um elemento polêmico na complexa relação entre os capoeiristas.

Com a constituição da CBC, vemos uma nova aproximação entre a Capoeira e a Educação Física, já que a CBC representou, e ainda representa, uma ala que podemos designar como *conservadora* da Capoeira, que procurou aliar seus projetos ao setor também *conservador* da Educação Física. Temos assim, em certa medida, a união dos interesses de ambos os lados para a execução de um projeto que enquadra a Capoeira como uma modalidade esportiva que pode ser controlada e manipulada de acordo com os desejos desses setores. Ora, pensamos que, por tudo que já discutimos neste trabalho, é possível compreender que a configuração e divulgação da Capoeira como uma prática ligada à classe oprimida e como um canal de resistência dos negros escravos e ex-escravos na manutenção de sua cultura, não são pontos que interessam a esses setores sintonizados com o sistema social vigente.

Mas apesar dos esforços da CBC em implantar o modelo esportivizante para a Capoeira, foi notado que seu discurso não tinha uma repercussão desejada entre os capoeiristas. Então, essa entidade passou a investir no campo jurídico para obter força política e assumiu a mediação, em Brasília, do Projeto de Lei de 1995⁹, de autoria do deputado José Coimbra, que deliberava sobre a “prática esportiva da capoeira e a

⁹ BRASIL. Congresso. Senado. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Parecer nº 735, de 1997. Dispõe sobre a prática desportiva da capoeira e dá outras providências. **Diário do Senado Federal**. Brasília, DF, 13 nov. 1997.

regulamentação da profissão de mestre de Capoeira (após 20 anos ou mais de prática de ensino)”.

Porém, esta lei não chegou a ser aprovada e a CBC não logrou êxito em sua conquista de espaços, não obtendo a possibilidade de controlar o tipo de formação dos mestres de Capoeira e, conseqüentemente, o trato pedagógico em relação a essa manifestação cultural.

É importante lembrar que a luta travada por alguns grupos de Capoeira e pela própria CBC, desde o início da década de 1990, com o aumento da adesão do público a esta manifestação cultural, foi, e ainda é, a disputa pelo mercado consumidor. Dessa maneira, muitas vezes na ânsia de conquistar novos espaços, tanto no Brasil como no exterior, essas organizações procuraram inserir o maior número possível de professores/mestres no campo de trabalho profissional, para que estes defendam os interesses pertinentes à instituição da qual fazem parte. Nesta disputa pelos filões do mercado, pode-se observar que são usados todos os tipos de estratégias para se ganhar mais espaço político, desde a fusão de grupos (grupos pequenos se fundem com grupos maiores) até a *graduação* de alunos através das *academias aéreas TAP/VARIG* para ministrar aulas no exterior¹⁰.

Podemos perceber que o conflito pelo campo de trabalho com a Capoeira torna-se cada vez mais acirrado. Porém, um novo fato veio agravar ainda mais essa situação...

VII - O mestre de Capoeira face à regulamentação da profissão de Educação Física ou na interpretação do meio capoeirístico:

*“Não estudei pra ser padre,
Nem também pra ser doutor,
Estudei a capoeira,
Pra bater no inspetor”¹¹*

A discussão sobre a regulamentação da profissão de Educação Física não é um fato novo. Ela tem sido cogitada desde a década de 40. Apesar dessas idéias serem de longa

¹⁰ O artigo de Falcão (2000a, p.94) nos dá a dimensão de como ocorrem essas transações entre os Grupos de Capoeira no intuito de obterem mais espaço político. Inclusive, o autor nos explica, de forma espirituosa, no que consiste a graduação de mestres/professores de Capoeira nas *Academias Aéreas*; diz ele que “[...] trata-se de uma nova categoria de mestres, ironicamente cognominados de ‘mestres TAP/VARIG’ [...] (ambas companhias de aviação). (Estes) embarcam alunos e, após algumas horas de vôo, desembarcam ‘mestres’ com exuberantes propostas de ensino desta arte-luta brasileira.”

¹¹ Cantiga de Capoeira de Quinzinho da Central (apud REIS, L. V. S., 1997, p. 5).

data, foi recentemente que ocorreu a aprovação da lei regulamentando a profissão. Isso, de certa forma, tem despertado na comunidade da área e nos profissionais que trabalham com as manifestações da Cultura Corporal¹² reações diversas, inclusive contrárias. Esta afirmativa é embasada no fato de que, apesar desta lei, aparentemente expressar a vontade unânime de uma categoria profissional, vemos, através da análise de sua trajetória, que os trâmites relativos à sua aprovação expressaram muito mais um dissenso do que a tão propalada unanimidade.

Se formos nos valer de algumas informações a esse respeito, veremos que as circunstâncias em que foi gerado o projeto de lei privilegiaram os setores *conservadores* da Educação Física, que foram aqueles que se mobilizaram em torno dessa causa - já que vinham perdendo espaço político a partir das novas configurações da área. Podemos fazer esta afirmação, de acordo com Lino Castellani Filho (1998a, p. 87), partindo do pressuposto de que a visão de mundo desses setores expressa a idéia de que

[...] a Sociedade já se encontra transformada, cabendo a todos, única e somente, desenvolver mecanismos que melhor possibilitem nela se ajustarem. Desenvolvem, por conta dessa compreensão, uma leitura fatural, cronológica, descontextualizada e, por conseguinte, ahistórica da Educação Física – e do processo de organização de seus profissionais – que se sustenta numa ótica legalista e cartorial [...]

O discurso utilizado pelos favoráveis à regulamentação da profissão de Educação Física foi embasado no resguardo do campo de atuação ao profissional com diploma de nível superior em Educação Física e à proteção da sociedade contra os leigos, conseguindo desta forma apoio de uma parcela desses profissionais, sensibilizados pela crise de desemprego estrutural que viam nesta *bandeira* uma possível solução para os problemas relacionados ao mercado de trabalho. Além disso, os interessados na aprovação deste projeto de lei exerceram forte pressão sobre alguns parlamentares, obtendo sua aprovação em 1998¹³.

¹² Adotamos este termo de acordo com o Coletivo de Autores (1992, p. 38) que propõe "uma perspectiva de reflexão sobre a Cultura Corporal" que

busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

¹³ Para se obter mais informações sobre o processo de regulamentação profissional da Educação Física e o embate travado na área entre os setores que a apoiavam e aqueles contrários à sua aprovação, sugerimos a

A Lei 9696/98, de 2 de setembro de 1998, “dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física”.

Após sua aprovação, vimos a formação, através de eleições, do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF)¹⁴ para um mandato tampão de dois anos e, posteriormente, as suas deliberações afetando o próprio campo de atuação desse profissional e os demais campos próximos a esse. Neste caso, podemos apontar uma das últimas resoluções dessa instituição que, de acordo com o 1º Artigo da Resolução nº 46, de 18 de Fevereiro de 2002, especifica as atribuições do profissional de Educação Física, dizendo que ele

[...] é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações - ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, lutas, **capoeira**, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais -, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para consecução da autonomia, da auto-estima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente, observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo [...] (grifo nosso)¹⁵

Esta resolução é complementada com um documento referente à “Intervenção do Profissional de Educação Física”, que não contempla, em nossa análise, uma descrição pormenorizada das atribuições delegadas a este profissional. Em princípio, vemos que essas

leitura do seguinte texto: CUNHA JÚNIOR, C.F.F. et alli. O velho problema da Regulamentação: contribuições críticas à sua discussão In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 17, n.3, mai/1996, pp. 266-272.

¹⁴ Para se entender melhor como se deu o processo de formação e votação do CONFEF, vale a pena consultar o artigo de CASTELLANI FILHO. Regulamentação da profissão: the day after ‘2’. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 20, n. 1, set./1998, pp. 32-36 (b). Neste ponto chamamos a atenção para o fato de que o artigo em questão foi elaborado e encaminhado para a publicação em data posterior àquela correspondente à formalização da edição da Revista.

¹⁵ Esta Resolução traz anexada o documento de intervenção do profissional de Educação Física que foi baseado, como nos é exposto na própria Resolução, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) - do Ministério do Trabalho - modificada recentemente com o estabelecimento de novas classificações profissionais. Dados de acordo com BRASIL. Conselho Federal de Educação Física. Resolução n. 46, de 18 de fevereiro de 2002. Estabelece as atribuições do profissional de Educação Física e o campo de intervenção desse profissional (anexo documento de intervenção do profissional de Educação Física). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 de março de 2002.

atribuições se restringem a atividades ligadas à aptidão física, promoção e manutenção da saúde¹⁶. E prossegue na enumeração de outras funções que vão desde uma intervenção mais concreta, portanto possível de ser realizada, até aquelas que poderíamos classificar como genéricas, pois não dependeriam da intervenção direta do profissional de Educação Física, mas sim de uma série de determinantes sociais. Dessa maneira, percebemos que esta resolução incorre em alguns equívocos, desde o de designar como função profissional o desenvolvimento de valores que não dependem exclusivamente da intervenção de uma categoria de trabalhadores, como o de reduzir a interpretação de diferentes manifestações culturais e artísticas pelo viés da aptidão física, como no caso da dança, ioga, artes marciais e, especificamente, da Capoeira.

Torna-se desnecessário dizer que a inclusão da Capoeira no rol de atividades a serem desempenhadas pelo profissional de Educação Física causou uma reação imediata no meio capoeirístico, desencadeando inúmeras repercussões advindas de variados segmentos. No entanto, antes de adentrarmos especificamente nas reações dos capoeiristas, se faz importante elucidar algumas outras deliberações do CONFEF que também afetaram, e ainda afetam, os profissionais da Capoeira. Uma delas, talvez a mais controversa, refere-se ao registro de profissionais não-graduados em Educação Física, mas que comprovadamente exerciam esta profissão antes da promulgação da lei. Diz a Resolução nº 013/99, do Conselho Federal de Educação Física:

Art. 1º - O pedido de registro de profissionais perante o Conselho Federal de Educação Física – CONFEF e, posterior inscrição nos quadros dos Conselhos Regionais de Educação Física – CREFs,

¹⁶ O documento de intervenção do profissional de Educação Física, que acompanha a Resolução n. 46, de 18 de fevereiro de 2002, deixava claro sua intenção de servir de base ao Conselho Nacional de Educação (CNE) para as discussões relativas às novas Diretrizes Curriculares para a formação em nível superior do profissional de Educação Física. No entanto, meses depois, com a homologação dessas Diretrizes, baseadas no documento referido, vemos um legítimo movimentar de setores da Educação Física, circunscritos ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), diretores e coordenadores dos cursos superiores da área. Em programação desenvolvida junto a 54ª SBPC (7 a 12 de julho de 2002) e em participação em evento promovido pelo CONFEF, de 18 a 21 de julho de 2002, no Rio de Janeiro, tanto o CBCE quanto o conjunto de dirigentes reivindicam, em documentos autônomos, a revogação da homologação do Parecer CNE/CES n. 0138/2002 e a não aprovação, por parte do CNE, do Projeto de Resolução das referidas Diretrizes. Ambos os documentos solicitam uma “[...] rediscussão sobre a formação profissional e acadêmica em Educação Física, envolvendo de forma efetiva e compartilhada as Instituições de Ensino Superior do país”. Um dos motivos que trouxeram à tona a mobilização dessas lideranças acadêmicas foi a restrição da intervenção profissional ao campo da saúde, ignorando outros espaços sociais, historicamente conquistados por estes profissionais, como o campo do lazer, esporte, estética, entre outras manifestações e expressões das atividades física.

em categoria transitória, far-se-á mediante o cumprimento integral e observância dos requisitos solicitados.

Art. 2º - Deverá o requerente apresentar comprovação oficial do exercício de atividades próprias dos Profissionais de Educação Física, até a data do início da vigência da Lei nº 9.696/98, ocorrida com a publicação no Diário Oficial da União (DOU), em 02 de setembro de 1998, por prazo não inferior a 03 (três) anos, sendo que, a comprovação do exercício se dará por:

- I – carteira de trabalho, devidamente assinada; ou
- II – contrato de trabalho, devidamente registrado em cartório; ou
- III – documento público oficial do exercício profissional; ou
- IV – outros que venham a ser estabelecidos pelo CONFEF.”¹⁷

A partir desta resolução, as discussões se acirraram devido ao fato de que uma das argumentações que mais surtiram um eco favorável ao movimento pró-regulamentação da profissão de Educação Física foi a de banir do espaço de intervenção desse profissional formado em Educação Física o leigo que desempenhava esta função. Os argumentos utilizados por um dos defensores da regulamentação, atual e único presidente do CONFEF, iam no sentido de que

[...] este mercado (o das atividades físicas-esportivas) pertence a qualquer um. Qualquer pessoa, com qualquer formação e, mesmo sem nenhuma formação pode atuar em academias, clubes, condomínios, etc.

No meu entendimento devemos reverter esta questão. E, sem dúvida alguma é possível. Depende apenas de nós (STEINHILBER, 1996, p. 44).

No entanto, o que ele omitiu, não por acaso, é que os leigos já atuantes no espaço profissional possuíam direitos adquiridos de nele continuarem! E o que não conseguiu impedir foi o sentimento de traição presente naqueles que, desavisadamente, se deixaram ludibriar por aquele discurso. Resta ainda a comprovação da legalidade da exigência, pela resolução em questão, dos três anos de exercício profissional para a efetivação do registro, tempo esse dotado de inconfessável arbitrariedade não amparada pela Lei 9696/98.

Diante de todo esse quadro, o que pudemos apreender no meio capoeirístico, frente à aprovação da Lei 9696/98, foi o desencadeamento de variadas reações.

¹⁷ De acordo com a mensagem veiculada na internet com o título de **Voltando a discussão sobre esportivização e regulamentação**. CAPOEIRA Lista de discussão. Lista de discussão do Centro Esportivo Virtual, mantida pelo Laboratório de informação e multimídia em Educação Física e Esporte (LIMEFE), na Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <<http://www.cev.org.br/listas/index.html>> Acesso em: 9 abr. 2001.

Iniciaremos discutindo o posicionamento da Confederação Brasileira de Capoeira, que através de seu “primeiro, único e atual presidente” (FALCÃO, 2001a, p. 104), buscou se aproximar do Conselho Federal de Educação Física, fazendo parte da gestão do Conselho Regional de Educação Física do Estado de São Paulo (CREF/SP) nas funções de diretor, primeiro secretário e conselheiro.

Essa aproximação, de acordo com o presidente da CBC, tinha a finalidade de “lutar pela causa da Capoeira enquanto conselheiro de Educação Física”¹⁸. No entanto, nos questionamos quanto ao tipo de luta que a CBC poderia desenvolver no interior do CREF/SP, uma vez que as *cartas* já haviam sido dadas devido ao próprio caráter da Lei de Regulamentação.

Será que a CBC não tinha conhecimento de como ocorria a formação do profissional de Capoeira? Será que este órgão, que se diz de “representatividade” dos capoeiristas, não tinha idéia de como a regulamentação da profissão de Educação Física seria desfavorável aos inúmeros profissionais que atuam no ensino da Capoeira? Será que a CBC não havia se dado conta da diversidade existente no universo capoeirístico para se unir em uma luta que busca a unificação e uniformização da prática da Capoeira?

Sabemos que as respostas podem parecer óbvias e que, dentro da lógica de disputa de mercado, as intenções da CBC estavam explícitas, mas veremos que estas perguntas podem ajudar a entender as contradições do desfecho do envolvimento direto da CBC com o CONFED/CREF-SP.

Porém, antes de expormos o episódio do rompimento entre a CBC e o CONFED, vale a pena apontarmos um debate ocorrido, em 2001, via Rede Mundial de Computadores, que conseguiu extrapolar a disputa de poder entre as organizações capoeirísticas e suscitou uma série de colocações, por parte dos “listeiros”¹⁹, sobre a discussão da regulamentação da profissão de Educação Física e o lugar do mestre/professor de Capoeira.

Podemos enumerar, a título de ilustração, os temas recorrentes na ocasião dessas discussões:

¹⁸ Conforme palavras do Sr. Sérgio Vieira, em comunicação eletrônica com o título de **Pedido irrevogável de exoneração**. CAPOEIRA Lista de discussão. Lista de discussão do Centro Esportivo Virtual mantida pelo Laboratório de informação e multimídia em Educação Física e Esporte (LIMEFE), na Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <<http://www.cev.org.br/listas/index.html>> Acesso em: 18 mar. 2001.

¹⁹ O termo *listeiro* designa a pessoa que participa das discussões temáticas através das listas de discussões da Rede Mundial de Computadores - *Internet*.

1. pertinência em regulamentar a prática da Capoeira, seja através de um órgão controlador esportivo como a CBC, seja através de um órgão ligado a uma categoria profissional como o CONFEF;
2. a necessidade da filiação do profissional de Capoeira ao CONFEF;
3. a exigência do diploma superior em Educação Física para os profissionais de Capoeira e o comprometimento das tradições desta manifestação cultural;
4. a necessidade de um órgão controlador para os profissionais da Capoeira (será que a sociedade não tem autonomia e discernimento para distinguir entre um mestre que desenvolve um trabalho sério e outro que não tem competência?);
5. no caso da filiação de profissionais de Capoeira considerados leigos no CONFEF:
 - qual o tipo de reciclagem profissional que seria ministrada a esse indivíduo? Ela é condizente com o universo capoeirístico?
 - qual o preço do curso de reciclagem a ser oferecido através do CONFEF? Ele é condizente com a realidade desses trabalhadores?
 - esses profissionais teriam condições financeiras para arcar com sua filiação e o pagamento do curso de reciclagem?

Todos estes temas foram e ainda são debatidos tanto através das mensagens eletrônicas da Lista de Discussões do Centro Esportivo Virtual (CEV – Capo) como em outras instâncias. O que notamos é que esse debate despertou uma parte da comunidade capoeirística para o problema da regulamentação e conseguiu mobilizar alguns setores, obtendo, inclusive, respostas para algumas questões levantadas.

No entanto, em março de 2001, ocorreu um fato importante, qual seja, o pedido de exoneração do presidente da CBC de suas funções no CREF-SP. Ele alegava que por “motivos éticos” não teria condições de continuar lutando pela causa de nossa “Arte Maior” e colocava à disposição de **todos** os capoeiristas (filiados ou não) a Confederação Brasileira de Capoeira, para a tentativa de resolução de problemas referentes ao sistema CONFEF/CREF. Além disso, alertava para os perigos desta lei que, de acordo com ele, é a “pior de todas as anteriores juntas, podendo comprometer seriamente sua sobrevivência

cultural”²⁰. Conclamava a necessidade dos capoeiristas estarem unidos e fortes para fazerem com que a Capoeira não fosse prejudicada mais uma vez na história, rogava para que estes não fizessem nenhum convênio com a entidade e ainda alertava que a real intenção do CONFEF era identificar, através dos endereços, as academias de Capoeira para uma possível ação repressora.

Na realidade, podemos levantar alguns pontos relativos a esse processo de ruptura. Talvez o mais importante deles seja o que trata dos motivos que fizeram com que a CBC se aproximasse do CONFEF. Diferentemente do que o presidente da CBC alega, possivelmente o que mais motivou sua entrada no CREF-SP foi a chance de concretizar os planos traçados por esta entidade esportiva desde o Projeto de Lei de 1995²¹. Uma vez que este projeto de lei não foi aprovado e a CBC perdeu espaço político para interferir no tipo de formação que deveria ter o mestre de Capoeira, nada mais natural do que a busca de apoio através do CONFEF, já que a Lei 9696/98 abriu a possibilidade da manifestação cultural Capoeira ser reduzida à mera modalidade esportiva e encaixar-se no campo de atuação do profissional de Educação Física. Porém, as intenções da CBC ruíram à medida que a polêmica resolução nº 013/99 estabelecia que o CONFEF, juntamente com sua plenária, seria o órgão máximo para os encaminhamentos referentes aos procedimentos de registro dos leigos que se encontravam no mercado e que este órgão também decidiria o tipo de qualificação a ser dada e as instituições que seriam responsáveis por isso.

Com essas deliberações, os interesses da CBC não são concretizados e seu desligamento ocorre sob a justificativa principal de que o CONFEF não poderia se apropriar dos rumos da Capoeira, já que esta entidade estava ligada a uma categoria profissional.

O presidente da CBC, após anunciar ao meio capoeirístico os motivos que o fizeram se afastar do CONFEF²², enviou um abaixo-assinado para a lista de discussões do Centro

²⁰ Conforme palavras do Sr. Sérgio Vieira, em comunicação eletrônica com o título de **Pedido irrevogável de exoneração**. CAPOEIRA Lista de discussão. Lista de discussão do Centro Esportivo Virtual mantida pelo Laboratório de Informação e Multimídia em Educação Física e Esporte (LIMEFE), na Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <<http://www.cev.org.br/listas/index.html>> Acesso em: 18 mar. 2001.

²¹ Trata-se do projeto de lei em: BRASIL. Congresso. Senado. Parecer nº 735, de 1997. Dispõe sobre a prática desportiva da capoeira e dá outras providências. **Diário do Senado Federal**. Secretaria Especial de Editoração e Publicações: Brasília, DF, 13 nov. 1997. (n.º 85, de 1995, na casa de origem).

²² Os argumentos utilizados pelo presidente da CBC iam no sentido de que as decisões do CONFEF eram prejudiciais aos profissionais *leigos* da Capoeira, o que faz sentido. Porém, estas deliberações já deviam ser esperadas, pois a Lei 9696/98 já abria o precedente para que isso ocorresse. Neste ponto, o presidente da CBC

Esportivo Virtual (CEV – Capoeira) e para vários capoeiristas, com a finalidade de recolher o maior número de assinaturas para encaminhá-las às instâncias legais, pedindo uma emenda, na Lei 9696/98, que retiraria o direito do CONFEF em regular as atividades ligadas à *Capoeira, às Danças Folclóricas e os Esportes Indígenas* (sic). Neste documento, alega-se que estas manifestações não podem ser submetidas a uma entidade que regula uma categoria profissional, por serem protegidas e incentivadas pelo Estado e Nação Brasileira.

De fato, a Constituição Federal prevê o incentivo e proteção das manifestações culturais que fazem parte da formação do povo brasileiro. Uma outra determinação legal, que se soma a esta justificativa, é o Decreto nº 3.551 de 4 de agosto de 2000, promulgado em 7 de agosto de 2000, que institui o “Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o Patrimônio Cultural Brasileiro”. Este decreto prevê uma série de medidas para realizar o reconhecimento dessas manifestações culturais como relevantes para “a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira”. Porém, a CBC alega que a Capoeira já foi reconhecida como *Patrimônio Cultural Brasileiro* e diz que essa conquista foi por intermédio desta entidade, fato até o momento não comprovado.

Ao analisarmos o procedimento adotado pela CBC - o de realizar um abaixo-assinado referente a um pedido de emenda na Lei 9696/98 – constatamos que essa iniciativa não possui a legitimidade necessária para representar seus pares, uma vez que suas resoluções somente correspondem a um setor da comunidade capoeirística, que é aquele sintonizado com a Capoeira como modalidade esportiva. No entanto, com o decorrer do tempo, já podemos notar a mudança de estratégia da CBC com relação ao CONFEF.

Depois de decorridos alguns meses do rompimento formal entre a CBC e o CONFEF, temos na revista deste Conselho, de dezembro de 2001²³, notícias sobre os acontecimentos relativos ao desenrolar das relações entre essas duas entidades. Nesta reportagem percebemos uma possível preocupação por parte do CONFEF com relação à Capoeira, pois este tema ocupa a capa da referida revista. O texto informa sobre o início do

estava ciente das ações que poderiam ser desencadeadas quando ele assumiu funções dentro do CONFEF. As mensagens relativas ao seu desligamento são: **Pedido irrevogável de exoneração**. Acesso em: 18 mar. 2001 e **Hora da decisão**: submeter ou libertar. Acesso em: 18 abr. 2001. CAPOEIRA Lista de discussão. Lista de discussão do Centro Esportivo Virtual mantida pelo Laboratório de informação e multimídia em Educação Física e Esporte (LIMEFE), na Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <<http://www.cev.org.br/listas/index.html>>

²³ Trata-se da reportagem de capa, intitulada “Capoeira – curso de instrução reúne mestres no Rio de Janeiro.” In: REVISTA DO CONFEF. Rio de Janeiro: Dimmer, Vol.1, n. 1, dez./ 2001.

primeiro curso de instrução para práticos da Capoeira, visando à busca de aprimoramento dos participantes e é apontado o envolvimento de várias instâncias ligadas à CBC apoiando tal iniciativa. Para ilustrarmos como o CONFEF e a CBC encontram-se sintonizados atualmente em um objetivo comum e possuem vários pontos convergentes, tomaremos a liberdade de transcrever um trecho muito significativo da reportagem, que oferece a oportunidade de entendermos melhor o que eles pensam sobre a Capoeira. Vejamos

Luta, dança, atividade física e brincadeira. A Capoeira é tudo isto e muito mais. Criada pelos negros trazidos como escravos na época colonial, mantida viva apesar da discriminação que sofreu durante séculos, a Capoeira hoje é praticada no Brasil inteiro, por todas as faixas etárias e classes sociais. Objeto de pesquisa do ‘Monstro sagrado’ Inezil Penna Marinho, um dos precursores da Educação Física e o mais importante historiador do esporte no Brasil, a Capoeira recebeu o título de Ginástica Brasileira. De braços dados, Educação Física e Capoeira têm um caminho promissor a percorrer. A prova disto é o curso realizado no Rio de Janeiro, fruto do convênio firmado entre o CREF I-RJ e a Federação Fluminense de Capoeira (FFC).

O Prof. Carmelino Souza Vieira, que coordena o curso, é Presidente do Conselho Superior de Mestres de Capoeira e Vice-Presidente da Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), além de Presidente da FFC. Com 220 horas de duração, o curso conta com 60 mestres de Capoeira que não são licenciados em Educação Física [...] Insubordinada por natureza, a Capoeira passou grande parte de sua existência na clandestinidade. Mas, no rastro da regulamentação, os mestres capoeiristas que estão fazendo o curso são todos elogios (REVISTA DO CONFEF, 2001, p. 4).

Notamos neste trecho da reportagem alguns pontos relevantes que devemos ressaltar. Primeiramente, eles nos apresentam a Capoeira como uma manifestação ampla, não esquecendo de mencioná-la como atividade física, concepção que apoia a inclusão desta prática no rol de funções exercidas pelo profissional de Educação Física. Em um segundo momento, mencionam o estudioso Inezil Penna Marinho, valorizando, em demasia, seus trabalhos relativos à Capoeira. Como tivemos oportunidade de discutir anteriormente, sabemos que as idéias deste intelectual defendiam a proposta da Capoeira *branca e erudita*, disciplinada e controlada, para servir aos propósitos conservadores da classe dominante. Posteriormente, eles enfatizam a união entre a Capoeira e a Educação Física, deixando-nos bem claro quais os responsáveis por este *casamento*, a saber, CBC e seus representantes. Fechando esta abordagem, é esclarecido que a Capoeira possui sua índole de insubordinação. No entanto, ela passo a passo vai se regenerando, já que conta com a aprovação do curso pelos mestres *que são só elogios*.

Não se questiona o conteúdo abordado, ele é somente mencionado superficialmente. Não nos é esclarecido o perfil do profissional de Capoeira que participa dessa reciclagem, se são mestres com mais experiência ou pessoas que vêm nesse curso uma oportunidade de se legitimar como mestres de Capoeira perante a sociedade, a partir de uma licença concedida por um Conselho Profissional. Como podemos ver, a discussão é extensa e complexa.

Por outro lado, percebemos que houve o estabelecimento de uma resistência com relação ao CONFEF e aos procedimentos da CBC, sendo que outros setores do meio capoeirístico, alguns apoiados pelos próprios professores de educação física²⁴, procuraram buscar alternativas para a situação apresentada.

Uma delas foi a mobilização dos mestres de Capoeira juntamente com os profissionais da Educação Física, contrários à Lei 9.696/98 desencadeada em Florianópolis/SC, onde houve a organização de debates e sensibilização dos mestres de Capoeira em relação ao tema. Desses encontros foi gerado, em abril de 2002, o “Manifesto dos Capoeiras de Santa Catarina: Pela Liberdade da Cultura Popular!”²⁵

Neste documento, são explicados ao meio capoeirístico, em linhas gerais, o percurso histórico da criação do CONFEF, os desmandos dessa entidade relacionados à imposição do registro nos Conselhos Regionais dos Mestres de Capoeira - considerados leigos no desempenho de funções relacionadas à Educação Física - e a exploração dos trabalhadores que precisam se registrar através da cobrança de anuidades e do curso de reciclagem profissional. Os autores do manifesto conclamam a união dos capoeiristas contra as resoluções arbitrárias desse Conselho Profissional e destacam a importância de considerarmos a Capoeira como uma manifestação cultural ampla, livrando-se das amarras do CONFEF.

²⁴ É interessante elucidar que existe uma mobilização de profissionais e professores de educação física contrários à regulamentação da profissão, organizados através do “Movimento Nacional Contra a Regulamentação da Profissão de Educação Física” (MNCR). Os participantes desse movimento, além de participarem organicamente de ações contrárias ao CONFEF, também produzem livros, artigos e textos acadêmicos que buscam traduzir e embasar suas ações. Para maiores informações, sugerimos a consulta de: MOVIMENTO NACIONAL CONTRA A REGULAMENTAÇÃO. <http://www.mncr.rg3.net/>. Acesso em: 27 ago. 2002.

²⁵ Tivemos contato com o *Manifesto dos Capoeiras de Santa Catarina: Pela Liberdade da Cultura Popular!* através da mensagem eletrônica de FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **Procuo Mestre Xaréu**. Mensagem recebida em GRUPO DE ESTUDOS SOBRE CAPOEIRA (GECA). Lista de discussão. Lista de discussão do Yahoo Groups mantida pelo provedor Yahoo. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/geca>>. Acesso em: 28 maio 2002. Disponibilizamos em anexo este manifesto na íntegra.

Houve também, anteriormente a esse manifesto, uma conquista pelo meio capoeirístico que ocorreu por da via jurídica. Em 21 de agosto de 2001, saiu a primeira sentença favorável a um mestre de Capoeira para continuar ministrando aulas sem precisar da licença do CONFEF. O vencedor dessa batalha foi o mestre Pintor, Paulo César Leite dos Santos, que recebeu a sentença, em 1ª Instância, da Justiça Federal, na cidade de Belo Horizonte/MG. Esta jurisprudência apoiou-se no fato de que até aquela data, agosto de 2001, inexistia o rol de atividades consideradas prerrogativas pelo profissional de Educação Física. E a defesa do mestre - para que ele continuasse no exercício de seu trabalho sem a necessidade de vinculação ao Conselho Regional de Educação Física – com o argumento de que a Capoeira é uma

manifestação cultural, plenamente integrada às tradições da nação brasileira, podendo-se inclusive arriscar manifestação de que suas origens remontam à época da própria descoberta do território brasileiro, isso se não forem consideradas as evidências de que já era tal atividade há muito trabalhada pelos africanos que aqui aportaram na condição reduzida de escravos. A Capoeira, portanto, traduz com evidente 'fonte' a cultura nacional, sendo manifestação das mais arraigadas no tradicionalismo de nossa cultura popular²⁶.

Como as argumentações utilizadas iam no sentido de considerar a Capoeira uma manifestação cultural, recorreu-se ao artigo 215, da Constituição Federal, que designa ao Estado a função de “**apoiar, incentivar e valorizar a difusão** e manifestação de tais atividades” e, a partir deste referencial, se defendeu que “a Capoeira não se limita(va) exclusivamente à prática de atividades físicas, envolvendo manifestações culturais várias, que, sob o aspecto cultural, superam em importância aquelas exigências ligadas ao bom preparo físico de seus praticantes”. Dessa forma, mestre Pintor teve julgado como procedente seu pedido para a não obrigatoriedade de sua inscrição nos quadros do Conselho Regional de Educação Física.

Como vemos, essa prerrogativa se pauta na mesma opinião que temos a respeito do assunto, ou seja, não concordamos com a inclusão da Capoeira como um campo de atuação exclusivo do profissional de Educação Física. Vemos a Capoeira como uma manifestação cultural. Sua origem está ligada à classe explorada/dominada, sua história faz parte da

²⁶ De acordo com BRASIL. Tribunal Regional Federal. Vara da Seção Judiciária de Belo Horizonte - MG. Obrigatoriedade de inscrever-se nos quadros do Conselho Regional de Educação Física - 6ª Região instituída através da Lei 9.696/98. Apelante: Paulo César Leite dos Santos (mestre Pintor). Apelado: Conselho Federal de Educação Física. Advogada Dra. Júnia de Souza Antunes. Belo Horizonte, 21 de agosto de 2001.

constituição do povo brasileiro e sua manifestação (no sentido de “fazer-se conhecer, revelar-se, mostrar-se”) não se restringe somente à expressão corporal (ou como preferem aqueles sintonizados com a Lei 9696/98, à mera *atividade física*).

A Capoeira é ambígua; é luta/dança/jogo/defesa pessoal/Arte/festa; é um campo de atuação multidisciplinar. Não se joga apenas Capoeira, mas também se brinca Capoeira, se luta Capoeira, se dança Capoeira, se canta Capoeira, se estuda Capoeira, se pensa Capoeira e também nos fazemos capoeiristas.

As resoluções tomadas pela entidade reguladora de uma categoria profissional, que se firmou legalmente, mas não legitimamente pela vontade unânime dos profissionais de educação física, atualmente vem abalando as estruturas dos profissionais não só da Capoeira, mas daqueles que tem a *cultura corporal* como campo de atuação. Suas decisões vêm tentando estabelecer uma reserva de mercado que, por vezes, pode comprometer a construção histórica do povo brasileiro. Não queremos dizer com isso que os profissionais de Educação Física não podem dar aulas de Capoeira, mas se este profissional não viver a Capoeira durante um período de sua vida e não buscar conhecimentos inerentes a esta prática junto à comunidade capoeirística e, principalmente, junto aos mestres mais antigos de Capoeira, ele não estará apto a desenvolver um trabalho fundamentado. Sabemos que o conhecimento adquirido em um curso de graduação em Educação Física, atualmente, não é suficiente para conhecer o universo que permeia esta manifestação. Pode-se oferecer em uma disciplina específica algumas informações iniciais para que, posteriormente, ocorra o aprofundamento junto às Academias de Capoeira e aos mestres mais antigos que, apesar do descaso com que são tratados atualmente pelo governo e pela sociedade brasileira, foram os responsáveis por manter esta prática viva até os dias de hoje.

Vemos que, com esta discussão abre-se a possibilidade de não só debatermos a apropriação da Capoeira pelos profissionais de Educação Física no processo de sua pedagogização, mas também de analisarmos a atual situação dos professores/mestres de Capoeira que muitas vezes carecem de reconhecimento social e financeiro, desdobrando-se para manterem seu trabalho de maneira digna (buscando preservar as tradições) e, em alguns casos, não tendo condições materiais de viverem somente de suas aulas, assumindo, dessa forma, outras profissões. É claro que sabemos que existem também aquelas pessoas que, por conta própria ou de algum grupo interessado no mercado, se intitulam mestres.

Estes têm como principal objetivo se aproveitarem do *modismo* atual da Capoeira e tirar o maior proveito possível desta situação, tanto financeiramente quanto politicamente. No entanto, percebemos que a própria sociedade é capaz de distinguir este tipo de profissional daquele que, de alguma forma, assim que tomou contato com a manifestação cultural, mudou sua maneira de ver o mundo e se fez mestre desta arte. Muitos desses não possuíram em sua infância ou adolescência acesso a uma série de bens materiais ou culturais além da Capoeira, que é uma prática ligada ao contexto popular. E foi através do contato com esta manifestação popular que puderam se inserir no mercado de trabalho e desenvolver suas aulas e metodologias de ensino, ganhando notoriedade pública até serem reconhecidos pela sua comunidade como mestres. Eles souberam estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem com seus alunos, sem poderem cursar uma faculdade particular ou pública. Isso porque até vinte anos atrás eram pouquíssimos profissionais que só podiam se dedicar às aulas de Capoeira. Alguns destes mestres, através de seu carisma e competência, foram até convidados a mostrar seu trabalho no exterior. Podemos citar o caso de mestre João Grande, que ganhou o título de *Honoris Causa* em uma renomada universidade norte-americana e atualmente vive em Nova Iorque, tornando-se uma exceção à regra no reconhecimento internacional do trabalho do mestre de Capoeira.

Por toda essa diversidade apresentada na maneira de se viver a Capoeira, pensamos que a luta desses profissionais deve ir na direção de buscar o reconhecimento desta prática como manifestação cultural, parte do Patrimônio Cultural Brasileiro, e a partir deste enfoque, mostrar o valor do mestre como um agente de difusão e mantenedor de suas tradições. Para isso, não basta que apenas uma organização capoeirística encampe a causa. Faz-se necessário o apoio de toda a comunidade envolvida com as questões da Capoeira e da Cultura Corporal. Muito mais que defender o mercado de trabalho de determinado segmento, todos estes profissionais devem ter a preocupação de se perceberem inseridos em um sistema social no qual existem desigualdades e que a classe trabalhadora é a que mais sofre com a atual conjuntura econômica neoliberal. Vemos que a luta não deve ir no sentido da reserva de mercado, mas sim por condições dignas de trabalho e remuneração adequada para todos. Talvez dessa maneira, todo rol de manifestações culturais ganhe o reconhecimento de sua importância, pois a classe trabalhadora terá condições materiais e temporais de usufruí-las e, cada vez mais, construí-las democraticamente.

Bem, após esta longa discussão, podemos considerar fechado este *jogo*, que tratou dos múltiplos interesses pelo campo profissional da Capoeira e das inter-relações travadas entre seus profissionais e os da área de Educação Física.

A partir desse momento, iniciaremos um novo debate, que tem como eixo central a análise das novas formas de interpretação da Capoeira, advindas da Educação Física, e as obras do mundo capoeirístico que procuraram dar conta da interpretação da manifestação cultural Capoeira em nossa sociedade atual.

Vamos iniciar, portanto, tratando das obras dos mestres de Capoeira que se propuseram a escrever sobre sua experiência.

VIII - Com licença, *camarás!* O jogo agora é com os mestres...

A década de 1980, além de ter sido um dos momentos principais da reestruturação social do Brasil e ter servido como um marco nas transformações na área de Educação Física, se caracterizou também como um período fértil na produção de debates e material bibliográfico referente à Capoeira, principalmente por parte dos mestres dessa manifestação cultural. Um dos fatores que favoreceu essa produção foi, sem dúvidas, a disseminação da Capoeira no país.

Nessa onda, iremos analisar algumas obras de mestres de Capoeira que nos chamaram a atenção por propiciar a oportunidade de estabelecer um diálogo com aqueles que detêm o conhecimento desta arte, além de viverem cotidianamente as dificuldades e alegrias no exercício dessa profissão.

O primeiro livro que analisaremos é *O Pequeno Manual do Jogador de Capoeira*, de Nestor Capoeira, publicado em 1981. Este faz parte de uma trilogia (como denomina o autor), que adiante iremos examinar, *Galo já cantou* e *Capoeira: os fundamentos da malícia*.

Nestor Capoeira divide sua obra em:

- ***Histórico*** – onde trata da origem da Capoeira, da guinada sofrida por essa manifestação na década de 1930 e dos anos posteriores a essas mudanças, chegando até os dias em que a obra foi escrita. Detalharemos esta parte mais adiante, por ela possuir

elementos significativos para compreendermos o universo no qual se encontrava inserido uma parte do *mundo capoeirístico* naquele período.

• **Parte musical** – onde descreve o berimbau e sua importância no jogo da Capoeira e trata também do significado do canto para o desenvolvimento da roda.

• **O jogo** – onde explica a composição e dinâmica da roda de Capoeira, a malícia ou mandinga que ele designa como uma das qualidades imprescindíveis do capoeirista, os três níveis de jogo, que classifica como três diferentes fases que o praticante vivencia, sendo:

- a primeira fase a de encarar a Capoeira somente como uma luta esportiva, de competição ou como uma dança;
- a segunda fase aquela em que o capoeirista começa a perceber a filosofia da Capoeira e passa a praticá-la com mais malícia, compreendendo-a como uma manifestação cultural construída diariamente por ele e pelos colegas e,
- a terceira fase que ocorre após anos de vivência na Capoeira, momento em que o capoeirista completa sua formação e percebe que ela faz parte de sua filosofia de vida. É nesse período que ele está pronto para ser um mestre dessa manifestação cultural.

• **Aprendendo Capoeira** – onde explica a movimentação básica da ginga, golpes e contragolpes, sendo toda esta parte da obra ilustrada por desenhos que explicam o mecanismo corpóreo necessário para a realização dos movimentos. É interessante apontar que nesse tópico o detalhamento do ensino da Capoeira é realizado visando àquelas pessoas que desejam se iniciar nesta arte, tomando o cuidado de aliar a maneira como se deve fazer os movimentos com a filosofia da Capoeira, exaltando as qualidades da luta, porém alertando para o perigo de utilizá-la para fins *indignos*, como auto-afirmação, demonstração de valentia, auto-promoção, etc. Outro ponto interessante é que Nestor Capoeira revela que o bom capoeirista deve saber jogar a Capoeira de Angola, respeitando seus rituais e jogo malicioso, como também deve dominar a Capoeira Regional para se tornar um capoeirista completo. Dessa forma, ele detalha o desenvolvimento dos golpes da modalidade Angola e explica a Sequência de Bimba²⁷, lançando mão das ilustrações para que o aprendizado ocorra de forma mais clara. Com certeza, essa concepção de formação do capoeirista (saber

²⁷ Inclusive no capítulo anterior nos valemos das obras desse autor para ilustrar a *Sequência de Bimba*.

jogar os dois estilos de Capoeira) deriva das mudanças efetuadas na década de 1970, com a chegada da Capoeira no Sudeste do Brasil.

Diante dessa estruturação, cabe discutirmos mais detidamente a parte inicial de seu livro, onde ele se refere à origem da Capoeira como uma “[...] síntese, mistura de danças, lutas e instrumentos musicais de diferentes culturas, de diferentes nações africanas. Síntese realizada em solo brasileiro, provavelmente nos arredores de Salvador e do Recôncavo Baiano, sob o regime da escravidão” (CAPOEIRA, 1981, p. 31).

Ele afirma que sua prática nos tempos da colonização se diferenciava bastante da que existe atualmente e daquela que existiu nos últimos cem anos, levantando duas possibilidades de manifestação da Capoeira no período Colonial: uma com caráter lúdico, que se aproximaria mais de uma dança do que de uma luta, denominada de “Brincadeira de Angola” e a outra que se caracterizaria como lutas violentas dos negros escravos em busca da liberdade. Continuando o percurso histórico desta manifestação cultural, Nestor Capoeira dá um salto e vai direto para o período após a libertação dos escravos. Daí sua interpretação absorve muito do preconceito imposto pela abordagem linear e factual da história, herança positivista, que aponta o negro como responsável por sua marginalidade, não levando em conta a situação social na qual ele se encontrava inserido. Essa compreensão histórica demonstrada pelo autor é revisada e alterada na sua obra posterior, *Capoeira: fundamentos da malícia*.

É interessante notar que a visão criada por ele para o negro escravo recém liberto, era de um marginal que só via nas ações ilegais seu meio de sobrevivência, independentemente de sua vontade. Coloca-se que,

[...] O jogador de capoeira, com seu preparo de lutador, sua autoconfiança, seu sentido de individualidade, caiu rapidamente na marginalidade e com ele a capoeira. No Rio de Janeiro formaram-se maltas de capoeiristas que aterrorizavam a população. Mais tarde, durante a República, esses bandos eram usados pelos políticos para exercer pressões e perturbar os comícios de seus adversários [...] (CAPOEIRA, 1981, p. 15).

Como já vimos anteriormente, a maioria das organizações de capoeira, após 1850, eram bem estruturadas e nem sempre efetuavam *serviços* para partidos políticos de maneira alienada.

Seguindo a ordem cronológica dos eventos históricos, o autor trata dos malandros cariocas, *bons de pernada e cabeçada*, e dos capoeiras baianos, dentre eles o legendário

Besouro Cordão de Ouro, um mito da Capoeira do Recôncavo Baiano²⁸, que tem até hoje suas histórias de valentia cantadas nas rodas de Capoeira por todo o Brasil.

No entanto, ele não revela a proibição da Capoeira no código penal em seus escritos e passa diretamente a abordar as ações de mestre Bimba em prol da liberalização dessa manifestação cultural, atestando que, após a abertura do *Centro de Cultura Física Regional Baiano*, a Capoeira passou a ser ensinada e praticada fora da marginalidade, depois de 400 anos de repressão.

Nestor Capoeira elucida que mestre Bimba consegue retirar essa manifestação cultural da marginalidade, pois passa a ministrar aulas aos jovens da classe abastada de Salvador. Concordamos em parte com essa afirmação, uma vez que já vimos que esse mestre, ao mesmo tempo em que adquiriu aliados advindos da classe alta soteropolitana, também se valeu de uma histórica luta dos negros por seu espaço social, além de contar com os movimentos políticos favoráveis à sua proposta naquele período.

Com o surgimento da Capoeira Regional, nos é apontada a disseminação da Capoeira pelo Brasil através dos discípulos de Bimba, de Pastinha e dos demais mestres angoleiros, deslocando, paulatinamente, o eixo de concentração de capoeiristas de Salvador para o Sudeste do país. Um fato importante é que o autor, após notar essa transformação, passa a descrever o surgimento do grupo de Capoeira no qual se formou, o Grupo Senzala.

É nesse grupo de Capoeira, sediado no Rio de Janeiro, que vemos surgir alguns mestres que apresentaram um trabalho significativo nesse campo e que administram atualmente grandes grupos com uma forte representatividade, inclusive, internacional. De acordo com Nestor Capoeira, o Grupo Senzala, *celeiro de bamba*, foi composto, primordialmente, por estudantes que tiveram seus primeiros contatos com essa manifestação em Salvador, através do mestre Bimba, na década de 1960, e desenvolveram um trabalho *semi-autodidata* no decorrer dos anos 60 e início dos 70. Posteriormente, em 1974, muitos componentes do Grupo Senzala procuraram trilhar seu próprio caminho, fundando novos grupos de Capoeira, como os mestres: Camisa (ABADA), Boneco, Paulão e Paulinho “Sabiá” (Capoeira Brasil), Toni Vargas, Nagô e muitos outros que não citaremos aqui, mas que possuem grande relevância no mundo capoeirístico. Essa

²⁸ Em Pires (2001, pp. 219–234), encontramos algumas descobertas sobre o lendário *Besouro Cordão de Ouro*, atribuindo-lhe realmente fatos inusitados e ousados contra o aparato policial, do início do século XX.

genealogia pode nos dar pistas do surgimento dos grandes grupos de Capoeira que atualmente dominam o mercado desta prática corporal, apesar de não ser nossa intenção aprofundarmos este tema.

No entanto, as perspectivas apontadas pelo autor, em 1981, já previam de certa maneira a inevitável entrada da Capoeira na indústria cultural, suprimindo seu ritual para lugar à sua espetacularização e esportivização nos moldes competitivos.

Esta obra de Nestor Capoeira foi a *anúnciação* de que era hora (*Iê, é hora, é hora...*²⁹) de reagir organicamente frente às imposições anunciadas pela CBP e às alas favoráveis à implementação da Capoeira Esporte de Competição. Juntamente com este mestre, juntam-se outros que, diante da efemeridade de suas ações no campo cultural – pautados nas exibições de suas idéias em suas aulas e no jogo da Capoeira – irão se valer da produção escrita para fazer oposição àqueles que desejavam uma Capoeira disciplinada e higienizada pelo mercado consumidor de atividades físicas.

No livro *O que é Capoeira?*, de Almir das Areias, de 1983, vemos a continuidade dessa luta através dos debates e reflexões sobre a Capoeira pautados em uma visão mais abrangente e classificando-a como uma “manifestação e expressão do povo”. Ele diz que para “[...] compreendê-la e aceitá-la no seu todo e em sua diversidade como uma criação dinâmica e não estática do ser humano, é preciso que conheçamos antes a história da sua origem, sua evolução e desenvolvimento” (AREIAS, 1983, p. 8).

Portanto, essa perspectiva apontada por Almir das Areias abriu horizontes para a divulgação de novas concepções de Capoeira, além daquela apontada pelos setores conservadores dessa manifestação cultural.

No caso dessa obra, percebemos que sua repercussão foi maior que a de Nestor Capoeira, uma vez que ela faz parte da *Coleção Primeiros Passos*, da Editora Brasiliense³⁰, extrapolando a demanda somente dos *leitores capoeiristas*. Isso porque essa coleção teve (e ainda tem) o mérito de alcançar um público mais diversificado, disponibilizando uma referência bibliográfica nova sobre o assunto, já que, até aquele período, existia uma escassez de material referente ao tema.

²⁹ Esta frase cantada no final de uma ladainha anuncia o início da movimentação corporal na roda de Capoeira.

³⁰ Essas publicações têm a característica de procurar elucidar os termos dos quais travamos contato cotidianamente e, muitas vezes, não sabemos traduzi-los em conceitos.

Dessa maneira, podemos apreender que o autor busca analisar o fenômeno Capoeira dentro de um contexto social, o que vai ao encontro de nossas aspirações neste trabalho. Percebemos que ele procurou seguir uma linha de raciocínio que contempla uma visão dialética da história que, como sabemos, é construída por diversos agentes e pode ser interpretada de diferentes ângulos. No seu caso, ele privilegiou a visão advinda da classe dominada, ou seja, primeiramente a dos escravos praticantes da Capoeira e os capoeiras da Era Imperial (que englobavam escravos, libertos e imigrantes) até chegar à década de 80 do século XX, com os capoeiristas de seu grupo, os Capitães de Areia.

Apesar de seu esforço em se pautar na interpretação dialética da história, pensamos que, talvez, tenham lhe faltado subsídios bibliográficos adequados para realizar esta tarefa. Ele tomou como parâmetros informações do senso comum para construir seu referencial teórico, tais como o surgimento da Capoeira nos quilombos, a queima de todos os documentos sobre a escravidão por Rui Barbosa ³¹ - daí a dificuldade de se encontrar provas concretas sobre o surgimento desta manifestação -, a prática da Capoeira nas senzalas – fato difícil de ser comprovado - e que os negros, após a abolição da escravatura, não tiveram outra opção além da marginalidade, sendo que esta manifestação serviu como modo de sobrevivência de muitos deles, daí sua proibição em 1890. Isso sem contar a ausência de trabalhos voltados à interpretação das relações sociais existentes no Brasil, que seriam a base para se debater as questões que concernem à história da Capoeira.

No entanto, notamos que o enfoque de seu estudo passa a melhorar à medida que ele se propõe a debater a liberação desta manifestação cultural pelo governo de Getúlio Vargas e prossegue suas observações tratando da ressignificação social desta forma de expressão popular. Entendemos que este tipo de percepção possuiu um sentido importante, porque o momento social em que esse livro foi concebido, 1983, era propício a essas interpretações. Assim, o autor soube como aproveitar a possibilidade de expressar um pouco a história de uma prática reprimida por muito tempo e fruto da camada social que mais sofreu neste país, os escravos africanos. Por conseguinte, consideramos que seu esforço não pode ser desmerecido, dada a importância de sua iniciativa.

³¹ Os documentos queimados por Rui Barbosa, em 1890 dizem respeito somente aos recolhidos ao Ministério da Fazenda, que poderiam comprovar os prejuízos de senhores de escravos que exigiriam do Governo ressarcimento de despesas relativas à abolição.

Além disso, Almir das Areias debate o surgimento de seu grupo de Capoeira, “Os Capitães de Areia”, em meio à chegada dos primeiros capoeiristas baianos na metrópole paulistana e a efervescência cultural do final da década de 1960, inserida nos movimentos culturais estudantis, reprimidos pouco tempo depois. Essa análise em sua obra é extremamente relevante, pois traduz sua percepção da realidade, compreendendo dialeticamente os processos vividos “de fora pra dentro” e “de dentro pra fora”.

Outro ponto que devemos registrar é o da busca do autor em passar a cultura do mundo capoeirístico ao leitor, revelando os mitos construídos pelos atores sociais da Capoeira, com as histórias dos valentões como *Nascimento Grande*, *Manduca da Praia*, *Pedro Porreta*, *Chico Três Pedacos*, a luta do capoeira Ciríaco contra o japonês Sada Miako e as aventuras de *Besouro Mangangá* ou *Besouro Cordão de Ouro*, classificado como o maior de todos os capoeiras. Nesse esforço, é acrescida a abordagem relativa a prática da Capoeira, na qual o autor trata de seus principais elementos como: a ginga, as defesas, os ataques, os saltos e acrobacias, os toques e jogos, as cantigas e fundamentos, a graduação e os rituais de batismo, formatura e morte do capoeirista. Na interpretação e análise desses elementos, percebemos a *reinvenção de tradições* a partir daquelas herdadas dos mestres Pastinha e Bimba.

Para finalizarmos esta análise, gostaríamos de chamar a atenção para a dinâmica cultural apresentada na abordagem desse autor, que cria uma nova categoria para se entender conceitualmente a Capoeira, como também demonstra uma forma diferenciada para o desenvolvimento de seu trabalho cotidiano. Essas referências são extremamente elucidativas para a demonstração de que a Capoeira é uma manifestação construída historicamente e que seus agentes produtores têm a capacidade de refletir sobre sua prática, possibilitando a sobrevivência dessa manifestação cultural no decorrer dos anos.

O próximo trabalho de que iremos tratar é *Capoeira, arte, folclore*, de Walce Souza, o mestre Deputado, como é conhecido no meio capoeirístico³². Como não conseguimos identificar o ano de publicação da obra, nos pautamos na data da apresentação/introdução desta (Janeiro de 1986) para a situarmos temporalmente.

³² De acordo com Camille Adorno (apud SOUZA, [1986?], p. 11) no prefácio do livro em questão, o apelido de mestre Deputado deve-se ao “número incrível de amigos e conhecidos [...] só sendo deputado, para conhecer tanta gente”.

O autor busca demonstrar, em poucas páginas, o seu entendimento sobre a Capoeira e a considera como:

Diversão, atividade, lazer.

Capoeira, em essência, forma e objetivo, é jogo.

A importância desta conceituação se encontra em ser a Capoeira luta, dança, arte, mandinga, cultura, compondo um todo indivisível, justamente em razão de sua natureza: jogo (SOUZA, [1986?], p. 15).

E complementa sua compreensão dizendo que a Capoeira, por comportar em seu interior a ambigüidade entre luta, dança e arte, conseguiu se manter até nossos dias porque em sua construção cultural, a arte faz com que os indivíduos possam recriá-la constantemente, preservando-lhe o conteúdo expresso em seu jogo e tornando-a assim uma manifestação cultural libertadora.

Em sua abordagem relativa à história da Capoeira, ele repete algumas considerações já apontadas. Para ele, a Capoeira foi criada no meio rural, mais especificamente nas senzalas, pelos africanos em terras brasileiras. Era chamada de “Brincadeira de Angola”, se expressava através da dança para dissimular seu caráter combativo dos senhores de escravos e era considerada um instrumento de luta pela liberdade dos negros. O autor, baseado em alguns estudos etimológicos, levanta a possibilidade de o nome Capoeira ter sido adotado devido a sua prática ocorrer nas *capoeiras* (sinônimo de mato ralo ou capão de mato cortado e limpo), daí a designação de Capoeira para o jogo-luta-dança que se realizava nas *capoeiras*.

Ele admite o conceito de que, após a Abolição da Escravatura, os negros marginalizados se serviram desta prática como forma de sobrevivência, atuando como capangas políticos e realizando ações criminosas, ocasionando, assim, sua perseguição e proibição. Menciona a participação de pessoas ilustres no universo da Capoeira, no século XIX, e cita o caso de José Elysio dos Reis, filho do Conde de Matosinhos. Trata ainda da repressão à Capoeira desencadeada por Sampaio Ferraz e sua entrada no código penal como contravenção.

Ele irá destacar o ressurgimento da Capoeira através do trabalho de mestre Bimba, na década de 1930, o qual em sua opinião, teve o grande mérito de colocá-la na legalidade. Sua tendência em exaltar o trabalho do criador da Capoeira Regional é fácil de ser explicada: mestre Deputado foi aluno de mestre Bimba. No tocante a esse tema, ele passa a descrever o sistema de ensino de seu mestre, recordando-se do convívio com ele e das

lições aprendidas nesse tempo. Essa forma de expressar o maior respeito possível para com quem lhe ensinou a arte da Capoeira é um fato comum no mundo capoeirístico, como já pudemos discutir antes, e reforça até os dias atuais a herança africana nessa manifestação.

Mestre Deputado procura também nos mostrar os elementos básicos que compõem a Capoeira Regional, como suas músicas e ritmos, a preparação do capoeirista e seu jogo. No caso da preparação do capoeirista, ele escreve que é muito importante que o aprendiz compreenda a ambigüidade presente nessa manifestação cultural. Além disso, ele considera primordial a presença da criatividade no desenrolar da prática da Capoeira, considerando relevante o aprendizado pautado na assimilação dos golpes e na improvisação na roda, sendo todo esse processo acompanhado pela musicalidade.

Nesse ponto, ele descreve as funções ligadas aos cantos na dinâmica da roda de Capoeira, ilustra esse tópico com as partituras de algumas cantigas e, no final do livro, transcreve a letra de vários cantos corridos e ladainhas. Mestre Deputado não deixa de mencionar os diferentes jogos desenvolvidos de acordo com o ritmo do berimbau - considerado por ele o instrumento que comanda o jogo e a roda de Capoeira -, além de explicar os rituais do jogo.

Para finalizar seu trabalho, ele debate a Capoeira da atualidade e condena sua regulamentação através do sistema esportivo, pois considera que restringi-la somente por este viés é tolhê-la de imensas possibilidades ligadas à arte e à expressão da cultura corporal de nosso povo.

Em linhas gerais, notamos que o autor nos apresenta um pouco daquilo que lhe foi passado através de sua vivência na Capoeira e considera válido deixar registrado, no intuito de preservar a sua identidade.

Os dois próximos trabalhos nos quais iremos nos deter são aqueles que complementam a *trilogia* de Nestor Capoeira. Iniciaremos analisando o livro *Galo já Cantou*, de 1985.

Um dos obstáculos que se interpuseram para nós, assim que terminamos de lê-lo, foi a dificuldade para traduzir em palavras todo o sentimento que o autor procurou nos passar. Percebemos que sua intenção era de mostrar que aquelas pessoas envolvidas com a Capoeira estavam, acima de tudo, envolvidas com uma manifestação cultural que transcende a simples repetição de gestos e também vai além da possibilidade de inserção no

mercado de trabalho da profissão de mestre de Capoeira. Poderíamos realizar uma crítica de cunho acadêmico, apontando a fragilidade teórica com que foi construída a obra. No entanto, como se trata de uma proposta reflexiva muito mais voltada às experiências do Nestor Capoeira, um homem que aprendeu esta manifestação cultural e que passou a ensiná-la, não se considerando um mestre desta arte por não concordar com o título a ele delegado, pensamos que seria interessante considerar que seu esforço é muito importante para realizarmos um exercício de compreensão do universo que nos é apresentado.

Portanto, podemos considerar que *Galo já Cantou* representou uma obra que buscava muito mais expressar os sentimentos do capoeirista imerso no universo da Capoeira do que explicar esta manifestação cultural, o que faz com que se diferencie totalmente de seu estudo posterior, o livro *Capoeira: os fundamentos da malícia*, publicado em 1992.

Nele são revistos vários paradigmas existentes nas concepções apontadas pelos mestres em suas visões sobre a história da Capoeira. O próprio Nestor Capoeira admite a superação daquilo que escreveu anteriormente e revela a mudança de referenciais para tratar o assunto. Na apresentação do livro, ele já nos coloca alguns aspectos importantes, como o conceito de Capoeira, que para ele se traduz da seguinte forma:

[...] o verdadeiro significado do jogo da Capoeira: mais que dança, luta, jogo, mais que um patrimônio da cultura brasileira, ela é uma forma de ver e viver a vida, uma ótica específica do mundo e dos homens transmitida de mestre a aluno através das gerações, uma prática que transborda da roda para o dia-a-dia com muito suingue tropical e sabedoria ancestral; a nata da fina filosofia da malandragem que se materializa no jogo ao som do berimbau (CAPOEIRA, 1992, p. 12).

Percebemos a ampliação do conceito de Capoeira, que de manifestação cultural passa a ser concebida como filosofia de vida e patrimônio cultural brasileiro.

Outro ponto importante mencionado, também na apresentação, é que no período em que a obra foi publicada se iniciavam as discussões acirradas sobre a origem e a nacionalidade da Capoeira. Esses debates tinham como pano de fundo a apropriação dessa manifestação pelos seus praticantes norte-americanos, já que a Capoeira passou a ser exportada na década de 1990, e para eles a defesa da sua origem pautada na nacionalidade africana retiraria o peso da representatividade dos mestres brasileiros como detentores do conhecimento dessa arte.

Dessa forma, Nestor Capoeira retoma a discussão sobre esse tema e, se baseando nos estudos de Muniz Sodré (apud CAPOEIRA, 1992, p. 17), considera

[...] que a questão do começo é um falso problema – na capoeira e em geral. O importante não é o começo – a data histórica não tem tanto interesse assim -, mas sim o princípio: quais as condições que a geraram e o que a mantém em expansão. Isto é: o conjunto de condições e circunstâncias históricas e culturais para que aquele jogo tenha se expandido. No caso da capoeira, o começo é brasileiro, mas o princípio – tanto o fundamento, a historicidade, quanto o mito – é africano.

Esta definição é extremamente elucidativa para a compreensão desse tema e demonstra a articulação do autor com relação ao trato das questões inerentes à Capoeira. Sendo assim, ele defenderá a origem brasileira para essa manifestação e prosseguirá sua abordagem sobre seu histórico se valendo dos trabalhos e diálogos travados entre ele e os estudiosos Jair Moura³³, Júlio César de Souza Tavares³⁴ e Muniz Sodré³⁵.

Vemos assim que existe um outro mote seguido neste livro, pois ocorre a aproximação do meio capoeirístico, ou pelo menos deste mestre, com a produção acadêmica/universitária, para buscar subsídios na compreensão do fenômeno Capoeira. Este processo é iniciado porque começa a ser oferecido ao público, a partir de 1987, uma série de novos estudos relativos aos negros e à escravidão, aumentando, conseqüentemente, os dados sobre a Capoeira. Dessa maneira, passa-se a questionar as informações antes difundidas pela tradição oral e, até então, única fonte de conhecimento acessível aos capoeiristas.

Embasado nos novos dados, a abordagem histórica realizada por Nestor Capoeira (1992) é dividida em: “A escravidão”, “Bate-papo com Muniz Sodré: 1810 a 1830, uma guinada histórica”, “Bate-papo com Júlio César: 1830 a 1888, o auge da repressão”, “A marginalidade” e “As academias”.

Entretanto, todas as informações obtidas pelo autor são passadas em um tom de informalidade, buscando atingir o maior público possível. Isso não significa dizer que ele deixa de lado questões complexas, como a dinâmica cultural escrava no Rio de Janeiro ou a reinvenção da tradição dessa manifestação cultural, em Salvador, na década de 1930.

³³ O autor refere-se a conversas informais realizadas com Jair Moura e à obra “Capoeira, Luta Regional Baiana” deste estudioso, publicada em 1979, nos Cadernos de Cultura da Prefeitura Municipal de Salvador.

³⁴ O trabalho utilizado na obra de Nestor Capoeira é TAVARES, Júlio César. **Dança da Guerra: Arquivo-Arma**. 1984. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília (UnB).

Dentre essas abordagens, uma que consideramos extremamente relevante é a análise de obras e depoimentos que surgem do diálogo entre o autor e Jair Moura, que revelam aspectos até aquele momento inéditos no entendimento histórico da Capoeira pelos seus mestres. Neste ponto, são discutidas as obras de Annibal Burlamaqui (1928) e a de Lamartine Pereira da Costa (1962) para esboçar as idéias referentes à Capoeira carioca e a sua substituição pela Capoeira baiana, no século XX. Além disso, o autor trata, em linhas gerais, da massificação da Capoeira nos anos 70 e, nessa ocasião, volta a retomar a discussão iniciada na obra *O Pequeno Manual do Jogador de Capoeira*, de 1981, sobre a organização de seu grupo de Capoeira, o *Senzala*.

Dessa vez ele aprofunda um pouco mais sua análise, realizando algumas críticas pertinentes, valendo citar a seguinte colocação:

[...] A garotada da Senzala – além da ‘seqüência de Bimba’ e da ‘cintura desprezada’ – introduziu treinamentos baseados na repetição exaustiva e metódica de golpes tendo como alvo a mão estendida de um parceiro; treinos sistemáticos de golpe-contragolpe e golpe-queda efetuados por duplas; adaptou treinamentos observados em academias de lutas orientais; instituiu uma ginástica bastante puxada antes dos treinos; e, como universitários (melhor dizendo: candidatos a vestibulandos) que eram, inconscientemente nortearam toda estrutura sobre um modelo que reproduzia o ensino ocidental tal qual ocorre em nossas escolas particulares - coisa completamente estranha ao universo afro-brasileiro -, o que fez com que rapidamente desenvolvessem uma ótima forma física; uma técnica de golpes e ataques rápidos, precisos e potentes, mas sem a malícia da esquiva e da rasteira, e completamente alheia aos fundamentos filosóficos do jogo (CAPOEIRA, 1992, pp. 92-93).

Esses elementos apontados pelo autor demonstram uma nova fase sofrida pela Capoeira, aquela em que temos presente a readaptação dos seus *fundamentos* deixados pelos mestres da década de 1930 e sua massificação via grupos de Capoeira. Ele prossegue suas colocações dizendo que, pouco tempo depois, os grupos que foram se formando em outros Estados do Brasil passaram a adotar esse tipo de treinamento. Inclusive, ele não se exime em admitir que essa metodologia de ensino da Capoeira se pautou nas influências militaristas presentes na década de 1960, encontradas nas práticas pedagógicas da educação física.

Após tratar dessas questões relacionadas diretamente ao *Grupo Senzala*, é abordado o *boom* da Capoeira nas últimas décadas e de sua exportação para a Europa e Estados

³⁵ Nestor Capoeira refere-se às conversas com Muniz Sodré – escritor, jornalista, sociólogo, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e discípulo de mestre Bimba. Foi através dessas conversas

Unidos. Nesse processo, é explicitada a possibilidade para um entendimento mais ampliado da Capoeira, ao mesmo tempo em que é encarada com receio sua uniformização através de sua esportivização.

Em seguida, o autor começa a explicitar o que chama de *Fundamentos da Malícia*, sendo estes: o papel do berimbau na roda de Capoeira, a aplicação dos golpes e defesas no jogo, a malícia que em sua opinião “não depende da força, agilidade, coragem ou forma física” (CAPOEIRA, 1992, p. 119) e a aprendizagem desses fundamentos que, pautado nas conversas com Muniz Sodré e Júlio César S. Tavares, constituem o cerne da Capoeira.

Para finalizar a obra, ele retoma e aprofunda a metodologia de ensino – a parte denominada *Aprendendo Capoeira* -, já explorada em seu primeiro livro (CAPOEIRA, 1981), dando uma importância destacada à filosofia de Capoeira na qual ele se apoia. Vale colocar que as movimentações ensinadas possuem ilustrações no livro e em uma fita de vídeo. Além disso, a obra também é acompanhada por uma fita cassete, na qual o autor narra um pouco da história da Capoeira, demonstra os toques de berimbau pertinentes aos vários tipos de jogos da Capoeira Angola e Regional e entoa alguns cantos e ladainhas auxiliado pelo mestre Toni Vargas.

Consideramos esse trabalho como um dos mais completos sobre a Capoeira advindo do meio capoeirístico, pois busca aliar o conhecimento construído sobre o tema, tanto no âmbito acadêmico como no informal; também busca discutir os fundamentos do seu jogo e, partindo desse referencial, desenvolve uma metodologia para seu ensino. De forma complementar, ainda lança mão de recursos audio-visuais para aproximar seu leitor da parte musical da Capoeira.

Para encerrarmos essas análises – as das obras dos mestres de Capoeira -, podemos dizer que existe uma construção teórica elaborada pelo meio capoeirístico que nos dá pistas de como o conhecimento é repassado e interpretado pelos seus componentes. Essa visão de mundo se relaciona não só com uma compreensão racional, mas engloba a compreensão empírica desenvolvida e exercitada durante o fluir da prática social. Essa maneira de ver, compreender e sentir o mundo perpassa pelo intercâmbio realizado entre o fazer cultural (neste caso representado pela manifestação Capoeira) e a inclusão do indivíduo na sociedade, que, por sua vez, se encontra também inserida em um sistema maior e mais

que o autor reuniu uma série de informações discutidas em seu livro.

complexo. A necessidade de compreender o sistema social e se fazer compreender dentro deste como produtor de cultura – mesmo que esta não tenha valor material – faz com que muitas pessoas busquem formas de expressão que representem uma construção cultural com um valor formal. Talvez estes mestres de Capoeira, que se lançaram na *aventura* de escrever sobre suas realizações neste meio e também sobre o tema Capoeira, procurassem acima de tudo serem reconhecidos social e formalmente através de uma produção cultural mais valiosa, do ponto de vista social. Isso porque a Capoeira, como uma produção cultural, está sofrendo ainda um processo de valorização no atual sistema vigente, pois sua origem está ligada à classe dominada e seu tempo de expressão é efêmero, apresentando-se a um determinado público por um tempo limitado. Se analisarmos seus gestos, podemos dizer que eles são realizados de forma inédita e não podem ser repetidos duas vezes da mesma maneira, expressando uma série de significados subjetivos que variam de acordo com o jogo, a roda, a situação na qual os jogadores se encontram inseridos. Esses dados podem diferenciar, dessa forma, a manifestação Capoeira de um livro já que este tem a possibilidade de uma presença temporal maior e é um documento acabado e datado.

Valendo-se então desse instrumento, vemos a resistência desses mestres frente às transformações sofridas por essa manifestação cultural proveniente do sistema esportivo que, a partir da década de 1970, busca regrid e uniformizar a Capoeira. Eles vão buscar a legitimação de seus trabalhos através de ações concretas, de seu ponto de vista, transformando sua prática cultural e objetivando uma mudança pautada em seus valores, afinados com a tradição negra e africana de Capoeira.

Nessa luta pela manutenção da tradição, das raízes culturais e dos seus valores advindos da classe popular na Capoeira, os mestres nem sempre estiveram sozinhos. Na análise que faremos a seguir, veremos que alguns setores da Educação Física também contribuíram para que a Capoeira mantivesse seu caráter de manifestação cultural ligado à identidade de nosso povo. No entanto, essa visão levou um tempo para penetrar nessa área e ainda não amadureceu totalmente. Vejamos um pouco desse processo.

IX - A Capoeira no *jogo* da Educação Física

Podemos iniciar essa abordagem dizendo que as mudanças que ocorreram na percepção dos autores da Educação Física diante da Capoeira, em relação aos trabalhos de Inezil Penna Marinho (1945; 1982) e Lamartine Pereira da Costa (1962), se deram de forma lenta. Para demonstrarmos esse fato, encontramos em um trabalho de 1989, do Prof^o Gladson Oliveira Silva, ainda muitos resquícios de um entendimento de Capoeira mais voltado a uma modalidade esportiva, do que a uma manifestação cultural mais ampla.

O caderno que foi organizado para a 2ª Clínica de Esportes, do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), denominado *Clínica de Esportes: capoeira*, mostra claramente as observações que fizemos. Este foi baseado nas experiências do Prof^o Gladson O. Silva, desenvolvidas na Universidade de São Paulo (USP), e seu entendimento, neste caso, é o da Capoeira como modalidade esportiva.

Nessa obra, ele coloca algumas considerações sobre a história desta manifestação, sua perspectiva educacional para a Capoeira, a inserção desta manifestação cultural na universidade, seu jogo, seu caráter esportivo, seu treinamento, a questão da violência em sua prática e seus cantos.

Na introdução, ele trata da história da Capoeira. É interessante notar que sua abordagem é análoga à realizada por Inezil Penna Marinho em *Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem*, de 1945, havendo trechos idênticos entre as duas obras. No entanto, o Prof^o Gladson O. Silva cita nas referências bibliográficas alguns autores utilizados por Marinho (1945), mas não esse autor.

Dada a semelhança do histórico da Capoeira entre esses dois estudiosos, não iremos nos deter demasiadamente nesta análise. Podemos dizer que ele levanta a dificuldade de realizar a restituição do percurso dessa manifestação no Brasil, devido à queima dos documentos sobre a escravidão feita por Rui Barbosa. Notamos que esse mito encontrado no meio capoeirístico reaparece na área de Educação Física. Temos, também, a volta da hipótese do surgimento da Capoeira nos quilombos.

Talvez a novidade encontrada seja o levantamento de uma citação do padre José de Anchieta (apud SILVA, 1989 p.7), no livro *A arte da gramática da língua mais usada na*

costa do Brasil, editado em 1595, onde o autor apresenta a afirmação de que “os índios tupi-guaranis divertiam-se jogando capoeira”.

No mais, o autor segue as indicações apontadas por Marinho (1945), vinculando o aprimoramento da prática da Capoeira pelo mulato à sua marginalização a partir da Proclamação da República. Em um trecho que identificamos as mesmas colocações entre os dois, temos que

[...] O início do século XX assinalou como que o recrudescimento da capoeiragem; os interesses políticos em jogo muito concorreram para que os principais capoeiras se tornassem cabos eleitorais, capangas ou secretários de grandes figurões. Nas próprias unidades militares havia interesse de seus comandantes em possuírem melhores capoeiras [...]³⁶

Percebemos a visão da Capoeira ligada à marginalidade no início do século XX. Apesar disso, ocorreu a procura das instituições legais aos capoeiras para que estes realizassem serviços ilícitos. Essa imagem do capoeira marginal está sendo debatida atualmente através de estudos que já tivemos a oportunidade de apresentar, no entanto essa visão foi hegemônica, se refletindo, por muito tempo, sobre os trabalhos sobre o tema.

Após tratar da história da Capoeira, o autor especifica, no tópico “Filosofia e Capoeira”, os referenciais que norteiam suas ações passando a discutir seu entendimento de Educação. No entanto, adota uma perspectiva pragmática relacionada à Filosofia e à Educação e cita Bertrand Russell para traduzir sua compreensão acerca desse tema, dizendo que “[...] a Educação de hoje deve ser útil e não ornamental [...]”. E prossegue: “E é dentro dessa filosofia que vemos e vivemos a capoeira dentro da universidade [...]” (SILVA, G.O., 1989, p. 16). Talvez ele entenda, nesse caso, a Filosofia como *modo de vida* e não como uma disciplina científica. Pensamos que essa visão torna o ensino da Capoeira muito restrito, pois não pressupõe sua vivência lúdica e criativa, voltando sua prática para um viés utilitarista e procurando adequá-la ao sistema social. Este fato nos chama a atenção, uma vez que é no espaço da universidade, local favorável ao empreendimento de ações pautadas na reflexão, que o Prof^o Gladson desenvolve seu trabalho e propõe essa forma de abordagem para o ensino da Capoeira.

De acordo com suas palavras, ele dá início ao trabalho com a Capoeira na Universidade de São Paulo (USP), em 1974. Nessa universidade, durante quinze anos (até a

³⁶ Citação encontrada em Inezil Penna Marinho (1945, p. 28) e Gladson de Oliveira Silva (1989, p. 12).

data de publicação do caderno)³⁷, ele ministra aulas aos alunos dos cursos regulares da graduação, atendendo à lei que vigorava na época da Educação Física obrigatória no ensino superior, aos alunos que desejassem praticá-la por adesão espontânea e à comunidade não pertencente ao meio universitário que desejasse usufruir as atividades oferecidas pelo Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP). O autor, na época, dividia seu curso em três módulos: Capoeira I, Capoeira II e Capoeira III, que atendia desde os iniciantes nessa prática até aqueles que já tivessem desenvolvido uma experiência maior na Capoeira.

Por sinal, a presença da Capoeira na universidade não é recente, na década de 1930 ela já se encontrava neste local, através dos alunos de mestre Bimba. No entanto, foi após sua regulamentação esportiva, via Confederação Brasileira de Pugilismo, que ocorreu seu crescimento nos meios universitários. Nesse caso, consideramos que esse não foi um fato isolado em sua aceitação em diferentes instituições, houve outros acontecimentos que contribuíram para sua disseminação, como os movimentos migratórios dos nordestinos para o Sudeste, que conseqüentemente difundiram sua produção cultural, o incentivo ao nacionalismo no período militar e mesmo os movimentos de resistência à ditadura (através da militância cultural da UNE, por exemplo), que ajudaram a aumentar a divulgação da Capoeira.

No caso do trabalho do Prof^o Gladson, percebemos que a influência exercida pela prática pedagógica da educação física, da década de 1970, ainda se encontrava presente, basta nos basearmos nas suas proposições voltadas à Capoeira e sua “utilidade social”.

No caderno, ainda encontramos detalhados alguns aspectos relacionados à roda de Capoeira, ao seu entendimento como modalidade esportiva, ao seu treinamento através de seqüências e aos seus cânticos. Notamos a aproximação latente entre o que é realizado no mundo da Capoeira e o que é proposto para o meio universitário, como a organização da roda, o treinamento pautado na *Seqüência de Bimba* e o ensino dos seus cânticos. No entanto, de toda essa abordagem, o que nos chama mais a atenção é o entendimento do autor, que vê a Capoeira como uma modalidade esportiva, o que talvez o distancie das opiniões expressas nas obras dos mestres analisadas por nós.

³⁷ Atualmente o Prof^o Gladson O. Silva continua ministrando aulas de Capoeira na Universidade de São Paulo (USP).

Mas, mesmo assim, o Prof^o Gladson O. Silva não demonstra exaltar a competição pautada no *vencer a qualquer custo*. Ele toca na questão da violência nas competições de Capoeira, condenando-a e advertindo os professores, técnicos e mestres, que “devem lembrar e ter em mente que ‘antes de meros formadores de campeões, ele são educadores’ com importante parcela na formação do homem” (SILVA, G.O., 1989, p. 19).

Mas sua visão permanece bastante restrita quanto a essa manifestação cultural e ao papel do professor de Educação Física ele diz que

[...] os professores de Educação Física, verdadeiros educadores que são, devem educar as crianças desde a mais tenra idade para o esporte sadio, o esporte que educa, o esporte como formador de hábitos sadios para um amanhã melhor, onde os homens, independente de resultados, vencedores e vencidos dêem as mãos e façam uso do esporte como meio de união dos povos e desenvolvimento do corpo e do espírito (SILVA, G.O., 1989, p. 19).

Como vemos, no final da década de 1980, o entendimento sobre a Capoeira expresso por esse professor, advindo da área de Educação Física, ainda era restrito se comparado à guinada demonstrada pelos mestres de Capoeira que se propunham a refletir sobre essa manifestação cultural. Entretanto, a década de 1990 traz consigo novos estudiosos da área da Educação Física, que iniciam a ampliação das discussões sobre esse tema.

E é justamente no ano de 1990 que vamos ter disponibilizada uma pesquisa advinda da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro, da Faculdade de Educação Física, que buscava apontar, através da análise dos discursos dos mestres, algumas bases referenciais para se compreender a dinâmica do ensino da Capoeira e tentar implementá-la no ensino formal.

Em *Capoeira: um discurso em extinção*, do Prof^o Augusto Normanha Lima, o autor, logo na introdução de seu trabalho, explicita e admite a ambigüidade do entendimento da Capoeira na sociedade atual e inicia a discussão das várias concepções e opiniões (muitas vezes divergentes, como já vimos) sobre sua origem. Para dar conta desta tarefa, ele aborda os estudos etnográficos do termo Capoeira respaldado em Porto Seguro (s/d), Taynay (1941), Calogeras (1927), Barbosa (1856), Rego (1968), Malheiros (1976), Silva (1989),

Cascudo (1967), Campos (1990), Carneiro (1971), Bluteau (1712), Silva (1813), Alencar (1878), Rohan (1879), Soares (1880), Edelweiss (1955), Kubik (1979)³⁸, etc.

A investigação prossegue dividindo o desenvolvimento histórico da Capoeira em quatro etapas, sendo a primeira “Época do reinado”, dividida em pré-abolicionista e pós-abolicionista; a segunda, “Época da República”; a terceira, “Época pós-revolução nacionalista” e a Quarta, “Atualidade”. Esta divisão é realizada pois o autor justifica que “[...] a partir de uma mudança na estrutura social” é produzida “uma mudança interna na Capoeira, mudança esta de relacionamento entre a sociedade e capoeirista” (LIMA, 1990, p. 11).

No entanto, apesar desta afirmação parecer contemplar uma visão dialética da relação capoeirista – sociedade, nos deparamos com uma análise linear da história. O autor parte das manifestações de violência na Capoeira para realizar a inter-relação entre o sistema social e o capoeirista. Vejamos o que ele diz: “[...] Na época pré-abolicionista a violência predominante era do sistema social contra o capoeirista; a agressão era de uma raça branca contra uma raça negra e o acontecimento mais importante para a Capoeira foi a formação dos quilombos” (LIMA, 1990, p. 12).

É bastante crítica esta informação, uma vez que já vimos anteriormente que a dinâmica social da época não era homogênea, mas se dava em diferentes níveis, ocorrendo a interpenetração cultural entre as diferentes raças e classes sociais. Como exemplo, podemos colocar a seguinte citação de Soares: “A capoeira não era usada somente contra os policiais, soldados ou senhores violentos. Ela servia para acertar as diferenças e marcar hierarquias dentro da própria massa escrava [...]” (SOARES, C.E.L., 1994, p.27). Além disso, em nossa opinião, classificar toda manifestação da Capoeira em um só período pré-abolicionista acarreta na redução de uma série de dados apresentados pelos historiadores, que apontam a diversidade de sua prática encontrada nos diferentes momentos históricos estudados, nos diversos locais de sua ocorrência e nas suas divergentes manifestações, seja como folguedo, disputas por espaços políticos das maltas, lutas entre indivíduos, etc.

Não queremos parecer levianos nos pautando em estudos realizados após 1990, como é o caso da obra de Carlos E. L. Soares (1994), mas já estavam disponíveis no

³⁸ Para conhecer melhor sua pesquisa etimológica, vale a pena ver LIMA, Luiz Augusto Normanha. **A Capoeira: um discurso em extinção**. 1990. Pesquisa realizada com mestres de Capoeira em Salvador, BA,

período em que a pesquisa em questão foi realizada trabalhos das Ciências Humanas apontando novas abordagens³⁹ sobre os negros no Brasil, principalmente devido ao centenário da Abolição da Escravidão.

Lima (1990, p. 13) ainda nos diz que

[...] Com a libertação dos escravos há uma desorganização social, criada por escravos libertos e desempregados, marginalizados que precisavam defender-se das agressões dos brancos. Dessa forma a capoeira torna-se uma atividade de marginais.

Entretanto, tal marginalidade e postura de violência do capoeirista, na sociedade da época, deve ser entendida como uma ‘luta de classes’, uma questão cultural de opressores e oprimidos.

Percebemos que o autor mantém o entendimento maniqueísta da dinâmica social, insinuando que a “luta de classes” se dava no âmbito racial, no qual os negros recém-libertos da escravidão e desempregados lutavam contra os brancos. Podemos nos indagar, baseados numa abordagem simplista: como ficavam, dentro desta “luta de classes”, os imigrantes europeus (brancos) que vinham trabalhar no Brasil?

Ele mantém essa linha de raciocínio quando trata do período histórico “pós-abolição” e “pós-revolução nacionalista”. Neste último caso, afirma que a descriminalização da Capoeira foi uma iniciativa unilateral do governo, que liberou essa manifestação cultural, e outras de origem africana, de acordo com seus interesses, passando a controlá-las. De certo, como já vimos, havia muitos interesses políticos em jogo na ocasião da liberalização da Capoeira, mas, por outro lado, não podemos desmerecer a luta da comunidade negra.

Quando o autor se refere a mestre Bimba, é para dizer que ele foi o primeiro mestre a conseguir um alvará para a abertura de uma academia de Capoeira, apontando também que foi ele quem criou um estilo de Capoeira novo, pautado em outras artes marciais, o qual recebeu o nome de Capoeira Regional. Quando trata de mestre Pastinha, representativo líder da *reinvenção da tradição* da Capoeira em Salvador, o autor lembra que este mestre conseguiu fazer com que a Capoeira Angola sobrevivesse após o duro golpe recebido com a criação da Capoeira Regional. Neste ponto, vemos que não houve a análise das correlações

São Paulo, pp. 2 - 10.

³⁹ Os estudos apontados por Carlos E. L. Soares (1994, p. 2) e que lhe serviram de base para o desenvolvimento de suas pesquisas foram os de: Karsch (1987); Algranti (1988) e Soares (1988). De acordo com suas observações com estes estudos, “[...] a história da escravidão no Rio de Janeiro passa por uma severa revisão”. E prossegue enumerando as novas temáticas analisadas por Reis (1989), Wissembach (1989) e Algranti (1988), que também se referem à história da escravidão negra no Brasil.

de forças existentes entre os dois estilos de Capoeira, além de o autor não considerar a manutenção da Capoeira Angola através de outros mestres que divergiam do trabalho de mestre Pastinha. Um fato interessante é que, na parte seguinte de sua pesquisa, ele realiza entrevistas com alunos dos antigos mestres angoleiros que divergiram de mestre Pastinha e Bimba, ou então seguiram um caminho alternativo àqueles apontados por eles.

Porém, para nós, a abordagem mais problemática dessa obra refere-se à afirmação de que após a década de 1930, os capoeiristas se tornaram violentos entre si, disputando o mercado de trabalho e de exibições. Ora, se o próprio autor se pauta na questão da violência para traçar o comportamento do capoeirista diante da sociedade na qual se insere, é óbvio que essa violência abarcaria, também, as relações entre os capoeiristas desde o início das manifestações dessa prática social.

E, para finalizar, ele diz: “Deste período (década de 1930) até a atualidade, a capoeira não passa por mais nenhuma transformação [...]” (LIMA, 1990, p. 14)

Essa afirmação se mostra sem fundamento tendo em vista que já mostramos nos capítulos anteriores muitas das transformações ocorridas com a Capoeira.

Realmente apreendemos uma fragilidade teórica nas observações dessa parte inicial do trabalho de Luiz Augusto Normanha Lima, talvez porque a sua proposta seja de uma análise dos discursos dos mestres de Capoeira da Bahia, respaldado por uma metodologia baseada na fenomenologia. No entanto, ele não dá conta de realizar um resgate do histórico da Capoeira baseado numa bibliografia que demonstre a ambigüidade desta manifestação cultural, como ele próprio aponta no início de sua pesquisa. Suas observações deixam a desejar, pois ao mesmo tempo em que mostra o desenvolvimento contraditório da Capoeira, reduz sua expressão em manifestações segmentadas, sem ligação uma com a outra, ou seja, em um momento ela é uma luta de libertação dos negros, em outro é uma prática marginal, em outro um divertimento, tudo isso dividido em espaços temporais delimitados. Ora, mesmo os estudos mais antigos sobre esta prática, como os dos cronistas apontados por Marinho (1945) e Pires (1996), já demonstravam a interpenetração desses elementos por ocasião da manifestação da Capoeira desde tempos remotos.

Somente apreendemos um ponto que demonstrou a superação dessa visão e que nos pareceu um possível caminho a ser trilhado, coadunando-se com as suas observações tecidas sobre a ambigüidade expressa na Capoeira: a de considerá-la como um veículo de

educação na escola formal e dentro dessa perspectiva encará-la como uma “brincadeira, divertimento, descontração, união, lembranças de um tempo ruim, mas ao mesmo tempo em objeto de luta reivindicatória [...]” (LIMA, 1990, p. 13)

Ainda na linha desse entendimento, ele recomenda o diálogo e trabalho conjunto entre os mestres de Capoeira e os professores de Educação Física para estabelecer canais de trocas de experiências e conhecimentos.

Como pudemos perceber, na análise dessa pesquisa, as contradições são latentes no trato referente ao histórico da Capoeira. No entanto, acenam para mudanças de referenciais na abordagem da Capoeira na área de Educação Física, considerando-a muito mais do que uma modalidade esportiva.

Ainda no ano de 1990, é produzida uma monografia para obtenção do título de especialista em Educação Física Escolar, por uma aluna da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Nela, sua autora, Maria Angélica Rocha, propunha a inclusão da Capoeira na Educação Física Escolar. Este foi o primeiro estudo que encontramos que sugere “[...] A Capoeira nas aulas de Educação Física escolar devido às suas contribuições enquanto atividade física, cultura e educação integral do indivíduo e tantos outros benefícios à percepção do homem para uma vida mais de acordo com sua realidade, necessidades e interesses [...]” (ROCHA, 1990, p.34)

Esta forma de entender a Capoeira define uma mudança de referencial para o ensino desta prática na Educação Física, mas percebemos que ainda não foi assimilado pela maioria dos profissionais da área que trabalham com esta manifestação cultural. Ela nos diz que,

[...] Também os mestres e professores de Educação Física podem atuar conjuntamente para que a Capoeira, que os instrutores ensinam com todo o seu conhecimento sistematizado e rico em seu conteúdo cultural, seja complementada com o conhecimento sistematizado do professor de Educação Física enfocando o lado educativo, cultural, pedagógico, fisiológico, orientando uma prática voltada para o ser humano integral. O professor de Educação Física deve buscar a essência da cultura junto aos mestres enriquecendo suas aulas. (ROCHA, 1990, pp.34-35)

Nota-se a busca de um novo paradigma para a relação mestre de Capoeira e professor de Educação Física, ponto nevrálgico existente entre a inter-relação Capoeira – Educação Física, como já vimos por ocasião da discussão da regulamentação da profissão de Educação Física.

As considerações históricas realizadas pela autora não são muito extensas. Ela remete a origem da Capoeira aos escravos africanos no Brasil e se vale das obras de Rego (1968), Areias (1984) e Silva (1989) para realizar a discussão acerca do termo “Capoeira”. Os mitos referentes à queima dos documentos por Rui Barbosa se fazem presentes, juntamente com o surgimento da Capoeira nos quilombos. Na continuidade do trajeto histórico realizado, a autora diz que “[...] No século XIX, a Capoeira se proliferou, principalmente após a Proclamação da República. Durante o reinado de D. Pedro II, expandiu sua prática, atingindo desde a plebe até pessoas importantes”. E depois continua dizendo: “Mas essa ‘algazarra’, como muitos chamavam, teve sua nova fase de perseguição após a Proclamação da República. O decreto feito visava prisão celular aos ‘vadios e capoeiras’ que não tivessem tipo de ocupação ou ofício [...]” (ROCHA, 1990, p. 7)

Notamos nesta parte uma contradição latente. Se ela afirma que a Capoeira se proliferou principalmente após a Proclamação da República, como logo em seguida ela fala de sua proibição neste mesmo período? Será que ela não quis dizer Proclamação da Independência na primeira afirmação, já que continua a frase falando do reinado de D. Pedro II?

Enfim, percebemos que esse tipo de abordagem por vezes, “displicente” sobre a história da Capoeira, acaba por estar presente em muitos trabalhos sobre o tema. Infelizmente, são poucos os estudiosos que procuraram dar importância ao seu passado, tão significativo para a construção desta manifestação e repleto de elementos que compõem a formação de nossa identidade cultural.

Mas a produção de trabalhos sobre Capoeira, na área da Educação Física, estava em pleno desenvolvimento. O ano de 1990 foi especificamente muito fértil e talvez tenha sido o momento de “descoberta” da Capoeira por seus profissionais. Tanto isso é verdadeiro que é publicado neste ano o livro *Educação, educação física, capoeira*, de Luiz Silva Santos. O autor, que é professor da Universidade Estadual de Maringá/PR, objetiva com seu trabalho demonstrar o valor e importância da Capoeira na educação formal. Para isso, ele discute, em quatro capítulos, as relações que podem ser estabelecidas entre a Capoeira, a Educação e a Educação Física. E inicia tratando da história da Capoeira, dividindo-a em quatro fases: sua origem, sua perseguição e sobrevivência, interesses políticos e sua valorização e, por fim, a capoeira nos estabelecimentos de ensino.

Quando trata da origem dessa manifestação cultural, se pauta nas observações tecidas por Rego (1968), que discorre sobre o mito da queima dos documentos da escravidão por Rui Barbosa e a ligação da Capoeira com os negros de Angola, que foram trazidos escravos para o Brasil. Ademais, se refere ao significado etimológico do termo e introduz no debate as diferentes hipóteses para sua criação, pautado em D'Aquino (1983), Areias (1984), Marinho (1945, 1956, 1980, 1981), Cardoso (1983), Rego (1968), entre outros⁴⁰.

Ele expõe sua opinião a respeito dessa problemática definindo o seguinte:

[...] para alguns autores, estudiosos do assunto, a capoeira foi uma invenção do negro africano na **África** onde existia como forma de dança ritualística. Mais tarde com o processo do colonialismo brasileiro e com a chegada dos negros escravos originários da África, aqui a capoeira apareceu em forma de defesa pessoal, contra seus opressores de engenhos.

Para outros pesquisadores como sociólogos, antropólogos, estudiosos da cultura afro-brasileira, africana e historiadores a capoeira surgiu no Brasil por um processo de aculturação em prol da liberdade humana da raça negra escravizada pelos dominantes da época do Brasil Colonial. Existe ainda outra vertente que acredita que a capoeira tem origem indígena, nascida no lazer dos guaranis. (SANTOS, L.S., 1990, p. 19)

Na segunda fase, quando fala da perseguição da Capoeira pelo aparato repressor do Estado, esclarece que, primeiramente, ela passou a ser perseguida para manter a ordem escravocrata inalterada e, posteriormente, porque extrapolou os níveis das classes sociais e passou a abalar a República, recém-implantada, no ano de 1889. Diante disso, ele atribui a esse período (República Velha) o preconceito com relação à Capoeira na sociedade até os dias de hoje.

Ele aborda também as participações dos capoeiras na vida política do país, valendo-se da capangagem, entendida como um meio de sobrevivência, e, em um outro momento do texto, trata da valorização da Capoeira, dizendo que ela passou a ser enxergada como uma contribuição ao país com as propostas para sua metodologização advindas dos autores do início do século XX, como O.D.C. (1907) e Annibal Burlamaqui (1928). Porém, no decorrer de sua análise, imputa ao movimento liderado por mestre Bimba o marco da

⁴⁰ Para se conhecer a discussão detalhada sobre esse tema, sugerimos a consulta de SANTOS, Luiz Silva. **Educação, educação física, capoeira**. Maringá: Fundação Universidade Estadual de Maringá, 1990, pp. 18 – 19.

aceitação social e conseqüente valorização da Capoeira, atingindo o ponto culminante com sua regulamentação como modalidade esportiva, em 1972.

Apesar de o histórico da Capoeira traçado pelo autor apresentar informações relevantes até esse momento da abordagem, notamos que ele lida com esses dados de maneira linear, sem nos passar a idéia de processos históricos. Mas a última fase tratada por ele, que fala sobre a *Capoeira nos estabelecimentos de ensino*, nos pareceu ter sido organizada com mais entusiasmo, talvez por englobar um momento histórico recente no qual ele pode ter contribuído de alguma forma para sua construção.

Nessa discussão, ele aponta a inserção da Capoeira no âmbito educacional, falando de seu reconhecimento como disciplina curricular em várias faculdades de Educação Física, na rede de ensino do antigo 1º e 2º graus e do Projeto Nacional de Capoeira, que seria implantado pelo Ministério de Educação e Cultura⁴¹. Apresentado esse panorama, ele demonstra o salto qualitativo dado por essa manifestação, que de prática proibida pelo Código Penal de 1890 passa a ser uma atividade cultural inserida no contexto educacional, trazendo inúmeros benefícios aos seus praticantes.

Depois de contextualizar a Capoeira, o autor inicia o debate sobre a Educação no Brasil e relaciona essa manifestação cultural ao sistema educacional, considerando que o ato de educar transcende o aspecto do intelecto, mas é um “[...] agente de transformação no desenvolvimento psico-físico-social e espiritual” (SANTOS, L.S., 1990, p. 27), oferecendo ao indivíduo a chance de se expressar de forma livre e criativa. Dessa maneira, ele considera a Capoeira uma boa opção a ser integrada ao sistema de ensino, pois proporciona a participação dos alunos em uma atividade que integra os aspectos históricos, políticos e culturais. Para ele:

A capoeira é uma modalidade desportiva que coloca a criança em situações lúdicas, onde seus movimentos representam muitas vezes situações de experiências já vividas pela criança, como

⁴¹ O Programa Nacional de Capoeira foi criado pela SEED/MEC, através da Portaria nº 40, de 19 de outubro de 1987. Dentre suas ações, houve a publicação de vários livros que versavam sobre a Capoeira, ele já foi extinto há alguns anos e sentimos a falta, como estudiosos, de uma obra ou livro que discutisse como se deu sua implementação, realização e encerramento de suas ações. De acordo com as colocações de Luiz S. Santos (1990, p. 19):

Este programa preconizava uma duração de dois anos e objetiva(va) através de um programa dinâmico, aberto, flexível e participativo resgatar a história da capoeira, divulgá-la, consolidá-la e despertar a consciência crítica da sociedade de modo geral como dirigentes, docentes e classes estudantis, para os seus valores enquanto instrumento de formação, integração e autêntica expressão da cultura brasileira.

também, situações novas, graças ao poder criativo estimulado pelo próprio conjunto de seus movimentos corporais e musicais [...] (SANTOS, L.S., 1990, p. 28)

Apesar de classificar a Capoeira, na citação acima, como uma modalidade desportiva, ele não se restringe somente a esse viés, quando discute sua presença na escola, pois compreende também que a Capoeira pode ser trabalhada de maneira ampla. Entretanto, ainda mantém uma certa divisão, talvez até para facilitar a abordagem, dividindo sua utilização no ambiente escolar como:

- um conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de educação física,
- lazer e recreação,
- jogo e
- folclore.

Quando ele se refere à Capoeira como conteúdo programático das aulas de educação física, se vale de uma perspectiva mais progressista em sua abordagem. É importante lembrarmos que a Educação Física passou, a partir da década de 1980, a produzir estudos que questionavam o paradigma da aptidão física como objetivo central de suas aulas. Favorecido pelas novas concepções, pautadas em uma educação física mais humanista, e influenciado pela linha psicomotora, em alta nessa época, o autor defende a necessidade de ir em busca de uma prática pedagógica que contemple o aluno de forma integral⁴², como também propicie um ambiente crítico e criativo nas aulas. Dessa maneira, ele desenvolve uma concepção de ensino para Capoeira, a ser aplicado aos alunos de educação física infantil, do antigo 1º grau, baseado na educação física através do movimento.

A educação física através do movimento, também conhecida como o estudo da motricidade humana, se pauta, em linhas gerais, na educação psicomotora, que estuda o indivíduo através de seu desenvolvimento motor, nas diferentes faixas etárias. Não detalharemos esta abordagem, pois deixaremos para uma próxima oportunidade o estudo da Capoeira frente às diferentes teorias da Educação Física, somente desejamos apontar que a perspectiva trabalhada por Luiz Silva Santos parte dessa concepção e muitas vezes acaba por confundir-se com outras. Isso porque, após apresentar os fundamentos que norteiam as

⁴² Quando nos referimos à concepção desse autor para *educação integral* do indivíduo, nos pautamos em suas observações que se diferenciam em grande medida de nossa concepção. Isso porque, apesar do autor conceber a educação integral como aquela que contempla o físico-psico, espiritual e social, ele ainda se pauta em uma visão dicotomizada de Homem para trabalhar os conteúdos de suas aulas, prevalecendo o entendimento bio-

bases de seu trabalho, pautado no desenvolvimento psicomotor, ele irá adentrar nos conceitos de lazer e recreação na escola e de folclore no contexto escolar. Essa confusão de ordem epistemológica, nos estudos da Educação Física, ainda hoje se encontra muito presente, talvez por conta da interdisciplinariedade da área e, também, por ela ter se constituído recentemente como um campo de conhecimento científico.

Confusões teóricas à parte, o estudo de Luiz Silva Santos pode ser considerado muito relevante, pois inaugura uma nova perspectiva para a Capoeira na escola. Apesar de a monografia de Maria Angélica Rocha (1990) anunciar uma possibilidade de inserção da Capoeira nas aulas de educação física, é esse autor que apresenta um trabalho sistematizado sobre o tema, nos mostrando um caminho que pode ser seguido.

Com base em um estudo científico na área de psicomotricidade sobre a Capoeira na escola e na exemplificação de um programa de educação física infantil baseado no jogo da Capoeira, ele propõe a inserção desta manifestação cultural nos currículos das escolas, devido ao fato de ela colaborar de maneira significativa no desenvolvimento motor da criança.

Podemos considerar que paulatinamente são acrescentadas novas visões para a Capoeira, advindas da Educação Física, à medida que vão ocorrendo outros tipos de abordagem para o tema. Sendo assim, temos no ano de 1992 a produção de uma outra monografia de especialização que buscava apreender os processos de transformações sofridos por esta manifestação cultural. Este trabalho também foi realizado na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, tal como o de Maria Angélica Rocha (1990). Foi gerado na área de Estudos do Lazer e buscou tratar como se deu o processo de esportivização desta prática.

Em *Bota a mandinga ê... a esportivização da Capoeira em questão*⁴³, sua autora procurou demonstrar a perda da ludicidade do jogo da Capoeira em meio a um ambiente de competição inerente à proposta de *Capoeira Esporte de Rendimento*. Porém, apesar de apresentar uma série de materiais interessantes para a realização da abordagem (livros, textos mimeografados, letras de cantigas de Capoeira, periódicos especializados, etc.), sua

fisiológico do indivíduo, já que ele se vale da perspectiva psicomotora para comprovar a eficiência do que é aplicado aos alunos.

análise dos dados e da realidade empírica não foi feita com rigor e profundidade. Por isso o capítulo III, que nos traria um panorama do processo de regulamentação esportiva da Capoeira naquele período, acaba deixando a desejar, pois não traz novidades além das apontadas no senso comum, que são a organização das entidades esportivas da Capoeira, sua uniformização e a implementação dos campeonatos.

Com relação à gênese da Capoeira, seu enfoque é mais elaborado do que o de Rocha (1990). Apesar de concordar com a origem da Capoeira nos quilombos e com a queima de documentos por Rui Barbosa, ela busca na fonte de alguns escritos das Ciências Sociais dados sobre a prática da capoeiragem no século XIX. Tratando um pouco das características que definiam os capoeiras e as maltas, ela dá uma idéia das contradições existentes nas práticas realizadas por estes atores sociais.

É interessante que nos são colocadas as condições históricas referentes ao processo de transição do sistema monárquico ao republicano. Diz a autora:

[...] A República, novo regime de governo, abre as “portas” para a nova ordem mundial, o modo de produção capitalista, através da criação das primeiras fábricas no Brasil.

É a nova ordem capitalista, que vai impor um novo ethos, vai criar aqui na ex-colônia um ideário para formar um novo homem necessário a ordem fabril. Daí onde disciplina, ordem, asseio, respeito às normas e padronização de comportamentos, tidos como corretos, vão ser exigidos. (CORDEIRO, 1992, p.11)

E continua suas observações de maneira coerente, dizendo que

[...] Os capoeiras, ameaça visível a esses novos valores impostos pela nova ordem social, vão ser perseguidos de várias formas. Perseguições essas que estavam apoiadas em um discurso moralizante e higienizador promovido pelos intelectuais da época e que se traduziram em medidas punitivas por parte do poder judicial. (CORDEIRO, 1992, p.11)

Essas afirmações vêm para romper com a idéia propalada nos escritos analisados, até este momento, da Educação Física e também de alguns do meio capoeirístico. A autora abala o paradigma de que a classe popular, ou melhor, de que os escravos recém-libertos “caem” na marginalidade após a implantação do Regime Republicano. Como vimos no capítulo anterior, a classe popular brasileira foi obrigada a se adequar ao modelo

⁴³ Trabalho de CORDEIRO, Izabel Cristina de Araújo. **Bota mandinga ê...** a esportivização da capoeira em questão. 1992. (Monografia de Especialização) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

implantado naquele período e aqueles que de alguma maneira não se enquadrassem, eram empurrados para a marginalidade, pois não lhes restava outra saída.

Aos poucos, vamos notando que o material bibliográfico da área vai ganhando uma roupagem nova no que se refere ao entendimento da manifestação cultural Capoeira, transcendendo as primeiras conceituações sobre o tema que a restringiam à mera modalidade esportiva.

Entretanto, na “onda” de produção de trabalhos sobre este tema, temos uma outra publicação do Prof^o Gladson de Oliveira Silva, intitulada *Capoeira: do engenho à universidade*, de 1993 (1ª edição). Nesta obra, ele buscou ampliar a abordagem dada à Capoeira por ocasião de seu escrito anterior, incluindo textos de diversos colaboradores, aumentando, assim, os tópicos referentes ao tema, mas percebemos que os assuntos são tratados de forma isolada e muitas vezes genericamente. Por exemplo, nos capítulos “Nutrição aplicada à atividade motora”, “Fisiologia do exercício” e “Traumatismos nas competições de capoeira e primeiro socorros” (SILVA, 1995, pp. 110, 113 e 194), verificamos que a abordagem é realizada com base nas atividades esportivas em geral.

Ademais, o autor repete vários trechos do caderno *Clínica de esportes: capoeira*, de 1989, demonstrando a não-superação de seu entendimento sobre a Capoeira, ou seja, considerando-a ainda como uma modalidade esportiva. Ele reforça este conceito se valendo do mesmo histórico desta manifestação cultural utilizado em 1989 e de vários outros conceitos, como aqueles que tratam do trabalho desenvolvido por ele na Universidade de São Paulo, já analisados anteriormente. Além disso, insere no livro capítulos escritos por diversos autores da área de Educação Física que buscam aproximar a Capoeira às atividades esportivas como: “Capoeira e musculação”, “Capoeira e ginástica artística”, “Capoeira e postura: riscos e cuidados” e “Treinamento em circuito”. Por todos esses aspectos, percebemos que o Prof^o Gladson O. Silva não havia até aquele momento se dado conta das mudanças de concepções para a Capoeira na área de Educação Física. Apesar disso, nessa mesma obra, encontramos uma abordagem do já conhecido Luiz Augusto Normanha Lima, que, juntamente com Eduardo Tadeu Costa, busca propor atividades mais prazerosas na prática da Capoeira, fugindo da perspectiva competitivista. O tópico denominado “Os jogos recreativos nas aulas de Capoeira” (SILVA, G.O., 1995, p. 43) traz contribuições muito interessantes e relevantes. Nele, os autores propõem o

desenvolvimento de jogos recreativos para a aprendizagem da Capoeira, enfatizando a ludicidade e os aspectos relativos à história desta manifestação cultural, buscando resgatar a articulação da práxis com a reflexão. Consideramos que estas propostas de jogos recreativos, juntamente com os cânticos de Capoeira produzidos pelos alunos do Profº Gladson O. Silva, são os pontos mais significativos desta obra, pois acenam para a possibilidade criadora a ser trabalhada nas aulas de Capoeira, visando a desenvolver uma abordagem emancipatória para esta manifestação cultural. Fora isso, o que vemos é a repetição de conceitos já enunciados anteriormente e a ênfase na apropriação da Capoeira como modalidade esportiva pela Educação Física.

Em 1996, temos o livro *A escolarização da capoeira*, de autoria de José Luiz Cirqueira Falcão – mestre Falcão. Nesta obra, observamos o interesse de uma nova geração de mestres de Capoeira em buscar a união de sua vivência empírica à produção de conhecimento científico.

O autor retrata sua experiência no Programa de Capoeira da Fundação Educacional do Distrito Federal junto às escolas. Para isso, realiza uma discussão sobre a institucionalização da Capoeira no ambiente escolar e sua inter-relação com a Educação Física.

É importante ressaltar que seu entendimento sobre a Capoeira é como uma manifestação plural, não restrita somente ao Esporte de competição, mas sim uma manifestação da cultura e da ludicidade. Por este motivo, quando fala da sua história, o primeiro ponto a ser levantado é o aspecto lúdico na sua expressão. Diz ele que “[...] é importante reafirmar que a capoeira no princípio incorporou o primado do divertimento, do lúdico, da ‘vadiação’ – não no sentido de ação vagabunda, contravenção – mas no sentido de brincadeira, divertimento. A capoeira sempre teve ambiente festeiro” (FALCÃO, 1996, p. 25)

Dessa forma, ele atribui aos negros escravos angolanos o surgimento desta manifestação, de acordo com as colocações de Manoel Querino e Braz do Amaral. E parte desse pressuposto para diferenciar a gênese da Capoeira das demais modalidades esportivas, ponto este que reforça seu caráter ambíguo e que suscita polêmicas em torno de sua incorporação às aulas de Educação Física.

Prosseguindo suas observações, ele trata do significado do termo “capoeira”, e se refere àquele ligado à língua tupi-guarani (“caápuêra = mato, floresta virgem que deixou de existir”) para concluir que

[...] controvérsias à parte, mesmo que ela não tenha sido uma invenção do negro no Brasil – e este estudo não tem o objetivo de investigar a sua origem – ela se transformou no mais importante símbolo de resistência do negro contra a dominação, se confundindo, inclusive, com seu processo de emancipação no Brasil, mormente durante e após o regime escravocrata. (FALCÃO, 1996, p. 27)

Em seguida, Falcão (1996, p. 28), utilizando-se de trabalhos da área de História, Holloway (1989) e Bretas (1991), passa a traçar, em linhas gerais, o panorama dos capoeiras do século de XIX, realizando uma abordagem sucinta, porém válida, pois traz informações coerentes com os estudos recentes dos historiadores citados.

Quando se refere à proibição da capoeiragem, com o advento da Primeira República, interpreta sua inclusão como contravenção penal, pautado no entendimento de que esta manifestação deixa de ser vista como “brincadeira, divertimento, ludicidade para ser vista como uma ação depreciativa de vagabundagem, malandragem, uma coisa de desocupado, criminoso” (FALCÃO, 1996, p. 30). Gostaríamos de colocar que ela poderia ser encarada pelos seus praticantes do século XIX também como brincadeira, divertimento, etc., mas seu caráter combativo, de luta, também estava fortemente presente, basta atentarmos para as ações desencadeadas pelas maltas e seus componentes.

Na realidade, a discussão sobre a história da Capoeira serve de fundo para demonstrar o processo de transformação no qual essa manifestação cultural passou até o momento em que conseguiu se inserir nas instituições educacionais.

Dessa maneira, o autor trata da reelaboração de sua prática na década de 1930 e realiza uma observação muito pertinente acerca de suas mudanças. Vejamos o que ele diz:

Observa-se que as transformações que aconteceram e continuam acontecendo com a capoeira, e também com outras modalidades esportivas, estão relacionadas com o contexto histórico em que se situam a cada momento. Assim, as ‘descaracterizações’ da capoeira original, efetivadas por alguns e reclamadas por outros, não podem ser analisadas somente à luz de configurações técnicas e estéticas, mas, principalmente, a partir de seus condicionantes histórico-sociais (FALCÃO, 1996, p. 37).

Diante dessas observações, ele situa o contexto no qual a Capoeira encontrava-se inserida em meados de 1990 e discute de que forma ela foi apropriada pelas instituições, desde como a Confederação Brasileira de Pugilismo em seu interior até a criação pelo Ministério da Educação e Cultura, através do SEED, do Programa Nacional de Capoeira,

em fins da década de 80 e início da de 90. É bom lembrar que essa discussão é apresentada superficialmente, com o intuito de demonstrar a penetração da Capoeira nas instâncias legais da sociedade brasileira.

O próximo passo dado pelo autor foi o de tratar das concepções de educação física no Brasil, ou de como ela foi pensada no decorrer do século XX. Feita essa reflexão, ele partiu para um levantamento bibliográfico sobre os estudos sobre a Capoeira elaborados no âmbito acadêmico para, posteriormente, enumerar os pontos e contrapontos da Capoeira no interior da prática pedagógica da educação física.

Nesta abordagem, ele menciona rapidamente as inter-relações estabelecidas entre a Capoeira e a educação física no decorrer do percurso histórico de ambas, e conclui que nesse processo existem aspectos que se aproximam e outros que se diferenciam. Dessa forma, ele diz que:

A capoeira não pode ser vista apenas como um conteúdo eminentemente técnico, como geralmente são tratadas as demais modalidades desportivas já consagradas no âmbito da Educação Física, nem tampouco como uma manifestação folclórica vista a partir de uma visão ahistórica, que a trata como produto pronto e acabado. A capoeira não pode ser entendida somente como produto, ela é também processo, ou seja, há que se perceber o modo como ela é socialmente elaborada (FALCÃO, 1996, p. 69).

Notamos uma nova forma de se pensar a Capoeira, partindo da área de Educação Física. O mestre Falcão nos mostra uma perspectiva que se aproxima de algumas reflexões iniciadas por mestres/autores como Nestor Capoeira e Almir das Areias. No entanto, ele amadurece essa reflexão e sistematiza sua experiência empírica com base em seu trabalho nos Centros de Aprendizagem de Capoeira (CAC), no Distrito Federal.

Atualmente, o mestre Falcão é docente da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina/SC e ensina futuros professores de educação física a trabalharem com a Capoeira segundo essa nova concepção. Além disso, dá continuidade aos estudos sobre esse tema, contribuindo de forma representativa no debate da Capoeira no interior de nossa área.

Um outro trabalho, que é simples, mas muito original e importante para uma reflexão acerca do ensino-aprendizagem da Capoeira, nas aulas de educação física, é *Brincando de capoeira: recreação e lazer na escola*. Nele, são apontadas algumas formas de trabalhar com a Capoeira, de maneira lúdica e interdisciplinar, no âmbito escolar. Seu

autor, André Luiz Teixeira Reis, é professor na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB) e era, na época em que o seu livro foi publicado (1996), sub-coordenador do “Curso de Pós-Graduação Especialização em capoeira na Escola”, também na UnB. Como vemos, o espaço para a Capoeira na Educação Física se amplia cada vez mais.

Nessa obra, o autor se exime da discussão sobre as origens da Capoeira ou de outros fatos relevantes para a história dessa manifestação cultural. Ele somente aponta os seus aspectos mais importantes e sugere atividades de cunho recreativo ou lúdico para tratá-las em conjunto com o repertório de movimentos do jogo da Capoeira. Podemos exemplificar dizendo que, nas primeiras páginas do livro, encontramos a história da Capoeira ilustrada em forma de quadrinhos⁴⁴ e, em todo final de capítulo, encontramos a Seção *Você sabia?* para abordar os fatos históricos que permeiam a Capoeira e a História do Brasil.

A obra é dividida em nove capítulos, que se ensinam da ginga aos instrumentos musicais, os elementos iniciais e primordiais que fazem parte do universo capoeirístico. O autor fez questão de elaborar um trabalho com linguagem acessível e com uma boa estrutura pedagógica para ensinar as defesas e golpes da Capoeira. Ainda assim, ele coloca aos leitores que:

Nossa proposta tem a capoeira como um meio de educação física e não como um fim. Portanto, não exageremos em detalhamentos técnicos. A capoeira como meio de educação física deve privilegiar a experiência, vivência e iniciação, porém devemos encará-la com seriedade. Não deixará de acontecer o aprendizado da capoeira, todavia será de forma complementar (REIS, A.T., 1997, p. 32).

Dessa maneira, sua metodologia de ensino é detalhada, mas sem exageros. Ele aposta na seguinte ordem de apreensão do ensino: percepção do movimento, intuição e execução e, posteriormente, as devidas correções na execução dos movimentos. Além dos golpes, defesas e floreios (acrobacias), ele discute algumas maneiras de se realizar o alongamento e aquecimento para as aulas, trata da dinâmica da roda e também da construção dos instrumentos musicais que fazem parte da charanga. Ele não se aprofunda na abordagem sobre as diferenças entre a Capoeira Regional ou Angola, mas consegue mostrar uma boa alternativa para se iniciar um trabalho de Capoeira na escola.

⁴⁴ Ver REIS, André Luiz Teixeira. **Brincando de capoeira: recreação e lazer na escola**. Brasília: Valcy, 1997, pp. 13-15.

O último capítulo “Para não concluir: trilhando os caminhos da capoeira” é, em especial, muito interessante. Nele, o autor fala das inúmeras possibilidades de se tratar a Capoeira no interior de um projeto pedagógico escolar. No caso específico da educação física, ele menciona que, para esta se apresentar como uma atividade com fins pedagógicos, não devemos nos preocupar somente com a facilitação da execução dos movimentos corporais, mas sim aliar a isso os aspectos históricos, filosóficos, políticos, etc., que “estão nos bastidores de sua execução” (REIS, A.T., 1997, p. 94).

E, para finalizar, ele nos pede desculpas pelos equívocos que porventura encontremos na obra e conclama a “todos para assumir nossa tendência histórica de viver, ser e existir... Sejamos capoeiristas, meus camaradas... sejamos capoeiristas!” (REIS, A.T., 1997, p. 96).

Podemos dizer que o Prof^o André Luiz Teixeira Reis se mostrou muito competente na elaboração de seu trabalho e, de maneira sensível, aponta uma nova possibilidade que se afirma cada vez mais como um contraponto à Capoeira mecanizada e violenta que vemos em vários locais do Brasil, inclusive no interior de algumas Faculdades de Educação Física.

O último livro a ser analisado neste tópico é *Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*, de Heloísa Turini Bruhns. Por ter sido publicado recentemente – no ano 2000 -, ele apresenta uma série de elementos que talvez revelem novas abordagens na área para a realização de estudos sobre a Capoeira.

A autora busca analisar as duas manifestações culturais mais populares no Brasil, o carnaval e o futebol, incluindo a Capoeira na investigação por ela ser uma prática extremamente ligada à nossa identidade cultural.

Seu estudo procurou dar conta de perceber as transformações, ao longo da história, dessas três manifestações e como incorporaram novos significados através da dinâmica cultural efetuada na vivência de seus atores sociais, advindos de diferentes camadas e grupos que compõem a sociedade brasileira. Para realizar esta tarefa, ela se valeu de uma análise interpretativa bibliográfica para o estudo dos fenômenos futebol e carnaval. No caso da Capoeira, realizou uma pesquisa exploratória, realizando entrevistas com os participantes desta prática⁴⁵. Posteriormente, efetuou o cruzamento dos dados obtidos na

⁴⁵ Para se conhecer melhor a metodologia utilizada pela autora, consultar BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papyrus, 2000, pp. 11 - 13.

investigação e apontou as “relações pertinentes que se revela(ra)m através da música, da religiosidade e do estigma da malandragem; (que foram) as três marcas identificadoras que nos envolvem como brasileiros [...]” (BRUHNS, 2000, p. 13)

Apesar de ser em uma proposta “ambiciosa”, pois trata de fenômenos complexos do ponto de vista da dinâmica social, a autora apresentou resultados extremamente importantes para o conhecimento dessas manifestações, partindo do olhar de uma estudiosa da área de Educação Física/Estudos do Lazer. Alguns de seus apontamentos discutem temas relevantes que envolvem a Capoeira e sua relação com a Educação Física, como a participação feminina em sua prática, a ludicidade expressa na sua fruição, o estigma da malandragem, entre outros.

Logo quando inicia os estudos referentes à Capoeira, a autora nos mostra a importância da história desta manifestação para os seus praticantes. Vejamos que interessantes suas observações:

Na capoeira, o espaço da história e para histórias sempre surge, quer na própria ‘roda’ em que o jogo ocorre, quer nas rodas dos bares, ou simplesmente naquelas informalmente compostas nas ruas, nas praças ou outro espaço público onde se manifestam demonstrações e espetáculos. Contar a história da capoeira está no “sangue” do bom capoeirista, o qual parece sempre pronto para iniciar uma conversa remetendo a episódios passados. (BRUHNS, 2000, p. 23)

Este *contar histórias* revela uma das maneiras de (re)criação constante da manifestação cultural Capoeira. É desta maneira que se criam os personagens, mitos e a identidade entre seus praticantes, mas também se reforçam as hierarquias de poder e mantém-se a estrutura de dominação em seu universo. A *contação de histórias* no meio capoeirístico constitui uma atividade ambígua, pela qual se perpetuam suas tradições, recriando estruturas de poder por vezes caducas, ao mesmo tempo em que renova sua prática e cria condições para o emergir do **novo** em seu universo.

O percurso histórico da Capoeira abordado pela autora é dividido em três momentos e pautado nas colocações de Letícia V. S. Reis (apud BRUHNS, 2000). O primeiro, “sua criminalização”, é subdividido em “período de contravenção penal” (do começo do século XIX até 1890) e “período de criminalização” (até a década de 1930); o segundo é sua “legalização” e o terceiro é a sua “institucionalização como esporte oficial” (1970).

Podemos dizer que a autora realizou uma breve análise do que foi a Capoeira a partir do início do século XIX, no ambiente urbano da cidade do Rio de Janeiro. Valendo-

se dos estudos de Letícia V.S. Reis (1997) e Carlos E. L. Soares (1994), foi apresentado um panorama de como se davam as relações dos capoeiras no sistema social da época. Ela não expõe a polêmica da origem desta manifestação cultural, limitando-se em inseri-la em seu tempo histórico. Notamos que não há muitos dados a serem debatidos na exposição feita, uma vez que não se trata de um longo histórico e também porque a bibliografia apresentada é bem adequada à proposta, por estarem inclusas as obras mais recentes que tratam do tema.

Quando trata da legalização da Capoeira, ela se remete a Salvador e aos dois mestres baianos que redimensionaram sua prática. Recorrendo às observações tecidas por Letícia V. S. Reis (1997) e Luiz R. Vieira (1995), passa a debater os aspectos relacionados à participação dos negros e da camada popular no universo da Capoeira, com a sua liberalização e inserção em recintos fechados, como também aborda, muito rapidamente, a influência da política militarista do Estado Novo em sua configuração.

Já no tocante ao período que ela denomina como institucionalização, quando a Capoeira é reconhecida como modalidade esportiva, em 1972, ela aborda as mudanças ocorridas em seu interior. Nessa fase, ela aponta que o local central das ações, no âmbito da Capoeira, passa a ser a cidade de São Paulo, se pautando nas observações de Reis (1997).

Um ponto muito interessante apresentado é relacionado à imbricação dos aspectos da cultura popular com a erudita, perpassando no trato da Capoeira, principalmente no interior dos meios universitários. Ela observa esse fato quando apresenta as possibilidades de trabalho com a Capoeira na dança, em terapia alternativa como na antipsiquiatria, como modalidade esportiva, na produção de teses, cursos de extensão, simpósios, etc., sendo que, nesse aspecto, percebemos, mais uma vez, a ambigüidade dessa manifestação cultural. No que se refere à Educação Física, ela percebe o aumento dessa imbricação e o surgimento de uma problemática, pois ao mesmo tempo em que observa, em sua análise, a aprovação da inter-relação dessa área com a Capoeira, vê também as opiniões contrárias a esse fato, como já pudemos expor no decorrer das discussões deste trabalho. Vejamos um depoimento recolhido pela autora, que trata dessa questão:

A educação física tem grande participação na deturpação da capoeira: pegaram critérios do esporte, colocaram na capoeira e sistematizaram. Porém, teve um aspecto bom: introduziu a capoeira no 1º e 2º graus (na Bahia). O aspecto mau foi a 'esportivização' (E.L.S., 42 anos, mestre) (BRUHNS, 2000, p. 32).

Como podemos ver, há o reflexo desse entendimento dúbio entre a esportivização (que traz status) e a descaracterização da Capoeira (que deturpa as tradições). Essa situação agrava-se mais ainda quando nos remetemos à disputa do mercado de trabalho entre o mestre de Capoeira e o professor de educação física que ministra aulas dessa manifestação cultural. Esse conflito, que já se fazia presente a partir da década de 1970, torna-se mais acirrado, como já vimos, com a regulamentação da profissão de Educação Física.

Com essa abordagem, encerramos esse capítulo e vamos caminhando para as conclusões deste trabalho.

Vamos cantando pra subir, pra dizer nosso adeus...

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves de (mestre Itapoan). **Bimba, o perfil do Mestre**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.

AREIAS, Almir das. **O que é Capoeira?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRASIL. Conselho Federal de Educação Física. Resolução n. 46, de 18 de fevereiro de 2002. Estabelece as atribuições do profissional de Educação Física e o campo de intervenção desse profissional (anexo, documento de intervenção do profissional de Educação Física). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 de março de 2002.

BRASIL. Decreto n. 3551, de 4 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o Patrimônio Cultural Brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 ago. 2000.

BRASIL. Tribunal Regional Federal. Vara da Seção Judiciária de Belo Horizonte - MG. Obrigatoriedade de inscrever-se nos quadros do Conselho Regional de Educação Física - 6ª Região instituída através da Lei 9.696/98. Apelante: Paulo César Leite dos Santos (mestre Pintor). Apelado: Conselho Federal de Educação Física. Advogada Dra. Júnia de Souza Antunes. Belo Horizonte, 21 de agosto de 2001.

BRASIL. Lei n. 9696, de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física, cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 set. 1998.

BRASIL. Congresso. Senado. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Parecer nº 735, de 1997. Dispõe sobre a prática desportiva da capoeira e dá outras providências. **Diário do Senado Federal**. Brasília, DF, 13 nov. 1997.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira:** entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papirus, 2000.

CAPOEIRA Lista de discussão. Lista de discussão do Centro Esportivo Virtual mantida pelo Laboratório de informação e multimídia em Educação Física e Esporte (LIMEFE), na Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <<http://www.cev.org.br/listas/index.html>> Acesso em 2001.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira:** os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. **Galo já cantou:** Capoeira para iniciados. Rio de Janeiro: Cabicieri, 1985.

_____. **O pequeno manual do jogador de Capoeira.** Rio de Janeiro: Ground, 1981.

CASTELLANI FILHO. Teses acerca da questão da regulamentação da profissão. In **Política Educacional e Educação Física.** Campinas: Autores Associados, 1998, pp. 83-92.(a)

_____. Regulamentação da profissão: the day after '2'. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 20, n. 1, set./1998, pp. 32-36.(b)

_____. Pelos meandros da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, n. 3, maio/1993.

_____. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1991.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

CORDEIRO, Izabel Cristina de Araújo. **Bota mandinga ê...** a esportivização da capoeira em questão. 1992. Monografia (Especialização em Recreação e Lazer) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

COSTA, Lamartine Pereira da. **Capoeira sem mestre**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962.

CUNHA JÚNIOR, C.F.F. et alli. O velho problema da Regulamentação: contribuições críticas à sua discussão. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol.17, n.3, mai/1996, pp. 266-272.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Os movimentos de organização dos capoeiras no Brasil. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, vol.11, n.14, maio/2000 (a).

_____ A esportivização da capoeira: a trama do poder em jogo. Florianópolis: mimeo, 2000 (b).

_____ **A escolarização da capoeira**. Brasília: ASEFE Royal Court, 1996.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira; VIEIRA, Luiz Renato (Orgs.). **Capoeira: história e fundamentos do grupo Beribazu**. Brasília: Starprint, 1997.

GERALDO VANDRÉ. Hora de lutar. Geraldo Vandré [Compositor]. In: _____ Hora de lutar. São Paulo: Phonodisc, 1976. 1 disco sonoro, 33 1/3 rpm., stereo, 12 pol. Lado A, faixa 1 (2 min. 42 seg.).

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE CAPOEIRA (GECA). Lista de discussão. Lista de discussão do Yahoo Groups mantida pelo provedor Yahoo. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/geca>>. Acesso em: maio 2002.

LIMA, Luiz Augusto Normanha. **A Capoeira: um discurso em extinção**. 1990. Pesquisa realizada com mestres de Capoeira em Salvador, BA, São Paulo.

MARINHO, Inezil Penna. **A ginástica brasileira (Resumo do projeto geral)**, Brasília, 1982.

MOVIMENTO NACIONAL CONTRA A REGULAMENTAÇÃO.
<http://www.mncr.rg3.net/>. Acesso em: 27 ago. 2002.

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Capoeira Angola**. 3. ed. (fac similar). Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, André Luiz Teixeira. **Brincando de Capoeira: recreação e lazer na escola**. Brasília: Valcy, 1997.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 2, n. 12, 2000.

REVISTA CAPOEIRA. São Paulo: Candeia, vol. 1, n. 2, jul./ago. 1998.

REVISTA DO CONFEF. Rio de Janeiro: Dimmer, Vol.1, n. 1, dez./ 2001.

ROCHA, Maria Angélica. **Capoeira uma proposta para a educação física escolar**. 1990. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, Luiz Silva. **Educação, educação física, capoeira**. Maringá: Fundação Universidade Estadual de Maringá, 1990.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira: do engenho à universidade**. 2. ed., São Paulo, 1995.

_____ **Clínica de esportes: capoeira**. 2. ed. São Paulo: Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, 1989.

SILVA, Paula Cristina da Costa. O mestre de Capoeira face a regulamentação da profissão de Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu. **Anais...**, Caxambú: CBCE, 2001.

_____ Capoeira e Educação Física - uma história que dá jogo... primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, pp. 131-145, set./2001.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)**. Campinas: UNICAMP: Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.

_____ **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Nacional, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Deptº Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

_____ **A negregada instituição: capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1983.

SOUZA, Walce (mestre Deputado). **Capoeira, arte, folclore**. [Goiânia: s.n.], [1986?].

STEINHILBER, Jorge. Profissional de Educação Física... existe? **Ciclo de Palestras CAEFALF – UERJ**, 1996, p. 44.

VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo de Capoeira**: cultura popular no Brasil. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

ZULU, Mestre. **Idiopraxis da capoeira**. Brasília, 1995.

CAPÍTULO V
CONCLUSÕES OU
FECHANDO O JOGO DENTRO DO *FUNDAMENTO*

*“Adeus, adeus
Boa viagem (coro)
Eu vou m’imbora
Boa viagem
Eu vou com Deus
Boa viagem
Nossa Senhora...”*

Canto corrido de Capoeira de domínio público

Encerrando este *jogo*, vamos apontar alguns elementos apreendidos nas *voltas do mundo* que demos no decorrer deste trabalho.

Primeiramente, podemos recordar o questionamento central proposto, que consistia em analisar como os estudiosos da área de conhecimento Educação Física vêm se apropriando da prática social Capoeira e dos estudos gerados a partir deste tema. A partir desta dúvida principal, derivaram outras três que complementam a análise realizada por nós, quais sejam:

- Qual a história da prática social Capoeira?
- Seu percurso histórico corre paralelamente ao da Educação Física? Eles se inter cruzam em algum lugar? Em qual momento?
- Qual é o entendimento que o segmento vinculado ao espaço de configuração da regulamentação da profissão de Educação Física possui, tanto da própria Educação Física quanto da Capoeira, para justificar a subordinação da ação profissional no âmbito da Capoeira aos Conselhos Federal e Regionais de Educação Física?

Podemos iniciar esta conclusão dizendo que a abordagem relativa à história da prática social Capoeira permeou todos os debates que surgiram no interior desta obra, uma vez que ela serviu de pano de fundo para que pudéssemos compreender a inserção desta manifestação cultural em nossa sociedade. E foi a partir da retomada de seu percurso histórico que pudemos traçar os paralelos existentes entre a Capoeira e a área de Educação Física.

Assim, podemos apontar que as inter-relações entre ambas se iniciaram no começo do século XX, quando os autores da Educação, Educação Física e das Forças Armadas buscaram mecanismos para se apropriar da Capoeira através de sua incorporação ao fenômeno Esporte, em plena ascensão no período, e através de sua adaptação aos métodos ginásticos. A idéia principal desenvolvida por estes autores, inclusive sendo alguns deles praticantes da Capoeira, era a de torná-la uma modalidade esportiva ou uma luta de defesa pessoal que representasse a nação brasileira, daí a exaltação de sua brasilidade.

Dessa forma, pautados em um discurso nacionalista e aderindo à política higienista, em voga no início do século XX, propuseram sua prática destituída dos valores herdados de suas origens *negra e popular*, fato tratado detalhadamente no capítulo II. No entanto, percebemos nesta primeira ação - no sentido de destituir a prática da Capoeira do seu caráter *negro e popular* - uma oportunidade de aproximação de duas camadas antagônicas da sociedade, a classe abastada representada pelos intelectuais citados e a classe pobre representada pelos ex-escravos e trabalhadores. Isso porque o discurso de “disciplinarização” da Capoeira passa a servir, em certa medida, para a revalorização de sua prática pela camada dominada.

Assim, vemos emergir ações requerendo para ambas as partes a legitimidade da Capoeira como uma prática nacional, porém destoando completamente no modo pelo qual cada setor social propunha a sua manifestação. De um lado, tínhamos a ordenação da Capoeira com o Método Zuma, apoiada pela classe alta brasileira; do outro lado, a manutenção de sua prática no interior da camada subalterna através da *cultura da malandragem*, das festas de fundo de quintal e de largo. Mas até este momento, a inter-relação mais acentuada entre a educação física e a Capoeira sinalizava apenas algumas aproximações.

Foi em 1945, com o Profº Inezil Penna Marinho (1945), que se concretizaram, de forma mais evidente, os primeiros passos em direção à apropriação e ressignificação da Capoeira através da educação física, com uma proposta que visava a desenvolver uma metodologia para o treinamento da capoeiragem baseada no Método Zuma. É interessante apontar que este processo ocorreu paralelamente ao de legalização desta manifestação cultural no período do Estado Novo, demonstrando novamente a luta dos representantes de duas classes sociais antagônicas pela apropriação da Capoeira. No entanto, o resultado

dessa luta foi favorável à proposta advinda dos praticantes de Salvador – representantes da classe subalterna -, em detrimento daquela do Profº Inezil. Mas apesar disso, é inegável a influência da educação física e do fenômeno Esporte na configuração da Capoeira adotada, hegemonicamente, a partir das idéias dos mestres baianos. Como pudemos ver, no capítulo III, foi a partir da estrutura esportiva que eles primeiro demonstraram a possibilidade de a Capoeira integrar o rol de modalidades esportivas – participação da Capoeira nas lutas de ringue – e depois passaram a organizar os treinamentos e aulas, servindo-se do prestígio da educação física, na década de 1930, para posteriormente apontar a Capoeira como a Educação Física do Brasil.

Portanto, podemos dizer que a primeira inter-relação concreta entre a Capoeira e a Educação Física se deu no sentido dos praticantes de Capoeira se apropriarem do prestígio da Educação Física da época para firmarem suas idéias referentes a esta manifestação cultural. É muito interessante mencionar que os mestres soteropolitanos realizaram interpretações próprias sobre a Educação Física e o Esporte, relacionando-os com a prática da Capoeira, como podemos notar nas palavras de mestre Pastinha: “[...] com franqueza, já é tempo de zelar pelo esporte. O propósito meu não era fazer-me melhor que os camaradas, sim valorizar o esporte” (FILHO, 1997 apud PIRES, 2001, p. 282). Ou nas explicações de mestre Bimba, para legitimar seu método de ensino: “Tenho na parede uma autorização da Secretaria de Educação. Sou professor de cultura física. Ninguém pode mexer comigo” (ABREU, 1999, p. 30).

Assim, jogando com os interesses governamentais e defendendo a prática da Capoeira de forma democrática¹, vemos vingar, a partir da década de 1930, a *pedagogia popular*² para o ensino dessa manifestação cultural.

Ao mesmo tempo em que os mestres se utilizaram da cultura *erudita* – representada, neste caso, pelo Esporte e pela educação física -, eles a remodelaram de acordo com seus interesses. Dessa maneira, eles reinventaram sua tradição e consolidaram o discurso da Capoeira como legítima contribuição da Bahia e do negro baiano na cultura nacional. Percebemos que, com a supremacia desse discurso, ocorreu a valorização da Capoeira

¹ Conforme cantava mestre Pastinha e outros mestres contemporâneos a ele: “*Capoeira é pra homem, mininú e muié. Só não joga quem não qué*”

² Termo sugerido por Letícia Vidor de Souza Reis para designar as diferenças entre uma pedagogia gerada pelos mestres de Capoeira denominada **popular** e outra denominada **erudita** emanada da área de Educação

como uma manifestação cultural ampla, sem a negação de sua origem africana e sem sua restrição a uma modalidade esportiva ou luta de defesa pessoal. Notamos que os mestres baianos potencializaram o caráter ambíguo da Capoeira e, conseqüentemente, de sua prática, pois não recusaram sua configuração esportiva e reforçaram em seu discurso sua ambigüidade, definindo-a como luta, dança, música, defesa pessoal, filosofia de vida, etc.

Entretanto, apesar de termos como vencedora a *pedagogia popular* para o ensino da Capoeira neste primeiro *jogo* entre a Capoeira e a Educação Física, não tardou muito para que novas propostas emergissem, pleiteando sua inserção no rol de modalidades esportivas ou luta de defesa pessoal.

Uma dessas propostas surgiu, podemos dizer, ironicamente, da parceria entre a educação física e as Forças Armadas – parceria por sinal muito recorrente. Como vimos no Capítulo III, Lamartine Pereira da Costa (1962) foi a segunda pessoa ligada à Educação Física a propor a incorporação da Capoeira como um método de defesa pessoal, tendo sido Fernando de Azevedo (1960, p. 290) o primeiro estudioso a fazer isso, como citamos neste mesmo capítulo. Em sua proposta, o 1º tenente Lamartine Pereira da Costa sugeria a incorporação da Capoeira no treinamento dos soldados da Marinha, como uma forma de preparação para possíveis lutas. Desta sua iniciativa, nasceu o livro *Capoeira Sem Mestre*, de sua autoria, onde notamos claramente o desejo de *colocar em xeque* a competência dos velhos mestres de Capoeira. Percebemos que as idéias desse autor não se concretizaram, mas é apontada uma nova inter-relação entre a educação física e a Capoeira, sendo que esta não passou de uma tentativa frustrada da educação física em se apropriar novamente da Capoeira.

No entanto, no período histórico próximo a este fato, ocorreram as mudanças sociais das décadas de 1960 e 1970 e assim vimos a chegada dos militares ao poder, através do Golpe de Estado de 1964. Dentre os vários acontecimentos desencadeados naquela época, tivemos a utilização da educação física como uma válvula de escape para possíveis “transgressões” no âmbito político através, principalmente, da valorização dos movimentos esportivos, processo que já foi discutido por nós no capítulo IV. Podemos, então, a partir dessas colocações, apontar uma nova inter-relação entre a educação física e a Capoeira, isto

é, o fortalecimento do fenômeno da esportivização no interior da Capoeira, acompanhando as mudanças que ocorriam na educação física.

Encaramos que este processo de esportivização diferenciou-se das primeiras aproximações entre os mestres de Capoeira baianos e a adoção da estrutura esportiva em suas propostas. Concluimos que foi a partir da década de 1970 que houve a ocorrência mais nítida do movimento de esportivização da Capoeira, através de sua incorporação como modalidade esportiva na Confederação Brasileira de Pugilismo e da organização dos capoeiristas em grupos de Capoeira. O mestre de Capoeira ainda permanecia como a figura central na hierarquia organizacional dos grupos, mas nesse momento, temos a entrada no *jogo* de novas regras para a Capoeira, muito próximas a de outras modalidades esportivas.

Nos permitimos dizer, portanto, que naquele momento histórico prevaleceu a influência esportiva na Capoeira e, conseqüentemente, as influências da educação física, que se encontrava estreitamente ligada à cadeia esportiva³. Mas esta primeira vitória da educação física no *jogo* não se mostrou de forma definitiva e plena. Ao contrário, os vários grupos de Capoeira organizados não acolheram homogênea a idéia da Capoeira como uma modalidade esportiva vinculada à Confederação Brasileira de Pugilismo. De acordo com o que vimos no capítulo IV, os capoeiristas divergiram em vários âmbitos com relação à transformação da Capoeira em uma manifestação única, configurada através de uma modalidade esportiva. Assim, consideramos este fato como um momento chave para se compreender os desdobramentos ocorridos nesta manifestação cultural, pois das divergências existentes entre os diferentes grupos é que foi possível o surgimento de propostas inovadoras que influenciaram, anos depois, vários estudiosos de diferentes áreas para o repensar da Capoeira em nossa sociedade. Um exemplo disso foi o movimento de contestação da *Capoeira Esporte*, que fez ressurgir com força as idéias de mestre Pastinha e a sua proposta da Capoeira Angola.

Assim, o movimento desencadeado pelos grupos de Capoeira organizados de diferentes formas, transgredindo abertamente as regras estabelecidas pela Confederação Brasileira de Pugilismo, trouxe ao cenário do *jogo* a possibilidade de se estabelecer uma

³ Para se obter maiores informações sobre as cadeias que limitaram à autonomia pedagógica da Educação Física, no decorrer de seu percurso histórico, sugerimos a leitura do texto de BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. **Revista da Fundação de Esporte e Turismo**, v. 1 (2), pp.12-19,

inter-relação diferenciada entre a educação física e a Capoeira. Mas não podemos esquecer que, apesar disso, as relações apresentavam-se, no decorrer dos anos, muito mais complexas, porque ao mesmo tempo em que tínhamos esta nova perspectiva, também havia a existência de grupos de Capoeira que apoiavam as idéias referentes à normalização dessa prática como modalidade esportiva. Além disso, para acrescentar mais divergências, na década de 1980 retomaram-se as antigas idéias ligadas à incorporação da Capoeira pela educação física, pautadas nas propostas dos métodos ginásticos.

Assim temos, variadas situações, uma delas advinda do nosso já conhecido Prof^o Inezil Penna Marinho (1982), que propunha a retomada do plano da Capoeira como a Ginástica Brasileira. Uma outra que, emanada dos favoráveis pela permanência da Capoeira nos moldes esportivos, defendia a Capoeira-Esporte. Ainda neste período, temos uma movimentação ligada à Educação Física e encabeçada por alguns de seus intelectuais, que visavam a repensar o papel social dessa área. Assim, anos após esse movimento, passa-se a ter novas perspectivas para se pensar a Capoeira no interior da Educação Física. Se não bastasse todo esse panorama, repleto de dados e caminhos díspares, ainda pudemos encontrar alguns grupos de Capoeira que defendiam esta prática no rol das manifestações culturais desvinculadas das normatizações das instituições legais.

Esse quadro complexo teve seu desenlace em alguns sentidos, permanecendo inalterado em alguns aspectos, já apontados no decorrer do capítulo IV, mas que retomaremos superficialmente.

No que concerne à incorporação da Capoeira no rol de manifestações culturais sem vínculos com os órgãos governamentais, ainda existem setores ligados às organizações de capoeiristas que apoiam esta idéia, mas pensamos que é a minoria. Isso porque percebemos que não há muita clareza nos discursos dos seus defensores, por ser inclusive óbvia a dificuldade em manter viva esta manifestação sem apoio institucional, seja esta representada por órgãos esportivos, setores ligados à arte, escola, etc. Além disso, como vimos, as manifestações culturais que fazem parte da formação do povo brasileiro tem a proteção legal adquirida com a atual Constituição Brasileira. Dessa forma, a Capoeira já possui um amparo institucional, se encarada como manifestação cultural.

1989 e do texto de CASTELLANI FILHO, L. Pelos meandros da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, n. 3, maio/1993.

Um outro aspecto importante que devemos apontar é que a Capoeira como manifestação cultural brasileira também passou a ser valorizada no interior da Educação Física. De acordo com o que acompanhamos no capítulo IV, vimos o desenvolvimento de novas idéias relacionadas à Capoeira pelos autores dessa área. Neste movimento, pudemos apreender novas perspectivas, entre elas aquela que sugere o trato da “Cultura Corporal Brasileira” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38) nas aulas de educação física. Esta proposta nos parece a mais coerente dentre as demais tratadas, e percebemos a necessidade de desenvolvê-la de maneira mais ordenada em um outro trabalho, de âmbito acadêmico, que possa, talvez, ser desenvolvido mais à frente.

Percebemos que dentre as inter-relações que apontamos e aquelas que ainda iremos tratar neste texto, a que nos parece ser mais maleável é a do setor *progressista* da Educação Física com os capoeiristas favoráveis ao entendimento da Capoeira como uma manifestação cultural. Dizemos isso, pois percebemos que a partir da década de 1980 ocorreram várias rupturas entre os representantes da Capoeira e os setores da Educação Física. Houve, a partir do período citado, uma acentuada complexidade nas relações no interior das organizações de capoeiristas e também nos setores que representam a Educação Física. Não queremos dizer com isso que não havia anteriormente relações intrincadas no espaço de configuração da Capoeira e da Educação Física. Pensamos que elas existiam, mas não eram tão significativas como passam a ser após esse período histórico.

Portanto, voltando à compreensão da inter-relação existente entre o setor que podemos chamar de *progressista* da Educação Física e os capoeiristas partidários do entendimento da Capoeira como uma manifestação cultural, vemos que se estabelecem inter-relações pautadas no convívio mútuo de situações em que, de um lado ocorre a valorização do mestre de Capoeira como detentor do conhecimento dessa manifestação, e de outro, o respeito pelo professor de educação física que deseja trabalhar a Capoeira como conteúdo de suas aulas. Essa valorização se dá, muitas vezes, em mão dupla porque ocorre a troca de experiências e idéias no campo da educação física, como também na Capoeira. No entanto, percebemos que esta forma de ação não é recorrente entre ambas as partes, restringindo-se a poucos profissionais que procuram seguir por este caminho. Pensamos que, apesar disso, esta pode ser uma das formas mais ricas e compensadoras para se trabalhar a Capoeira nas aulas de educação física.

Em compensação, temos outras inter-relações, pautadas na disputa do mercado e poder da Capoeira entre diferentes setores, incluindo neste rol alguns profissionais da educação física. Dizemos vários setores, pois como já explicitamos anteriormente, as organizações capoeirísticas não são homogêneas, ocorrendo a disputa no mercado de trabalho e de poder por diversos setores representados por inúmeros grupos de Capoeira e órgãos legais vinculados à sua organização esportiva. E ainda existem nesta disputa alguns profissionais da educação física que desejam inserir-se no mercado de trabalho como os possíveis detentores do conhecimento desta manifestação cultural, já que incorporaram em seu discurso a Capoeira como uma modalidade esportiva e, como tal, suas aulas devem ser ministradas pelo profissional de educação física. Se formos inquirir em qual momento histórico surge este entendimento, iremos nos remeter aos escritos de Inezil Penna Marinho, na década de 1940 e, posteriormente, às idéias de Lamartine Pereira da Costa (1962). Mas como pudemos ver, há pouco tempo, esta concepção se fortaleceu demasiadamente com a regulamentação da profissão de Educação Física. Essas idéias relacionadas à apropriação da prática da Capoeira como somente modalidade esportiva são retrógradas, como já pudemos apontar, e acobertam na realidade o desejo de corporativismo do profissional de educação física no mercado de práticas corporais. A inter-relação que deriva desse entendimento é extremamente unilateral, pois somente demonstra o interesse de um setor em monopolizar o ensino e a gestão da Capoeira no Brasil. Neste caso, apontamos como responsáveis por esta inter-relação o setor que podemos chamar de *conservador* da Educação Física e os capoeiristas que podem se beneficiar dessa relação de alguma forma, sendo, neste caso, pelo que já vimos anteriormente, a própria Confederação Brasileira de Capoeira.

Dessa maneira, podemos concluir que as inter-relações entre a Capoeira e a Educação Física foram, e ainda são, muitas e se diferenciam de acordo com os momentos históricos abordados.

Vimos também que os percursos históricos se inter cruzaram somente no caso da Capoeira, pois a Educação Física influenciou de maneira direta algumas das mudanças ocorridas nesta manifestação cultural, fato que procuramos apontar no decorrer deste trabalho. Já no caso do percurso histórico da Educação Física, em nenhum momento houve a interferência direta da Capoeira nos rumos tomados por essa área, apesar de ter havido

tentativas, por parte de alguns estudiosos, de torná-la o método ginástico brasileiro, mas essas até hoje não se concretizaram.

Por fim, para encerrar nossas colocações, gostaríamos de expor que a inter-relação que pode se apresentar mais rica em termos de produção cultural tanto para a Capoeira, como para a área de Educação Física, é aquela que valoriza não somente os lucros gerados pela *prática da moda* difundida pela mídia consumista, mas sim pelo ensino de uma prática consciente, tendo sido construída a partir da história de um povo que foi trazido escravo para esse país e teve a dignidade de, através de sua resistência cultural, nos deixar como legado a arte de lutar sorrindo, dançar lutando, cantar narrando seu passado e lembrar seus antepassados em um jogo corporal chamado Capoeira.

Bem, podemos encerrar esta *roda*, pois consideramos que os *jogos* travados em seu interior já tomaram alguns rumos... No entanto, aguardaremos o momento em que, de volta ao *pé do berimbau*, possamos começar uma nova *roda*, com novas jogadas e novas situações a serem resolvidas, dialeticamente, como a vida. **AXÉ!**

Referências bibliográficas

ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba: a capoeira no ringue**. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

AZEVEDO, Fernando de. **Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser** (seguido de Antinoüs). São Paulo: Melhoramentos, 1960. obras completas.

BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. **Revista da Fundação de Esporte e Turismo**, v. 1 (2), pp.12-19, 1989.

BRASIL. Decreto n. 3551, de 4 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o Patrimônio Cultural Brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 ago. 2000.

CASTELLANI FILHO, L. Pelos meandros da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, n. 3, maio/1993.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Lamartine Pereira da. **Capoeira sem mestre**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962.

MARINHO, Inezil Penna. **A ginástica brasileira (Resumo do projeto geral)**, Brasília, 1982.

_____. **Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890 – 1950)**. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.